ARCHIVOS

DO

MUSEU NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

ARCHIVOS

DO

MUSEU NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

67

Nunquam aliud natura, aliud sapientia dicit.
J. 14, 321
In silvis academi quærere rerum,
Quamquam Socraticis madet sermonibus.
H.

VOLUME XX

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1917

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Professores:

BRUNO LOBO
MIRANDA RIBEIRO
ROQUETTE-PINTO

A correspondencia relativa aos " ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL " deve ser dirigida ao director do Museu — Quinta da Bôa Vista — Rio de Janeiro.

E. ROQUETTE-PINTO

Professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro
e da Academia de Altos Estudos, 2º Secretario do Instituto
Historico e Geographico Brasileiro e da Sociedade
Brasileira de Sciencias, Docente da Faculdade
de Medicina e da Escola Normal.

RONDONIA

ANTHROPOLOGIA

ETHNOGRAPHIA

1917

Possam minha Esposa e meus Filhos, nestas paginas, encontrar motivos para amar ainda mais o Brasil e razões para bem servil-o.

E. Roquette-Pinto.

A SCIENCIA vai transformando o mundo.

O « paraiso », sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jugo da distancia e do tempo; realiza na America o que concebeu na Europa, alguns segundos antes; ouve a voz dos que morreram, conservada em laminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; immortaliza-se, archivando a palavra articulada, com todas as suas caracteristicas, e as suas formas e seus movimentos com todas as minucias; e emquanto, magico inesgotavel, vai transformando o mundo e luctando contra o absolutismo da morte, fazendo reviver as vozes que ella extinguiu, as formas que ella decompoz, o homem se esquece de transformar-se a si mesmo, com a mesma vertiginosa rapidez.

* * *

Elle, que tem realizado tudo isso; que vive hoje, em outro meio, permanece, afinal, quasi o mesmo primitivo, sentindo, pensando e agindo, muitas vezes, como seus antepassados das idades lithicas. Salvo os typos de escolha, que representam a humanidade do futuro, os homens cultos do Planeta mostram-se indios de pelle branca, cobertos por uma crosta, mais ou menos espessa, de verniz brilhante.

Si é que não irrogo uma injustiça aos pobres indios, que nem palavra creáram para o « altruismo », e, mais de uma vêz, têm realizado, apezar de

tudo, aquillo que elles não sabem que se chama — « solidariedade humana » — e que nós outros sabemos bem como se escreve e como se não pratica.

Um dia, quando nada mais houver a melhorar, o homem culto acabará, eu o creio, aperfeiçoando-se a si mesmo.

* * *

Por isso que o homem, no fundo, não varia, o verso de Pope exprime uma verdade:

The proper study of man is mankind.

* * *

Os indios da Serra do Norte, no Estado de Mato-Grosso, representam talvez, neste momento, a mais interessante população selvagem do mundo.

Vivem, ainda hoje, em estado de accentuada inferioridade.

Foram surprehendidos em plena idade lithica; e assim uma civilização fossil foi encontrada no coração da America do Sul.

Aqui, mais do que alhures, justifica-se a observação de Bastian, segundo a qual a pre-historia se confunde com a historia nas terras da America.

Os indios da Cordilheira do Norte viveram, até agora, completamente apartados do resto da população do Brasil; rodeados de outras tribus, durante seculos, fugiram ao contagio de usos e costumes de seus vizinhos.

Estes empregam armas de fogo, ha mais de meio seculo; os indios da Serra do Norte ouviam as nossas, com todas as demonstrações de quem não está ainda bem acostumado a seu estampido.

A pelle do homem negro e a do homem branco, que todos os indios do Brasil conhecem, despertavam ainda, em muitos delles, grande surpreza, conforme testemunhamos.

* * *

No primeiro capitulo deste trabalho, procurei demonstrar o gráo de ignorancia a que estavamos reduzidos, quanto ao conhecimento dessa região vastissima do territorio patrio.

No capitulo seguinte, julguei imprescindivel indicar a maneira por que o coronel Candido Rondon abriu aquella interessantissima zona ao passo dos estudiosos.

* * *

A obra scientifica e social de Rondon não póde ser assás admirada; este livro dará pallida demonstração de um tal asserto.

Em cinco annos de trabalho, Rondon conquistou, pacificamente, alguns milhares de kilometros quadrados, agora em condições de facil valorização.

De cada indio, cuja ferocidade não era uma lenda vã, e cuja animosidade sacrificou tantos homens, fez um amigo.

Abriu á sciencia um campo enorme de verificações e descobertas; á industria, todas as riquezas de florestas seculares. Soube coroar sua actividade, estendendo o fio telegraphico, que os Parecís chamam «lingua de Mariano», em homenagem ao seu grande amigo, entre pontos extremos de sua patria que ligou por uma gigantesca estrada de rodagem.

E offereceu á Humanidade irmãos primitivos, que mais uma vez lhe recordam a modestia de sua origem

* * *

Não me illudo sobre o valor e a extensão da colheita scientifica que realizei na Serra do Norte, nas terras da Rondonia. (1)

Emquanto os indios se não affeiçoarem a nós, como *Nuléke* ao tenente Pyrineus de Souza (2); emquanto sua boa vontade se não transformar em confiança absoluta; e elles permanecerem pouco doceis ás nossas pesquizas; não conhecermos a lingua delles, e elles a nossa, sufficientemente, será impossivel obter mais do que consignam os documentos aqui registados.

Seria rematada prova de incapacidade imaginar que se póde colher, de uma vez, todos os segredos ethnographicos de um tal povo.

Os Parecís foram descobertos em 1718. Foram visitados, desde então continuamente, por sertanistas intelligentes, depois por naturalistas, e até por ethnologos de valor.

Ha quasi dois seculos, vivem em communhão estreita com os brasileiros de Mato-Grosso.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto: *A Rondonia* — in «Revista do Brasil», S. Paulo — 1916.

(2) *Nuléke* — é um rapaz *Anunzé*, amigo dedicadissimo do tenente Pyrineus de Souza.

No entanto, só agora, por amizade de alguns velhos chefes influentes, pôde Rondon conseguir algumas lendas, tradições e explicações de maior alcance.

* * *

Portanto, ficou ainda, na Serra do Norte, uma serie de questões que o tempo irá permittindo desvendar. Será isso contribuição dos que tiverem de zelar pelas construcções da Commissão Rondon. Morando lá annos a fio, poderão ir archivando os factos que observarem de visu, á medida que forem apparecendo, ao acaso da vida dos indios. Hoje, annota-se um; passam dias e mezes sem que o mesmo phenomeno se reproduza. Espera-se. Na occasião em que resurge, continua-se a observação.

Para decifrar os enigmas de um povo selvagem é preciso o concurso de muitos observadores. E ha enigmas que ficarão, eternamente, na sombra.

Quando os indios, porém, souberem falar a nossa lingua, e algum de nós puder entender a lingua delles, já innumeros phenomenos primitivos da sua ethnographia, usos, costumes, habitos, praticas, industrias, caracteristicas artisticas, religiosas, sociaes, estarão deturpados pela intromissão de elementos extranhos, que os nossos continuamente fornecem.

Agora mesmo, os machados de pedra não existem mais na Serra do Norte; cada indio já possue machado de aço.

Riem-se até os Nambikuáras d'aquelle veneravel instrumento que, ha dois ou tres annos, era elemento fundamental de sua vida, derrubando *mel* e fazendo *roçadas*.

* * *

Em minha excursão á Rondonia, em 1912, procurei archivar esses phenomenos que se vão sumindo vertiginosamente.

Tentei tirar um *instantaneo* da situação social, anthropologica e ethnographica, dos indios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho de decomposição que nossa cultura vai nelles processando.

Esta *prova photographica*, quero deixal-a sem retoques: ella ahi está. É um *cliché crú*. Ás vezes, parece um pouco melhor porque me foi possivel emmoldural-o num quadro mais agradavel. Mas os traços do contorno, as minucias, as sombras, aqui estão tal qual os apanhei.

Um dia, servirão, talvez, para recompor a historia desse povo, as modestas notas que ficam registadas neste livro.

Nesse tempo, já serão bem conhecidos sua lingua, suas lendas, sua arte e os segredos do seu fetichismo.

Quem sabe si mais tarde, um filho da RONDONIA, bisneto de alguns desses que deixei com saudade em 1912, educado por um successor do Mestre, si o houver capaz de recolher a herança, não folheará estas notas, para ligal-as ao material conhecido e traçar, assim, a noticia completa do seu povo?

* * *

Aos Srs. professores Bruno Lobo e Sergio de Carvalho, do Museu; M. Cicero Peregrino da Silva, director da Bibliotheca Nacional; e aos Srs. Alberto Childe, Santos Lahera, A. Ribeiro, e a todos quantos prestaram seu concurso á publicação deste trabalho, agradeço sinceramente a boa vontade manifesta durante sua impressão.

O interesse e a dedicação do professor Bruno Lobo, director do Museu Nacional, conseguiram elementos que me permittiram publicar farta documentação das minhas modestas notas; tornaram-no credor da minha especial gratidão.

E. Roquette-Pinto.

RONDONIA

I

A PHYSIONOMIA geographica de Mato-Grosso é feita de traços vivos e caracteristicos.

Numerosos cursos d'agua dominam o massiço de suas terras, que se dividem naturalmente em trez zonas.

Planicies pantanosas se dilatam pela porção meridional do estado, campos relvados, onde se adensam, neste momento, grandes manadas.

Fig. 1 — «Plancha» do rio Sipotuba
(Segundo croquis do autor)

O planalto se esgueira e se intromette entre as cabeceiras numerosas dos rios, secco, arido, cheio de plantas enfezadas e tristes; o planalto é o «chapadão».

Enfim, a região das montanhas do Norte é coberta de florestas colossaes.

Todavia, margeando os grandes rios, ou adornando os mananciaes, a mata, por toda parte, cresce e domina; conforta com sua sombra e seus fructos; espanta com suas fórmas.

Quem atravessa Mato-Grosso nota que seus arroios orientados para o Norte, contribuintes do Amazonas, e os que se vão perder no Paraguai,

nascem como irmãos gemeos, lado a lado; entre uns e outros, não ha montanhas. Dir-se-ia que elles se separam, cada qual para seu destino, pela razão de uma vontade individual.

Quem bebe pela manhã aguas que deveriam ir ter ao Atlantico meridional, á tarde póde matar a sêde em outras aguas, destinadas ao Atlantico equatorial.

A comitiva almoça á beira de um regato filiado no Rio da Prata, e póde sestear á margem de uma cabeceira da bacia do Amazonas.

Cerca de 18 kilometros de chapadão arenoso bastam para separar a cabeceira de Aldeia Queimada, pertencente ao systema platino, das nascentes do rio Verde, que faz parte do outro systema.

Aqui são as aguas do Juruena, que se approximam tanto das aguas do Sipotuba; mas, perto da velha cidade do Diamantino, o terreno que separa o Paraguai do Arinos é ainda menor.

Quem diria, passando pela bocca do Amazonas, que muitas daquellas aguas vêm do mesmo lugar onde brotam as que o Rio da Prata vomita no oceano, á cerca de sete mil kilometros mais ao Sul?

Um dia, quando a carta de Mato-Grosso fôr um schema mais completo do que hoje, ha de ser posssivel, talvez, mostrar que o Brasil é mesmo uma ilha, como presumiram os descobridores.

Chegando a Mato-Grosso pelo caminho usual, não se comprehende porque assim foi baptisada aquella terra, pois para ver mato-grosso, em Mato-Grosso, é preciso attingir latitudes baixas, onde a civilização vai aos poucos se infiltrando, pela coragem e pela firmeza dos sertanejos, aos quaes recentemente a sciencia abriu, lá mesmo, novas entradas, caminhos novos e novas esperanças de trabalho e de vida.

* * *

Aquelle territorio, tal qual se encontra dentro seus limites politicos, foi, é bem certo, penetrado pelos portuguezes muito tempo antes de terem surgido ali os primeiros estabelecimentos de outra origem européa.

Por attender á justa observação do geographo Candido Mendes, é mister distinguir, nesse territorio, a parte conquistada pelos hespanhoes, do lado occidental, da outra porção desbravada pelos neo-brasileiros de S. Paulo.

Foi caminho dos primeiros o Paraguai, cuja navegação é um tanto difficil para grandes barcos, e relativamente facil para canôas primitivas, e sobre cujas margens se ergueram, desde 1575, com Domingo Martinez Irala e Nuno Chaves, as feitorias castelhanas.

No entanto, a falta de minas de ouro e a hostilidade das tribus do alto Paraguai, região de grandes alagados, por seu turno tambem mui adversa,

foram circumstancias que favoreceram o dominio portuguez, desanimando os successores de Irala e Chaves.

O caminho dos Paulistas foi mais arduo e, talvez por isso, deu-lhes posse menos precaria das terras que foram varando.

A conquista, deste lado, fez-se aos poucos.

Ao que se lê em certas chronicas, 15 annos mais ou menos depois do descobrimento, um certo Aleixo Garcia saiu de S. Paulo, conseguiu atravessar Mato-Grosso, pela foz do Jaurú, para os Andes e os estabelecimentos hespanhoes do Perú.

Si a data precisa da façanha permanece ainda sujeita á controversia, devemos, todavia, acreditar que bem cedo começou, por esse lado, a invasão branca daquellas terras.

Pelo ouro e pelo escravo lá se foram os bandos de S. Paulo, cujas incursões tomaram ambito maior depois de 1596, quando os padres da Companhia de Jesus receberam, pelo alvará de 26 de julho, o governo e a administração dos indios.

Pouco importa discutir aqui a interferencia dos padres, para apurar si, combatendo a escravização dos indios, desejavam o monopolio dos braços dos trabalhadores cathecúmenos.

Basta registar que o resultado dessa conducta dos Ignacianos foi animar a obra do descobrimento das grandes terras do Oeste.

Fig. 2 — Indio Parecí assoando-se.

Porque, não podendo obrigar os indios da vizinhança, nem querendo pagar á Companhia o tributo que lhes impunha, apoiada ao Rei, os Paulistas se lançaram á aventura, para ir conquistar os infieis e os barbaros, obreiros que seriam de suas culturas e de suas lavras.

Outras causas não teve o augmento da importação dos negros, começada em 1542, quando Duarte Coelho pediu ao Rei D. João III que lhe «fizesse mercê de lhe dar licença e maneira de haver alguns escravos de Guiné».

Longe de mim querer reeditar a historia daquelles bandos de gente ousada.

Um punhado de homens, perdidos na terra hostil ; ambição, firmeza, coragem, fé no coração de cada qual, douradas por muito heroismo ; e, as vezes, manchadas de sangue.

E, disso tudo, saiu tanto brilho que bastou para deixar á sombra os crimes contra a especie, que naquellas emprezas se passaram.

* * *

Das « bandeiras », que primeiro chegaram a Mato-Grosso, foi dirigida por Antonio Pires de Campos a que mais nos interessa.

Vão de 1718 a 1723 as notas deste sertanista, discipulo do seu pae, Manoel de Campos, a quem acompanhava já na idade de 14 annos, ás batidas do valle do Paranatinga.

Tambem em 1719, Paschoal Moreira Cabral chegava ás regiões do Cuiabá, descobrindo o ouro do rio Coxipó.

A fama destas minas, que um novo achado, em 1720, ainda incrementou, quando Miguel Sutil, antigo companheiro de Paschoal, recebeu de lavradores seus algumas oitavas de ouro, atrahiu o desejo dos conquistadores vicentistas.

E, quando o ouro se fez escasso, começaram a subir pelo planalto dos Parecís, onde havia bastas nações de indios.

Foi, só então, que o chapadão principiou a ser conhecido.

Mais tarde, o sertão de Cuiabá foi chamado « Mato-Grosso ».

Quando?

Porque?

Fez parte da Capitania de S. Paulo, até 1748, o territorio de Mato-Grosso. Nesse anno, por Carta Regia de 9 de maio chegou á mesma categoria.

Mas o proprio documento official não precisou bem os limites da nova provincia, « pela pouca noticia que ainda havia d'aquelles sertões » conforme nelle se declara.

Ha, todavia, documentos de que a denominação de « Mato-Grosso » começou a ser empregada, em 1735, ao principiar o povoamento dos affluentes do Alto Paraguai, que têm as margens cobertas de espessas florestas até hoje, apezar da boa vontade com que os sertanejos procuram destruil-as pelo fogo.

No Livro 2º da Provedoria da Fazenda Real de S. Paulo, em 1734, a fls. 26 v. ha uma ordem averbada, para se arrecadarem os dizimos que estavam devendo « os moradores ou assistentes na Sepetuva, Jaurú e mais sertões dos Parecízes ».

Esta informação de Felippe José Nogueira Coelho, publicada na Rev. do Instituto, em 1850, completa-se por outra, da mesma origem, segundo a qual, no mesmo livro, a pag. 33, ha um edital de 20 de janeiro de 1735, em que o « guarda-mór » regente diz « haver mandado o Sargento-Mór, Appolinario de Oliveira, fazer umas experiencias no Mato-Grosso dos Parecízes ».

Que sorte de experiencias se fizeram, não nos adianta o chronista, e nem importa ao caso.

Fica bem claro que, por aquelle tempo, apparecia, correntemente, o apellativo em estudo.

Outros, porém, contam a historia desse baptismo geographico de maneira mais miuda.

Dizem que, em 1736, certo Luiz Rodolpho Villar fez partir de Cuiabá uma comitiva para explorar a « campanha dos Parecízes ».

A tropa cortou rumo para o poente, e no fim de algum caminhar deu em « matos virgens de arvoredo muito elevado, e foi appellidando Mato-Grosso », para usar dos proprios termos da « Noticia » de José Gonçalves da Fonseca.

O segundo documento confirma o primeiro ; e, pois, foi em 1735-1736, que o nome actual surgiu, de uma vez, para chrismar o Sertão de Cuiabá.

Notemos, porém, de passagem, que, pelo primeiro, o Mato-Grosso parece o das margens dos affluentes do Paraguai ; e, ao que se lê no segundo, as grandes florestas achadas pela gente de Villar, estavam ao poente de Cuiabá, a alguns dias de marcha. Poderiam ser as primeiras matas da bacia do Juruena.

Seja como fôr, a descoberta desse mato se fez em 1736, e Antonio Pires, muitos annos antes, já tinha cruzado o chapadão que chamou : « Reino dos Parecís ».

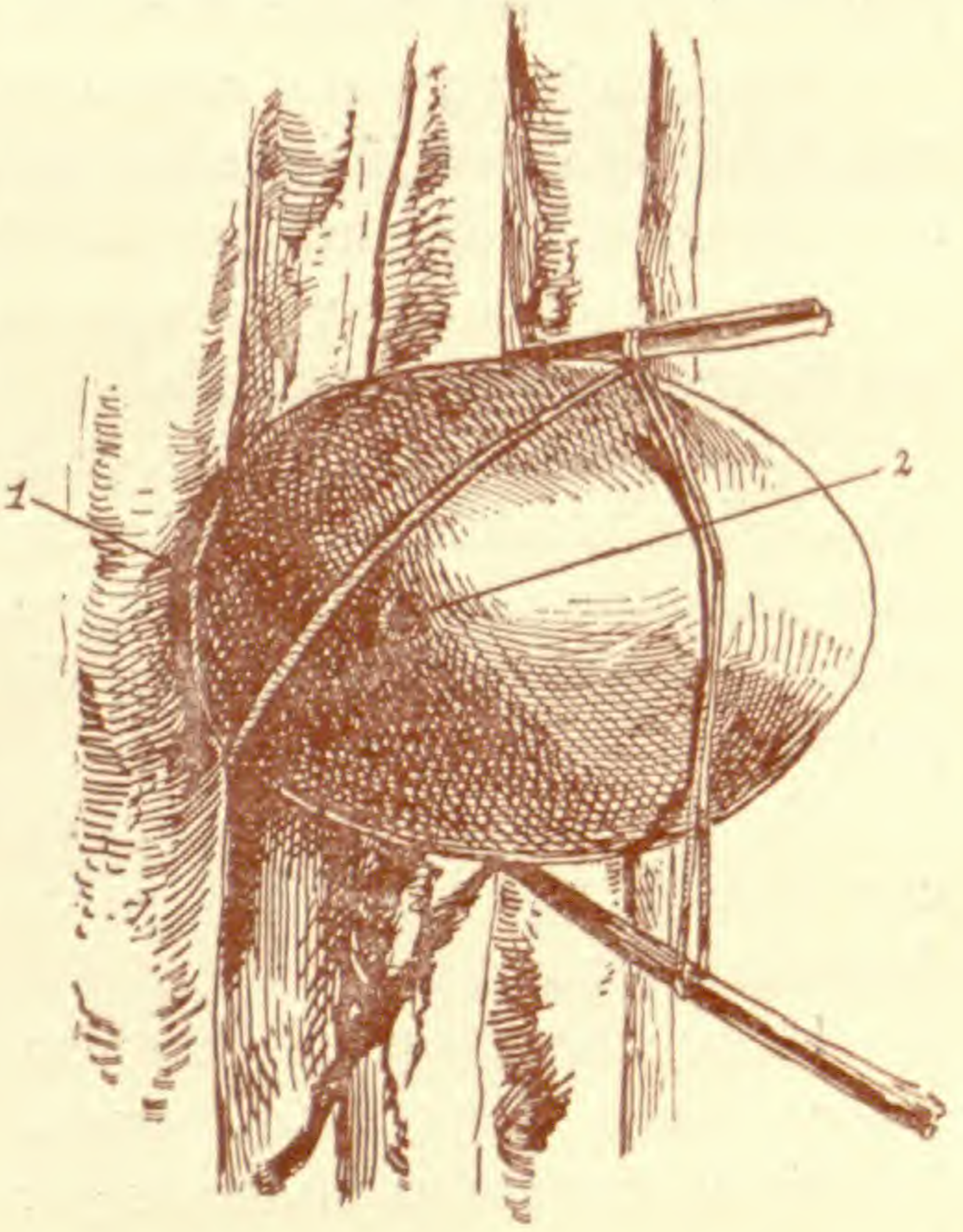


Fig. 3 — Colmeia dos Parecis. Abelha *jati*.
1 Orificio por onde entram as abelhas — 2 Orificio por onde os indios extrahem o mel.

* * *

Antonio Pires deve ser considerado o primeiro descobridor do Noroeste de Mato-Grosso.

Com segurança póde-se affirmar que elle cortou o chapadão no correr do seculo XVIII.

Falando daquellas paragens, e do que lá viu, primeiro descreve o Paraguai e seu formador — o Sipotuba, que chama Hisipotuba : « rematado esse rio de Hisipotuba se dá em chapadas mui grandes e dilatadas. . . »

Quem segue pela trilha de Rondon até áquelle sertão onde, ha sete annos, se desdóbra o espectaculo consolador de uma edificação titanica, realizada pela energia dos caboclos franzinos, apoiada no devotamento discreto, ignorado e fecundo de alguns typos ; quem vai hoje ás cabeceiras do Sipotuba verifica, tres seculos depois, a certeza do que disse Antonio Pires.

E' mesmo assim; o bandeirante de 1718 cortou o chapadão por onde hoje se distende o fio telegraphico.

Todavia, é quasi certo que não chegou ao Juruena.

No « Reino dos Parecís » achou uma grande população.

As minucias, que recheiam a exposição do sertanista, precisam de ser postas em destaque nestas notas.

Era grande o reino dos Parecís. As suas aguas, todas, acreditava o sertanista, corriam para o Norte. Os indios das chapadas, de numerosos, eram incontaveis; num dia de caminhada, atravessavam-se 10 e 12 aldeias, algumas de 30 casas, de cerca de 40 passos de largura, « redondas de feitio de um forno, mui altas... »

Viviam de cultivar a terra para obter mandioca, milho e feijão, sem contar os ananazes, fornecedores de seus vinhos.

Tambem cercavam o campo entre dois rios, e nesse terreno armavam seus fojos para apanhar veados, emas e outras caças. A ema, ainda hoje, é a peça nacional das partidas venatorias dos indios Parecís.

Não era gente guerreira aquella; antes primava em defender o que era seu do que em atacar o alheio.

Suas armas, além do arco, da flecha, e de « folhas largas » de « madeira muito rija », a maneira de espadas, eram lanças pequenas de que usavam para defender as portinholas de suas casas, aberturas tão reduzidas de tamanho « que para se entrar, diz Antonio Pires, era necessario ser de gatinhas ».

No chapadão, hoje, em vez de arcos, os caçadores parecís manejam carabinas de repetição; nesse particular, afastam-se um tanto dos indios de Antonio Pires...

Idolos encontrou elle tambem guardados como ainda hoje, em casa especial onde só entravam varões.

Nem olhavam as mulheres para taes cabanas; e este costume se manteve. Nesses verdadeiros templos parecís — (Iamaká)— não mais residem os idolos do seculo XVIII; guardam-se nelles os instrumentos sagrados da tribu, cada qual filiado em uma funcção exhorcistica.

Hoje, porém, como outr'ora, as mulheres se livram de olhar a iamaká.

Minhas canastras onde, muito em segredo, eram conduzidos os instrumentos de musica das collecções, conseguidas, mercê do prestigio de Rondon, para o Museu Nacional, durante todo o tempo em que estiveram em territorio parecí mereceram o mesmo respeito. De Utiarití, onde eu as obtive, até Aldeia Queimada, ultimo ponto onde encontrei, na volta, indios dessa tribu, soffreu minha bagagem vigilancia apurada, para impedir que alguma pobre mulher visse as santas avenas.

Morre a mulher que põe os olhos em taes buzinas; e, si não morre, arranjam sempre, os sacerdotes do seu rito, meios e modos para que morra.

Esse, e outros costumes, tão radicados se apresentam que, lendo as paginas de 1723, parece que foram escriptas ha alguns dias.

O traje actual das mulheres não seria descripto com mais verdade.

Da gracilidade de feições das Parecís tambem fala Antonio Pires com louvor bem merecido; que, em verdade, são das indias mais gentis.

E desde já se póde adiantar que os caracteres anthropologicos, observados durante os nossos estudos, separam francamente, um do outro, os typos da Serra do Norte e do Chapadão.

* * *

O asserto de que as aguas da chapada corriam para o Norte, leva a crer que o sertanista de 1723 chegou ás nascentes dos formadores do Juruena.

Tambem é quasi certo que os indios da Serra do Norte, hoje alcunhados Nambikuáras pelos sertanejos, já vagavam por essa cordilheira, pois que Antonio Pires refere a existencia de outras nações, mais afastadas do lado do Norte, « gente que não podia declarar porque lá não tinha chegado ».

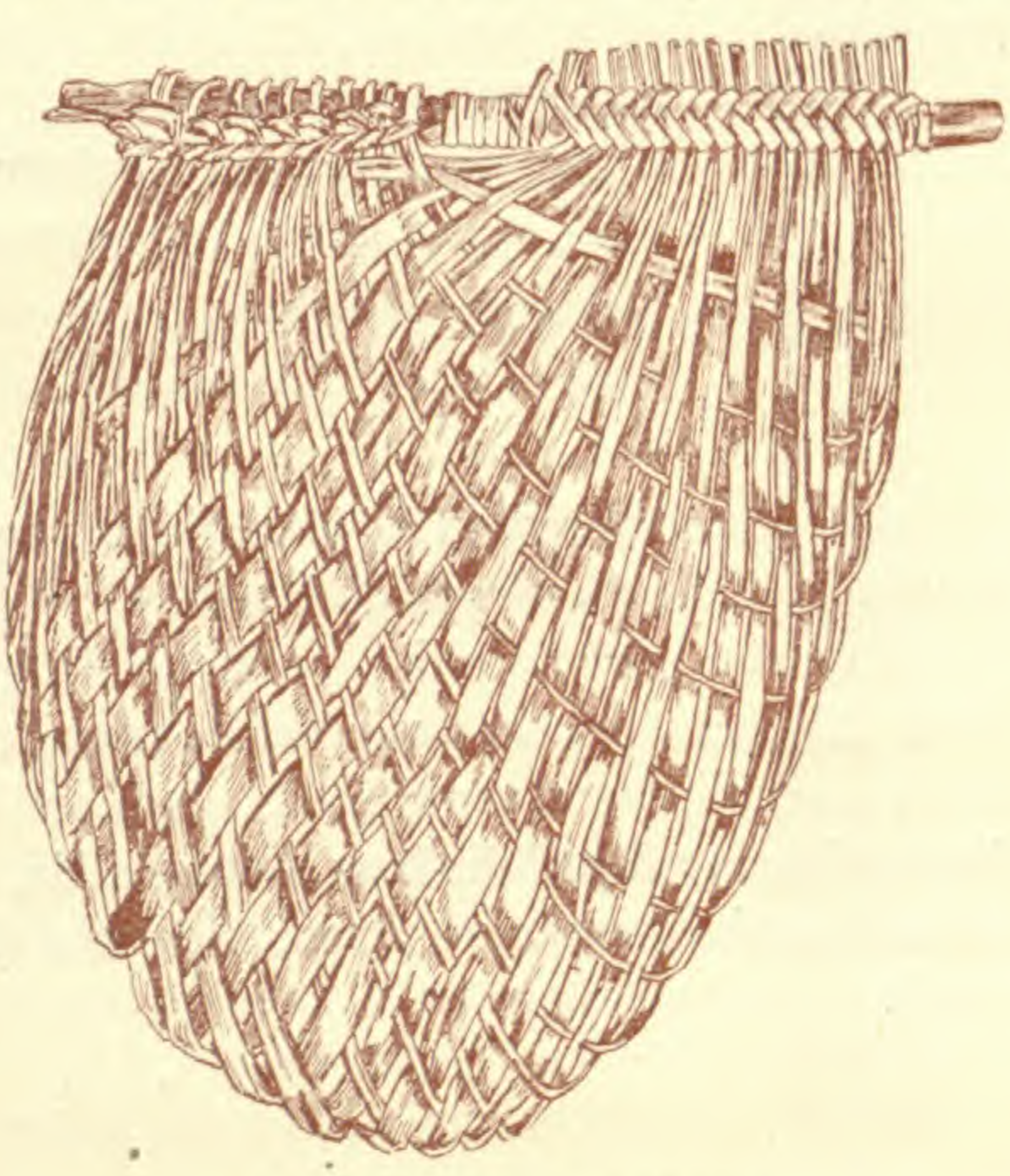


Fig. 4 — *Kuái* — Abano dos Parecis

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11305)

No entanto, menciona os indios Cavihis, moradores nos valles dos rios que correm para o Septentrião.

Conta que certa vez, já no fim das suas viagens, chegara a uma aldeia deserta, e ahi pudera encontrar restos humanos apodrecendo dentro de alguns vasos, sobejos da anthropophagia daquelles barbaros.

Parece-nos fóra de duvida que taes Cavihis sejam os Kabixis, que se podem identificar a um certo grupo de indios da Serra do Norte, (Nambikuára—Uáindzü ou Uáintaçú), que desce pelo valle do Guaporé até á antiga Villa Bella (Mato-Grosso), de onde jamais se approxima senão de animo hostil.

A identificação, que as notas de Rondon já haviam tornado mui plausivel, foi depois confirmada pela comparação do material ethnographico procedente das duas origem.

Nas informações de Antonio Pires, ha, porém, alguma cousa mais que é preciso examinar.

A descripção das habitações dos Parecís de 1723: « casas redondas do feitio de um forno, mui altas »... cujas portas « eram tão pequeninas que para se entrar era necessario ser de gatinhas »... quadra rigorosamente com as palhoças da Serra do Norte.

Hoje, não creio que existam casas parecís construidas daquelle feitio; todas se parecem com o rancho dos nossos sertanejos.

Mas, as cabanas dos Nambikuáras, estas, sim, são redondas como um forno, altas, servidas por pequeninas aberturas que só atravessa quem estiver de gatinhas...

Seria pueril, só por isso, acreditar que os Nambikuáras da Serra do Norte representam um ramo da nação Parecí, que se atrazou de seus parentes, a ponto de tornar-se irreconhecivel, como parte da familia.

Creio antes que o processo de edificação representa uma influencia importada.

E talvez nem isso.

Porque haviam de aprender a construir aquellas casas e não haviam de conhecer a rêde, que é movel indispensavel dos Parecís?

* * *

Seja como fôr, em 1720, já se tinha vaga noticia da existencia de grande população india na Serra do Norte.

Importa, porém, muito, verificar si alguns viajantes que andaram pelas abas da Serra e pelo valle do Juruena, obtiveram noções mais precisas sobre os indios que os Parecís chamam Uaikoá-korê e os sertanejos preferem chamar Nambikuáras, nome, aliás, que estes não conhecem, apellido extranho absolutamente a seus dialectos (Do tupi: *Nambi-orelha; Kuára furo*).

* * *

Vinte annos depois daquella data, em que escrevia Antonio Pires a sua « Breve Noticia », em 1746, o Arinos foi percorrido, desde suas cabeceiras até ao Pará, pelo sargento-mór João de Souza Azevedo, numa viagem excepcional, cujo roteiro emociona pela sobriedade das suas expressões, nas passagens em que fala dos obstaculos transpostos.

Ahi, nem uma só menção dos nossos indios.

Mais tarde, em 1757, correu em Cuiabá a noticia da descoberta de grandes minas de ouro, na região situada entre o Juruena e o Jamarí; eram as *Minas de Urucumacuan*, cujo caminho nunca foi definido, e cuja exploração talvez esteja ainda reservada para os nossos dias, uma vez que a ferocidade lendaria dos selvagens se diluiu e se abrandou.

Todavia, em 1776, e depois em 1779, o capitão general Luiz de Albuquerque Pereira de Mello e Caceres, verdadeiro homem de governo, fez, ao que dizem, explorar as paragens, onde o boato situava as referidas minas.

No Archivo do Instituto Historico existe um documento interessante, ainda inedito, que passo a transcrever (1):

« Illmo. e Exmo. Sr. — Vendo eu que alem da decadencia actual das minas de Matto Grosso, experimentam os mineiros, e mais moradores desta Capitania a perda, e damno da fuga de muitos escravos que tranquillamente existiam aquilombados na escarpada extensa Serra dos Parecís, derramados pelos terrenos de que nascem os rios Piolho, (hoje denominado de S. João) Galera, Sararé, Pindantuba e outros segundo huma constante noticia.

« Para aliviar pois estes damnos e felecitar a utilidade publica, chamei a 24 de Março deste anno, ao Juiz Presidente da Camara desta Villa Bella, e ao Vereador mais velho aos quaes lembrei, que huma das espessiaes obrigações das camaras, era ocorrer ás necessidades publicas e a actual falta de terras mineraes, e repetidas fugas de muitos escravos, que se hiam aquilombar nas vezinhanças do Guaporé e dos arrayaes, contiguos á esta Capital, eram objectos que exigiam o promptissimo remedio da formação de huma bandeira que explorasse aquelles Certões, com os dois ponderados uteis fins: e que para a sua despeza, convocando a Camara o Povo, se pedisse huma contribuição voluntaria aos moradores de Villa Bella, e dos seus Arrayaes, prometendo eu concorrer por parte da Fazenda Real, como efectivamente pratiquei, com a quinta parte da gente, que se empregasse nesta diligencia armada e moniciada pela mesma Real Fazenda.

Fig. 5 — *Hezô-Hezô* — Instrumento sagrado dos Parecis. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 11217)

« Em consequencia desta ordenada insinuação a Camara convocou o Povo, e pediu a contribuição, escreveu aos Commandantes dos Arrayaes para o mesmo fim, e todos de boa vontade concorreram para esta Bandeira ; e se assentou que para o excedente da despeza se pozesse em cada arroba de carne, uma modica contribuição, visto dever ser a dita Bandeira de suficiente força para atravessar sertões, em que habita muito gentio, e em que se gastariam muitos mezes.

« O que tudo efectuado, e dando eu as ordens que julguei necessarias para o bom exito desta Bandeira ao Commandante della, o Alferes de

(1) — Arch. do Conselho Ultramarino — Correspondencia do Governador de Matto-Grosso — 1777-1805 Codice 246 — pag. 165.

Dragões Francisco Pedro de Mello, actual Commandante da Nova Povoação de Cazalvasco, que por ser hum habil official de conhecido prestigio e actividade, o escolhi para esse fim, em beneficio publico, e da mesma Bandeira composta de quarenta e cinco pessoas, entrando neste numero o dito Commandante e hum soldado Dragão e seis Pedestres, moniciados e armados pela Real Fazenda, com as quaes mandei auxiliar esta Bandeira, a qual embarcando no Porto desta Villa Bella no dia 7 de Maio do corrente anno e descendo pelo rio Guaporé, se recolheu em 18 de Novembro proximo passado.

« Das diligencias e indagações praticadas pela referida Bandeira nos terrenos sobreditos em toda a sua derrota, a qual vae debaixo do n. 1 no adjunto mappa que tenho a honra de pôr na Prezença de Vossa Excellencia resultou quanto Vossa Excellencia tambem poderá vêr na rezumida copia que fiz extrahir do diario da mesma diligencia, que igualmente ponho na Prezença de Vossa Excellencia debaixo do n. 2.

« E certificando o Commandante e mais pessoal d'aquella Bandeira, da bondade e grande produção das terras, sitas aonde se achou o quilombo do Piolho e seus contornos, habitado na maior parte pelos Indios e Caborés livres, na forma expressada no dito Diario, e que esta gente, e novos vassallos de Sua Magestade, instantemente suspiravam por continuarem a habitar n'aquelle Paiz, aonde tambem a maior parte tinham nascido, e se tinham criado, e informando-me ao mesmo tempo que n'aquellas vezinhanças, haviam algumas aldeias de Indios mansos, aos quaes se offereceram, reduzir á nossa sociedade os novos habitadores d'aquelle Quilombo (de que a maior parte foram baptizados aqui) e com muita facilidade pelos atractivos que tinham das dadivas que se lhes deram, para convidal-os a este fim.

« E ao mesmo passo por adiantar mais na vezinhança desta fronteira um estabelecimento que fosse aproximando a tão necessaria communicação por terra desta Capital para o Forte do Principe da Beira, descobrindo-se assim novas terras mineraes; por estas razões me deliberei a mandar todos os ditos Caborés, Indios e Pretos, que houve modo de se forrarem (sem os quaes os ditos Indios e Caborés não podiam prezentemente passar; assim por serem alguns Caborés seus filhos como para lhes ensinar a cultivar as terras) para o mesmo lugar em que foram aprehendidos que ficará a trinta e tantas leguas á Norte desta Villa Bella dando-lhe ordem e auxilio para formarem huma Aldeia, que se ficará chamando Aldeia Carlota, em memoria da Nossa Serenissima Princeza e ao Rio antigamente denominado do Piolho, se lhe pôz o novo nome do Rio de São João.

« Tambem ponho na prezença de Vossa Excellencia, que afim de se adquirirem mais exactos conhecimentos geographicos do nascimento e origens principaes dos Rios Galera, Sararé, Guaporé e Juruena, principal braço do Rio Tapajoz, e do terreno que media entre elles e mais terrenos

adjacentes, me resolvi a mandar executar esta Diligencia pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra, acompanhado do Ajudante d'Ordens d'este Governo, Victoriano Lopes de Macedo e do Professor Regio de Gramatica latina, Francisco José de Freitas, (por ser em tempo de férias) e de huma suficiente escolta, tendo sahido d'esta Villa em direitura aos campos dos Parecís no dia 8 d'Agosto do anno proximo passado e depois de vencerem algumas molestias de que foram atacados, e as ordinarias e não pequenas dificuldades de semelhantes sertões, voltaram a ella em 20 de Setembro do mesmo anno, tendo feito a derrota que Vossa Excellencia verá no outro adjunto mappa n. 3, cuja derrota vae tambem marcada no mappa n. 2 com a letra B.

« Estimarei muito que tudo o referido, mereça a approvação de Sua Magestade, rogando á Vossa Excellencia haja de o fazer subir ao seu Real Conhecimento.

« Deus guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Villa Bella, 30 de Dezembro de 1795, Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello digo Luiz Pinto de Souza Coutinho. — *João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.*»

* * *

« Diario da Diligencia que por ordem do Illustrissimo e Excellentissimo João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, Governador e Capitão General de Capitania de Matto-Grosso, se fez no anno de 1795, a fim de se destruirem varios Quilombos, e buscar alguns logares em que houvesse ouro.

« Sahio a referida Bandeira embarcando no Porto de Villa Bella no dia 7 de Maio de 1795, descendo pelo rio Guaporé.

« No dia 11 entrou pela foz do rio Branco, que desagûa no Guaporé, pela sua margem oriental ou direita logo abaixo da Ilha e Estirão da Pirará e superiormente ao lugar das Torres, rio de bastante agua e que tendo perto da sua barra as margens pantanozas logo continua com terras firmes; e assim foi navegando sem novidade até o dia 17.

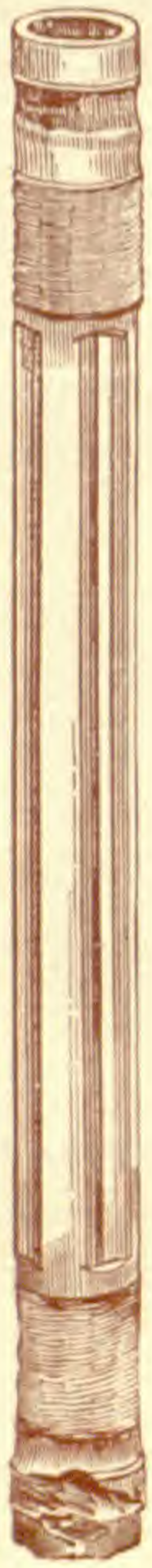


Fig. 6 — *Tiriaman* — Instrumento sagrado dos Parecis.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11233)

« No dia 17 pelo meio dia chegaram a huma terra firme na margem de Norte, ou esquerda do Rio, que mostrava proção de cascalho á flor d'agua; onde se fez huma prova de que se tirou cousa de 40 reis d'ouro não se chegando á pissárra por estar ainda mergulhada debaixo da enchente do rio; pouco acima deste lugar faz barra hum pequeno corrigo, onde se fizeram varias provas que deram igualmente pequena quantidade d'ouro, muito fino; e

da mesma forma para o centro do Matto se fizeram outras provas que não mostraram ouro de conta faltando logo o cascalho. Varias escoltas foram por ambas as margens do Rio soccavando; e supposto acharem alguns faulhos d'ouro, não era constantemente, nem indicava ser de conta, mas só sim que aquellas terras são auriferas; nesta conformidade se foi marchando com escoltas por terra até o dia 20.

Maio 20

« Em 20 chegaram a huma confluencia de dois braços em que o rio total se divide; o braço da esquerda por ser menor se mandou examinar e em meio dia que se navegou por elle se vio que não dava navegação para as canoas, tanto por ter muitas madeiras atravessadas e cahidas pelo alveo do Rio, como por ser de margens palodozas.

22

« Em 22 navegaram pelo braço da direita que é o principal alveo do Rio e pelas muitas tapagens que tinha que dificultava a sua navegação só descarregaram as canoas.

23

« Em 23 partiram as canoas de retirada para Villa Bella ; e a Bandeira partio por terra, acompanhando a margem do Rio, que levava a sua mão esquerda ; e assim foram cortando varios corrigos e soccavando-os, dos quaes uns não mostraram ouro algum, e outros com effeito o tinham, mas com minimas provas ; e assim marcharam até o dia 5 de Junho com as mesmas indagações.

Junho 5

« Neste dia 5 atravessaram o rio com agua pelos peitos para a opposta margem, e andando mais meia légoa a Lés-Sud'-Oeste subiram a hum alto e destacado morro, do qual viram terem penetrado muito para o centro das Serras dos Parecís, o que já haviam notado nos dois dias antecedentes pelas repetidas caxoeiras que formava o Rio e pelas muitas colinas que subiram com assaz inclinação do terreno ; e com hum camarada que hia na Bandeira, preto já forro, e que fôra aprehendido ha muitos annos no Quilombo do Piolho, pela bandeira que então fôra a esse fim ; desconheceu este Rio Branco, affirmando em que o do antigo Quilombo estava mais a Sul, deixaram o mencionado rio Branco que hé de bastante agua e de media extensão : elle desde este lugar até á sua boca no Guaporé, tem, com pouca diferença, 25 legoas de curso ; e delle para cima inda corre, e continua com mais 15 de correnteza ; elle forma grandes Ilhas, recebe muitos ribeirões e as suas margens e terrenos do centro são formadas por densa e alta mattaria, e as suas terras fundaes, as melhores que se podem dezejar para a cultura.

« Em 5 seguindo o rumo do Sul, com sete legoas de marcha por terreno aspero e de alta e fechada mattaria, em que atravessaram muitos corrigos, que foram provando, chegaram no dia 15 á margem do rio Piolho assim antigamente denominado, a onde se fez pinguela para o atravessar o que se fez no seguinte dia.

Fig. 7 — *Ualalocê* — instrumento sagrado dos Parecis (Coll. Rondon — Museu Nacional — 11223)

16

No dia 16 como se tinham visto fogos e rasto de gente, que se julgou ser de gentio se marchou com mais vagar e indagações tanto em muitos corrigos que cortaram, como notando os ditos rastos até o dia 18.

19

« Em 19 o Commandante e 39 pessoas mais armadas escoteiras continuaram a marcha seguindo os rastos e tendo andado meia legoa encontraram de repente tres Indios, hum negro e hum Caboré que logo foram seguros escapando hum indio que fugio a correr, e seguindo-o da mesma forma, foram dar com curta carreira no seu Quilombo ; a gente delle logo se poz em fugida, mas apezar disso foram seguidos e neste dia ficaram prezos a lem dos tres negros, 32 pessoas mais entre homens, mulheres, rapazes e raparigas, dos quaes huns eram Indios, outros Caborés ; faltando ainda segundo as informações que deram mais tres negros e 16 pessoas.

20

« Em 20 foram tres escoltas para o matto em busca das pessoas que faltavam, e de tarde se recolheram com 12.

Agosto 5

« Desde o dia 20 de Junho até 5 d'Agosto se demorou a Bandeira neste logar tanto para colherem as pessoas que faltavam do Quilombo, que se concentraram pelos mattos vezinhos, a sua vivenda com o que multiplicaram e confundiram os rastos, como para examinar o terreno contiguo por mostrarem os corrigos vezinhos inda que pouco ouro, signaes de que aquellas terras são auriferas.

« Igualmente mandou o Commandante huma escolta de 12 pessoas pela picada que haviam feito para examinar melhor o braço esquerdo, ou do Norte do Rio Branco; esta escolta depois de chegar ao dito braço penetrou sete legoas do seu certão de matto pantajozo por hirem chegados á sua margem, e vendo muitos signaes de gentio e numerozos fogos

nas vezinhanças porque andavam, se retiraram com muitos dias de diligencias.

« O Commandante fez soccavar todos os corrigos na vezinhança do Quilombo ; entre elles o de S. Pedro que lhe fica meia legoa ao Norte deu algumas mostras d'ouro; porém outro que chamaram de Sant'Anna que existe a Sul do mesmo Quilombo deu mostras d'ouro, que foram as maiores que se acharam em toda esta diligencia, e que dão esperanças de ali poder haver uteis descobertos. Em fim recolhida a gente toda do quilombo, que montava a cincoenta e quatro pessoas como consta da relação junta, e tendo-se feito farinha de milho que ali acharam, não só para os dias em que se demorou a Bandeira, mas ainda para 20 dias de marcha, deixaram aquelle lugar.

« O Quilombo do Piolho que deu este nome ao rio em que está situado, foi atacado e destruido haverá 25 annos, pelo Sargento-Mór João Leme do Prado, onde aprehendeu numerosa escravatura, ficando naquelle lugar, ainda muitos escravos escondidos pelos mattos, que pela auzencia d'aquella Bandeira se tornaram a estabelecer nas vezinhanças do antigo lugar.

« Destes escravos novamente aquilombados morreram muitos, huns de velhice e outros ás mãos do gentio Cabixês, com quem tinham continuada guerra, afim de lhe furtarem as mulheres, das quaes houveram os filhos Caborés, que mostra a relação.

« Destes escravos só se acharam seis vivos prezentemente, os quaes eram os regentes, padres, medicos, pais e avós do pequeno povo que formava o actual Quilombo, situado em hum bellissimo terreno muito superior, tanto na qualidade das terras, como nas altas e frondosas mattarias, as excellentes, e actualmente cultivadas margens dos rios Galéra, Sararé e Guaporé: abundante de caça, e o rio de muito peixe, cujo rio é da mesma grandeza do Rio Branco.

« A Bandeira achou no Quilombo grandes plantações de milho, feijão, favas, mandiocas, manduin, batatas, caraz, e outras raizes, assim como muitas bananas, ananazes, abobras, fumo, gallinhas e algodão de que faziam panos grossos e fortissimos com que se cobriam.

16

« Reconhecidas, emfim, todas as vertentes deste Rio, se poz a Bandeira em marcha no dia 6 d'Agosto já composta da gente do Quilombo de cem pessoas; cortando pelo alto do terreno parallelo ás serras e a rumo geral de O. S. E., e cortando as cabeceiras de muitos corrigos, e ribeirões, que foram soccavando com 20 legoas de vagaroza marcha, em razão das mulheres, e crianças chegando no dia 27, depois de terem passado hum braço do Galéra, a outro maior, o mais proximo e o que fica ao Norte do Arrayal de

Pouso á margem do rio Sipotuba
(Porto do Campo)

Restos da "Mata da Poáia"
(entre Porto dos Bugres e Tapirapuan)

MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.

1912

S. Vicente, aonde mandaram pedir soccorro; e o Commandante escreveu a Sua Excellencia dando-lhe parte da diligencia, pedindo-lhe as ordens para a continuação della, e participando-lhe juntamente que nas differentes explorações do dito Quilombo até aquella paragem do Galéra se encontraram alguns rastos e ranchos que mostravam serem de pretos fugidos, já abandonados que elle mandou queimar e que provavelmente se tinham retirado logo que lhes chegou a noticia da mesma Bandeira.

Setembro 18

« Emfim com alguns dias de descanço e espera atravessaram o Rio Galéra, e com caminho de seis legoas a rumo do sul chegou a Bandeira toda, e a gente do Quilombo ao Arrayal de S. Vicente, e neste dia fez o Commandante entrega da gente do Quilombo ao paizano Geraldo Urtiz de Camargo para a conduzir a Villa Bella.

19

« Em 19 sahio do Arrayal de S. Vicente o dito Geraldo Urtiz, com a gente de que se encarregou para Villa Bella pela estrada chamada do Guilherme, chegando no dia 24 de Setembro a esta Capital com as pessoas da relação seguinte: — Relação dos pretos Indios e Caborés de que se compunha o Quilombo do Piolho em que se deu no dia 19 de Junho de 1795:

Negros	6
Indios	8
Indias	19
Caborés	10
Caborés femeas	11
Total	54

Fig. 8 — *Herá-hera-hun*— Instrumento sagrado dos Parecis.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11230)

« Logo que esta gente chegou a Villa Bella, vendo sua Excellencia que todos os Caborés e Indios de maior idade sabiam alguma doutrina Christã que aprenderam com os negros, e que se instruiram suficientemente e com gosto nesta Capital onde se lhe acabou de ensinar, e ainda alguns Indios adultos, pois todos fallavam Portuguez com a mesma intelligencia dos pretos de que aprenderam; e como todos estavam promptos para receber o baptismo, foi pessoalmente assestir a este sacramento, sendo padrinho d'alguns, assim como d'outros as principaes pessoas desta Villa, cuja funcção se celebrou no dia 6 d'Outubro, recebendo este sacramento todos os de menor idade e alguns maiores que estavam mais instruidos na Religião.

Outubro 7

« Partindo todas as mencionadas 54 pessoas para a Nova Aldeia Carlota no dia 7 d'Outubro, em muitas canoas, em que levavam alem de mantimentos para muitos mezes, varios grãos e sementes para plantarem com ferramentas correspondentes, assim como porcos, patos e galinhas para creação. Estabelecimento de que se espera para o futuro prospera e publica utilidade.

* * *

« Continuação da diligencia que a Bandeira fez para a parte do Pindaituba, braço mais Oriental do Rio Sararé.

Setembro 23

« Logo que o Alferes de Dragões, Francisco Pedro de Mello despediu do Arrayal de São Vicente ao paizano Geraldo Urtiz para Villa Bella a conduzir a gente que formava o Quilombo de Piolho; elle com a Bandeira tendo-se demorado no dito Arrayal dois dias, sahio d'elle ; e pela estrada do Arrayal da Chapada chegou no dia 23 de Setembro á ponte do Sararé ; a onde recebendo novas ordens de Sua Excellencia por mão do Capitão José Antonio Glz. Prego com hum soldado Dragão que foi agregado á Bandeira e dois escravos pretos que sabiam aonde existia hum Quilombo nos mattos da Pindaituba, por viverem n'elle quando foram prezos por ceus senhores, nesta Villa a onde vinham não só a comprar, o que necessitavam, mais a convidar para fuga, e para o seu Quilombo outros alheios.

25

« Em 25 sahio a Bandeira deste lugar e marchando duas legoas e meia, encostados á Serra de Tarumá pela estrada que da ponte do Sararé vai para Lavrinha fiz pouso em um corrego sem agua.

26

« Do dia 26 para diante a rumo de Les'Nord'Este quarta de leste marchou 10 legoas, indo pousar em cada dia a seu corrego dos quaes alguns mostravam seus faulhos d'ouro; e no dia 30 fiz pouso em uns antigos ranchos de pretos fugidos.

Outubro 1

« No dia 1 d'Outubro com legoa e meia de andamento ao mesmo rumo fiz pouso perto das margens do Pindaituba, onde acharam uma pinguela, e trilha que o atravessava para a parte do Sararé.

2

« Em 2 passando o Pindaituba parte do Norte, e marchando tres quartos de legoa ao mesmo rumo do Norte até hum corrego feio acharam nelle o Quilombo que buscavam dividido em dois quarteis hum composto de 11 casas e o outro de 10, a 50 passos de distancia do primeiro.

« Os negros fugidos habitavam este Quilombo, o abandonaram logo que tiveram noticia desta Bandeira, indo formar outro no corrego da Mutuca, seis legoas a Norte do antigo, tambem dividido em dois Arrayaes tres legoas distante hum do outro : do primeiro era Capataz o negro Antonio Brandão com 14 negros, cinco escravos : e do segundo que formaram no principio d'Agosto deste anno, o outro Capataz era o escravo Joaquim Felix com 13 negros e sete negras.

« A Bandeira chegou a este abandonado Quilombo pelas nove horas do dia, e andando os trilhadores a buscar os rastos que deixaram, appareceram descuidadamente trez negros que vinham buscar mantimento para sua nova morada ; delles só hum se poude prender fugindo os dois á carreira por entre o matto, e da mesma maneira os seguio a gente da Bandeira deixando ali os mantimentos e fattos com suficiente guarda, cujo seguimento foi por tres legoas a Norte, mas vindo a noite e com muita chuva aqui pousou a Bandeira sem abrigo algum nem sustento. »

3

« Em 3 com mais tres legoas de marcha chegaram ao buscado Quilombo da Mutuca, que acharam abandonado pelo aviso dos dois negros fugidos.

4

« Em 4 seguiram os rastos dos fugidos, e com tres legoas de caminho a rumo de Leste, chegaram ao segundo Quilombo de Joaquim Telles que tambem estava despejado.

Fig. 9 — *Zoratealô* — Instrumento sagrado dos Parecis.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11218)

5

« Em 5 mandou o commandante os dois Dragões que o acompanhavam com 31 pessoas em seguimento dos pretos do Quilombo, pelo rasto que deixaram na sua fuga, e elle com o resto da Bandeira voltou atraz a unir-se com os que tinha deixado em guarda do fato e mantimento da Bandeira, e assim com pequenas marchas, veio retrocedendo e mandando fazer amiudadas averiguações por todos os corregos que passava e nos rastos dos negros de que aquelles mattos estavam cortados.

14

« Até que no dia 14 o veio encontrar em caminho o Dragão Joaquim Alves Mizta, que aprehendeu seis negros e cinco negras do Quilombo, os quaes achou já arranchados em cinco pequenos ranchos perto das margens do Sararé, em que estavam tratando de huma negra que adoecera.

« Deste ataque ainda escaparam tres escravos que andavam fora á cassa; e segundo a informação que deram, ainda faltavam 37 pessoas de todo o Quilombo 30 negros e 7 negras.

15

« Em 15 com os 12 escravos presos, isto é, os 11 do dia antecedente e mais hum que se apanhou no primeiro e abandonado Quilombo, veio a Bandeira a pousar no corrigo do Barreiro.

16

« Em 16 deu o Alferes Commandante parte á sua Excellencia da aprehensão destes 2 escravos pedindo mantimento e polvora e mais alguma gente para trocar por outra que estava molesta: e Sua Excellencia logo occorreu a tudo mandando recolher para esta Villa os mencionados escravos aprehendidos; os quaes chegaram a esta Villa no dia 21 d'Outubro. Logo que o Commandante recebeu as ultimas ordens de Vossa Excellencia, e o soccorro que pedira fez varias escoltas que cortando aquelle aspero certão, coberto de densa e bella mattaria, seguindo a multiplicidade de rastos de que estava cortado, e soffrendo o rigor do tempo, que já era chuvoso, foram aprehendidos em differentes dias e lugares mais alguns escravos, que montavam a 11 negros e 7 negras que confessaram que o resto delles tinham atravessado o Sararé e passado para os Arrayaes. E emquanto se andava nesta laboriosa indagação mandou o Commandante examinar e provar muitos corregos em differentes lugares que deram signaes e amostras d'ouro e de que aquellas terras e vertentes da Pindaituba e suas immediações prometem sufficientes descobertos.

18

« Emfim no dia 18 de Novembro chegou a esta Villa o Alferes Commandante desta Bandeira com toda ella e os 18 escravos aprehendidos, dando fim a esta importante e laborioza diligencia, com seis mezes e meio de trabalho em que acharam muitas terras auriferas (supposto que de pouco conto) viram as mattarias excellentes formadas por madeiras de grande grossura e comprimento e preciosissimas para a construcção de canoas, e obras publicas e particulares. Colheram os 54 Indios e Caborés, de que Baptizados a maior parte, e acariciados, como fica referido foram fundar a Nova Aldeia Carlota; prometendo expontaneamente não só de reduzirem á nossa amizade e communicação outras Aldêas de Indios Cabixês vezinhos daquelle lugar, mas a

virem a esta Villa tanto a commerciar como a trazerem boas mostras d'ouro que faça conta para atrahir áquelle importante lugar alguns colonos portuguezes.

« Assim emprehendeu esta Bandeira os 30 escravos já referidos, queimando e destruindo-lhes os seus Quilombos e plantações de que resulta que dos outros que escaparam se vão alguns diariamente entregar a seus senhores o que já fizeram sete e se esperava o resto fazer o mesmo: sendo outra consequencia desta diligencia o suspender á escravatura desta Villa e seus Arrayaes as repetidas fugas que costumavam fazer; e achar-se os corrigos com ouro que ficam expressados neste Diario.— *Francisco Pedro de Mello.* »

* * *

Si de taes excursões ninguem trouxe a certeza da existencia das jazidas de Urucumacuan, contudo, por meio dellas se desvendaram um pouco

Fig. 10 — *Kamái* — Diadema de pennas — Indios Parecís
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11310)

os segredos geographicos do valle mysterioso do Juruena. Infelizmente, não consegui saber quaes foram os outros enviados de Luiz de Albuquerque; como sempre acontece, o trabalho de exploração dos nossos matutos ficou anonymo. Ainda bem que se não perdeu.

Tanto assim que o padre Ayres, em 1817, menciona certos detalhes geographicos cuja exactidão nos surprehende.

* * *

Ayres do Casal não fala dos Nambikuáras, nem dos Tapaniunas; attribue o nome do Juruena á uma tribu desse rio e cita nomes mui semelhantes aos que se encontram hoje naquelles sertões brutos.

« Os tamarés, diz elle, dominam as visinhanças do Juina, primeiro ramo notavel dos que engrossam o Juruena pela sua margem occidental ».

Depois cita os Sarumás, « um pouco mais ao Septentrião »; e agora mesmo, em 1912, Rondon encontrou em plena idade lithica um grupo que

lhe deu o nome nacional de Salumás, vivendo, porém, em plena Serra do Norte, a mais de 200 kilometros a Nor'Oeste do ponto em que a linha telegraphica atravessa o Juruena.

Dos indios da Serra do Norte, havia, pois, desde o começo do seculo passado, noticias muito vagas, embora até certo ponto verdadeiras.

No entanto, em 1817, quando já se viajava, havia 15 annos, até ao Pará pelo caminho de Tapajóz, ainda pelo Juruena « não navegavam christãos », ao que diz o padre Ayres, honestissimo informante.

Apezar destas antigas e tenues noticias, tão nevoentas e tão incertas, o formador do Tapajóz ficou ainda sendo o rio mysterioso, filho de uma zona immensa e agreste, habitada por gente intratavel que fugia, seculos a fio ao commercio que se lhes tentou por muitas vezes offertar.

* * *

As informações de que dispunhamos até 1909, sobre a ethnographia da Cordilheira do Norte, não eram mais numerosas nem mais certas. As suas serranias e as suas correntes eram, nas cartas, traços e rabiscos desenhados por palpite; os nomes dos seus indios escriptos ao Deus dará.

* * *

O nome Nambikuára — (Nhambiquara ou Nambicoara — (Mambiuára ?) — apparece, é bem verdade, em muitos escriptos antigos e modernos; representa, porém, denominação que se tem emprestado a povos diversissimos; alcunha totalmente extranha á lingua dos alcunhados.

Quantas tribus do Brasil, e mesmo da America do Sul, por terem seus filhos o costume de perfurar o lobulo da orelha, não merecem este nome nambikuára?

Pondo de parte as referencias que se não podem ajustar á população india da Serra do Norte, citações encontradas na «Viagem do Bispo do Pará», frei João de S. José, em 1762, e mesmo as que se acham num artigo documentado de R. Schuller, publicado em 1912 — (outubro), — em « Petermanns Mitteilungen-Globus », porque dizem respeito a outros povos baptisados por extranhos com aquelle mesmo nome, tudo quanto se sabia até agora da vida daquelles indios somma muito pouca cousa.

Em differentes monographias sobre Mato-Grosso — (Taunay, Caldas, G. Pimentel, Couto de Magalhães) — encontramos apenas o nome Nambiquára, attribuido aos indios em questão.

O nome só.

Delles, até 1909, é fóra de contestação que além do nome, e esse mesmo errado, mui pouco mais era suspeitado.

As melhores noticias eram sumarias e além disso, pouco firmes.

Da expedição Langsdorff — (1825) — publicou o Dr. Karl von den Steinen, no vol. LXXV — 1899 — do « Globus », desenhos de Hercules Florence, figurando uma cabana encontrada perto da juncção do Arinos com o Juruena.

O aspecto geral da construcção lembra a fórma dominante na Serra do Norte; ha, porém, nesse desenho uma canôa que prejudica irremediavelmente a identificação. Em toda a Serra do Norte as unicas embarcações que encontrei foram as da Commissão de Linhas Telegraphicas.

No entanto, o desenhista Florence, em carta de seu punho (Rev. do Inst. — vol. 38) cita os Tapanhunas daquelle sitio.

Milliet de Saint Adolphe, em 1845, refere sob o nome de Nambicuára noticias de outra gente, indios Apiakás, amaveis canoeiros do Arinos, conhecedores dos mais reconditos segredos das cachoeiras do Tapajóz, cruelmente extinctos á bala nestes ultimos 10 annos.

Mais do que isto alcançou conhecer dos indios que estudamos o Dr. Amédée Moure.

Em 1862, publicando uma monographia sobre os indios de Mato-Grosso, dedica um capitulo ás « tribus selvagens e anthropophagas », que affirma serem 10.

Entre ellas lá estão os Kabixis, os Nambikuáras e os Tapanhunas.

Aos Kabixis chama « implacable et barbare tribu, qui se cantonne au Nord de la Province », o que é verdade. Mas accrescenta que a sua lingua é a quichúa, o que é redondamente falso.

Em seguida, Moure identifica os Nambikuáras aos Tapanhunas, o que me parece acceitavel.

Chandless em 1862, Barbosa Rodrigues em 1875, Pimenta Bueno em 1880, K. von den Steinen, em 1888, Coudreau em 1897, Koch Grünberg em 1902, Clements Markham, em 1910 e, já seguindo até certo ponto a Commissão Rondon, Max Schmidt, em 1910, todos falam, ainda incidentemente, nos indios famosos.

Fig. 11 — *Kiliá-Kociti* — Ornato nasal dos Indios Parecis.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11307)

Martius — (Beiträge, I, 208) — assim diz de tal povo: « Nada se sabe dos indios que têm nome tupi : Namby-uara. Namby-cuaras, Orelhudos. Vivem como outros muitos anthropophagos : Tapaï-muacus e Temanangas, na região do Tapajóz, entre 8 e 10 gráos. Natterer colloca as Namby-uaras no rio Jaguary (*sic*) um affluente occidental do Tapajóz ».

Nem o commandante Bossi, viajando pelo planalto dos Parecís, em 1863, nem o padre Badariotti, que, em 1898, chegou ás cabeceiras do Rio Verde, nenhum dos dois colheu qualquer informação sobre elles; ambos narram passagens em que attribuem aos Tapanhunas acções que, hoje o sabemos, só poderiam ter sido praticadas pelos indios da Cordilheira do Norte, pertencentes ao grupo do Juruena.

Dos manuscriptos do missionario José Maria de Macerata, que pôde ler em Mato-Grosso, transcreve o marquez de Castelnau notas sobre a existencia de tribus espalhadas nas margens do Juruena, do Juína e até do Camararé.

Tudo aquillo, porém, não é bastante claro; e, além disso, as informações se misturam com historias fabulosas de homens-simios, que desanimam o leitor.

Nominalmente, Castelnau se refere aos Nambikuáras, dizendo que vivem nas florestas centraes; e é tudo quanto se aproveita de sua contribuição.

Merecem, porém, uma referencia á parte as contribuições de Pimenta Bueno, K. von den Steinen e Koch Grünberg.

Pimenta Bueno, segundo o Relatorio da Directoria Geral dos Indios de Cuiabá, em 1848, collocava os Nambikuáras na confluencia do Arinos com o Rio do Peixe; avaliava o seu numero em cerca de 600. Pelo mesmo documento, seriam 800 os Tapanhunas.

Nelle tambem se fala de certos indios Jacarés, das margens do Mamoré.

Na Serra do Norte foi achado um grupo — Uaindzú —, que alguns pronunciam — Uáintaçú; e na lingua dos Kokozú do Juruena, essa palavra significa, exactamente: Jacaré. Todavia, pode ser que nada tenham de commum.

É noção corrente que as designações nacionaes derivadas da fauna local são communs em todas as nossas provincias ethnographicas, seja que representem alcunhas pejorativas dadas por inimigos, seja que possuam valor totémico.

Von den Steinen, em 1888, conseguiu saber, por informações anonymas, que os indios da Serra do Norte viviam ainda na idade da pedra, absolutamente segregados.

Em 1902, na « Zeitschrift für Ethnologie » o Dr. Koch-Grünberg menciona, tratando dos indios Apiakás, incidentemente, alguma cousa que vale a pena traduzir:

« Os Nambikuára e os Tapaniuna, habitantes da região do Arinos, segundo as informações do indio Apiaká Alfredo, fazem casas grandes de palha e têm flechas de kambayuva com ponta de taquara; são, desde tempos remotos, inimigos declarados dos Apiakás, assim como dos Munduruku. »

« Os Nambikuára foram denominados « Apiakás bravos » por causa da semelhança dos dialectos que pertencem, ambos, ao grupo tupi.

Todavia, Coudreau hesitou em admittir um parentesco tão proximo entre essas nações, pois que os Apiakás são canoeiros, emquanto os Nambikuáras, ao que dizem, não conhecem canôa e só viajam por terra ».

Nesta nota do Dr. Koch, ao lado de factos exactissimos, como é o ultimo, ha grandes erros, qual a inclusão de taes indios no grupo dos tupis.

Os dialectos dos indios da Serra do Norte são radicalmente differentes do tupi-guaraní.

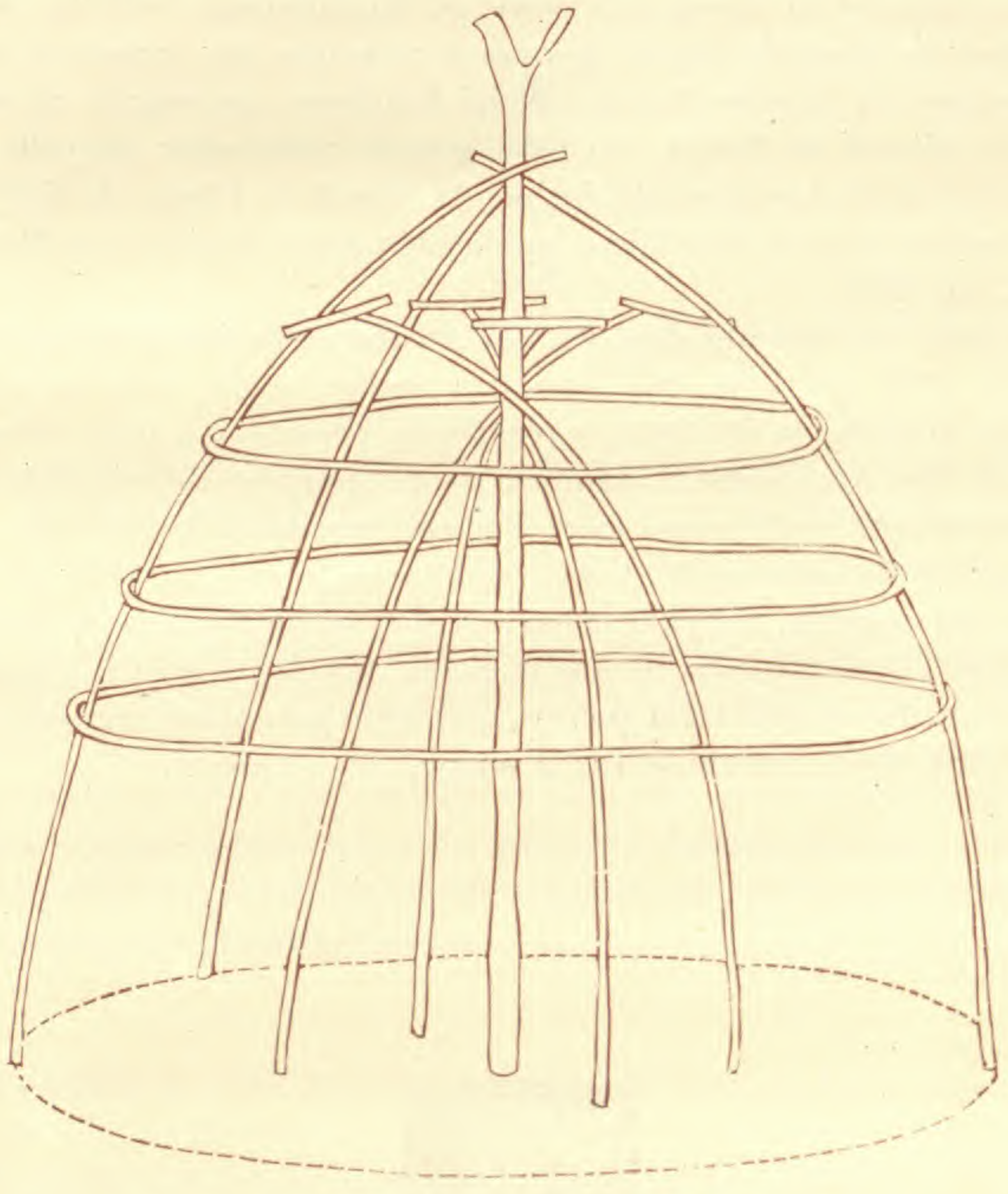


Fig. 12 — Arcabouço de uma palhoça dos Indios da Serra do Norte.

(Excursão Roquette-Pinto — 1912)

A meu ver, só o dialecto dos Suiás, do Xingú, o dos Karajás do Araguaia e a lingua dos Kirirís, têm alguns radicaes que sem exaggero se podem approximar delles, conforme se mostrará noutro capitulo.

Quanto aos Tapanhunas, é bem provavel que sejam os indios do Juruena, grupo nambikuára de pelle muito escura.

Não creio que se os possa, sem grave leviandade, identificar aos Tapajóz ou Tapaióz, que deram o nome ao rio, e viviam no seculo XVII na,

parte baixa deste, gozando já de apreciavel cultura, quando os visitaram Pedro Teixeira, em 1631, e o padre Acuña, em 1639.

Tampouco julgo digna de consideração a opinião dos que fazem delles um « mocambo » de antigos escravos fugidos ás lavras de Mato-Grosso, vivendo isolados nas matas do Arinos; phantasia das muitas com que se costuma atravancar a ethnographia do Brasil para desespero dos que a estudam com sinceridade.

A existencia da navegação entre os Tapanhunas, todavia, os afasta dos Indios da Serra do Norte; porque é certo que são canoeiros, segundo o testemunho do tenente Perrot, official brasileiro que seguiu na segunda expedição allemã ao Xingú, em 1888, grande conhecedor daquelle sertão, cujas informações foram recolhidas por D. Maria do Carmo de Mello Rego, e, pela mesma notavel brasileira, publicadas nos « Archivos do Museu Nacional », em 1899.

De tudo isso que ahi fica se conclue que antes das expedições brasileiras, de 1907 até hoje, não existiam senão vagas noticias sobre os indios da Cordilheira do Norte, a população primitiva a mais oriental do continente Sul Americano; e tambem ficam apuradas as migalhas dos conhecimentos que possuiamos sobre a bacia formidavel do Juruena.

O que se fez para conhecer esse pedaço do Brasil, de 1907 até agora, vai ser, em seguida, referido, como o requer a intelligencia do assumpto.

E vale a pena recordar de que maneira Rondon e seus companheiros, rasgando matas e semeando pousos, que serão povoações, cumpriram esse destino feliz, desbravando terras e amansando homens.

II

O CORONEL Candido Mariano da Silva Rondon, do Corpo de Engenharia Militar, em 1907, foi encarregado pelo Governo da Republica de ligar á Capital, pelo fio telegraphico, os territorios do Amazonas, do Acre, do Alto Purús e do Alto Juruá, por intermedio da Capital de Mato-Grosso, já em communicação com o Rio de Janeiro.

Os pontos extremos da linha seriam Cuiabá e Santo Antonio do Madeira. O fio cruzaria o grande divisor das aguas platinas e amazonicas.

Para começar, resolveu Rondon explorar de uma maneira completa o grande sertão do Nor'Oeste; decidiu realizar esta primeira parte do seu programma em duas etápas: primeiro attingir o Juruena famoso ; em seguida chegar ao Madeira. O Juruena seria um ponto de referencia excellente para a exploração do resto do territorio.

* * *

Em agosto de 1907 começaram os preparativos para a expedição, iniciada na villa de Brotas.

Os trabalhos foram distribuidos por quatro divisões ; á primeira incumbia a exploração do terreno, ás outras, successivamente, o transporte do material, o serviço de acampamento e finalmente o comboio de abastecimento.

Rondon decidiu que, enquanto houvesse montarias, um batedor iria marcando o caminho, dando avisos convenientes por intermedio de uma corneta; pelo mesmo processo o chefe da expedição determinava o rumo. Um dos ajudantes de ordens levava o passo do animal medido, tomava as distancias com podómetros, fazia o levantamento expedito do caminho e cuidava da barometria.

O guia marcava o rumo fazendo piques nas arvores; um grupo de foiceiros e machadeiros abria a picada de dois metros de largura.

* * *

A marcha começava de madrugada e terminava ao meio dia, no lugar escolhido para o acampamento.

Os expedicionarios partiram de Diamantino, a 184 kilometros a N. N. O. de Cuiabá.

A 7 de setembro haviam attingido territorio dos Parecís, que lhes foram utilissimos para a descoberta do rio que desejavam.

A 19 chegavam á Aldeia Queimada e, logo depois, ás terras do chefe Parecí Uazákurírí-gaçü, que serviu de guia a essa expedição.

A 10 de outubro tocavam ao extremo da zona de distribuição dos Parecís; iam entrar em terras dos Nambikuáras. Estavam a 605 kilometros a N. O. de Cuiabá.

As privações cresciam. Os viveres, cada dia, tornavam-se mais escassos. Appellaram para os recursos da mata; mel e palmito não faltavam.

No fim do mez de outubro appareciam signaes certos da presença dos Nambikuáras. No dia 14 tinham dado com uma ponte (pinguella destes selvagens) no rio Sauêuina ou Papagaio. Já na margem esquerda do rio. Viram, alguns dias mais tarde, o primeiro Nambikuára.

Adiantando-se um pouco no rumo escolhido, divisou, no meio do serrado, um indio da lendaria tribu.

Rondon e um companheiro, para o não assustarem, permaneceram immoveis. Defronte do lugar em que estavam havia um *mel.* O indio chegou-se, descobriu a colmeia e preparou-se para abril-a.

Depositou no chão seu maço de flechas, seu arco e uma cesta que trazia pendente ás costas. Tirou della um machado de pedra munido de cabo curto e começou a cortar. Dentro de algum tempo tinha feito um orificio por onde passou a mão, retirando o producto da colheita.

Mas o ruido dos foiceiros despertou a attenção do selvagem; e elle se retirou.

* * *

Os indios do valle do Juruena não eram indifferentes á invasão de suas terras pela columna Rondon.

A expedição era vigiada. Parece que os indios esperavam que chegasse ao Juruena para atacal-a.

A 20 de outubro de 1907, attingiram a margem do suspirado rio, Rondon, tenente Lyra e o photographo Leduc.

Tinham feito 484 kilometros a partir de Diamantino; com 135 outros, das variantes, a exploração abrangia 618 kilometros, percorridos em menos de dois mezes (de 2 de setembro á 20 de outubro).

* * *

Precisamente quando o chefe da expedição via seus esforços recompensados, julgaram os Nambikuáras que era chegado o momento

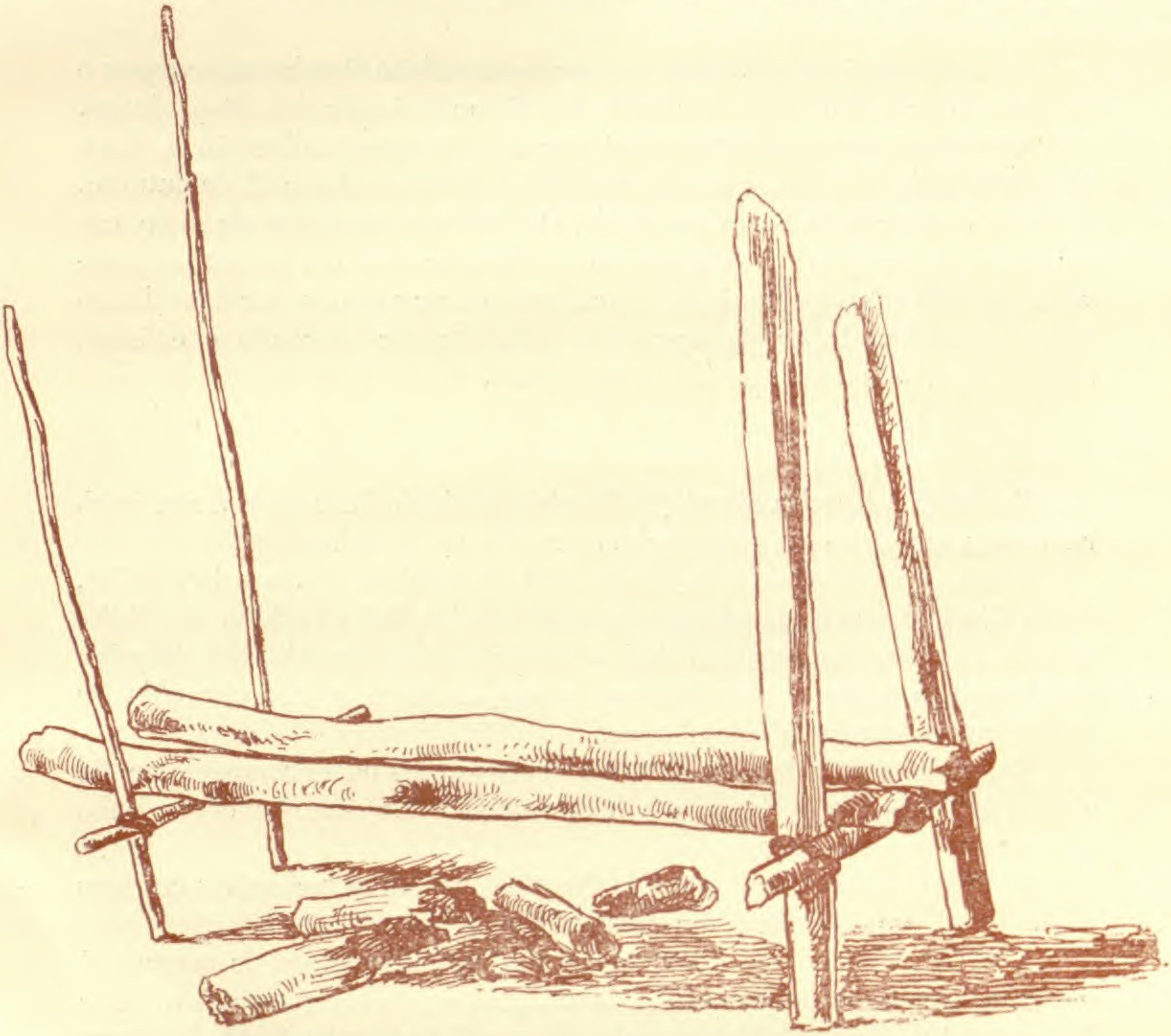


Fig. 13 — Moquem dos Tagnanís e Tauitês.

de lhe significar, de um modo explicito, que não devia contar com elles; e que não havia sido em vão que se lhes tinha creado, ao redor do nome, a sua fama de ferocidade.

A 22 de outubro a expedição levou até ao rio o acampamento.

Nesse dia Rondon foi atacado.

Por nimia ventura escapou de morrer, na ponta de uma flecha que figura no Museu Nacional (N. 2.178).

Diante do estado de animo dos indios, tendo conseguido reconhecer o Juruena, resolveu proceder á retirada; evitaria, assim, outros ataques que talvez fossem o inicio de uma opposição infinita.

O resultado desta primeira expedição não poderia ter sido mais completo. A primeira parte do programma havia sido realizada.

* * *

No anno seguinte, em 1908, a segunda expedição Rondon atravessou o Juruena, entrou em pleno territorio dos Nambikuáras e dos Tapaniunas.

Atravessou o Juina, o Camararé, seguindo sempre na direcção N. N. O. descobriu mais dois rios, que elle denominou Nambikuára e 12 de outubro. Attingiu o coração da Serra do Norte. Os indios o atacaram de novo, nas margens do Juruena; mas o seu modo de proceder, em resposta, aproveitando todas as opportunidades para demonstrar as mais pacificas intenções, deixando no lugar da aggressão presentes de machado e enfeites, acabou vencendo a resistencia dos selvagens.

* * *

Em 1909, a terceira expedição Rondon partiu do Juruena e varou inteiramente a mesopotamia que se acha entre elle e o Madeira.

Começou a marcha a 2 de junho. A 11 de outubro estava a 18°, 17', 7", O. do Rio de Janeiro, debaixo do parallelo de 11°, 49', 15", S., a 354 kilometros do posto do Juruena. Ahi descobriu mais um rio, que Rondon baptisou com o nome de Pimenta Bueno, a quem a chorographia de Mato-Grosso deve linhas magistraes.

Mas no fim de setembro já havia cruzado uma outra corrente que foi chamada Barão de Melgaço, em homenagem a Augusto Leverger, vulto não menor da nossa geographia.

Proximo desses rios, segundo Rondon, devem se achar as celebres minas de « Urucumacuan », que citei noutro capitulo.

A 13 de dezembro de 1909, depois de 1.297 kilometros de marcha, á partir de Cuiabá, Rondon chegava ás margens de um rio que pensava ser o Jaci-paraná, onde deveria encontrar uma expedição que havia enviado para o esperar acolá. Mas um erro existente nas melhores cartas tinha-o feito chegar ao Jamari, situado na posição em que ellas collocam o Jaci-paraná.

A expedição de soccorro, com que elle contava, achava-se pois, infelizmente, em outro rio.

Todavia já se encontrava em zona de seringueiros ; havia recursos.

A 25 de dezembro sulcava as aguas do rio Madeira.

Estava terminada a mais notavel das explorações geographicas realizadas nas terras da America, nestes ultimos 50 annos, e varado o mais occidental dos tres sectores de territorio brasileiro ainda incognitos, restando agora apenas os que se balisam: Tapajóz-Xingú e Xingú-Araguaia, na cinta dos parallelos de 10 a 12 gráos.

* * *

Em 1910 ainda voltaram os indios a atacar o pessoal da Commissão Rondon.

Não longe do local em que haviam levado a effeito a aggressão de 1907, feriram os Nambikuáras dois officiaes. Porém, já em novembro do mesmo anno, os indios das aldeias do Juruena e do Juina chegavam á fala em attitude mais sympathica.

No Juruena e no posto de Campos Novos foram colhidos, pelo pessoal da linha telegraphica, os pequenos vocabularios que julguei dever enviar ao Congresso de Americanistas (XVIII) reunido em Londres, em 1912, embora fazendo prudentemente algumas restricções á sua exactidão.

D'ahi por diante ficaram, os nossos, senhores da Serra do Norte. Os indios acham-se hoje em continuo contacto com o pessoal da linha.

As relações ainda são instaveis; é natural que assim seja.

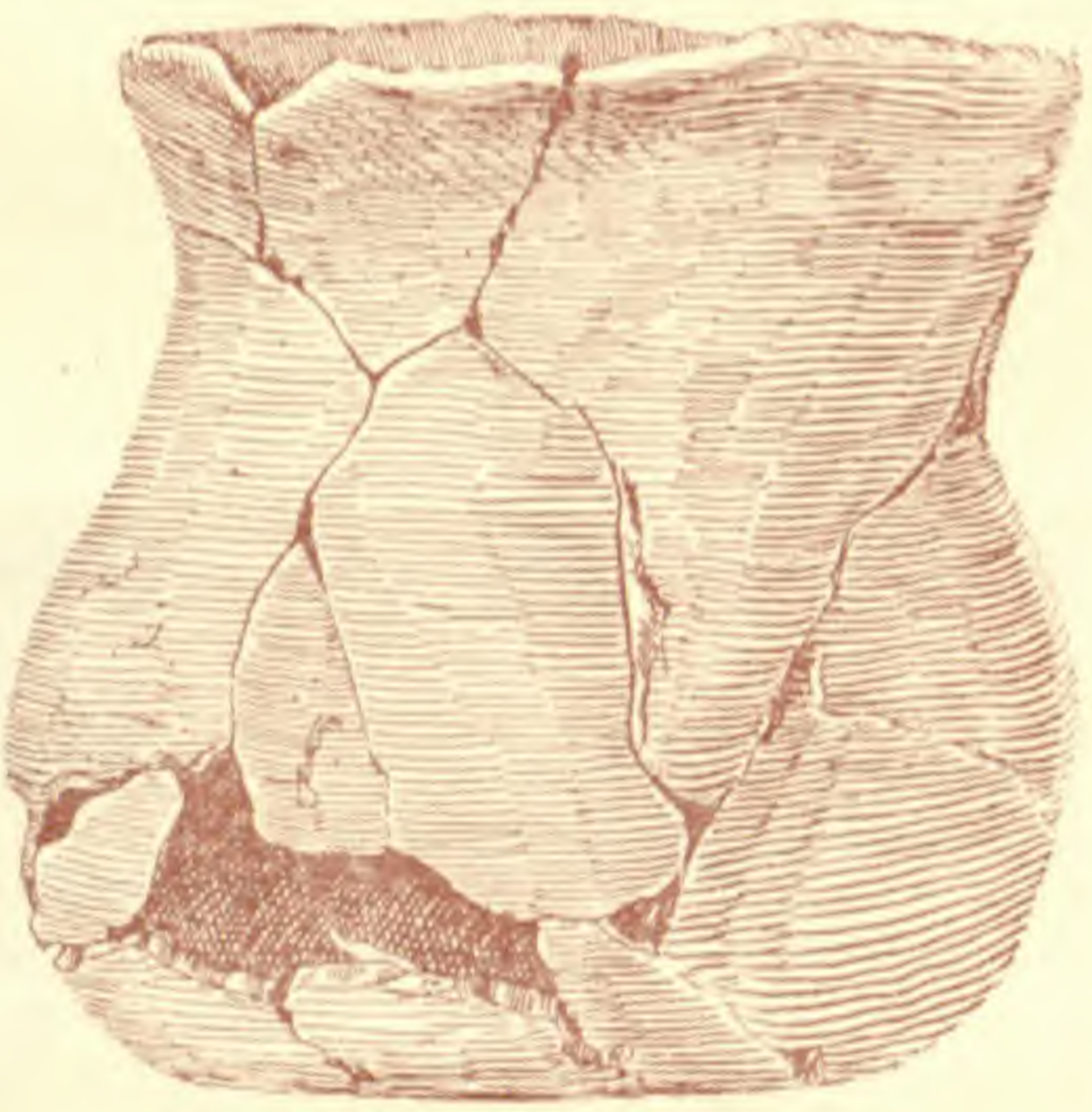


Fig. 14 — Panella de barro dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 1941)

Em 1911 mataram gente nossa no rio Buritì; em 1912, no Urutáo; em 1913, logo depois de nos haver tratado da maneira amavel que se verá adiante, os indios desta ultima maloca, unidos a outros da visinhança do Juina, trucidaram a guarnição deste posto, incendiaram os ranchos, destruiram a balsa.

E' provavel que ainda se verifiquem, nos annos proximos, factos semelhantes.

Quiz referir estas occurrencias para apresentar com a maxima lealdade a situação actual daquella população india. Estes conflictos, que nascem quiçá de imprudencia, ousadias, ou mesmo excesso de confiança por parte dos nossos, ficam sempre circumscriptos. São puramente locaes e pessoaes. Não alteram, em nada, a situação geral da tribu para comnosco.

* * *

Seria nimiamente pueril imaginar que as normas adoptadas pelo coronel Rondon, bastam, por si só, para abolir, inteiramente, os conflictos eventuaes na Serra do Norte. Si assim fosse, deveriamos por em pratica o mesmo *segredo da concordia*, porventura encontrado, para evitar a violenta liquidação de contas pessoaes no meio das nossas populações urbanas.

A verdade é que os Nambikuáras vivem hoje em paz comnosco ; nas occasiões de penuria, em alguns postos da linha, elles repartem, irmãmente, com os « brasileiros » a sua massa de mandioca e o mel delicioso das abelhinhas que moram nas suas matas.

CARTA ETHNOGRAPHICA DA RONDONIA
organisada por E. Roquette Pinto, segundo os trabalhos da commissão Rondon e do autor.
Estrada Rondon (LINHA TELEGRAPHICA)
" para automoveis.
AMAZONAS
PARÁ
BOLIVIA
RONDONIA
Rio Madeira
Rio Tapajoz
Rio Roosevelt
R. Marmellos
Rio Canumã
R. Abacaxis
Rio Gi-paraná
Rio Jamary
Rio Jaciparaná
Rio Juruena
Rio Arinos
Rio Paranatinga
Rio Telles Pires
Rio Guaporé
R. Corumbiara
Rio Paraguai
Rio Sipotuba
R. Papagaio
R. Ikê
Rio Aripuanã
Rio Sepotuba
STO ANTONIO
JAMARY
CARITIANAS
CARIPUNAS
ARIKEMES
JARÚ
P. PENNA
MURTINHO
GUAJARÁ-MIRIM
PIMENTA-BUENO
MELGAÇO
VILHENA
JURUENA
UTIARITY
PTE DE PEDRA
PARECIS
DIAMANTINO
BROTAS
CUIABÁ
POCONÉ
CACERES
MATO-GROSSO
MUNDURUKÚS
APIAKÁS
PARINTINTINS
KARIPUNAS
CARITIANAS
ARIKÊMES
JARÚS
URUPÁS
URUMIS
MATANAUÊS
POPANÊS
KEPKIRIUATS
CORUMBIARAS
NAMBIKUÁRAS (Tagnanis)
NAMBIKUÁRAS (Anunzês)
NAMBIKUÁRAS (Kokozú)
NAMBIKUÁRAS (Uaintaçú)
NAMBIKUÁRAS
PARECIS
BARBADOS (Bôrôros)
KAIABIS
BAKAIRIS
S. Lahera des.
IMP. NACIONAL

III

Em 1912, o caminho de ferro que liga a margem esquerda do Paraguai ao littoral do Atlantico não estava ainda terminado.

Atravessadas as terras de S. Paulo, onde a sua construcção fôra estorvada pelas violencias dos Caing-gangs bravios, chegava ao territorio de Mato-Grosso; mas o transporte do meu material seria mui precario por esse caminho incompleto.

Á segurança de tudo quanto tinha de levar até a Serra do Norte, sacrifiquei o desejo de apreciar, pessoalmente, os fructos da campanha paci-

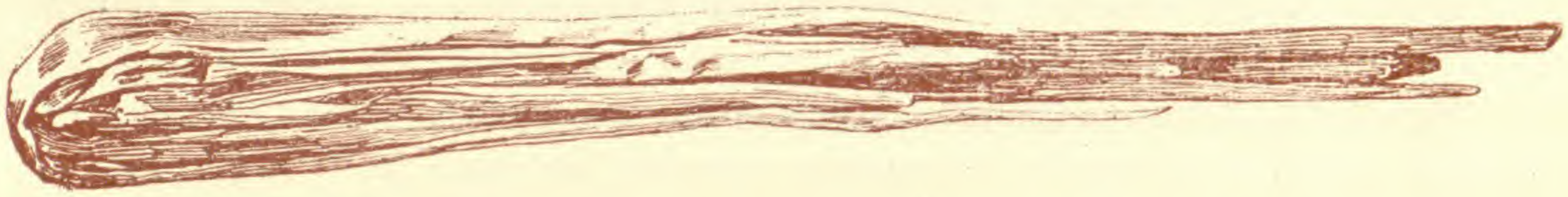


Fig. 15 — Bastões ignigenos protegidos contra a chuva — Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 1937)

ficadora daquelles selvagens, levada a termo pelo « Serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes ».

Nos resultados desta hamanitaria tarefa illudiu-se a espectativa dos melhores conhecedores daquella zona paulista; e si o serviço não conseguiu, ao que se sabe, preencher a segunda parte do seu destino dichótomo, talvez a mais importante do ponto de vista estrictamente nacional, ao menos da primeira se póde dizer que foi brilhante.

Extrangeiros em sua propria terra, continuam os trabalhadores ruraes do interior do Brasil a viver nas condições desgraçadas de uma disfarçada servidão. Falhou a primeira tentativa séria de os amparar; a idéa, o que é peor, ficou dest'arte compromettida.

O programma, tão excellentemente defendido, dispunha que a protecção aos indios seria o primeiro passo; o segundo, a localização dos sertanejos. Á luz dos resultados obtidos póde-se razoavelmente preconizar a inversão dos seus termos: *localizar os sertanejos, para proteger os indios.* Pois que, ao contrario dos vaticinios pessimistas, ficou provado que a localização dos trabalhadores é mais difficil do que a pacificação, tanto vale dizer protecção dos indigenas...

* * *

Posto de lado o caminho de ferro, foi preciso pagar ao rio da Prata o tributo secular de que se acham agora libertos os brasileiros.

Parti do Rio de Janeiro a 22 de julho.

* * *

Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos indios da Serra do Norte, fiquei surpreso.

Tudo aquillo, attestando uma cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originaes.

As primeiras informações indicavam indios de costumes e usos differentes de quantos haviam sido descriptos naquellas paragens.

Era gente extranha, envolta em mysteriosas lendas.

Trabalhei alguns mezes, em 1910, com Candido Rondon; a poesia daquellas terras remotas infiltrou-me o pensamento.

Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes.

Em 1911, quando Rondon foi, mais uma vez, para o reino encantado de cousas novas e recortado de asperas veredas, eu segui para a Europa...

A nossa vida é mesmo assim.

Crescemos, uns, qual arvore indivisa, levados pela força de um destino rectilinio, como as palmeiras crescem; outros, com a vida ramificada pelos empuxos ambientes. Pretendemos. Tentamos. Retrocedemos. Afinal, caminhamos na directriz primitivamente escolhida, quando o tempo nos concede alcançar; crescemos como as lianas.

Em 1912 realizei, portanto, um sonho de estudioso; não me propuz executar nenhuma exploração.

* * *

Antonio Pyrineus de Souza, natural de Goiaz, companheiro de Rondon desde suas primeiras conquistas das terras brutas de Mato-Grosso, sertanista como ninguem, seguia para Montevidéo a bordo do mesmo vapor que me conduzia.

O auxilio que me prestou esse camarada, forte e honesto, me obriga, para por minha gratidão na altura do seu devotamento, a consagrar-lhe, desde já, estas linhas do meu modesto livro de notas.

O « tenente Pyrineus » correu aquellas chapadas, aquelles serrados, aquellas grotas de Goiaz e Mato-Grosso ; seu nome, é raro o sertanejo cuiabano que o não saiba. Do Paraguai ao Araguaia o « tenente Pyrineus » frúe prestigio raro. Não ha tropeiro daquellas bandas que o não conheça e o não estime e o não respeite.

* * *

Manhã de julho, fria e nevoenta. Ao longe, emergiam das ondas mansas os tectos das primeiras casas de Montevidéo, plantadas na collina em que foi construida a porção central da cidade.

Baço, entorpecido pelo inverno platino, o Sol, de má vontade, esgueirava seus raios, pelas frestas intermitentes das nuvens.

Rajadas vinham do mar alto, carga de baionetas invisiveis, lanhando a pelle.

* * *

Filho do Brasil não se sente extrangeiro na vizinha patria gentil.

Ha, pelo menos, uma grande felicidade de que gozam todos os povos deste continente Sul-Americano: é que se entendem, mesmo falando cada qual o seu idioma.

Infelizmente, não somos ainda bem conhecidos uns dos outros.

Apezar da identidade dos destinos das republicas americanas, inexplicavelmente, ellas se isolam umas das outras.

Quem conhece, no Brasil, os scientistas argentinos ou chilenos?

Quem conhece, na Argentina, os scientistas brasileiros?

Que jornaes e livros brasileiros se acham á venda em Montevidéo ou Buenos-Aires?

No entanto, corre em Montevidéo ouro brasileiro, que aqui ninguem mais vê.

Fig. 16 — *Haitzü* Bastão ignigeno dos Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 1944)

Do « condor » chileno, de ouro quasi puro, mostraram-me um exemplar. Foi moeda infeliz, da qual raspavam um pouco de ouro seus possuidores successivos, de sorte que, em alguns dias, os bancos só a recebiam á peso. Já não circula mais. Perdeu-se por ser demasiadamente rica...

O pequeno Museu de Montevidéo, alojado em uma ala do Theatro Solis, fez-me pensar.

De certo que me interessei pelas suas collecções de zoologia, onde o professor Arechavaleta deixou traços imperecíveis; a sua série de peixes é valiosa.

Vi com prazer seu material ethnographico.

Mas, foi o salão em que se acham os objectos historicos da Republica Oriental do Uruguai, a parte desse pequeno Museu que eu percorri com emoção.

* * *

Existe algo de ingenuo e grandioso ao mesmo tempo, no orgulho nacional dos povos hispano-americanos.

Um general, que tomou parte numa guerrilha do tempo da indepencia, hoje, aos olhos dos posteros, é um heróe consagrado.

O menor feito d'armas daquella época tem, hoje, proporções inauditas.

Nota-se, por toda parte, tanto na Republica do Uruguai, quanto na Argentina, um calor de nacionalismo altamente benefico.

Para os povos, como para os individuos, a auto-suggestão do valor proprio é uma força immensa, visto que o homem decreta a propria ruina no dia em que desanima.

Um povo que rememora seus heróes cultiva energias necessarias a seu viver futuro.

Heróes, e o conceito precisa ser definido, por seguro, são todos aquelles que produzem uma idéa ou uma acção directora; heróes, pela concepção de Carlyle. Heróes philosophos, heróes poetas, e heróes guerreiros tambem...

Porque «heróe» não quer dizer valente; mesmo no conceito grecoromano quer dizer «divino».

* * *

Nos paizes da America do Sul a desnacionalização é um problema sério.

A immigração, factor de progresso e de riqueza, traz comsigo, todavia, o germen dessa perturbação politica.

A America do Norte teve a ventura de receber durante muito tempo colonos de élite. Eram homens de caracter nobre e altivo, que a procuravam para fugir a perseguições religiosas. Representavam o escól da população européa do seu tempo. Fugiam da patria para ter a liberdade de se entregar ás suas crenças. Huguenotes allemães, Puritanos inglezes, formaram o selecto nucleo immigratorio.

Mas as regiões da America do Sul não tiveram a mesma sorte.

Os contingentes portuguez, hespanhol, italiano, allemão, polaco, arabe, etc., da immigração sul-americana, não abandonaram a patria pelos mesmos motivos. . . salvo poucas excepções.

Huguenotes e Puritanos, ao deixarem a Europa, traziam já na mente o anhelo de uma patria nova, onde florescesse a liberdade.

Com a immigração norte-americana veio a semente de uma nação; semente boa, além de tudo, escolhida pela perseguição politica praticada na terra de origem.

Nós outros, ao contrario, recebemos immigrantes que não vêm satisfazer aqui, na America do Sul, nenhuma preoccupação moral.

Fazem lembrar garimpeiros. Chegam apressados e labutam com afinco, para saír do meio no mais breve tempo possivel.

Os outros, os da Norte-America, tambem vieram ao Novo-Mundo buscar uma vida melhor; mas quizeram explorar a jazida como verdadeiros mineiros, sem açodamentos, nutridos por grandes ideaes.

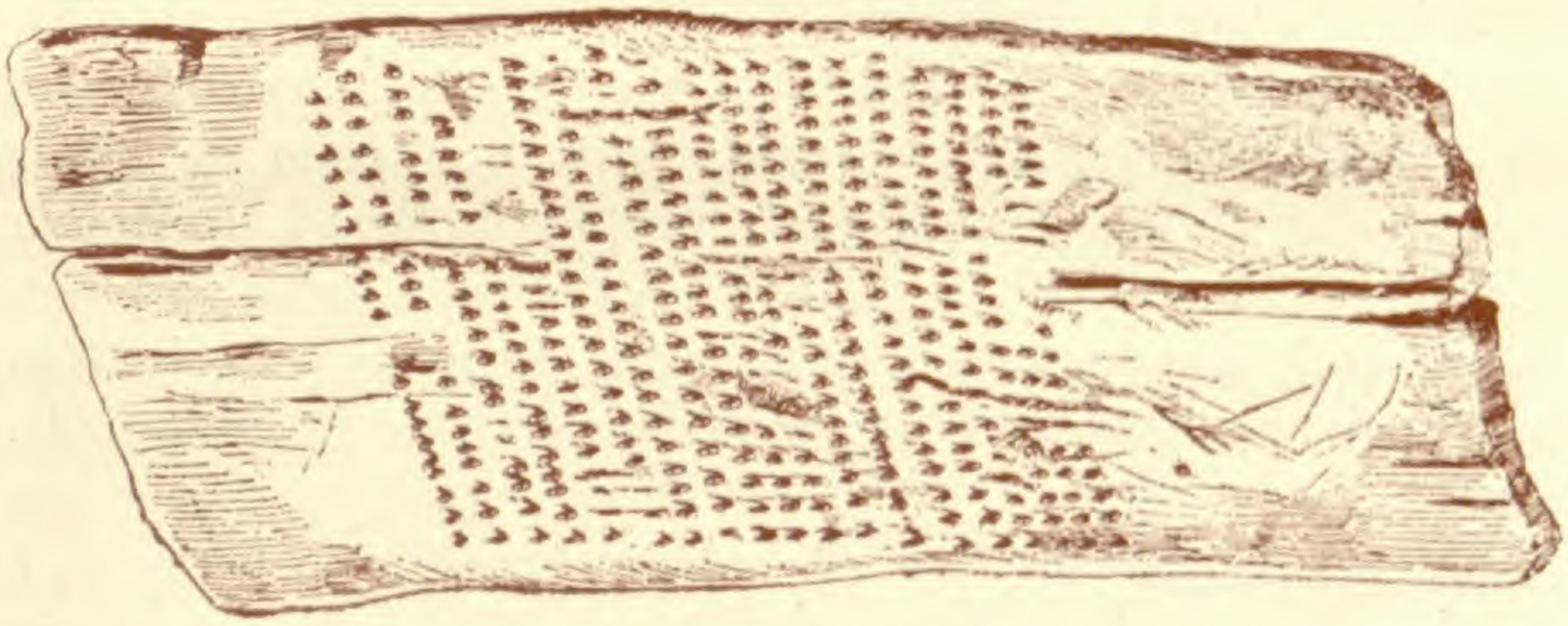


Fig. 17 — *Tomarú* — Ralo dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 13215)

Quando a America do Norte começou a receber levas de gente semelhante á que recebemos, em geral, já possuia uma feição nacional caracterizada; já era uma patria. E ninguem póde contestar que o material de que o nucleo daquella nação se formou era o melhor que a Europa produziu nos seculos XVII e XVIII.

O primeiro nucleo immigratorio que se levantou em 1618, no Massachussets, era de um bando de Puritanos abastados que fugiam á oppressão religiosa dominante na Inglaterra. Não vinham taes homens á cata de riqueza, senão a procura de liberdade.

O primeiro nucleo immigratorio que se levantou no Brasil, logo depois de 1500, não foi de Puritanos. . .

Foi gente que tambem veio em procura da liberdade. . . ameaçada pela justiça publica.

Tudo isso mostra que o problema da nacionalização, aqui, é ainda mais difficil

Nada se deve esquecer, do que possa concorrer á sua solução: despertar as boas tradições, e mantel-as vivazes no seio dos grupos heterogeneos e adventicios, procurar por todo meio ligar os filhos de todos, que forem nascendo no Brasil.

* * *

Perdôa-se de boa vontade, por isso tudo, a emphase com que se escuta falar de « los Treinta e Tres »...

Montevidéo é uma cidade meiga, socegada e agradavel; a vizinhança de Buenos-Aires entorpece naturalmente o seu progresso, que se ha de desenvolver a seu tempo, conforme temos o dever de desejar.

* * *

Ladario — é um velho vaporzito conhecido, e malsinado, por quantos tenham subido a Corumbá pela carreira fluvial mantida pela principal empreza de navegação brasileira.

Ladario foi construido em 1888. Deve ter feito uma figura brilhante no seu tempo, e supportado galhardamente o transito da época; hoje *Ladario* conduz na sua decrepitude o pavilhão do Brasil, do Rio da Prata a Mato-Grosso, humilhado, de momento a momento, pelos garbosos navios que as linhas de navegação argentina fazem disparar pelo rio afóra, como pequenos palacios encantados que as aguas arrastassem velozmente.

Ladario é brasileiro. A Constituição da Republica dispõe que a navegação de cabotagem seja feita por vapores brasileiros; portanto, *Ladario* é brasileiro. Mas, *Ladario* foi construido na Allemanha; gasta carvão da Inglaterra. Seu commandante é italiano, seu commissario é uruguaio; seus machinistas, são portuguezes; seus marinheiros, paraguaios.

São brasileiros seus passageiros: funccionarios e militares.

A bandeira brasileira que *Ladario*, ronceiro e pachorrento, não tira do seu mastro por força dos tratados para a navegação do rio Paraguai, não é aquella que a Republica adoptou. A bandeira do Brasil deve ter 21 estrellas inclusive as do Cruzeiro; a bandeira do *Ladario* tem umas trinta e tantas estrellinhas.

Uma de mais, uma de menos...

* * *

Todo o canal praticavel do Rio da Prata é balizado por uma serie de boias illuminativas.

De vez em quando, na margem, vê-se uma aldeiola, ou mesmo uma cidade; encontram-se navios que descem para Buenos-Aires e Montevidéo.

A ilha de Martin Garcia, que se pintava no horizonte avermelhado pelas aguas lamacentas, não podia ser passada sem evocações.

Rio da Prata, Paraná e Paraguai, como todos os grandes rios, são cheios de reminiscencias.

Dois terços da historia da humanidade desenrolou se á beira dos cursos d'agua. Um rio caracteriza uma região melhor que uma montanha.

Quem poderá ver o Tejo sem emoção? E não falando do Tibre, pode-se dizer que toda a historia da Europa, no seculo XVII, não poderia ser o que foi, sem a existencia do Rheno.

Ao longo do caminho fluvial que percorria, surgem as mais profundas suggestões historicas.

Passando *Martin Garcia* entra-se a sulcar as aguas do Paraná.

Sempre a mesma paysagem monotona e triste.

Villas e cidades argentinas, á noite, animam aquelle quadro, pelo reflexo de suas illuminações. Entre uma e outra, o campo, enorme e chato; borrões escuros separando « pueblos ».

O Paraná é tão largo que só se vê, por vezes, a mancha da povoação no quadro.

A 3 de outubro caminhava o *Ladario* nas aguas do Paraguai.

A final, avista-se um pouco de mata.

Já se interrompe, aqui e ali, a serena planicie.

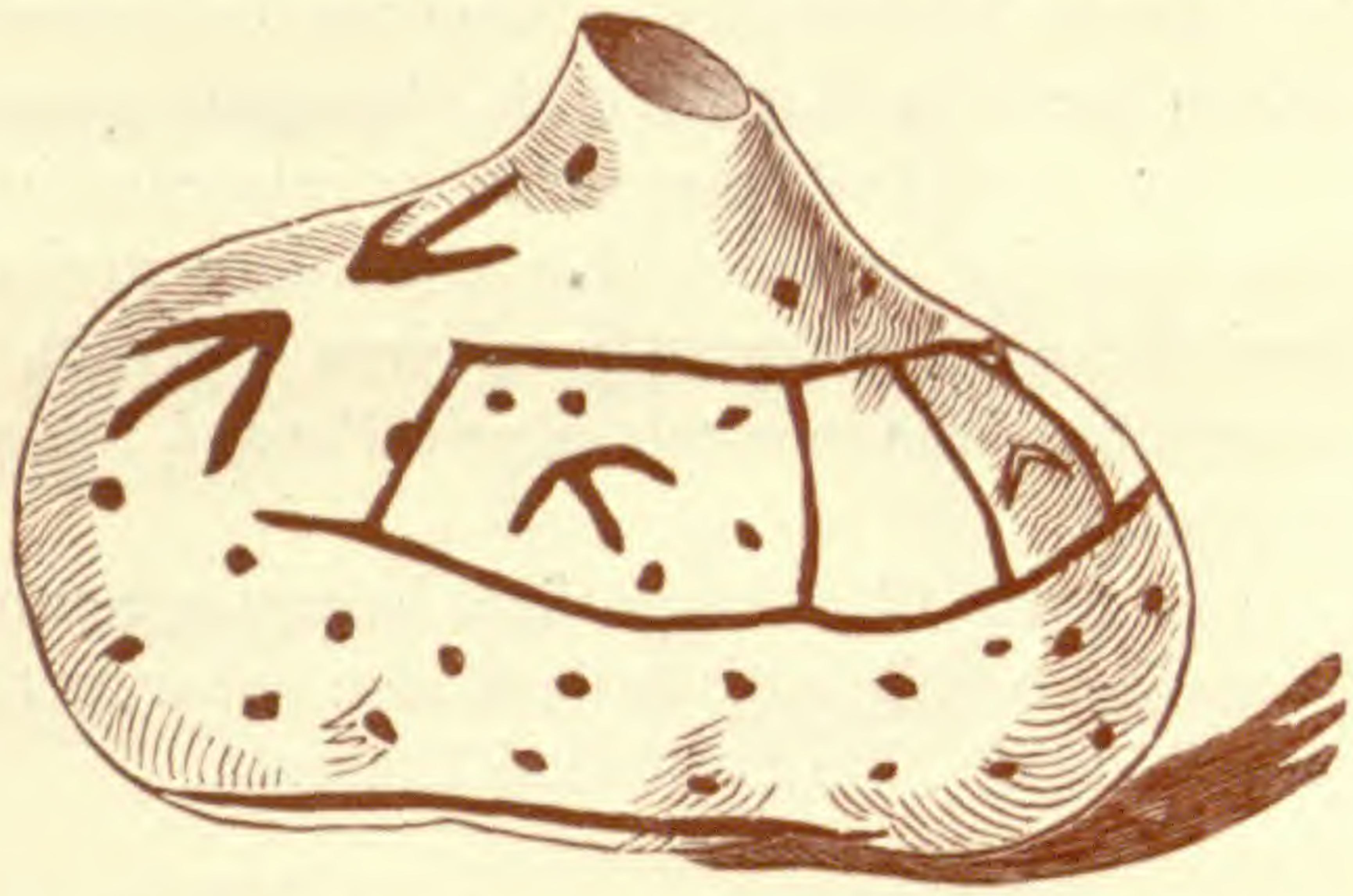


Fig. 18 — Cabaça pintada — Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12002)

As estipes do carandá alteiam-se numerosas por todo o percurso do Paraguai. Sobe como todas as palmeiras, roliças e indivisas; mas as folhas, bem na ponta dos caules, é que surgem. Não ha, como em tantas outras palmas, aquelle insensivel preparar para a formação da verde corôa com que se toucam. O caule do carandá, quando attinge os primeiros laivos do azul do ceu, explode em folhas.

É a carnaúba do Norte do Brasil.

* * *

Nas margens a vista ia se animando cada vez mais. Grandes figueiras pendiam mal-mortas, arrancadas pela ultima enxurrada, raizes expostas, como tentaculos de um polvo immovel, ressecadas pelo vento e pelo Sol;

salgueiros aborrecidos, lamurientos, pareciam chorar para dentro do rio. Muitas gramineas, ubás e bambús.

Junto aos casebres em ruinas, que pontilham as margens do Paraguai todo, favorecendo o rio com esse perfume humano de prazeres e dores que uma velha morada sempre exhala, amontoam-se grandes achas de lenho avermelhado escuro, de que se vêm carregados grandes barcos.

É a madeira do «Quebracho». Voejam sobre o rio e sobre os campos, biguás, biguás-tingas, caracarás.

E as formas hieraticas das solemnes cegonhas, e a brancura das garças, que parecem aves de algodão, transformam certos estirões do rio em paragens encantadas, magicos scenarios, onde Lohengrin poderia surgir... si não fossem os mosquitos.

A largura moderada do Paraguai permitte que a bordo se participe um pouco na vida das suas praias; vêm-se cabanas, e a gente se interessa pelos seus tristes habitadores.

Desde Montevidéo os vapores brasileiros só param em Humaitá, primeiro porto da Republica do Paraguai, quando se sobe o rio.

Em vez de favorecerem o intercambio do Brasil com sua visinha, funccionarios brasileiros e argentinos andaram escogitando meios de o prejudicar. Os vapores brasileiros tocavam, ha algum tempo, nos portos argentinos, que se escalam pelo Paraná ; os vapores argentinos subiam até Corumbá.

Já em 1912, os magnificos barcos argentinos ficavam em Assumpção; e os navios brasileiros seguiam, sem parar, nem mesmo para refazer algumas provisões, de Montevidéo até Humaitá.

* * *

Humaitá é um ponto que suscita no coração dos brasileiros uma onda de piedade pela pequena republica guaraní, que deveria hoje ser um dos mais interessantes paizes da Terra.

As ruinas da cathedral, tal qual ficaram depois de 1868, lá se encontram invadidas pelas arvores piedosas, que parecem desejar cobrir de sombra aquella ferida aberta pelo odio humano, e provocada pelo orgulho.

As avesinhas tecem seus ninhos nas paredes do templo despedaçado, restos de uma lucta talvez inevitavel, de que os vencedores deviam ter saído sinceramente mais tristes que envaidecidos.

No Museu Nacional do Rio de Janeiro existem duas columnas da cathedral de Humaitá, tropheus de victoria que um povo catholico recebeu das mãos de seus guerreiros...

As brechas de onde ellas saíram lá estão. O patrimonio nacional nada perderia, restituindo a seu lugar esses despojos de uma guerra que o Governo do Brasil declarou fazer pessoalmente ao dictador do Paraguai.

Ha, por toda a nossa historia, traços que só nos reconfortam sem nos entristecer. Deixemos dormitar os feitos dos nossos maiores que anniquilaram um povo pequeno e valente, filho legitimo da mesma terra da America.

* * *

A temperatura subia á medida que nos dirigiamos para latitudes mais septentrionaes.

Em Asuncion fazia calor torrido.

A cidade santa dos fieis soldados de Solano Lopez, que se deixavam matar nos mais terriveis encontros de 1865 com incrivel ousadia, porque acreditavam na propria resurreição em Asuncion, é construida numa curva do rio, ampla e bonita.

Morna cidade, toda envolta em tristeza e poesia, cheirando a mysterio.

A vida córre em Asuncion monotona e pacifica... emquanto uma revolução não a sacode.

Porque o flagello das ambições individuaes, de que soffrem todos os paizes da America do Sul, mais ou menos intensamente, encontrou no Paraguai um meio optimo ao seu desenvolvimento, graças ao ardor combativo de seus filhos, nos quaes o sangue guaraní nutre a alma fogosa da Hespanha, retemperada por novos attributos.

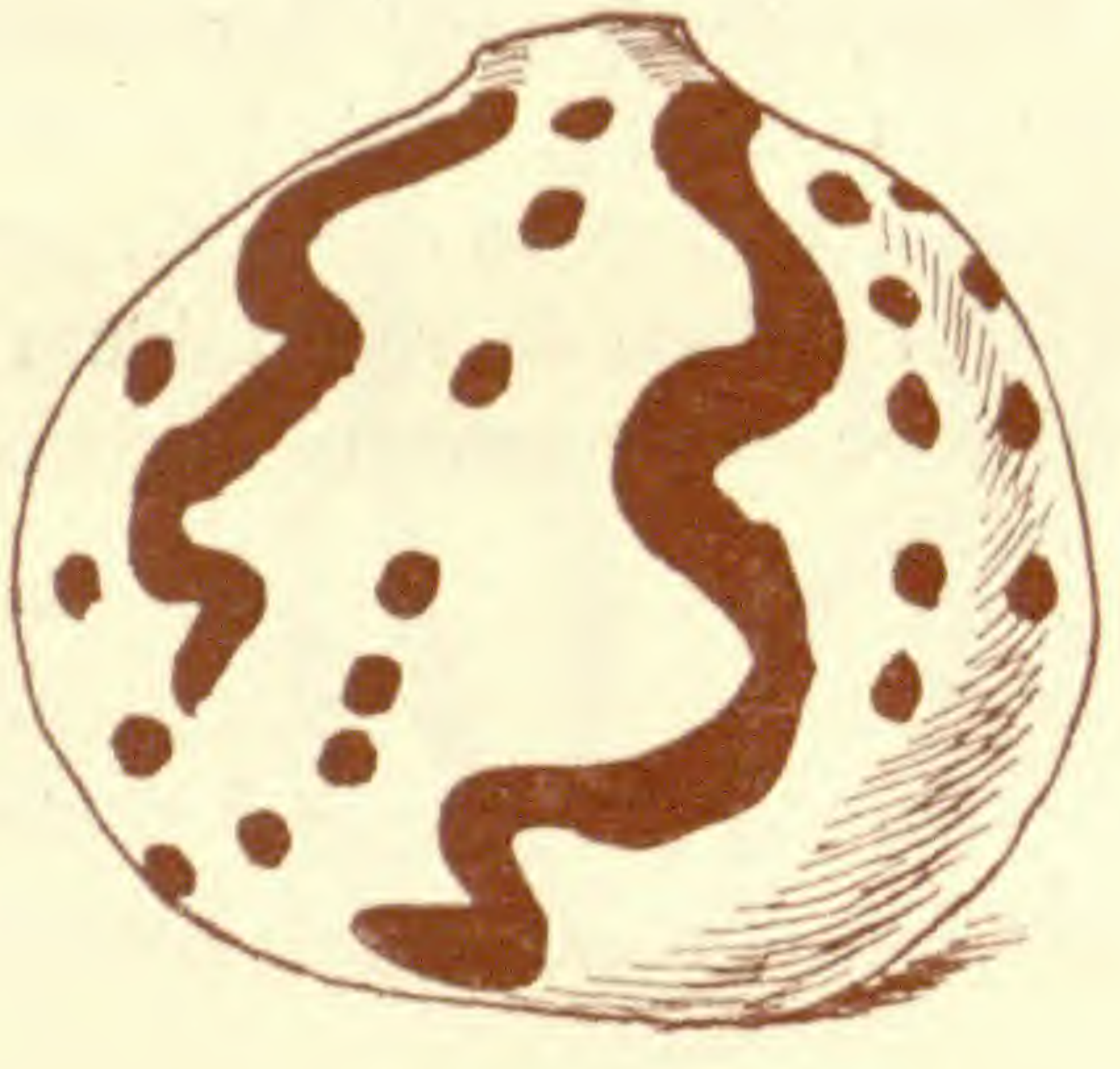


Fig. 19 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon. — Museu Nacional — 12024)

A politica pessoal, quer dizer, a politica que não é politica, aliás tal qual a conhecemos no Brasil, empolga todos, no Paraguai.

«Señoritas» paraguaias que viajavam a bordo sustentavam, contra as proprias irmãs, as qualidades dos chefes de partidos antagonicos.

Em todo caso, ha sinceridade nesse apoio pessoal prestado aos cabeças politicos. .

Não é por interesse immediato que as familias se sacrificam pelos decaidos...

* * *

Nas ruas, no mercado, no famoso mercado de Asuncion, tão pitoresco e tão desaceiado, predominam as mulheres. Poucos homens, na cidade, porque as guerras civis ceifam os rapazes deste paiz bello e desgraçado.

As paraguaias são robustas, avermelhadas, morenas, de face quadrangular, malares salientes, olhos grandes, negros, obliquos, longamente

ciliados, cabellos negro-carvão, labios carnudos, nariz grosso e relativamente pequeno.

Saúde e força.

Sempre sugando grossos charutos rusticos, falando com voz cantada idioma meio guaraní, meio hespanhol, mascatêam pelas ruas, no mercado, a bordo, grosseira ceramica e rendas maravilhosas, que parecem tecer em segredo com os mais delicados raios do Sol.

Nhandutí, a renda paraguáia, tem o valor de uma obra de arte pura. Exprime, ao mesmo tempo, a alma caprichosa e paciente daquellas mulheres e traduz todo o seu sonhar incontido.

Nella se adivinham ousadias e jactancias do humor castelhano, juntas a doçura sempre timida das virgens indias.

Ás vezes, na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de flócos de espuma branca; outras vezes, parece que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas.

Porque só o que é livremente concebido no seio da natureza, póde ser, ao mesmo tempo, simples e maravilhoso; só o que é feito assim consegue despertar a emoção esthetica por meio de tão modestos processos.

Um pedaço de renda é um trapo; no entanto, o *nhandutí* das paraguaias guarda nos seus motivos delicados a alma do seu paiz encantador.

* * *

« Guaniú-jaman » — é o nome dos anneis conjugados, « puzzle » bem conhecido, que Asuncion fabrica com ouro bom e muito carinho. (1)

* * *

Quem troca uma libra esterlina, por moeda paraguaia, recebe um bôlo de notas.

O *peso* é quasi imponderavel...

* * *

Em Asuncion a regra é dormir á sesta.

« Só os brasileiros e os cães andam na rua ao meio dia », diz o povo.

Ninguem supponha, no proloquio, um desejo de nos offender; houve, talvez, outr'óra.

(1) A respeito desse nome forneceu-me o Sr. professor Basilio de Magalhães a seguinte nota : «*Anel* — traduz-se para o abanhêe por — *cuã-iru*. Este vocabulo compõe-se dos termos *cuã*, « dedo », e *iru*, « companheiro », « o que anda junto com ». Para designar os *aneis conjugados*, — ao mais complexo dos quaes se dá no Paraguai a denominação hespanhola de *Siete ramales*, « sete ramaes » — addiciona-se á expressão *cuã-iru* o substantivo castelhano *ramale*, quer assim mesmo pronunciado, quer substituido o *l* por *r* dando as formas : *cuã-iru ramale* e *cuã-iru-ramare*. »

« Casa tua filha com o filho de teu vizinho », aconselha a experiencia popular; o Brasil, cada vez que manda um vaso de guerra ao Paraguai, casa um filho com uma filha do vizinho...

* * *

Paraguai, afinal, é nome que se não sabe com segurança de onde vem. Uns pensam que a designação deriva de nação india, que outr'óra habitava a margem oriental do rio; era a nação Paiaguá. Paraguai, rio dos Paiaguás.

Deve a verdade, todavia, estar com os outros, os que acceitam para o nome Paraguai a significação de: rio das palmeiras; Paraguá-corôa de palmas; I, U ou Y-agua ou rio.

Grandes bosques de palmeiras cobrem as margens do rio.

Os « carandasaes » naquella região tem a mesma valia caracteristica dos « pinheiraes » do Sul do Brasil.

* * *

Mas a flóra paraguaia é muito rica semelhante á do Brasil e mui interessante, quanto á nomenclatura guaraní das especies que o povo distingue.

Comparar a nomenclatura botanica e zoologica dos antigos conhecedores daquella lingua, os dedicados padres da Companhia de Jesus, com aquella hoje corrente na boca dos paraguaios, é conseguir dados para aprêciar algumas modificações soffridas pelo idioma aborigene durante tantos seculos de contacto com o castelhano.

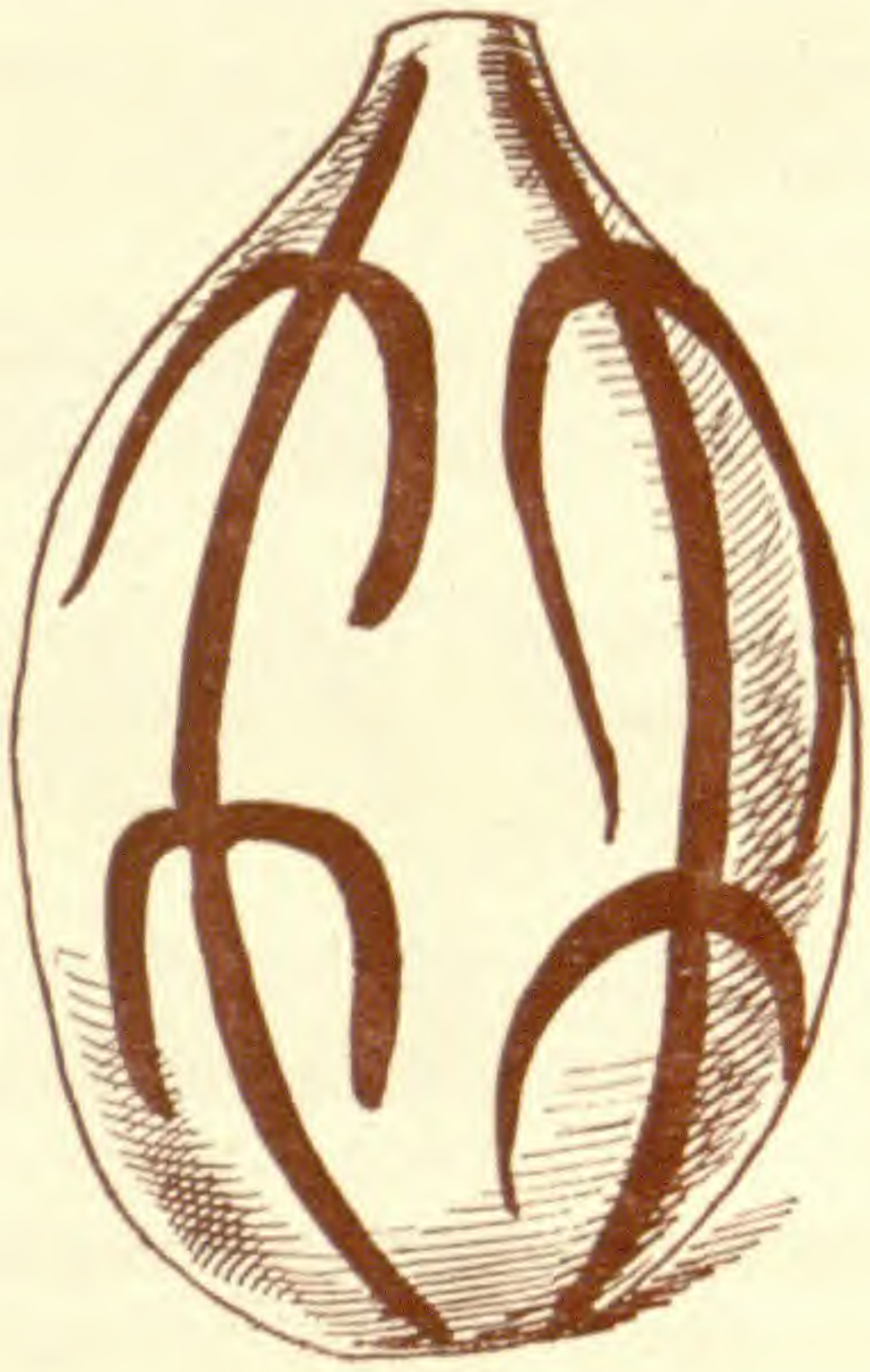


Fig. 20 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11996)

Quando duas linguas se encontram, num mesmo ponto, não se fundem inteiramente; nem domina, definitivamente, aquella que se acha mais identificada com o meio cosmico.

* * *

O quebracho e a herva-mate, *caá* dos guaranís, fornecem á republica duas grandes fontes de receita.

Na porção Oriental do Paraguai, calculam-se em 1.500 kilometros quadrados a area occupada pelos hervaes.

* * *

Durante a guerra de 1865 foram precioso recurso os grandes palmares; das nózes e dos palmitos nutriu-se, durante muito tempo, grande parte da população.

* * *

A fauna da pequena republica tem grande semelhança com a do Brasil. Valeria a pena citar aqui algumas especies só para mostrar a sobrevivencia das denominações guaranís.

Seria repetir cousas sabidas.

Urucureá, porém, não escapa á citação, porque desta coruja (*Nocturna cunicularia*) faziam os padres de antanho um remedio contra a embriaguez. Aos indios bebados davam aguardente misturada com o caldo desta ave triste.

Tambem não passa o «Bem-te-vi» sem uma nota.

Hoje o denominam *pitogüe*; nos tempos da conquista era chamado *pitaguá* (extrangeiro). Porque foi pelo seu canto, diziam os indios, que se tornou conhecida no paiz dos guaranís a chegada dos homens brancos de Hespanha.

* * *

Lendas e fabulas sobre a fauna paraguaia são numerosas.

No tempo desgraçado em que o paiz suffocava nas garras de José Gaspar de Francia, signal certo de fuzilamento proximo, conforme acreditava o povo, era o esvoaçar de uma chavarria (Chajá), (*Chauna sp.*) por sobre a morada do dictador, ás horas do escurecer. Esta ave é a mesma *anhupóca* ou *anhúma*, de Mato-Grosso.

* * *

Os nomes de lugares, de plantas e de animaes, pelo Brasil a fóra, foram se originando de um grande numero de idiomas indigenas; falta-lhes por isso uniformidade. No Paraguai, o guaraní dominou quasi exclusivamente. Não é porém só por causa deste dominio que a terminologia popular resultou homogenea; o Paraguai recebeu poucos negros.

Os que lá foram introduzidos formaram as povoações de Tabapi, Emboscada e Areguá; e desde 1843 começaram a ser libertados por uma lei de « ventre livre » promulgada por Carlos Lopez, onde se dizia que os filhos das escravas seriam chamados «Libertos de la Republica del Paraguai.» E, a 2 de outubro de 1869, para sempre foi extincta a escravidão. Os negros introduzidos eram destinados aos serviços domesticos; nunca tiveram papel de relevo na economia nacional. Mesmo porque a mineração, industria

avida de gente escrava, no tempo antigo, penosa occupação, cheia de trabalhos, nunca foi no Paraguai ponto de concentração de actividades extremadas. Quando muito, citam-se, nesse particular, os «barreros» de sal gemma, jazidas de Lameré Luque, Ipané, bastante exploradas antes da guerra.

Em 1853, no arsenal de Asuncion, foram fundidos alguns canhões com ferro das jazidas de Quiquió, San Miguel, Caapucú.

Foi no mesmo arsenal que se fundiram sinos de algumas igrejas para fazer canhões usados na guerra contra a Triplice Alliança.

« El Cristiano » e « el Niño » eram duas dessas peças famosas naquelle tempo.

* * *

No estado ainda um tanto amorpho em que se encontra a população do Paraguai, impõe, todavia, uma questão altamente interessante á curiosidade dos ethnologos.

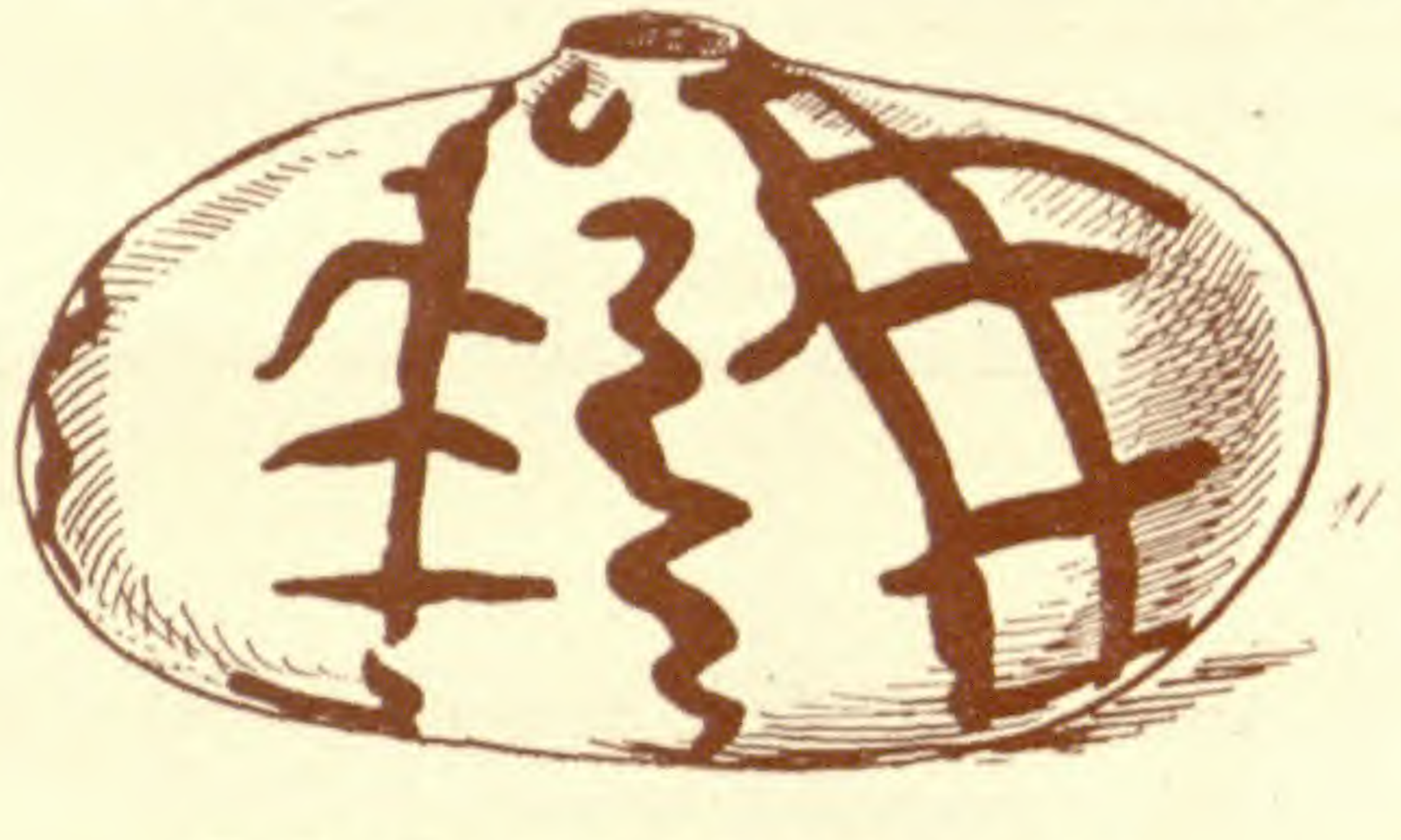


Fig. 21 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 1909)

No Brasil, o indio, na concurrencia, tem sido summariamente liquidado; não contribuiu senão atravez de seus descendentes, caboclos sertanejos, para a ethnogenia do paiz. No Paraguai o elemento aborigene compoz a massa popular.

Durante a guerra a lingua guaraní era idioma officialmente usado no exercito. Ordens do dia, informações, tudo nella se redigia.

Mas a ethnographia indigena paraguaia distingue outros contingentes valiosos de lingua diversa.

Entre o Paraguai e o Paraná espalhavam-se outras grandes tribus.

Porque se fez o predominio exclusivo dos guaranís e de sua lingua ?

Vale á pena verificar as razões desse facto; recordal-as é contemplar a eclosão de uma nacionalidade. O Paraguai, a guerra contra a Triplice Alliança o demonstrou, era em 1865 habitado por um só povo; povo atrasado, si quizerem, porém perfeitamente nacionalizado. Tão nacionalizado que, para muita gente, era povo de fanáticos.

Em 1905 tambem os russos chamavam « fanaticos » os japonezes, que o patriotismo impellia nos campos da Mandchuria.

A guerra entre outras cousas, destruiu o espirito nacional que os dictadores infelizmente não souberam dirigir, e antes exploraram em proveito do seu egoismo.

* * *

O Paraguai é filho da Companhia de Jesus. O predominio guaraní foi consolidado pela propaganda dos padres; a lingua guaraní foi perpetuada pelo seu carinho. Não fossem elles, o idioma não estaria hoje tão falado como está.

* * *

A navegação do rio Paraguai, durante a vasante, é precaria e perigosa. Felizmente que, por ser muito tortuoso, a baixa de suas aguas se processa lentamente.

Acima de Asuncion começam a apparecer os « Chamacocos ».

Das ribas abruptas, cobertas de gramineas e palmeiras, avermelhadas de barro, partem pequeninas canôas chamacocas em que navegam, o torso nú e reluzente, musculos retesos, os indios daquella nação. Deixam as choças, á direita ou a esquerda do rio, e vêm gritar ao lado dos vapores:

— « Eh! Eh! Bolacha! Bolacha! »

São, quasi todos, vaqueiros das estancias paraguaias e argentinas.

* * *

Ao entardecer de 7 de agosto passou o *Ladario* pela foz do rio Apa, onde existe um posto aduaneiro do Brasil.

Entramos, pois, em aguas nossas, porquanto o rio fórma a divisa entre Brasil e Paraguai, expressa no tratado de 9 de janeiro de 1882, assignado, por nossa parte, pela Princeza Izabel, a Redemptora.

Ladario parou alguns instantes, para receber um guarda que o deveria acompanhar até Corumbá.

Duas cabanas e um mastro é o posto aduaneiro.

* * *

Ao longo do rio escalam-se os « saladeros », que são as nossas « charqueadas » rio-grandenses.

Detrictos da ingrata industria, lançados á mancheia para dentro do rio, infeccionam-lhe a agua, apezar das beneficas piranhas, cuja voracidade encontra pasto nos remansos, á beira dos quaes se erguem os matadouros.

Promove-se dest'arte o peoramento das condições hygienicas de todo aquelle valle, já por si infestado de paludismo.

Cada vez que o vaporzito encosta á barranca, para receber um volume ou deixar um passageiro, a partir de Asuncion, vê-se gente magra e abatida, pelle côr de óca amarella, ventre enorme, splenomegalico, scleroticas ictericas organismos trabalhados pela doença.

* * *

«Porto Murtinho» será, d'aqui a pouco, uma cidade gentil e buliçosa. É o escoadouro de uma grande região meridional de Mato-Grosso; acha-se quasi na fronteira. Desce d'ali todo o mate da Companhia Larangeira. Mate brasileiro, preparado e empacotado em Buenos-Aires. Mais um tributo que pagamos á gentil visinha...

* * *

No «Fecho dos Morros», picos-sentinellas do rio, que a natureza levantou nas duas margens do Paraguai, demora o Forte Coimbra, que lembra Ricardo Franco, o grande cosmographo portuguez do seculo XVIII.

Apoia-se na margem direita, dominando um «estirão» enorme, dependurado na aba da collina.

Tem um ar melancholico de castello antigo, com suas ameias e seus baluartes; o «forte» de Coimbra, foi um forte.

Sae de suas paredes antigas uma voz evocadora e possante, falando das luctas de outros seculos entre os competidores na conquista destas terras, contra os antigos senhores destas margens, contra a gente e contra o meio.

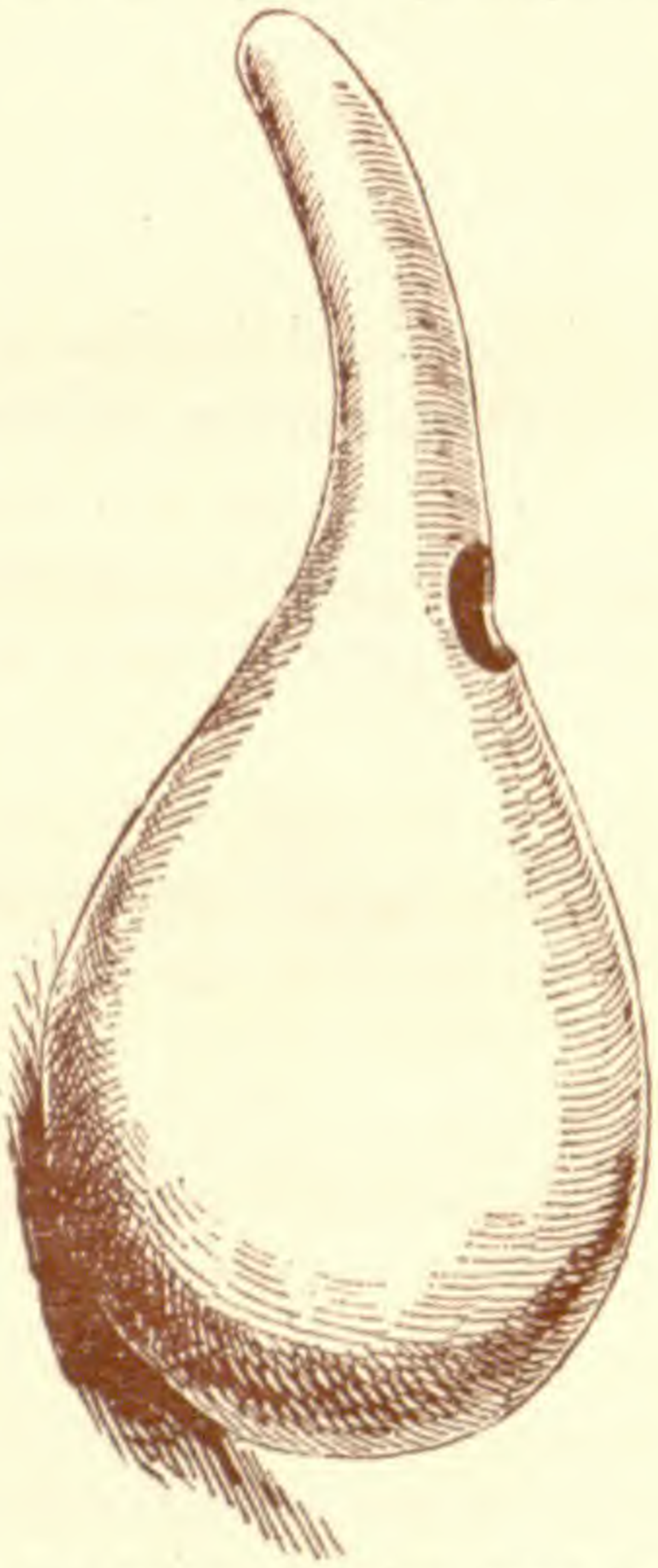


Fig. 22 — Cabaça com tabaco. Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 1920)

Dois ou tres canhões somnolentos, montados sobre rodas escandalosamente improprias á montanha em que vivem, olham o rio como quietos cães de guarda.

Em baixo, á direita, como si fosse a ponte levadiça do mesmo antigo castello, adianta-se pelo rio um caes de madeira; defronte delle uma casinha coberta de folhas de zinco, aberta para uma varanda pela qual se extorsem caules delgados e folhudos.

Depois de uma fila de palhoças capengas, a capoeira ressecada, envolvendo aquelle quadro num véo de tristeza e de angustia.

Todos os cerros parecem polvilhados de cinzas. E' uma paysagem petrificada, immota pela calmaria, sem vida manifesta.

Cactus e bromelias surgem, aqui e ali, da superficie calcarea daquelles morrotes.

No ceu, muito azul, muito limpido, repousa então o olhar cansado da tristeza do lugar, que só as chuvas vestem de folhas, reverdescendo as plantas.

Ha dois officiaes no «forte»: o commandante e seu ajudante.

O medico embarcou a bordo do vaporzinho que nos conduzia; passou a enfermaria militar do porto Coimbra ao... pharmaceutico.

* * *

Corumbá domina as planicies da margem esquerda do Paraguai.

Cidade velha, de costumes velhos.

No mesmo dia em que cheguei a Corumbá partia uma lancha para S. Luiz de Caceres, para onde me dirigia; era preciso, pois, transbordar sem demora todo o material que levava, do *Ladario* para o *Etruria*.

Perdido o *Etruria*, seria forçado esperar cerca de 15 dias por outro vapor. Surgiu uma difficuldade. O guarda da alfandega embarcado no *Ladario* não quiz permittir a retirada dos meus volumes marcados: «Museu Nacional».

«Museu Nacional»! Marca suspeita! O guarda não tinha a minima noção do que fosse um Museu. Quanto mais eu lh'o explicava, tanto mais elle descria.

Era meio-dia. O *Etruria* deveria partir á boca da noite; o guarda zeloso chamou a opinião de outros, e todos, na mais santa ingenuidade, resolveram a suspeição daquella minha tralhoada.

Em Corumbá, como no Paraguai, o somno da sésta é um habito geral; para ganhar 15 dias de viagem resolvi fazer perder ao inspector da severa aduana alguns minutos de somno.

Ruas abrazadas de sol, ermas e faiscantes.

Ia bater numa porta quando vejo vir andando, serena e fragil, uma velhinha magra, encanecida e morena, protegida por larga umbrella de cabo grosso, que os seus dedos mal sustinham.

Pedi-lhe que tivesse a bondade de me informar onde morava o inspector da alfandega.

«Conheço o inspector, mas não sei onde elle está assistindo... não sei dizer...»

E a velhinha foi andando pela rua erma e torrida.

Uma visão. «Onde elle está assistindo»; a velhinha falava a lingua da gente antiga do Brasil.

Falava a lingua dos poetas mineiros do tempo da Inconfidencia:

« Eu, Marillia, não sou nenhum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado.
Tenho proprio casal e nelle assisto...»

Naquelle simples verbo estava todo o perfume archaico dos tempos coloniaes. Tinha encontrado numa das mais centraes cidades da America do Sul uma expressão genuinamente portugueza, de que a immensa maioria dos brasileiros não usa mais.

Numa cidade littoranea, fóra as que se acham mui proximas de Portugal, seria hoje quasi escandaloso empregar *assistir* por *habitar* ou *morar*.

« A menina nasceu em fracas palhas » — « E' preciso guardar a boca » — « Ha mezes que lhe não vem o costume » — « O que lh'o hei de eu dar a comer? » — são expressões genuinamente portuguezas que tenho recolhido da boca de pessoas recem-chegadas; modos de dizer que o Brasil já não conhece.

Fig. 23 — *Etú*
Cigarros dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 2261)

Ha brasileiros mais ciosos de bem falar o portuguez que os proprios donos da lingua; como si a lingua brasileira não fosse um dialecto portuguez deturpado e accrescido.

« O nosso orgulho maximo, escreveu Euclydes da Cunha, devera consistir em que ao portuguez lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma lingua. »

Esse trabalho de emancipação, processa-se, todavia; a differenciação da lingua brasileira vai sendo accelerada por multiplos factores tendentes a perturbar o puro portuguez.

* * *

A gente de Corumbá espanta as trevas de suas noites com luz electrica; mata sua sêde com agua suja do rio. Goza do superfluo; não tem o indispensavel. O atrazo de sua hygiene enverniza-se com aquelle luxo.

Quão mais adiantado me pareceria Corumbá, si bebesse agua captada e canalizada das fontes do Urucú, ainda que se illuminasse modestamente a petroleo!

* * *

Arabes, sirios e turcos mascatêam por toda parte. Internam-se catando freguezes por todos os cantos.

Dos milheiros de « turcos » que o Brasil recebe annualmente não se tira talvez uma centena de productores. Não existem trabalhadores ruraes

turcos. Não ha todavia elemento extrangeiro mais diffundido por toda a superficie do paiz.

No coração de Mato-Grosso, na Amazonia, em Minas Geraes, na Capital da Republica, vivem grandes massas de mercadores « turcos ». Embora pelas condições do seu mister habitual sejam obrigados a entrar em relação com os brasileiros, vivem, de facto, perfeitamente segregados na sua raça, nas suas normas, no seu feitio. Ninguem sabe ao certo como se chamam; de onde são; que religião professam. Vivem lá entre si, ignorados na sua vida pelos brasileiros. Onde ha um mais rico, mais intelligente, ou mais instruido, grupam-se em torno delle; e, quando esse « leader » adquire certa influencia no paiz, começa a dirigir inteiramente o nucleo de compatriotas.

Seria injusto negar os serviços elementares que prestam esses mascates ás populações do interior. E' uma immigração que preenche quiçá, na hora actual, uma necessidade; não traz, porém, comsigo nenhum germen de progresso.

Gente ganhadora, tenaz, laboriosa mesmo; sordida, ignara, improductiva na industria, na arte e na sciencia, e mesmo no commercio, que pratíca de maneira rastejante.

* * *

A região dos arredores de Corumbá, defronte da cidade, é toda de origem alluvial; calcareos predominam na margem direita do rio.

A margem esquerda é baixa, pantanosa; tem o feitio de uma esponja atravessada pelo Paraguai.

As rochas eruptivas de que se vale a architectura, só existem á distancia de algumas leguas. Mesmo a areia para construcção vem de S. Luiz de Caceres, com tres dias de viagem, ao preço de 50$ a barcaça, ou da Lagoa Gahiva.

E' admiravel que, numa formação calcarea de tal sorte, se não conheça um numero maior de cavernas. Devem existir outras, além da Gruta do Inferno.

A speleologia brasileira, inaugurada por Alexandre Rodrigues Ferreira quanto reconheceu a « Gruta do Inferno » nas vizinhanças do Forte Coimbra, reserva ainda aos estudiosos segredos e surprezas maiores, talvez do que as desvendadas.

A « Gruta do Inferno » tem sido muito visitada. Curiosidade ociosa; até agora, ao que sei, ninguem ainda lá procedeu a excavações e pesquizas.

Pondo de parte as espeluncas do valle do rio das Velhas, de Maracá, de Iporanga, que outras têm sido revolvidas por gente capaz?

Quem já excavou conscienciosamente as cavernas do Alto Uruguai?

* * *

Consagro esta nota a uma observação puramente medica, realizada, infelizmente, de modo imperfeito. Não poderia affirmar si se tratava de uma fórma benigna de polynevrite alimentar, ou mesmo leve polynevrite beriberica; seja como fôr, observei durante a viagem, a bordo do *Ladario*, casos de dormencia prolongada dos artelhos em diversos passageiros.

Esta modificação da sensibilidade apparece principalmente nos grandes artelhos, que se tornam quasi insensiveis, embora conservem todos os movimentos. Localização semelhante a da *podagra*.

Fig. 23 — Indio da Serra do Norte com o *Enadjú*, capacete de couro de onça.

Nenhuma outra desordem objectiva ou subjectiva, a não ser a diminuição de alguns reflexos superficiaes.

Não me arrisco a conjecturas, sobre taes casos, todavia bem observados. Cito-os aqui para attrahir sobre o assumpto a attenção dos medicos que vivem por lá.

* * *

Partimos de Corumbá á meia-noite; noite de luar e de mosquitos.

O mosquiteiro de rêde é supplicio bemfazejo, naquelle calôr e á rêde cama supportavel naquelle meio.

Não valle fazer o mosquiteiro de gaze leve, crivosa; não ha que deixar espaço a entrada do inimigo; o mosquiteiro é de «algodãosinho», de malhas bem cerradas.

A temperatura dentro de tal sacco não é, evidentemente, agradavel; todavia, é supportada de bôa cara porque, sem a protecção daquelle panno, não se dorme.

Aliás este apparelho tem outra valia. Nos lugares onde vivem anophelinas, precisamente á noite as femeas inoculam o germen do paludismo e o mosquiteiro, portanto, é grande meio prophylatico.

* * *

O mosquiteiro de rêde, largamente usado no interior, tem a fórma geral de um fuzo. Suas extremidades terminam nos punhos da rêde; de sua parte média desce, como a vesicula umbellical de um peixe recemnascido, o seu bojo fechado ao nivel do chão por duas abas que se cruzam. Um cordel mantem o plano superior acima de quem dorme; e, algumas varetas, cortadas na occasião de o armar, distendem horizontalmente o panno.

* * *

Alem de Corumbá o Paraguai corre, tortuoso e risonho, entre campinas e bosques. Suas margens cobrem-se de florestas, quando não se apagam para dar lugar ás lagôas. De longe em longe o tufo de flores violaceas de uma piuva rompe o verdor sombrio da vegetação.

* * *

Piuva — é nome que os cuiabanos dão ao Ipé — (*Bignonia longiflora*), que anima os tons da mata durante sua floração.

* * *

A 10 de agosto passámos em Porto S. João, da fazenda Santa Cruz. A fazenda conta cerca de 10.000 cabeças de gado, ao que informam os vaqueiros. Uma das maiores.

No dia seguinte transpunhamos a povoação de Amolar; ao meio-dia o thermometro marcava 38° á sombra.

Ao longo da margem direita via-se uma cadeia de montanhas que se esfuminhava no horizonte. Não eram simples collinas sem importancia.

Pelas cartas usuaes não foi possivel identifical-a. Ai! de quem se deixar levar pelas cartas actuaes!

* * *

Antes da lagôa Gahiva, a navegação do Paraguai é difficultosa, pela angustia da sua largura. Além disso, durante as cheias, destacam-se das barrancas numerosas ilhotas verdejantes, que perturbam profundamente a topographia do alveo; os melhores pilotos se embaraçam, muitas vezes, para decidir onde passa o canal navegavel por entre esses *camalotes,* verdadeiros *mururés* do Paraguai, resultantes da erosão processada por suas aguas.

Urticaceas, leguminosas, grammineas dominam nesse trecho.

A *volta do Caracarasinho* foi percorrida em 26 minutos. Mas, durante esse tempo, não fizemos mais de uns 20 metros de caminho util.

* * *

Enquanto o vapor sóbe a corrente vão passando, como no panno de fundo de um scenario de magica, arvores folhudas, onde confiantes, livres e ageis, casaes de macacos (*Cebus* e *Ateles sp.*), actores da farça, exhibem inconscientemente o seu papel.

A onça gosta daquelles campos em que a preza é facil.

* * *

Uma tarde, a luz se diluia nas primeiras sombras, enquanto as cigarras cantavam.

O Paraguai era um cadarço azul que a helice esgarçava em flócos de espuma branca.

Ruidos da mata, imprecisos, ousados ou timidos; ruidos certos do motor, compassados e monotonos.

Subito, um fragor de galhos que se partiam, folhas seccas crepitantes, um grande grito de animal ferido.

Toda a gente de bordo correu para o mesmo lado do *Etruria*; e a onça, mal divisada, sumiu-se pela ramaria a dentro. Rapida scena caracteristica daquelle ambiente que os rumores de um motor, filho da mais apurada cultura scientifica, e o rugir das onças dominavam repartidamente.

* * *

Os indios Guatós caçam, com afinco, os grandes gatos, cujo couro vendem por bom preço aos viajantes.

Um couro de onça vale mais de 100$; e, quando passam as lanchas, os caçadores offerecem os productos de sua industria predilecta.

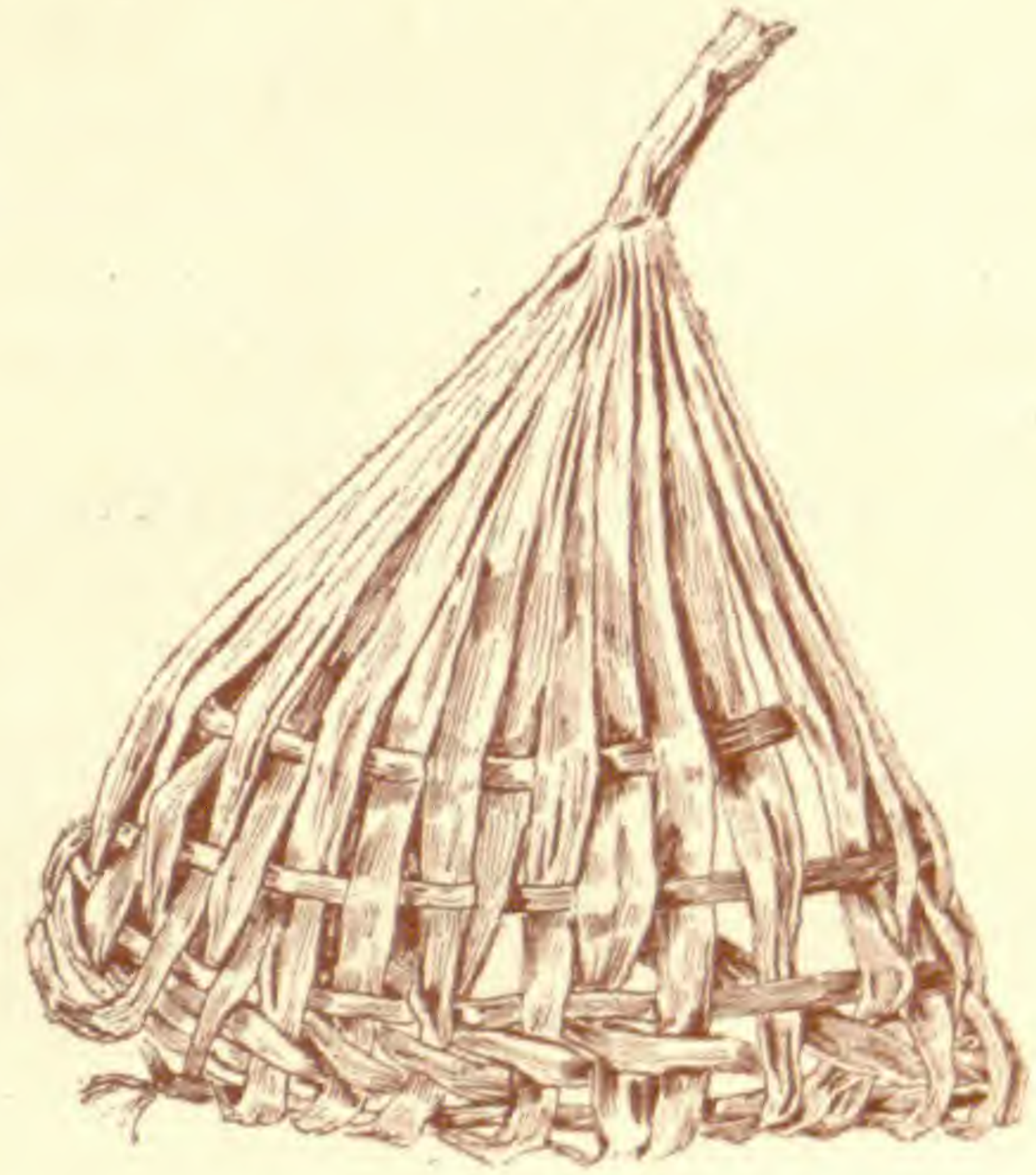


Fig. 24 — Imitação de um chapéo de palha, feita por um indio do Juruena.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 13212).

* * *

Assim que o dia começa, apparecem nos banhados, por onde a vista se derrama, entre as florestas, nos grandes campos ribeirinhos, manadas de veados que brincam, de orelha sempre alerta, em cambalhotas nervosas.

As tahans, *anhúmas* (em Mato-Grosso), são sempre os mesmos esposos, ternos amantes, modelo de bem casados. Distendem o vôo pesado, elevando a custo a corpulencia, e vão pousar além, sempre juntos, repetindo no percurso o seu duetto de amor, em que elle a chama: *Tahán!*

E ella responde: *Tahin!*

* * *

Entrámos, a 12 de agosto, na zona habitada pelos indios Guatós, visitados recentemente pelo Dr. Max Schmidt, do Museu de Berlim.

A ribanceira, aqui e ali, apresenta-se desnudada, limpa pela frequencia do pé humano. Domina, no lugar, a ramaria de uma figueira : é um *porto de guató.*

Arvores cahidas com o desbarrancamento da ultima enxurrada, preparam-se para partir, ao arbitrio da corrente, ao Deus dará das aguas, rio abaixo; as folhas soltam-se uma a uma, como si fossem lagrimas da planta, chorando a despedida da terra.

* * *

As margens, pouco além da ribanceira, pontilham-se de manchas escuras: são os ranchos dos Guatós, valentes canoeiros que têm, na historia do Brasil, um lugar bem merecido.

* * *

Joaquim é um Guató cégo, que vive sentado debaixo de uma figueira, ao lado da cabana, rolando na direcção do rio, seus olhos extinctos.

Vive ali, naquelle *aterrado*, ponto firme no meio do pantanal, só com a sua Guató, velha companheira corajosa de sua triste escuridão, que o alimenta e o proteje.

Ella colhe, naquella terra, os fructos que cultiva para manter seu lar.

* * *

Perdido num recanto agreste, rodeado de féras e perigos, esse drama de amor e de piedade se desenrola ha alguns annos.

E' um poema de bondade, que a natureza feminina canta, no amago da mata, com todo o encanto da belleza primitiva e toda a santa poesia de uma dedicação sem esperança...

* * *

A' noitinha a agua do rio toma nuanças violetas e verdoengas.

Bugios cinzentos e pelludos, com bugias negras, (*Cebus*) aconchegam-se nas ramarias.

E como o rio não é largo, quem passa goza dos minimos detalhes da vida intima daquelles casaes de macacos, que se preparam para dormir.

Veadinhos assustados cabritêam pelos pantanaes, procurando moitas onde passar a noite.

* * *

A meio caminho de Corumbá-Caceres acha-se Porto Descalvado, onde existem usinas da Companhia Cibilis que prepara extracto de carne.

Possue grandes manadas, em campos que vão dos pantanos de Mato-Grosso á fronteira da Bolivia.

O gado da Cibilis é arisco; segundo dizem os vaqueiros de Porto Descalvado, é abatido a tiro de espingarda. Aliás, é por um processo semelhante, que se resolvem as questões, nas regiões fronteiriças:

— *A lei aqui é o artigo 44, paragrapho 32.*

O artigo 44 é o calibre da clavina Winchester; paragrapho 32 — corresponde ao cano das pistolas de repetição...

* * *

Dos bandidos da fronteira soffre muito a companhia; de vizinhos, fazendeiros do Jaurú, não soffre menos.

Genesio, um dos nossos tropeiros, fôra vaqueiro no Jaurú. Contava que seu patrão dizia habitualmente, mandando arrebanhar gado alheio para seu campo:

> — «Quem achar boi gordo póde tocar p'ra cá, que é meu; *ferro* que eu respeito é só a magreza...»

* * *

Ás onças pagam as manadas um pesado imposto de carne viva.

Da mesma empreza roubam tambem os caçadores de garças, que devastam os rios e as lagôas. Um kilo de plumas vale, em Corumbá, mais de 1:000$; e cada garça fornece apenas algumas grammas.

Fi. 25 — Collar feito com as sementes de uma sapotacea — Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 2248)

* * *

Mulher que quasi chora vendo, presa num viveiro, uma ave bem tratada, adorna, calma e feliz, a sua belleza com o soffrimento e a vida de uma porção de garças.

Si vissem voando pelo ar azul aquelles flocos brancos, quantas vaidosas teriam remorso de suas *aigrettes*? Quantas não presarão ainda mais o adorno, só porque custa a vida feliz das garças brancas?

* * *

A « peste de cadeiras » — trypanosomiase fatal aos equinos, em 1911, matou 600 cavallos da Cibilis. Em Porto S. João fez, ainda mais.

* * *

« A onça, contam os vaqueiros, não ataca homem barbado. Tambem não se atira á gente que dorme no mosquiteiro, porque não sabe de que lado está a cabeça!..

« Mais de um, dormindo no campo, tem sido visitado alta noite pela onça, cujos fios de bigode aspero chegaram a atravessar o panno do mosquiteiro... »

E, muito sinceramente, repetiam:

« A onça não bole com a gente debaixo do mosquiteiro. »

* * *

A 13 de agosto encalhou o *Etruria* nos baixios do *Passo Presidente.* Perdemos ahi o dia. Para safar a lancha, a manobra usual é lançar ferro á distancia de uns 20 metros e fazer girar o guincho, enrolando o cabo que a vai arrastando.

Enfileirados em alguns bancos de areia, ao longe, batalhões de guarás vermelhos como grandes gotas de sangue desbotado, assistiam ao rude trabalho da tripolação.

Passo Presidente merece o qualificativo; é o mais difficil da navegação do alto Paraguai, entre Corumbá e S. Luiz.

* * *

Em pé na prôa, automato como um boneco, com a cabeça metida num funil de feltro, que foi chapéo, calças arregaçadas ao joelho, numa orla grossa debruada pela côr amarellada das ceroulas, de onde pende um cadarço barrento, um caboclo espadaúdo vai sondando a profundidade do rio, nos passos que a vasante arruina.

Finca a vara e geme; e, attento, crava o olhar nas divisões da vara e grita:

— Seis! escasso!
— Sete! na marca!
— Oito! folgado!

Grita cantando, plangente, como si a vara fosse um violão, ou mesmo um *cotcho*; o Sol, fosse a Lua das *serenatas*, e elle estivesse, ali, a suspirar num descante.

No ar parado do meio-dia, quando o rio faísca e as cigarras estridulam nas ribanceiras, esvoaça, de vez em quando, a voz do caboclo da prôa, avisando ao piloto as oscillações do canal praticavel, cuja profundidade se exprime aos palmos:

— Nove! escasso!
— Oito! folgado!
— Seis! na marca!

O combustivel, a bordo, é lenha.

Porém, em vez de ser lenha de páo a tôa, é lenha de angico e de aroeira; é de «madeira de lei».

O milheiro de achas na barranca, no mato, é vendido a 40$; em Amolar vale 100$; em Corumbá, ainda mais.

A combustão dessa lenha produz tanto calor que, ás vezes, funde as grelhas das fornalhas, segundo informam entendidos.

* * *

Pela foz do Jaurú passámos á boca da noite. O Paraguai, nesse trecho, é matoso mais estreito, e mais fundo.

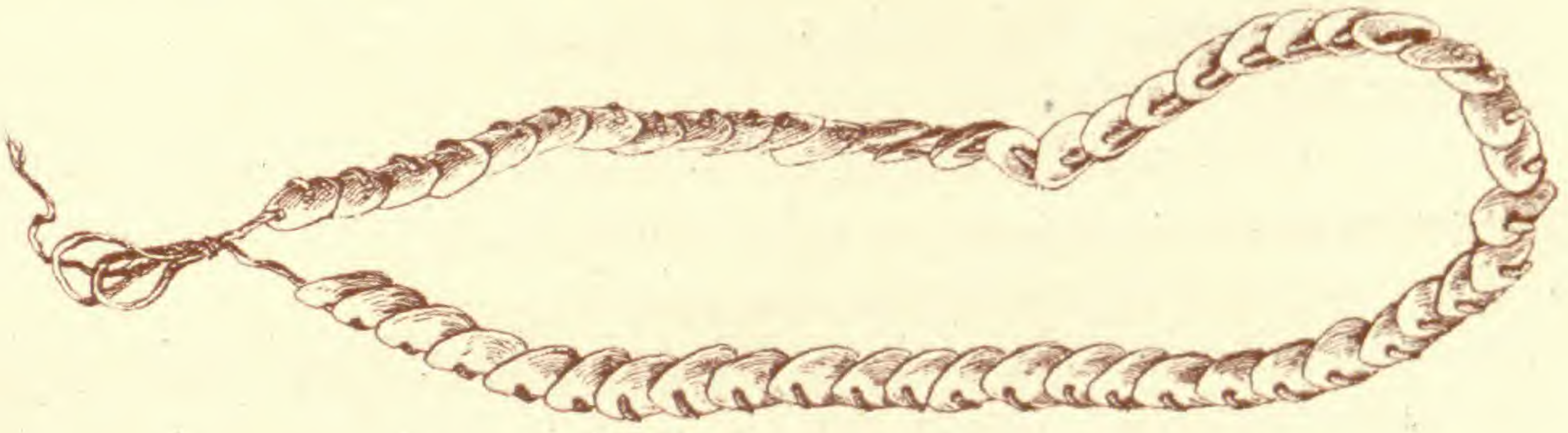


Fig. 26 — Collar de conchas. Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12785)

Copas de arvores folhudas e ramosas se debruçam sobre a corrente por effeito do heliotropismo, pois que o rio é um largo feixe de raios luminosos cortando a escuridão da floresta.

A' noite, de vez em quando, entrava por debaixo da tolda da lancha, como braços phantasticos, grandes galhos da margem proxima. Era, então, um fragor apavorante de cousas mil-partidas, como a descarga de metralhadoras imprevistas. O vapor oscillava, diminuia sensivelmente a marcha e desviava-se do rumo, detido por aquelles obstaculos que a escuridão escondera aos olhos pequeninos e argutos do piloto Salvador. Gritos de gente que dormia, dependurada nas rêdes fustigadas pelas varas do mato; gritos dos vigias, mando de ordens e manobras.

A lancha parava.

Alguns arranhões nos passageiros, fracturas em saliencias do barco ; o convez inundado de folhas e páos, mensageiros da floresta dando boas vindas aos intrusos.

* * *

S. Luiz de Caceres, como Corumbá, é construida sobre uma das margens do Paraguai ; a outra margem estende-se deserta, baixa e alagadiça.

Corumbá trepa pela margem direita acima ; S. Luiz espraia-se pelo planalto modesto da margem esquerda. A mata, a mata viçosa do Paraguai, interrompe-se nas cercanias de Caceres. Quando muito, capoeiras e serradões. A cidade e seus arredores foram erguidos em uma mancha calcareo-silicosa no lençol argiloso, humido, alluvial de toda a região.

Nua, sem a protecção das arvores, soffre no verão os rigores do Sol ; a poeira fina, subtil, levanta-se em nuvens, ao menor transito, e invade as vias respiratorias.

* * *

Quando chove surge o tijuco, pastoso, exhuberante, tomando as ruas, aliás bem traçadas, alinhadas em taboleiro.

* * *

Houve ha tempos, em S. Luiz, uma *rua das cabeças.*

Porque *rua das cabeças?*

Não ha, perto, nenhum massiço de rocha eruptiva de onde se possa retirar pedra para construcção ou calçamento. Ensaiaram a pavimentação com *pedra canga*, a *tapanhocanga* dos mineiros.

Mas esse minerio de ferro é fragil demais para tal applicação, embora sirva para construcção; existe em S. Luiz o esqueleto de uma igreja onde largas manchas chocolate denunciam placas de *pedra canga.*

Pois, á mingua de melhor material, lembrou-se alguem de recamar a rua, na frente de sua casa, para poder transitar durante a estação das chuvas, com o craneo dos bovinos, que a cidade ia devorando. Outros seguiram seu exemplo.

Surgiu a rua das cabeças, calçada de craneos.

* * *

Agua de Caceres é a do Paraguai, ou a dos algibes abertos na vizinhança das fossas, condição de insalubridade garantida.

* * *

S. Luiz vive exportando poáia e borracha, criando algum boi nos pastos do pantanal, que o tempo das chuvas eriça de gramminеas e cyperaceas. Na secca, a criação passa fome; fóra do pantanal não ha pastagens.

Exporta muita borracha, principalmente depois que a commissão Rondon quebrou o encanto das paragens onde mais vegeta a seringueira.

Outr'óra S. Luiz de Caceres foi Villa Maria, em homenagem á triste rainha. Vivia do ouro de seus garimpos. Tem hoje a cidade duas casas de sobrado; as outras, são rez-do-chão, cobertas de telha vã, ventiladas, como convem ao clima.

* * *

A enfermaria militar de Caceres regorgitava de doentes atacados pela *ferida brava*. A' distincta amabilidade do Dr. Jesuino Maciel, devo ter podido examinar muitos casos.

* * *

Ferida brava não é ferida; é ulcera. Todos os doentes vem do sertão bruto; é mal das regiões da vertente amazonica.

As vezes começa como um furunculo; outras vezes enxerta-se numa verdadeira ferida, escoriação aberta pelos espinhos da mata, ou numa picada de mosquito ou carrapato. Depois cresce; quasi indolor, torpida, vermelha, sangrando pouco, redonda, limitada por uma borda espessa, orla saliente e secca, mereja liquido, ora sanioso, ora claro, lymphatico, inodoro. Pouco púz. Mais frequentemente localizam-se as ulceras nos membros e na cabeça. O tronco é quasi poupado. Observei alguns casos em que se assestavam na região dorso-lombar. Algumas vezes, na raiz nasal.

Fig. 27 — *Dodezê* — Collar com rostros de coleopteros. — Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 13046)

Entre muitos casos que examinei, cerca de 100, não vi uma só localização mucosa, na boca ou no nariz.

Em certos individuos a ulcera fica solitaria durante muito tempo; depois surgem outras, proximas ou afastadas da primeira. O doente que mais tinha apresentava *17 feridas bravas*, espalhadas pelo corpo.

Quando são cauterizadas tomam aspecto differente: rodeiam-se de uma orla mais grossa, dura, espessa, exhuberante. Costumavam os trabalhadores queimal-as com a solução de sulfato de cobre usada nas pilhas electricas do telegrapho.

A ferida brava leva tempo enorme a sarar. Mezes e mezes, a fio, ficam cravadas na pelle, como pequenas cratéras de vulcão, sem atar nem desatar, atormentando os miseros doentes.

Na região em que se acham não se nota reacção inflammatoria.

A maior *ferida brava*, que tive occasião de ver, media cerca de seis centimetros de diametro.

* * *

Procurei com muito interesse verificar a existencia da *ferida brava* entre os indios. Ella não os ataca. Não vi um só Parecí ou Nambikuára attingido pelo mal; nem soube de algum que fosse atacado. A doença deixa sempre uma grande cicatriz rugosa e indelevel, arredondada, que não passaria despercebida no corpo de um indio.

* * *

Depois que começaram a vir do acampamento tropeiros e trabalhadores atacados, os quaes fazem estadio em Tapirapuan, no alto Sipotuba, um tropeiro que nunca havia attingido a bacia do Juruena foi infectado. Teve uma ulcera na raiz nazal.

A ferida brava deve ser transmissivel. No entanto, o contagio é bem precario, pois que uma verdadeira multidão de infectados existia em Caceres e Tapirapuan sem que o mal se propagasse.

* * *

Sobre a *ferida brava* João Cavalcante, fazendeiro no Sipotuba, em Porto dos Bugres, deu-me interessante informação, que não devo deixar da transcrever.

Havia alguns annos, *indo tirar seringa*, nas cabeceiras do Papagaio, affluente do Juruena, voltara com uma das taes *feridas* no dorso do pé esquerdo.

Depois de muito tempo, cansado de drogas e mésinhas, resolveu pulverisar, na cavidade da ulcera, um pouco de tartaro emético.

E' sabido a importancia que o tartaro tem, no sertão, na therapeutica de todos os males; sobrevivencia de uma antiga opinião medica, no sertão, o emético é panacéa.

Cavalcante soffreu dôres horriveis; mas sarou depressa.

Quando parti para Mato-Grosso, já se tinha ensaiado, com o melhor successo, o tratamento das ulceras leishmaniosicas de Baurú pelas injecções endo-venosas do mesmo sal.

* * *

Apressei a partida de Caceres. Na plancha *Esperança*, que os bons officios do tenente Boanerges e do Sr. Leopoldo Ambrosio conseguiram por á nossa disposição, fizemos embarcar o material.

Seguimos por terra, para chegar mais depressa á Tapirapuan, onde Rondon nos marcára um encontro.

* * *

A plancha é barco proprio áquella região.

A frente é chanfrada, larga, sem roda de prôa. Na pôpa, depois do leme, um fogão de ferro sobre uma caixa de terra. O leme perfura a embarcação, á maneira do uso egypcio.

Toda a porção mediana é coberta por um toldo de taboas, de tecto chato, aberto para os lados por quatro janellas amplas, por onde entra a carga.

Dentro, um forte cheiro nauseante; em cima do tecto entre outras cousas, mantas de carne secca, *carne de vento*, especie de xarque para ser usado na viagem.

Os bordos da plancha são largos e salientes; formam o *pisa-pé*.

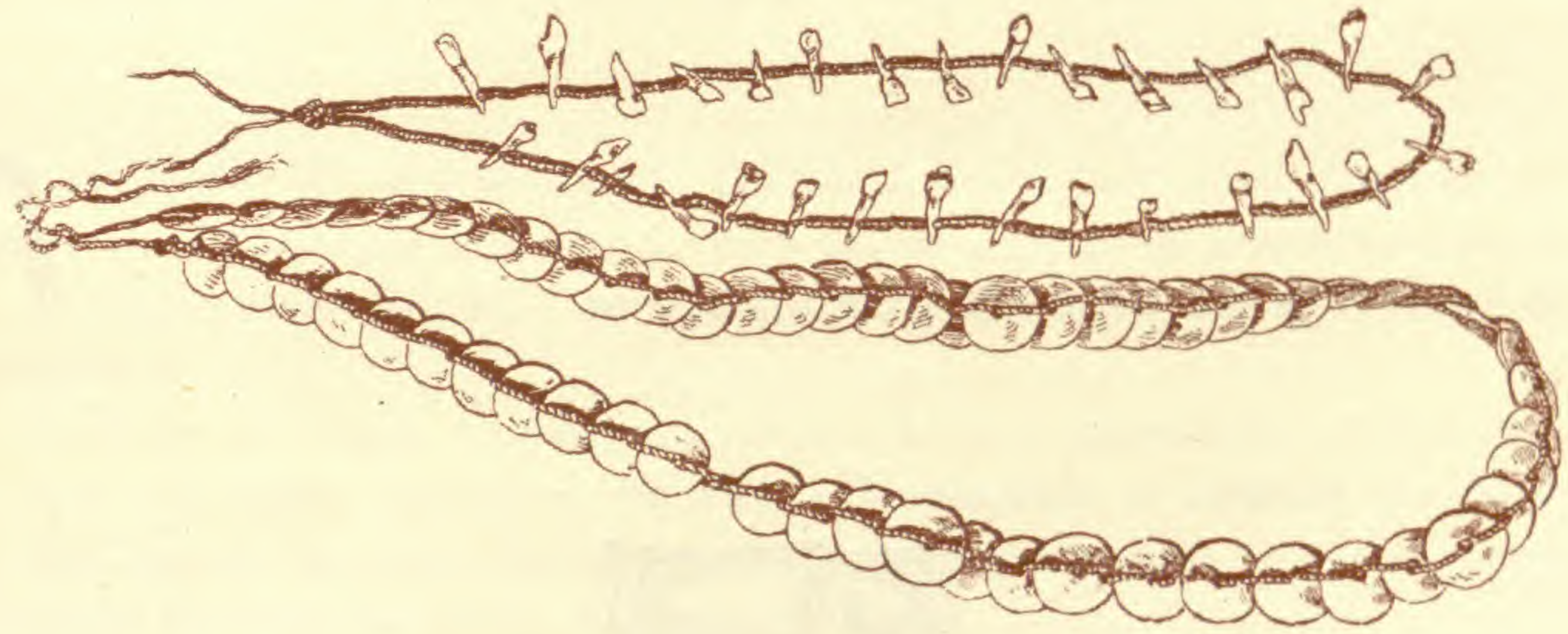


Fig. 28 — Collar de discos de nacar (2269) — e de dentes de macaco — (12841) — Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional)

A zinga tem quasi seis metros de comprimento (5,70); termina em cone numa ponta e, na outra, termina em gancho.

* * *

Para descer o rio a plancha dispensa esforço, um *plancheiro* bom, com a mão no leme, foge dos baixios e das pedras, deixa o barco escorregar pela agua abaixo, enquanto os zingadores dormitam.

Para subir varejam os zingadores. Quatro de cada bordo, aos pares, enterram n'agua a ponta da vara, fisgam o fundo, e vão marchando de prôa á pôpa, compassadamente, fazendo resoar o pisa-pé, gritando de vez em quando:

— *Eta, madeira! Tchá!*

Nos segmentos do rio em que o fundo não póde ser attingido pela zinga, encostam a plancha a uma das margens, e vão alando a embarcação, prendendo nos ramos o gancho da vara.

De longe, ouvem-se os ruidos da subida de uma plancha; um, claro, longo, choque das varas contra os bordos; seguido de outros, curtos e soturnos, que são ruidos do pisa-pé.

* * *

A noite embica-se a plancha para a ribanceira, no pouso escolhido. Distendem-se as rêdes.

E as grandes arvores do lugar, alluidas pelas enxurradas, deixam-se cahir, ás vezes, sobre os imprudentes acampamentos...

IV

A o findar do mez de agosto partimos de S. Luiz para Tapirapuan. O caminho que liga á velha cidade o posto de abastecimento da Commissão Rondon vai margeando o Paraguai até ao « Passo do Barranco ».

Anda-se por cima do pantanal secco. Areia e tabatinga ; poeira fina.

Nos serrados, cajueiros em flôr, illuminando a tristeza da flora.

Em alguns lugares, encontram-se grandes excavações redondas, como si fossem ulceras da terra, de onde retiram argilla para os adobes empregados nas construcções.

Formam-se, nesses pontos, verdadeiras manchas de argilla plastica.

Fig. 29 — *Oradaikruzê* — Bracelete dos Indios da Serra do Norte.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12841)

* * *

No mesmo dia armámos nossas rêdes á margem direita do Sipotuba, debaixo de uma figueira enorme, na fazenda do Porto do Campo.

Atravessado o Paraguai no Passo do Barranco, tinhamos caminhado ao longo do Sipotuba, que é, na verdade, braço formador daquelle rio.

As terras do valle feraz do Sipotuba são entremeiadas de *campos* e *serrados*.

Nos campos, que a invernia transforma em lagôas, ha boas pastagens, de que limitados rebanhos se utilisam.

Na estação das seccas, verdadeiras lagôas, em compensação, quasi desapparecem ; e a fauna lacustre, soffrendo os rigores dessa incerteza, modifica seus habitos.

Jacarés, privados da agua dos seus lagos, arquejantes, saíam pelo campo, procurando os veadinhos que vinham matar a sêde.

* * *

Em uma das manchas de campo, depois de um lance de *serradão*, a certa distancia do caminho, despreoccupado, pastava um lindo cervo.

Parámos todos, para gozar daquella scena primitiva. Ao lado, uma poça d'agua lodacenta, resto da grande lagôa que as chuvas do verão haviam de encher de novo.

Pé ante pé, lento, arrastando-se vagarosamente, saía d'agua um hydrosaurio esfaimado e traiçoeiro, procurando attingir o cervo.

Fazia um passo curto e, quasi no mesmo lugar, ficava immovel, como si fosse um jacaré de bronze, illuminado pelo Sol; depois de alguns instantes continuava a marcha imperceptivel.

E' assim que atacam as presas distrahidas.

Dentro de algum tempo teria agarrado o veadinho pelas pernas, arrastando-o para sua poça d'agua suja.

Interrompemos, sem remorsos, a triste operação.

* * *

Já pela noite cerrada, começou a abrandar o calor fortissimo daquelle primeiro dia de marcha. O rio, ao luar, marulhava, suggerindo o somno.

Do outro lado da corrente, os sons confusos da floresta levantavam-se em surdina, para compor a serenata.

Frio, pela madrugada ; mas, na manhã seguinte, o Sol rompia aggressivo, despejando ondas de luz e de calor por cima das matas, dos campos e dos serrados. As oscillações diarias da temperatura athmospherica, naquella estação, seguiam essa norma.

* * *

Quem toma banho no Sipotuba comprehende a razão pela qual as planchas levam 12 dias para subir, até Tapirapuan, e descem em 48 horas; o rio tem aguas clarissimas, fundo pedregoso e fortissima correnteza.

A parte inferior do seu curso, porém, é cavada em terrenos de baixo nivel.

Durante seu trajecto, ahi, não recebe um só affluente de importancia.

O volume de suas aguas cresce, ainda assim, pelas torrentes anonymas que o alimentam dos dois lados. Na primeira porção do seu percurso, juntam-se-lhe seus verdadeiros affluentes.

* * *

A lepra não é frequente naquellas bandas, ao contrario do que suppunha. Em Caceres vi dois leprosos; em Porto do Campo existe uma familia de morpheticos. Convem notar, todavia, que a população regional é

muito escassa; não acredito que S. Luiz de Caceres tenha os 15.000 habitantes que lhe dão. Aliás, as notas censitarias de que dispomos são precarias demais, para servirem a qualquer estimativa desta ordem.

* * *

Em «Porto dos Bugres» passámos para a margem esquerda do rio Sipotuba.

De Bugres a Tapirapuan vão 15 legoas. Tenente Pyrineus julgou prudente iniciarmos esta marcha durante a noite, para não sacrificarmos os nossos animaes, visto que o caminho é dos peores.

Partiriamos de madrugada para vencer, mais suavemente, o grande «Sapesal».

* * *

Reconheço que são, apparentemente, ociosos alguns detalhes desta narração, que, afinal, nada appresenta de maravilhoso. Todavia, escrevo para documentar e divulgar. Escrevo para archivar e servir.

Ha minucias aborrecidas para quem toma de um livro afim de se recrear, ou para quem procura apenas uma nota.

O mesmo leitor, em outras circumstancias, daria uma fortuna para conhecer essas pequenas cousas. A mais corriqueira informação póde servir a outrem de um modo indizivel. Vale pela experiencia que encerra, trabalho que poupa, tranquillidade que proporciona, habilitando outro transeunte a prever uma série de condições.

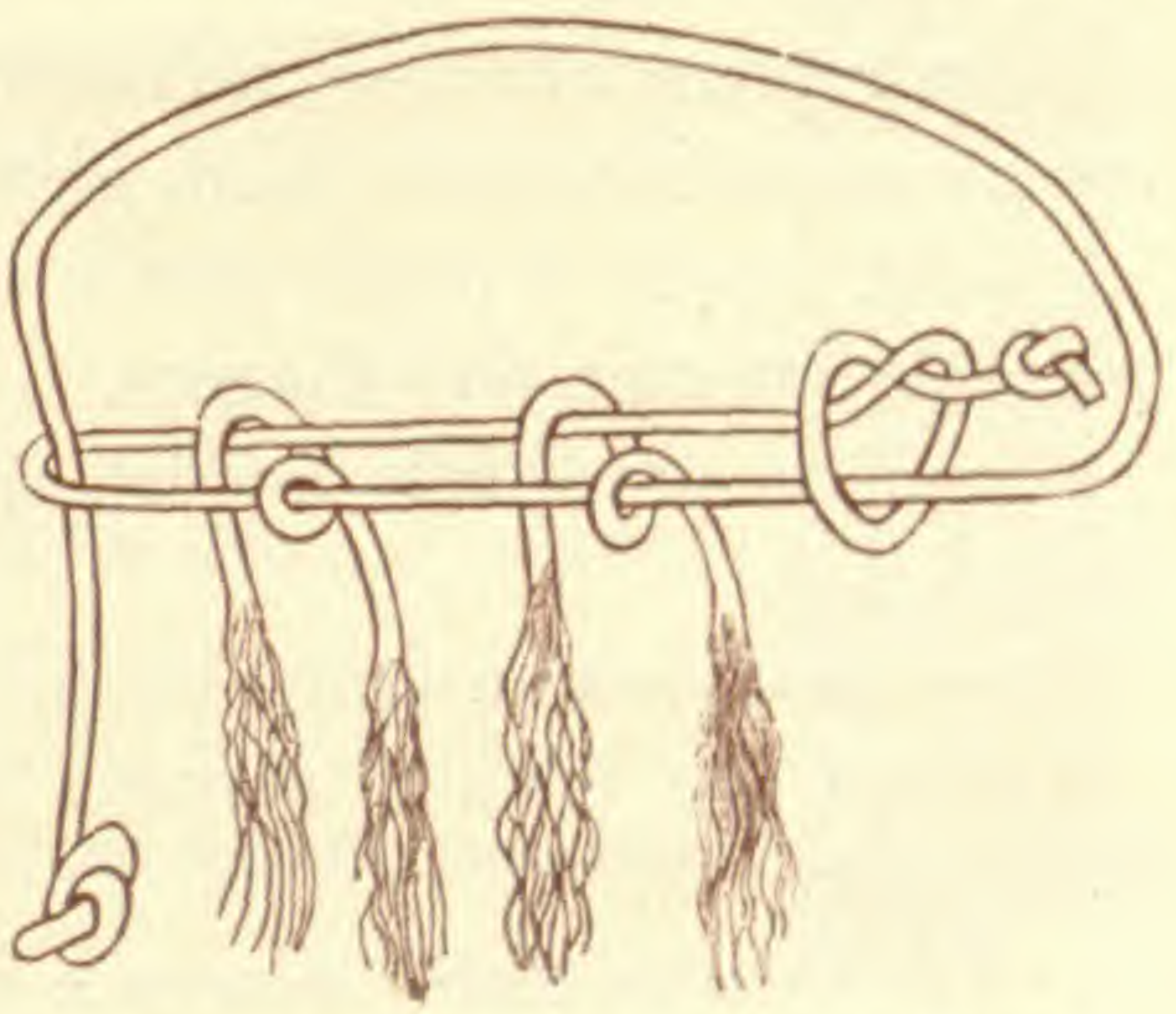


Fig. 30 — Schema de um «Ialaçú,» manto de palha dos Indios da Serra do Norte.

Tive a felicidade de achar um guia experimentado, já o disse; outros não a terão. Que aproveitem as informações aqui registadas.

* * *

João Cavalcante é sertanejo intelligente e bondoso. Fiz-lhe uma série de questões; respondeu com clareza.

O saber dessa gente matuta tem sabor especial. Quando nos contam cousas e factos, não se prendem a theorias e liames de que se acham embaraçados os letrados. Na sua voz, é ainda a propria Natureza quem fala; ganhamos escutando-a.

Disse-me que a «mata da poáia», outr'óra, ia desde sua casa até Tapirapuan, 15 legoas a fio, estendendo-se entre o Paraguai e o Sipotuba. Grande parte della é hoje o triste Sapesal, campo de cyperaceas, onde se acham

espetados, negros como varões de ferro, os caules carbonizados das grandes arvores, que as queimadas não puderam derrubar.

* * *

Não ha muitos annos que os indios Parecís das cabeceiras do Júba, do Cabaçal e do Jaurú, frequentavam *Porto dos Bugres* para negociar com a gente de Caceres.

* * *

Nessa noite que passámos no Porto dos Bugres, produziu-se um incidente banal, que desejo narrar porque dá amostra do meio em que vivem aquelles sertanejos.

Armáramos nossas rêdes debaixo de algumas larangeiras, ao lado do rancho de nosso hospedeiro. Respirando o ar que descia das arvores em flôr, conversavamos baixinho.

Noite de luar incerto.

De repente ouviu-se, no outro lado do rio, a voz mordente de um suino erguer-se na escuridão, num grito de desespero.

— A onça! A onça! gritou Cavalcante apparecendo, mal distincto, na porta de sua casa de folhagem.

— Está parecendo sucurí, disse um *camarada*, erguendo-se na rêde preguiçoso.

— Esse rio tem muita sucurí...

Onça, ou sucurí, atacava o chiqueiro a menos de cem metros da habitação.

Cavalcante, seus homens e os nossos, correram para o lugar onde a voz da victima se perdia, deslizando numa escala chromatica descendente...

* * *

As crianças da casa, pobres filhos da floresta, levantaram-se das suas pequeninas rêdes, despertadas pela gritaria dos bichos e dos homens :

— E' a onça ? E' a onça ? Fecha a porta ! choramigavam, nervosas e tremulas.

A porta! Sua «casa» era um rancho de páos a pique, coberto de palmas de *acurí* ; as paredes, em pallissada, permittiriam a passagem de um casal de onças...

Todavia, a casa tinha uma porta ; e era bom abrigo para formar o caracter desses pequenos brasileiros.

Tive piedade daquellas crianças, acordadas no meio da noite pela onça; pensei nos petizes das cidades, que tremem de medo e arregalam de pavor, quando ouvem falar das onças fabulosas.

Invejei aquellas crianças pelos meus filhos; porque serão verdadeiros homens os que vão crescendo assim, endurecidos pelo contacto intimo com as asperezas da criação.

* * *

De Porto dos Bugres, atravéz do *Sapesal,* corre a estrada aberta pela Commissão Rondon para abastecer seu deposito.

O sapesal se interrompe, nas *cabeceiras,* para dar lugar á vegetação que costuma coroar as nascentes; na linda fonte do *Jacarézinho,* a 30 kilometros de Bugres, vicejavam cedros, perobas, garapas, faveiras, algodão da mata, guarirobas, buritís, uauassús, amostras do que o fogo andou, por largo tempo, devorando.

* * *

Plena região da poáia.

Mato-Grosso é, ainda hoje, o maior fornecedor dessa rubiacea, cuja extracção é trabalho ingrato, exigindo muita attenção dos que desejam encontrar a herva e fugir das cobras. Dizem os matutos:

— *O poaiêiro carece de ter bôa vista... vai andando no mato de cabeça abanando, só mexendo com os olhos... sinão, arranca, mas é nada! A poáia arruina a vista.*

Nas costas, levam os poaiêiros um matirí de embira para o qual vão jogando as raizes arrancadas; chegando ao rancho, poem-nas a seccar ao Sol.

Fig. 31 — Fluctuante de talos de burití, com que os Indios da Serra do Norte atravessam rios a nado. (Segundo um croquis do Sr. G. Kuhlmann).

* * *

Vive no valle do Sipotuba uma avezinha do tamanho do sabiá, plumagem côr de folhas seccas, que assobia como si fosse uma pessoa. Os matutos o chamam de «poaiêiro» e não o matam. Dizem que outr'óra, no tempo da grande floresta, quando cantava num lugar, os «arrancadores» corriam para aquelle sitio, certos de farta colheita.

O «poaiêiro» era auxiliar de mão cheia. O fogo, destruindo a mata, diminuiu a poaia, e quebrou o encanto salutar da avezinha.

* * *

Todavia, foram os arrancadores os maiores culpados do incendio das florestas d'ali. Acreditavam que, limpando o solo pelo fogo, livrando-se, por meio delle, das «immundicies» que atormentavam os mateiros: abelhas,

mosquitos, maribondos, formigas, poderiam colher mais facilmente a raiz cubiçada. Mas a poaia não medra fóra da protecção da mata.

Destruiram a morada esperando conservar o morador; mais uma vez o homem, por ignorancia e por ambição, matou uma gallinha de ovos de ouro...

* * *

Partindo de S. Luiz de Caceres contam-se as seguintes etápas, de accôrdo com a marcha que fizemos:

S. Luiz ao Barranco.	3 leguas
Barranco — Porto do Campo	5 »
Porto do Campo — Porto dos Bugres . .	3 »
Porto dos Bugres — Manuel Benedicto .	11 »
Manoel Benedicto — Tapirapuan . . .	5 »
De Caceres a Tapirapuan	2 a 3 dias

* * *

Partem de Tapirapuan as tropas de abastecimento, conduzindo generos e material para o acampamento, de Rondon, situado a cerca de 100 leguas. O nome daquelle lugar é ainda lembrança das «bandeiras», cravada no sertão longinquo.

O serviço de transporte foi admiravelmente bem organizado sendo o caminho de Tapirapuan ao acampamento dividido em secções: Tapirapuan-Juruena, Juruena-Campos Novos, Campos Novos-José Bonifacio, onde estava a construcção.

* * *

Desde o começo da viagem começámos a fazer prophylaxia anti-malarica pelo mosquiteiro e pela quinina; nunca usámos mais de 30 centigrammas de chlorhydrato de quinina por dia. O tenente Pyrineus, antigo impaludado, tomava uma gramma. De nossa comitiva, composta de seis homens: Amaro Fonseca, José Opilio, Joaquim Trindade, João Mineiro, Genesio, Antonio, indio Parecí, dois, apenas, foram atacados: um no Juruena e outro em Campos Novos. Accessos benignos em ambos.

O posto de Juruena é fóco dos mais serios, tanto de paludismo quanto de beriberi.

* * *

Em Tapirapuan examinei muitos enfermos da Commissão: myocardite beriberica, cachexia paludica, ulceras leishmaniosicas, ankylostomiase.

* * *

Fui tambem consultado por um indio chiquitiano, José Bugrinho, vaqueiro da Commissão. Formára-se-lhe um grande abcesso na axilla esquerda. Punccionara a collecção com um páo ponteagudo; soffria consequencias infecciosas da intervenção. Indaguei porque não tinha usado, de preferencia, sua faca para executar a operação; e respondeu-me que o «ferro arruina as posthemas» . . .

* * *

O beriberi, embora endemico em certos lugares, não apparece com a mesma intensidade todos os annos. Ha «annos de beriberi» e outros quasi livres delle. Os antigos cuiabanos ainda o chamam de «perneira».

* * *

Rondon deixou-nos em Tapirapuan aos 2 de setembro. Sempre animado pela mesma fé, e disposto aos mesmos sacrificios, seguiu para a capital da Republica a serviço de sua obra.

* * *

Ha homens que diminuem á medida que nós nos approximamos; outros, de longe, brilham como estrellas e quando nos chegamos, vemos que são mundos, ainda maiores, de sentimento e de caracter.

* * *

Minha bagagem constava de 16 volumes, tendo sido arrumada de maneira que nenhum *costado* tivesse mais de 35 kilos.

Fig. 32 — Pilão dos Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 11932 e 13232)

* * *

O boi é o cargueiro da região.

Vieram da invernada fortes garrotes, ainda chucros. Com uma sovella, Genesio perfurou o septo nasal de cada qual, passando pelo orificio um annel de couro, preso a uma sôga que descia das guampas.

Bufando, e lambendo a ferida fresca, passaram a noite amarrados á estaca, mugindo, de vez em quando, furiosos e impacientes.

No dia seguinte foram «encangalhados».

«Encangalhar» um boi chucro é operação accidentada.

Revestidos das albardas primitivas, de páo, couro crú e palha ajustada em pequenos feixes pelo lado de dentro, saltam os garrotes, pulam, esperneiam, atiram-se ás arvores, rojam-se ao chão, até que os arreios se desfaçam aos pedaços.

Vão os vaqueiros, então, caçar pelo campo as peças disseminadas durante a formidavel reacção. «Encangalham» de novo o animal. Tudo recomeça. No fim de muitas horas submettem-se; acalmam-se. Então recebem a carga. Assim se inicia a viagem, para pousar pouco além; porque, no primeiro dia, já é grande cousa fazer os garrotes caminharem alguns kilometros.

Quando disparam pelo campo á fóra, pisam na corrida, sobre a corda que lhes pende das narinas e moderam a fuga; a corda é um *freio automatico*, invenção de vaqueiros.

* * *

Uma tropa de muares conduzia o material; 15 bois levavam generos e brindes para os indios: facas, machados, linhas, contas, perolas de vidro, e algumas centenas de caixas de phosphoros, que é talvez, bem como o machado de ferro, o mais valioso donativo que alguem póde fazer a um nambikuára. Em Tapirapuan enrolámos certa quantidade de cigarros, em papel de jornal; o tenente Pyrineus sabia, por experiencia propria, ser o envoltorio preferido. . .

* * *

De Tapirapuan ao Salto da Felicidade, onde cruzámos o Sipotuba para ganhar o planalto parecí, desdobra-se uma das melhores estradas carrossaveis do sertão brasileiro. São 24 kilometros iniciaes da larga via de communicação, aberta entre as duas bacias extremas, atravez do grande divisor.

* * *

O fructo do jequitibá, que os indios Parecís denominam *Fátenòchini*, é precisamente o mesmo usado pelos indios do Araguaia-(Karajás)-como fornilho.

Fáte-macaco; *nòchini*-pilão. *Fátenòchini*-pilão de macaco.

* * *

Guahirô — dos Parecís, *uacuan* — dos Cuiabanos, a mais amavel das palmeirinhas do campo, é a mesma *guariroba* do sertão goiano.

Seu fructo, nóz piriforme, tem a mucilagem da *baba de boi*.

Embalsama o ar com cheiro hybrido de manga e ananaz.

IMP NACIONAL

"ZAIAKÚTI" – Escudo venatorio dos Indios Parecis.

(Coll. Mus. Nac. n.º 11260)

E' palmeira do campo.

Quem passa, attrahido pela modestia de sua estipe, preso ao seu perfume, approxima-se; e, como si desejasse fazer as honras do sertão ao visitante, arqueada ao peso dos cachos, ella offerta seus fructos.

Em geral as palmeiras, como as outras mães-arvores, ou talvez ainda mais, erguem para o ceu, bem longe dos homens, os filhos cubiçados. Ha lucta para conseguil-os.

A guahirô, pequena, delgada, elastica, tal si fôra um feixe de molas de aço, permitte que o homem se aproveite de uma das mais suaves producções daquella terra, sem mais esforço, erguendo o braço.

* * *

Cajueiros, sem conta, abertos em flôr, fazem digna companhia ás uacuans.

Meia legua aquem do Salto da Felicidade ouve-se o ronco de suas aguas. Todavia, parece uma corredeira de forte declive; é antes uma cachoeira, onde a rocha forma terraços.

* * *

No passo do Salto as margens do Sipotuba são altas, de terras silico argilosas.

Borboletas brancas, amarellas, verdes, como pedacinhos de papel de côr, juntavam-se em multidão para beber na orla do rio, matizando tapete ondeante, á sombra de grandes arvores.

Napeocles Jucunda, Hub., é muito abundante naquelle valle; passeia em longas filas pelas clareiras das matas.

Fig. 33 — *Anieeçú* — Flecha de ponta lisa e cylindrica — Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 2111)

* * *

Conheci, no Salto, um dos melhores companheiros de Rondon. Deixo aqui estas linhas para prestar homenagem a um typo acabado de sertanista, que levou a vida inteira rompendo matas e levantando postes telegraphicos, até cahir na Serra do Norte, quando a construcção monumental quasi estava terminada. O capitão Cardoso morreu na primeira trincheira daquella grande lucta; morreu no acampamento, quando a linha telegraphica chegava ás ultimas etápas.

A «terra da promissão» raramente recebe o piso de quem a viu primeiro...

* * *

Contava Cardoso que, durante a construcção das linhas telegraphicas nas terras dos Bôrôros, e mesmo dos Parecís, era commum, no

começo, cortarem os indios os postes, suppondo que havia colmeia no topo; porque encostavam o ouvido nos moirões e percebiam o zumbido caracteristico da passagem do vento e da corrente, semelhante ao das abelhas.

* * *

E' interessante notar a distribuição geographica, regional, dos « borrachudos » (*Simulidae*), dipteros que formam colonias isoladas.

Em Tapirapuan quasi não existem; são abundantes no Salto. Ambas, localidades da margem do Sipotuba.

Parece-me, todavia, que sua presença se relaciona com a existencia de algumas especies vegetaes que lhes dão abrigo, ou que lhes auxiliam, de algum modo, a existencia; talvez certas bromelias, nas quaes, em 1878, Fritz Müller descreveu fauna caracteristica.

* * *

Do Salto a estrada caminha para N. O. atravez de uma grande mata, para chegar ao sopé do planalto dos Parecís.

Vi, pela primeira vez, o mamão fructificando em plena floresta, ao lado de plantas bravas; como um principe modesto que estivesse, incognito, a gozar o espectaculo de uma lucta, alistado nas fileiras dos combatentes, emparelhado com gente de toda casta...

* * *

As *sapopembas* (ou sapopemas) amplas, excavadas, abrigos naturaes, cavernas de madeira que as arvores constroem, enchem-se as vezes de terra das enxurradas; e as sementes, cahindo nesses canteiros do Kurupira, brotam em hervas, arbustos e cipós, como filhos adoptivos dos gigantes.

* * *

A foz do rio Formoso, no Sipotuba, póde ser attingida, entrando-se pela mata do Salto, a Sud'Oeste da estrada.

* * *

De bananeiras, nada. Pacóvas, de porte mediocre.

A « mulateira », de cerne durissimo, quebradora de machados, e a « goiabeira do mato », myrtacea gigantesca, são rivaes do jatobá, naquella justa de ramos e de folhas.

* * *

As lagôas da costa do Atlantico, no Rio Grande do Sul, ensinaram-me, em 1906, a admirar as aves do Brasil; as florestas de Mato-Grosso abriram-me o

mundo dos insectos. Si quizesse um titulo sensacional para estas notas, tomaria este, perfeitamente verdadeiro: « Visita aos Indios do Paiz dos Insectos » . . .

* * *

Antes de começar a subir o planalto dos Parecís, pousámos no rancho do kilometro 50 da estrada do Juruena, caminho aberto pela commissão Rondon entre as duas grandes bacias, do Prata e do Amazonas, destinado a ser uma « veia mestra » da circulação dos sertões, por onde hão de passar boiadas para o Norte e tropas com borracha para o Sul.

Inicia-se no « 50 » uma das peores marchas. Fizemos uma « madrugada ».

Sóbe o caminho abruptamente; depois de alguns kilometros, dá no Chapadão dos Parecís, mar de areia desolador, grande mancha de deserto.

Quatro leguas vão do « 50 » até Aldeia Queimada, posto commandado, naquella occasião, pelo tenente Emanuel do Amarante. São leguas de areia fôfa, em subidas e descidas, em rampas de alta porcentagem, sem nascentes d'agua, e sem sombras.

* * *

Luiz d'Alincourt, aliás, escrevia outr'óra:

« A famosa cordilheira dos Parecís tira o nome da mesma nação de Indios Parecís, que a povoão, e que existe hoje mui diminuta... »

« A sumidade destas serras é formada por largos campos, de cuja superficie se levantão altos, e compridos combros de arêa, á maneira das ondas do Oceano quando está cavado; arêa balofa, e mui solta, que muito fatiga os viajantes, e animaes que por alli transitam: estes campos não offerecem pastagens, e só nelles apparece certa qualidade de arbusto curto e de folhas muito asperas. »

* * *

Páu santo (aláua dos Parecís), murici, vegetação mesquinha, de casca grossa, galhos em contorsões, como si estivessem soffrendo.

Fig. 34 — *Uaeliçú* Flecha de ponta de taquára — Indios da Serra do Norte.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 13524)

* * *

Karêke brota da areia como um tufo de esperanças; é o indaiazinho do campo, palma acaule, recurso dos tropeiros sedentos.

Ella esconde na areia sua penca de coquinhos; quem sabe achal-a, quebra a nóz e encontra uma gotta d'agua fresca.

Karêke é nome parecí.

* * *

Ao longo do caminho, caveiras e caveiras de cargueiros, mortos de fadiga e fome, ao volver do Norte.

Quando um animal *afrouxa* dividem os tropeiros a carga pelos outros, si possivel, ou a abandonam; depois, por piedade, tiram do infeliz a albarda, que poem ao lado da estrada. O boi, exhausto, com fome e com sêde, resignado, vendo partir a tropa dos companheiros tropegos, sem forças para seguil-a, ali fica, junto do unico objecto que conhece naquelle areial; e morre de inanição, entregue á fatalidade do seu destino, deitado a fio comprido, ao lado do instrumento fiel do seu martyrio...

V

ACHAVAM-SE os Parecís que examinamos em *Aldeia Queimada*, em *Utiariti* e no *Timalatiá*; naquelle lugar, estavam localizados os dos grupos *Kozárini* e *Kaxiniti*, do rio Verde e das cabeceiras do Júba, do Cabaçal, do Jaurú e do Guaporé.

Em Utiarití e no Salto do Timalatiá viviam os do grupo Uaimaré. Todavia, em Aldeia Queimada pudemos trabalhar com indios deste grupo; aquelle posto, em 1912, era, pelos esforços do tenente Emanuel do Amarante, um grande centro parecí. A antiga povoação incendiada ia renascendo.

* * *

Pelle de côr amarello-cuprica, escura nos Kozárinis; amarello claro nos Uaimarés. Lisa, ou pouco enrugada. Systema glandular cutaneo, pouco desenvolvido. O colorido epidermico é bem expresso na tabella organizada de collaboração com o Sr. A. Childe, no Museu Nacional. Levei differentes esboços, para comparar com a côr da pelle dos indios; delles resultou essa escala.

A tabella junto, actualmente usada em nosso laboratorio, corresponde, segundo ensaios realizados em muitos individuos de differentes tribus, ás tonalidades geraes dominantes nos aborigenes do Brasil.

Já tivemos opportunidade de ensaial-a em individuos das tribus: Parecí, Nambikuára da Serra do Norte, Terena, Chiquitiana, Bôrôro, Cherente, Guaraní, Chamacôcô, Kaxinauá e Bakairí, examinados no Museu, ou alhures.

Em nossa tabella dermochromica a pelle dos Parecís, termo médio, corresponde aos gráos mais claros: n^s. 1 — 5, nas regiões em que as condições mesologicas não influiram profundamente.

* * *

Pellos rectos e duros.

Para caracterizar o typo antropologico mais geral, recorri ao *retrato falado*, methodo Bertillon.

As notações do retrato falado, e as mensurações, foram effectuadas de accôrdo com as fichas individuaes usadas no Museu.

O typo parecí, que apparece nestas notas, é apenas recomposição, feita a custa do material que o maravilhoso methodo analysou e archivou em Mato-Grosso. A grande vantagem dessa maneira de proceder, é permittir a caracterização dos typos anthropologicos encontrados, ao abrigo de qualquer incerta apreciação individual.

Para facilitar a leitura e o entendimento das notas que se vão seguir, tanto as relativas aos Parecís quanto ás que dizem respeito aos indios da Serra do Norte, julgo de bom aviso resumir os dados fundamentaes do processo, inicialmente applicado á identificação judiciaria e, hoje, acolhido com merecida consideração entre os da anthropologia ethnica; mórmente depois dos resultados que forneceu a Chervin, encarregado do material anthropologico da Missão de Crequí Monfort-Sénéchal de la Grange, na Bolivia, em 1903.

* * *

No *retrato falado*, os traços principaes da cabeça humana são registados por notação convencional. Cada figura, é decomposta em seus elementos fundamentaes e da comparação entre os dados obtidos surge, espontaneamente, um certo typo; é o que se deseja em anthropologia.

Deixando de lado traços que aproveitam á identificação pessoal, mas que pouco servem á anthropologia ethnica, por isso que nelles se manifestam fórmas pessoaes muito nitidas, basta considerar os caracteres da *fronte*, do *nariz*, e da *orelha*, regiões da cabeça por onde mais se differenciam os typos, orgãos que soffrem accentuadas influencias ancestraes.

* * *

As bases do methodo remontam ao seculo XV; o *retrato falado* funda-se em processo de notação morphologica proposto por Leonardo Da Vinci, em 1452, conforme verificámos. O proprio Bertillon, autor do processo, talvez não tivesse conhecimento do que escreveu Da Vinci, quatro seculos antes, em um dos capitulos da sua obra fundamental onde, ao lado de utilissimos conselhos, e considerações valiosas sobre a analyse das formas humanas ensina um:

Modo di tener a mente la forma d'um volto.

Parecis de "Aldeia Queimada"

E. Roquette-Pinto, phot.

1912

Acham-se ali, bem definidos, os fundamentos da technica interessante, bases que até agora ninguem se lembrou de attribuir ao soberano artista, conforme o exige a justa apreciação historica do caso.

A regra essencial do processo moderno, tal qual a formulou Bertillon, é separar *fórma* e *dimensão*, na analyse do orgão.

As dimensões são caracterizadas, convencionalmente, pelos qualificativos : *pequeno*, *médio*, *grande*, que representam valores relativos, baseados na lei de Quetelet.

Esse principio rege o conjuncto biologico, quanto á morphologia: affirma que *os sêres vivos oscillam entre um maximo e um minimo, encontrando-se, nessa distancia, as fórmas intermediarias, tanto mais numerosas quanto mais proximas da média, tanto mais raras quanto mais afastadas.*

Todavia, *pequeno* e *grande* ainda comportam varios gráos que, na pratica, devem ser levados em conta. Sua notação, rapida e sufficiente, é feita correntemente no « *retrato falado* » por meio de sete signaes, que correspondem a outras tantas dimensões:

Pequeno — p p (p).
Médio — m.
Grande — g g (g).

O traço augmenta, e o parenthesis diminue o valor do signal (Bertillon).

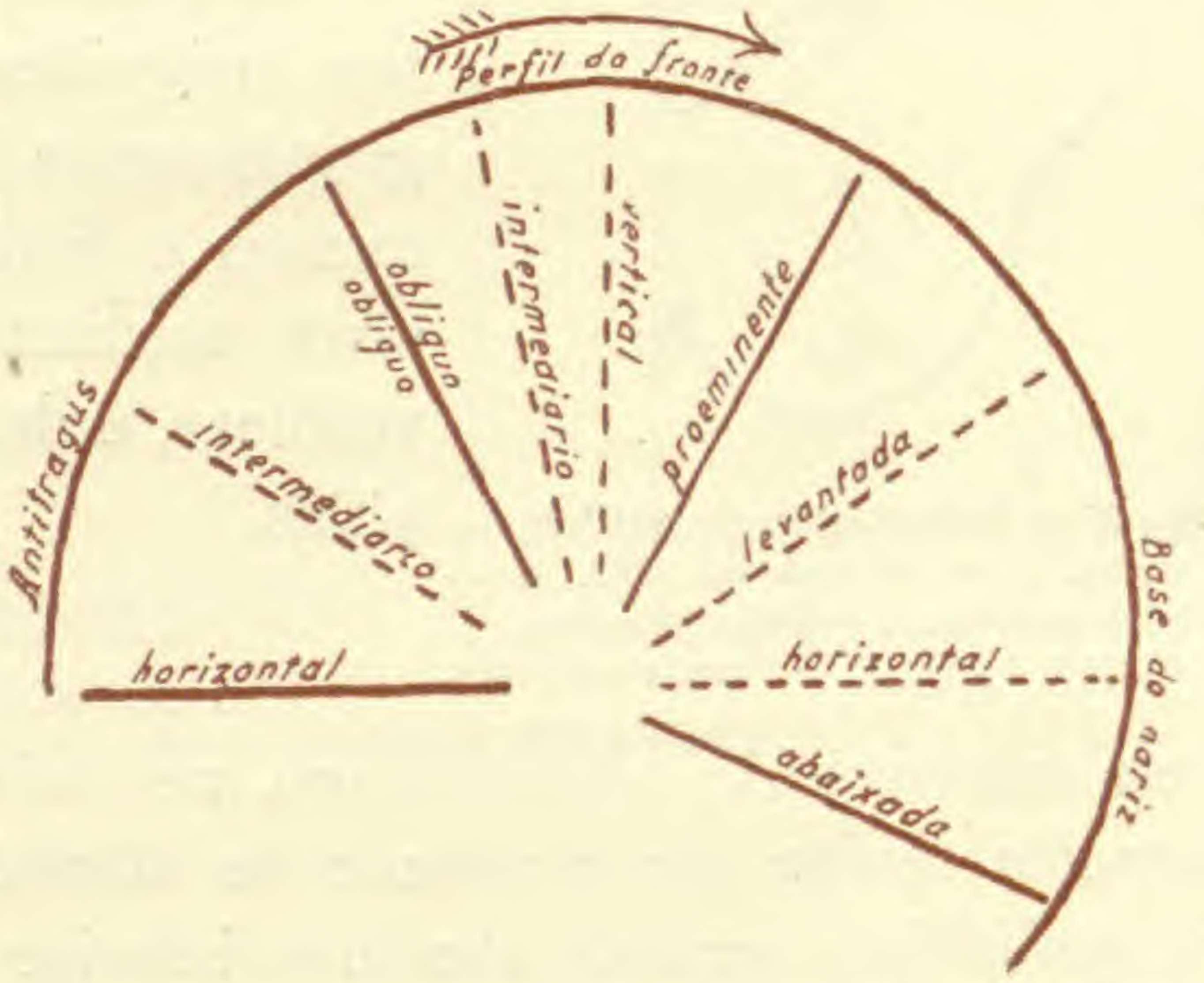


Fig. 35 — Schema dos diversos qualificativos de inclinação observados no perfil humano — (Bertillon).

* * *

A fórma de um orgão dado é caracterizada segundo a *figura normal*, determinada pela equivalencia das tres regiões superpostas do rosto : região *frontal*, r. *nasal*, r. *bucal*.

A primeira, que prefiro denominar — *segmento cerebral* — do rosto, estende-se da linha de implantação dos cabellos, na fronte, até a raiz do nariz ; a segunda fórma o *segmento respiratorio*, vai da raiz á base do nariz ; a terceira é o *segmento digestivo*, porção infra-nasal da face.

Fronte, *nariz* e *orelha* são as partes da cabeça que offerecem caracteres differenciaes mais importantes.

* * *

Na fronte, consideram-se a *altura*, a *inclinação* e a *largura*.

* * *

O nariz é examinado quanto á *profundidade de sua raiz, dorso, base, altura, saliencia* e *largura*

* * *

A orelha — (pavilhão da orelha) — tem morphologia complexa que o schema junto explica melhor que uma descripção.

* * *

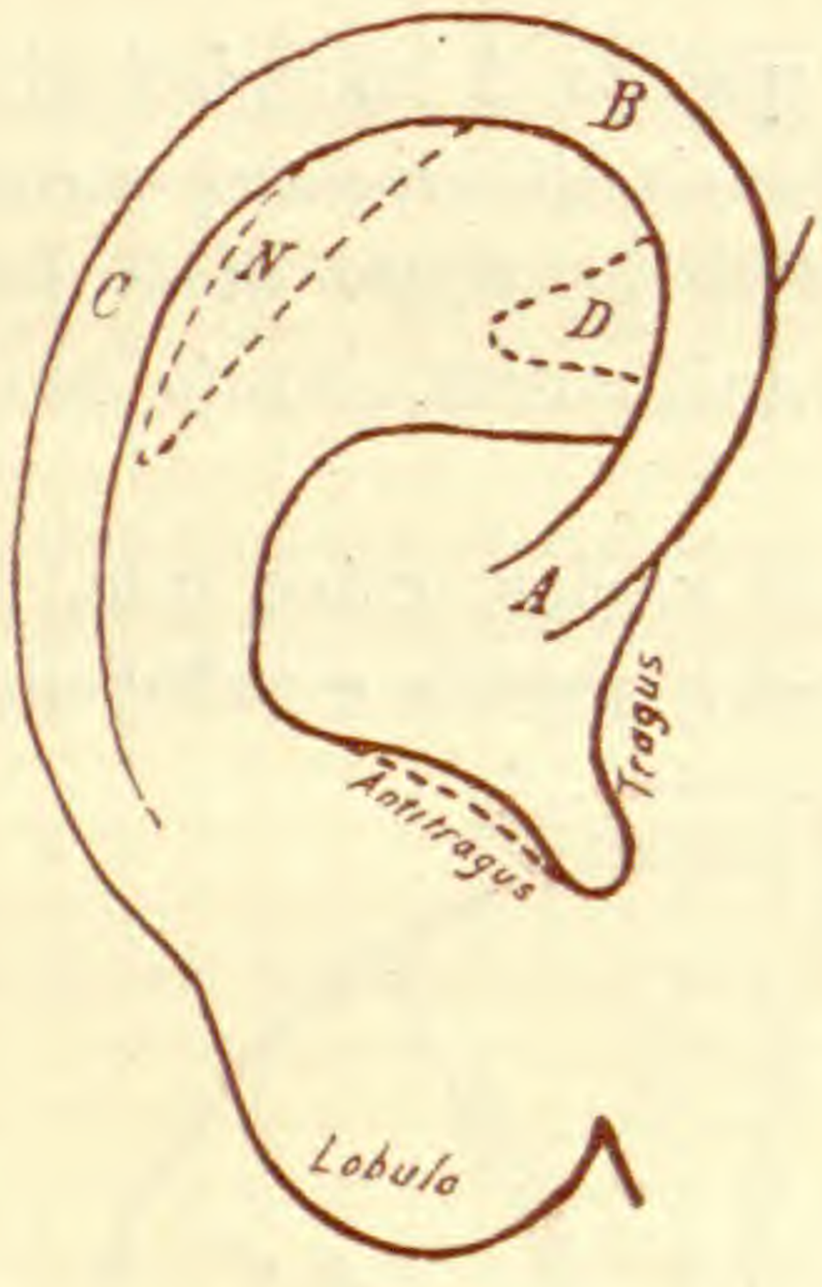


Fig. 36 — Nomenclatura do pavilhão da orelha. *A* — Origem da helix. *B* — Helix superior. *C* — Helix posterior. *D* — Fosseta digital. *N* — Fosseta navicular.

Os Parecís são indios de typo delicado, aspecto sympathico. Têm mãos e pés muito pequenos. Olhos pequenos, castanhos escuros, n. 3 da escala de Martin (de Zurich), muito pouco obliquos.

Pelo nariz, convexo, muito se assemelham a certo typo de pelles-vermelhas norte americanos.

O tronco é quadrangular, a depressão lombar insignificante. Nas mulheres, os seios são grandemente separados e, em geral, bem pequenos e firmes. A queda prematura dos incisivos medianos é facto interessante que pude verificar, e documentar em diversas photographias.

O typo geral destes indios é brachyskéle.

Os caracteres que permittem consideral-o dessa maneira são : busto longo, membros inferiores curtos, circumferencia thoracica maior que a metade da altura, cotovellos mais altos que a cicatriz umbellical, grande abertura inferior á altura, estatura essencial (Collignon) maior que a metade da altura.

Pelas proporções do corpo acham-se, dest'arte, muito proximos da raça mongolica.

O methodo de Manouvrier, baseado no estabelecimento do *canon* anthropologico real, pela comparação das proporções reciprocas dos segmentos somaticos, infirma, pois, até certo ponto, a theoria de Ehrenreich, segundo a qual os nossos indios, em geral, são mongolicos pela cabeça e caucasicos pelo corpo.

* * *

O numero de crianças, entre elles, é grande; nossos documentos photographicos provam-no sobejamente.

As mulheres amammentam seus filhos até idade relativamente avançada.

Não tive noticia de nenhum caso de degeneração physica ou psychica; nenhuma doença nervosa, nenhum mal venereo. Paludismo chronico em

muitos indios; bronchites e inflammações das vias aereas superiores mui frequentes, tributo pago á poeira do chapadão.

O numero de individuos de idade avançada pareceu-me restricto; algumas velhas e pouco velhos.

INDIOS PARECÍS

(RETRATO FALADO)

			Namon-Suratiá	Sôcôce	Zolui macê	Sukiú-Azarê	Kamái zaloçn
Fronte		Inclinação	V	V	V	I	V
		Altura	P	P	P	P	P
		Largura	P	P	P	P	P
Nariz		Prf. da Raiz	P	P	P	P	P
		Dorso	Vex	R	Vex	Vex	Vex
		Base	Ab	H	Ab	Ab	Ab
		Altura	G	G	G	P	G
		Saliencia	G	P	P	P	P
		Largura	G	G	G	G	G
Orelha	Helix	Origem	P	P	P	P	G
		Superior	G	P	P	G	G
		Posterior	P	P	P	G	P
	Lobulo	Contorno	Q	D	Q	D	Q
		Adherencia	S	S	S	S	F
		Tamanho	G	G	G	P	G
	Anti-tragus	Inclinação	H	B	H	B	B
		Tamanho	P	P	G	P	G
	Pavilhão		Ov	Ov	Ov	Ov	Ov

Typo anthropologico dos indios Parecís

(DETERMINADO PELO METHODO DO RETRATO FALLADO)

Fronte
- Inclinação: Vertical 80 %. Intermediaria 20 %.
- Altura: Muito pequena 80 %. Pequena 20 %.
- Largura: Muito pequena 80 %. Pequena 20 %.

Nariz
- Profundidade da raiz: Pequena 60 %. Muito pequena 40 %.
- Dorso: Convexo 80 %. Rectilineo 20 %.
- Base: Abaixada 80 %. Horizontal 20 %.
- Altura: Grande 80 %. Pequena 20 %.
- Saliencia: Pequena 80 %. Grande 20 %.
- Largura: Grande 80 %. Pequena 20 %.

Orelha
- Helix
  - Origem: Pequena 40 %. Muito pequena 40 %. Grande 20 %.
  - Superior: Grande 40 %. Muito grande 20 %. Pequena 20 %. Muito pequena 20 %.
  - Posterior: Muito pequena 80 %. Grande 20 %.
- Lobulo
  - Contorno: Descendente 40 %. Quadrado 60 %.
  - Adherencia: Separado 80 %. Fundido 20 %.
  - Tamanho: Grande 40 %. Muito grande 40 %. Muito pequeno 20 %.
- Anti-tragus
  - Inclinação: Horizontal 40 %. Obliquo 60 %.
  - Tamanho: Pequeno 40 %. Grande 40 %. Muito pequeno 20 %
- Forma oval . . 100 %.

Indios Parecís-Kozárinis

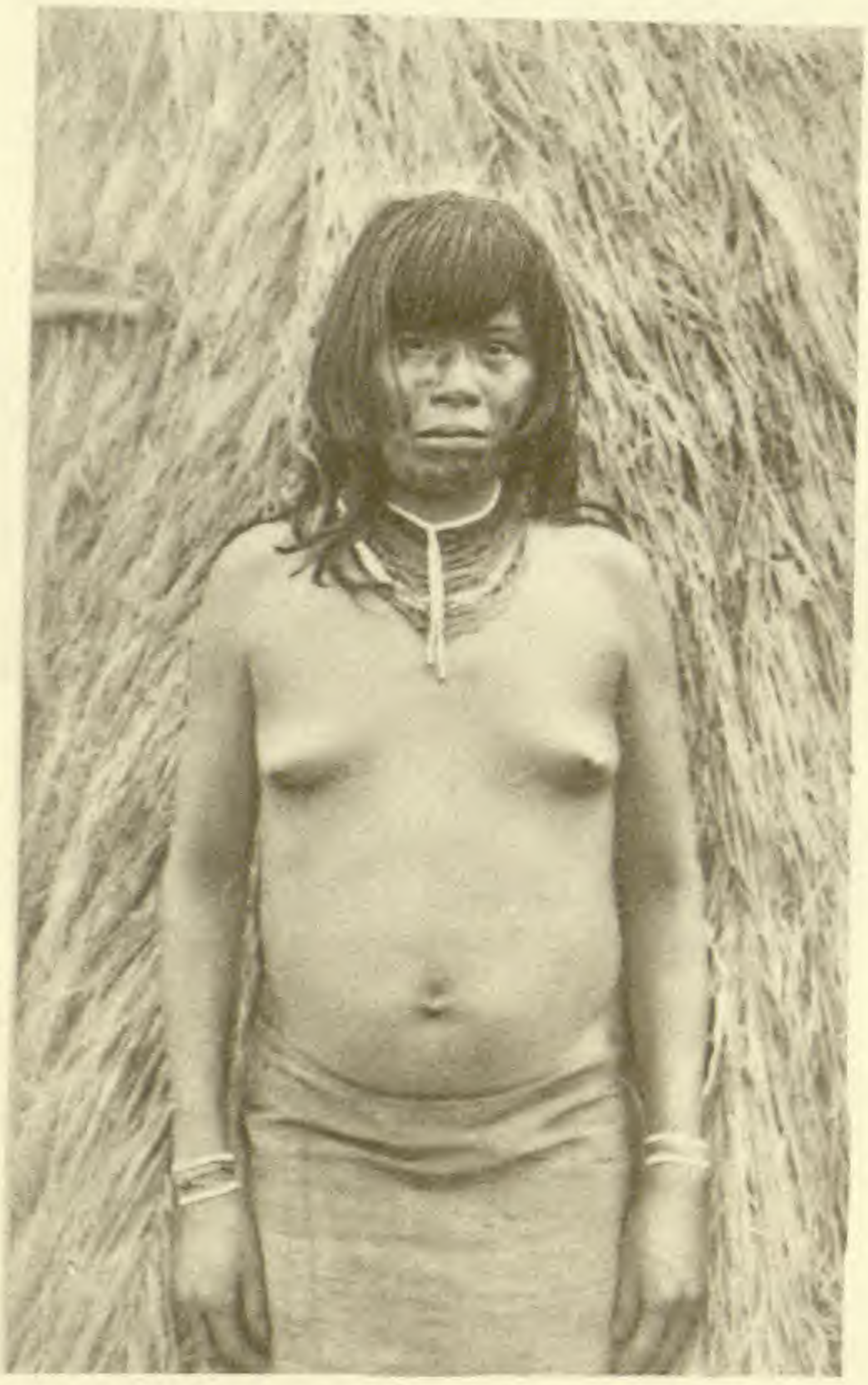
ANTHROPOMETRIA

	Namonsuratiá	Sôcôce	Zoluimacê	Sukiú-Azarê	Kamaizaloçú	Médias
	NOMES					
Altura total	1.57	1,49	1,56	1,62	1,51	1m,55
Grande abertura	1,64	1,51	1,54	1,64	0,57	1m,58
Circumferencia thoraxica	0,82	0,81	0,86	0,85	0,81	0m,83
CABEÇA						
Occipito frontal	0,182	0,167	0,182	0,184	1,169	0,176
Transverso	0,147	0,143	0,143	0,145	0,145	0,144
Frontal minimo	0,095	0,092	0,104	0.101	0,092	0,096
Bi-zygomatico	0,138	0,132	0,133	0,134	0,133	0,134
Bi-gonion	0,099	0,101	0,103	0,102	0,099	0,100
Nazo-mentoneiro	0,119	0,119	0,126	0,116	0,114	0,118
Nazo-bucal	0,076	0,073	0,078	0,075	0,078	0,076
Nazo-alveolar	0,072	0,070	0,076	0,073	0,075	0,073
NARIZ						
Altura	0,056	0,051	0,054	0,053	0,054	0,053
Largura	0,041	0,031	0,037	0,034	0,041	0,038
Saliencia	0,018	0,016	0,017	0,015	0,019	0,017
OLHOS						
Bi-palpebral externo	0,089	0,091	0,092	0,095	0,085	0,090
Bi-palpebral interno	0;031	0,033	0,034	0,035	0,032	0,033
ORELHA DIREITA						
Comprimento	0,058	0,057	0,056	0,056	0,063	0,058
Largura	0,041	0,034	0,03	0,030	0,034	0,034
Côvado esquerdo	0,44	0,42	0,42	0,43	0,48	0,43
Medio esquerdo	0,10	0,08	0,10	0,10	0,09	0,09
Indice cephalico						81,8
Indice nasal						71,7
Dynamometro (mão direita)	28K.	23K.	26K.	23K.	24K.	24

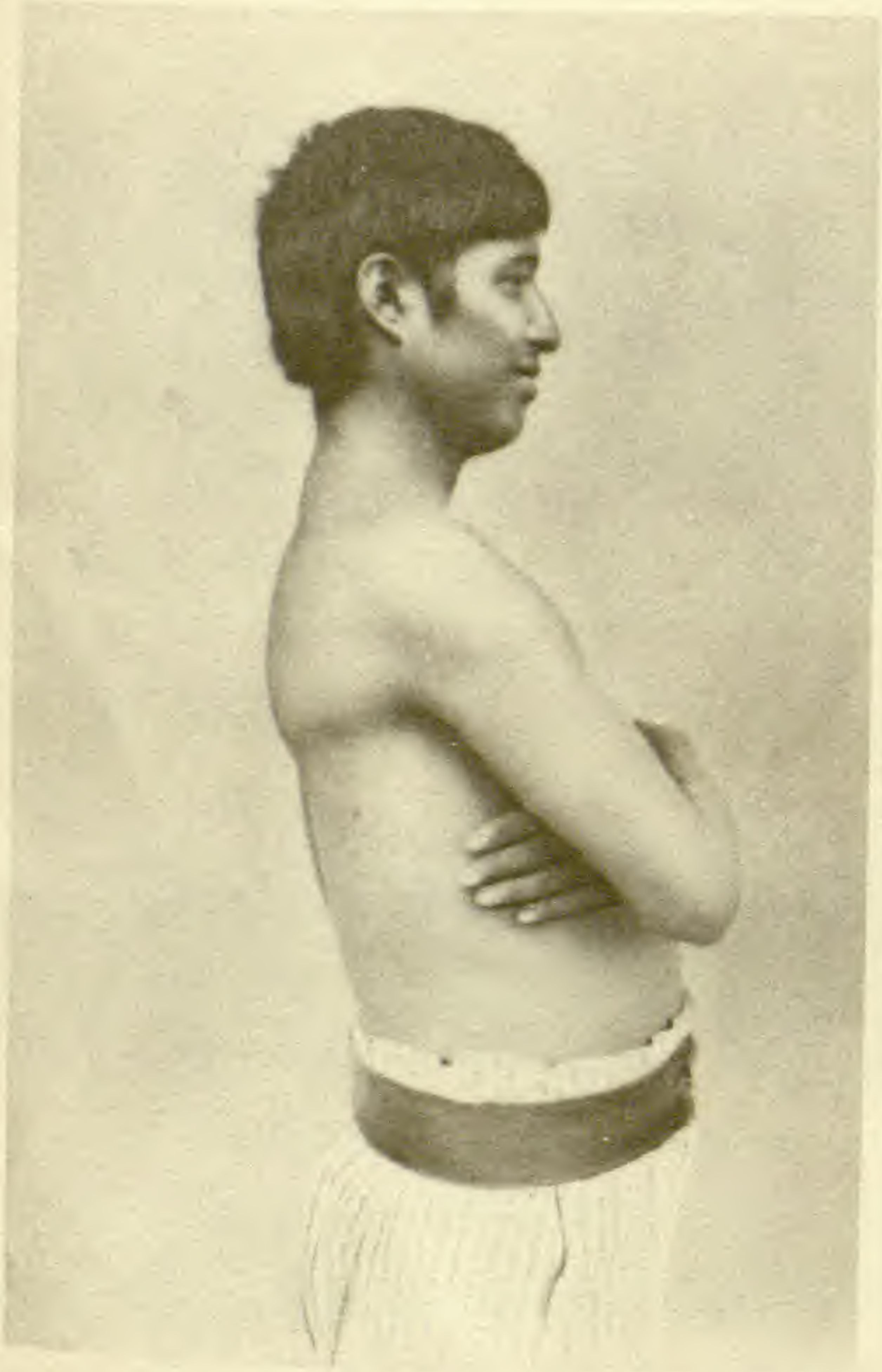
Apezar de haver pequena discordancia entre estas mensurações e as da segunda expedição von den Steinen (1888), differença minima, que attribuo á influencia de indios de um dos grupos, que o anthropologo allemão não mediu, todavia, nos caracteres descriptivos, minhas notas confirmam as delle.

Na descripção de Karl von den Steinen, a pelle dos Parecís tem colorido semelhante ao gráo 33 da escala de Radde, sendo suas pesquizas realizadas sobre nove homens e tres mulheres da região de Diamantino. Um dos homens, e as tres mulheres, tinham cabellos ondulados. Face alta, fronte

Namon Suratiá (João Pinto)



Makoirocê - (Generosa)



Sukiù - Azarê

Tiò - Zaluçú

Typos Parecis de Aldeia Queimada, Mato - Grosso

E. Roquette Pinto, phot

1912

baixa, iris escura, fenda palpebral horizontal, nariz de raiz delgada e dorso convexo; altura pequena, lembrando a dos Bakairís, septo nasal e lobulos das orelhas perfurados, são os traços geraes dos Parecís, segundo von den Steinen.

* * *

As fichas anthropometricas do Museu acham-se documentadas pelas impressões digitaes dos individuos examinados. As formulas dos cinco indios, cujas dimensões se acham no quadro da pag. 78, são as seguintes:

HOMENS

Ficha n. 1	V — 1343 V — 4442
Ficha n. 2	E — 3333 I — 2244
Ficha n. 3	V — 4444 V — 4444
Ficha n. 4	E — 3343 I — 2242
Ficha n. 5	V — 3333 V — 2222

MULHERES

Ficha n. 1	V — 1343 A — 4442
Ficha n. 2	A — 3113 I — 1112
Ficha n. 3	E — 2333 V — 4442

As fórmulas estão expressas pela notação de Vucetich. Nota-se um predominio accentuado das fórmas complexas, nas impressões masculinas (verticilo); enquanto que, nas impressões femininas, os typos simples apparecem com maior frequencia (arco). Essa desproporção não teria valor algum si fosse verificada, apenas, nas oito fichas aqui transcriptas; porém o material de que dispomos é bem maior, quanto á dactyloscopia, e não desmente a proporcionalidade.

* * *

Conhecendo as pesquisas de Forgeot, sobre a determinação da idade provavel do individuo pelo exame das impressões digitaes, procurei verificar si suas médias combinavam com a idade provavel dos meus indios. Effectivamente assim aconteceu; de accôrdo com a sua observação uma linha de 0,005, perpendicular ás cristas papillares, no adulto, secciona cerca de 10 linhas. Nos primeiros annos da vida, o numero de cristas papillares, existentes na mesma extensão (cinco millimetros), é muito maior. A perpendicular corta, então, 18 a 20 linhas.

* * *

Em Aldeia Queimada, localizadas pelo tenente Emanuel do Amarante, viviam muitas familias parecís, dos rios Cabaçal, Júba, Jaurú, Verde, Sacre, Papagaio, representantes dos grupos maiores da grande tribu. O que de mais exacto se conhece actualmente em relação a esse povo, acha-se no «Relatorio» de Rondon. Todavia, mesmo para completar algumas daquellas notas, julguei acertado não desprezar dados que se me offereceram no meio parecí. Além das notas anthropologicas, indicadas acima, obtive informações ethnographicas, themas musicaes, lendas, cantigas, que registei no phonographo Edison, films documentando scenas industriaes: preparo da mandioca, tecelagem, fiação, etc..

Tendo entre os nossos tropeiros um indio parecí, Antonio Parecí, muito estimado entre os seus, e conhecedor perfeito de sua gente, tambem o submetti a indagações prudentes e methodicas, obtendo algo. Em Aldeia Queimada, depois em Utiariti e no Timalatiá, conferi, palavra por palavra, o vocabulario de Rondon, ao qual apenas juntei uma dezena de termos. E' um lexico fiel e rico. O material ethnographico descripto, ou figurado aqui, faz parte das collecções pertencentes ao Museu Nacional, onde se acha inscripto sob os numeros mencionados neste trabalho junto a cada objecto.

* * *

Parecí não é nome nacional; a si mesmo, elles se denominam *Arití* e só usam daquelle appellativo quando estão comnosco.

A tribu acha-se dividida em grupos, que falam a mesma lingua e têm os mesmos habitos. As informações que hoje possuimos acerca desta nação, precísam bem a existencia de tres nucleos parecís: *Uaimarés*, *Kaxinitís* e *Kozárinis*. Os Kozárinis são tambem denominados, pelos outros, *Kabixís*. Mas esse nome é apenas alcunha pejorativa ; os verdadeiros Kabixís são indios da Serra do Norte, que descem para o valle do Guaporé, chegando a cidade de Mato-Grosso, onde commettem depredações.

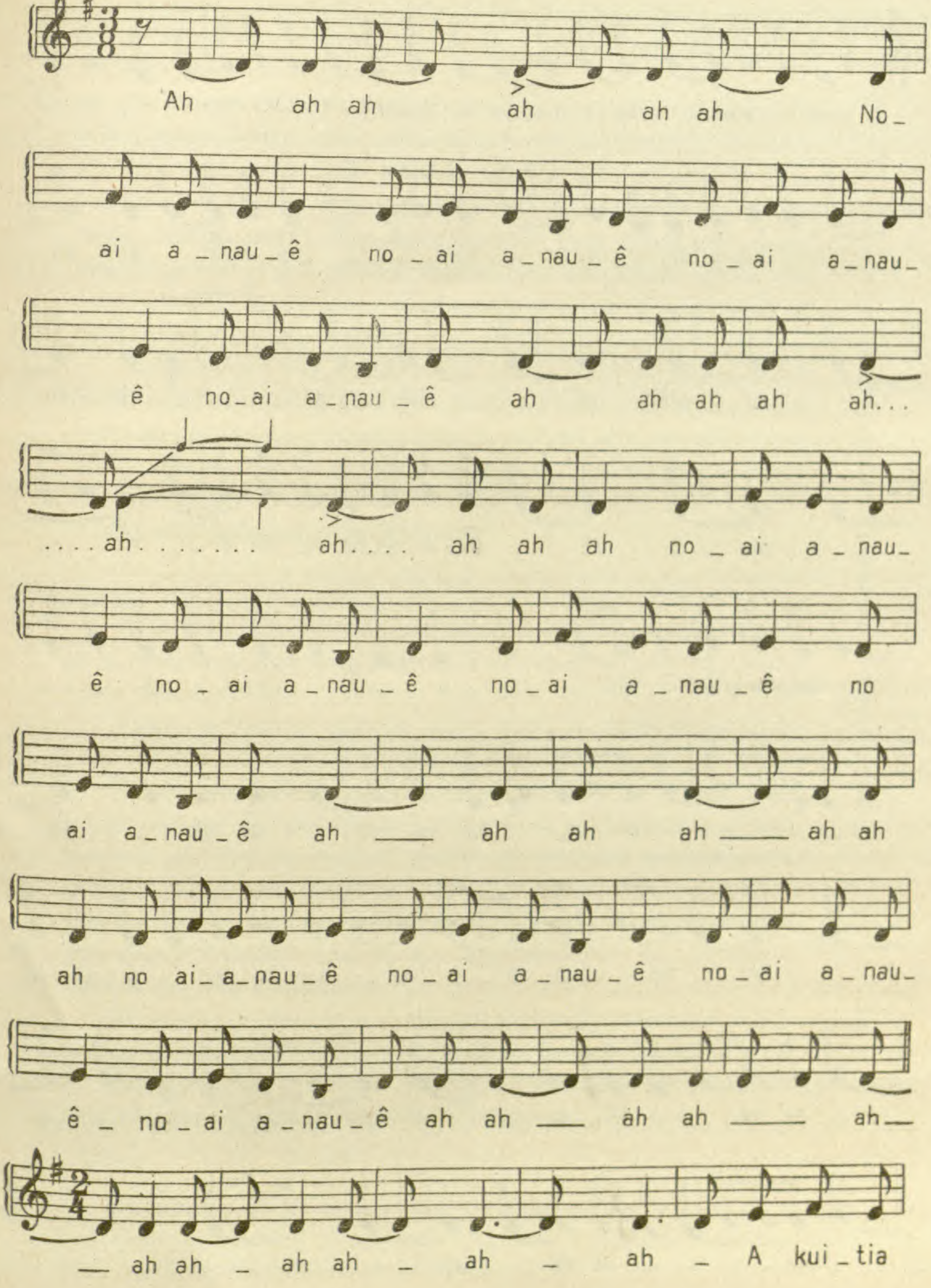
Toda a tribu vive espalhada pelas cabeceiras dos tributarios do Paraguai, do Juruena, do Guaporé, e no planalto do seu nome; o «chapadão» triste, arenoso e inhospito, é a patria parecí.

Ha cerca de 200 annos vive a velha nação em contacto com os brancos ; quasi todos os seus filhos falam, ou entendem, nossa lingua.

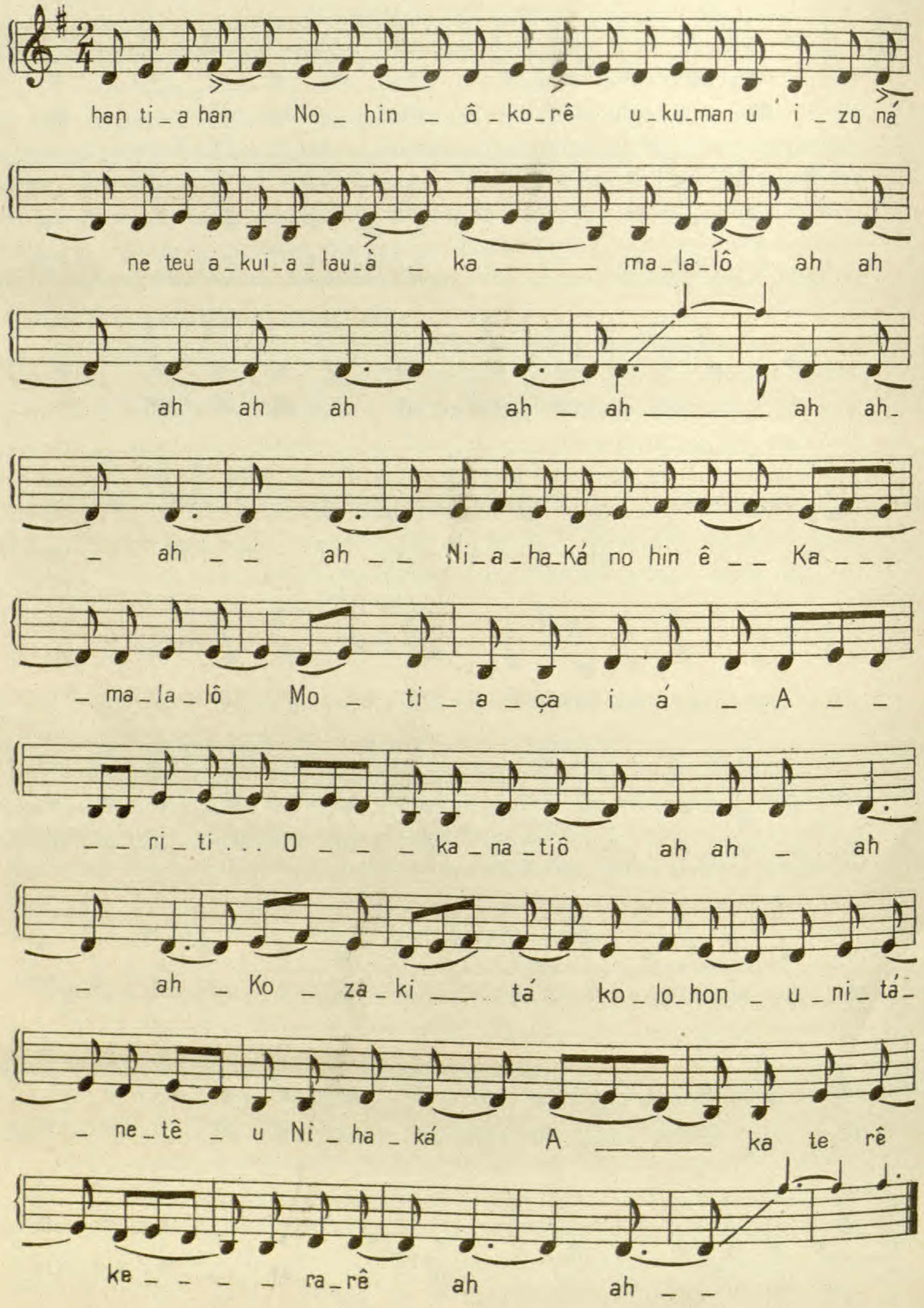
Cada aldeia é sujeita á jurisdicção de um chefe temporal (Amúri), e outro espiritual (Utiarití). Em alguns casos o mesmo individuo desempenha ambas as funcções ; é chefe e sacerdote. Um chefe geral dos parecís não existe. Ha, porém, alguns amúris influentes em larga zona ; Mathias Tôlôirí, guia e amigo do coronel Rondon, tinha prestigio mui

PHONOGRAMMAS 14.594 E 14.595

(INDIOS PARECÍS)



F.1



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

dilatado entre os da tribu. O amúri é sempre obedecido; o utiarití, sempre respeitado.

Sacerdote e medico, o utiarití vae perdendo muito do seu antigo prestigio, a medida que mais intimamente se vão estabelecendo as relações dos indios com os civilizados.

A elle, no entanto, cabe guardar na memoria as lendas da tribu, algumas das quaes, colhidas pelo coronel Rondon, vão transcriptas mais além; elle é quem pratica uma especie de « baptismo », cerimonia de apresentação social, que celebram os Parecís; realiza uma sorte de casamento, com ritual bem determinado; corta o páo *Iòhôhô*, interessante fetiche até agora não descripto; dá inicio aos canticos, religiosos ou não; guarda as flautas sagradas (Jararácas).

Actualmente não existe ritual para a consagração sacerdotal; o futuro utiarití instrue-se nas canções e nas lendas, assim como nos processos therapeuticos, á medida que vae crescendo, mercê principalmente de sua intelligencia. A idade do candidato não parece influir para sua escolha; Luiz Cintra, amúri do rio Verde, não tinha mais de 30 annos.

* * *

A familia entre elles é polygamica, embora muitos homens já se contentem com uma esposa. Sukiú-Azárê, indio do Jaurú, tinha tres mulheres.

Casam-se jovens; alguns criam meninas, desde tenra idade, para desposal-as quando attingirem á puberdade, aos 12 annos.

Tratam as mulheres com certo desprezo; em Aldeia Queimada, apezar dos conselhos que recebiam em contrario, só consentiam que ellas comessem, quando já estavam absolutamente saciados. Segregam-nas das cerimonias de seu culto; escondem dos seus olhares os instrumentos sagrados da tribu, affirmando que morre a mulher que os vê; não permittem que dansem e cantem em sua companhia.

Fig. 37
Aiê-uinçú
Flecha dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 2109)

Ellas se occupam em trabalhos de toda sorte: seccam o milho, plantam, fiam, lavam a roupa, cozinham, tratam dos filhos.

Em geral, são garridas. Pentes e cosmeticos são dos mais apreciados presentes que se possam fazer á india parecí.

* * *

Homens e mulheres andam vestidos; mas, nas horas de calor, é frequente despirem a roupa e envergarem o *imití* de algodão, especie de cinta que será descripta mais além.

Não dispensam, pulseiras de algodão e perneiras de borracha de mangabeira; mas seus enfeites de pennas já pertencem ao passado.

Gostam do vidrilho. Em signal de contentamento, as indias se pintam com urucú, pontilhando a face e o corpo.

Certo vestuario, que as mulheres confeccionam com panno obtido dos civilizados, é caracteristico: uma especie de saiote passado acima dos seios.

* * *

As armas de que usam são as nossas. Atiram bem.

Ha, porém, um caso especial, hybrido, que consiste no emprego simultaneo de velho escudo venatório, tradicional, feito de folhagens, e dos fuzís modernos de repetição.

Caçam, a tiro, ema, veado, sariema, escondidos por esse anteparo de verdura.

Por meio do fogo costumam tambem matar algumas especies: ateam labaredas no cerrado, de maneira a rodear certa area; quando a caça foge ás chammas, atacam-na.

* * *

Constróem casas grandes, com tecto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas, dormem numa palhoça.

Ao centro, um esteio alto e forte. A' noite armam rêdes, em raio, desse esteio para os caibros lateraes; entre uma rêde e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubece o interior da cabana.

* * *

Kêtêrôkô é nome parecí de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Commissão Rondon, os indios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço á linha telegraphica.

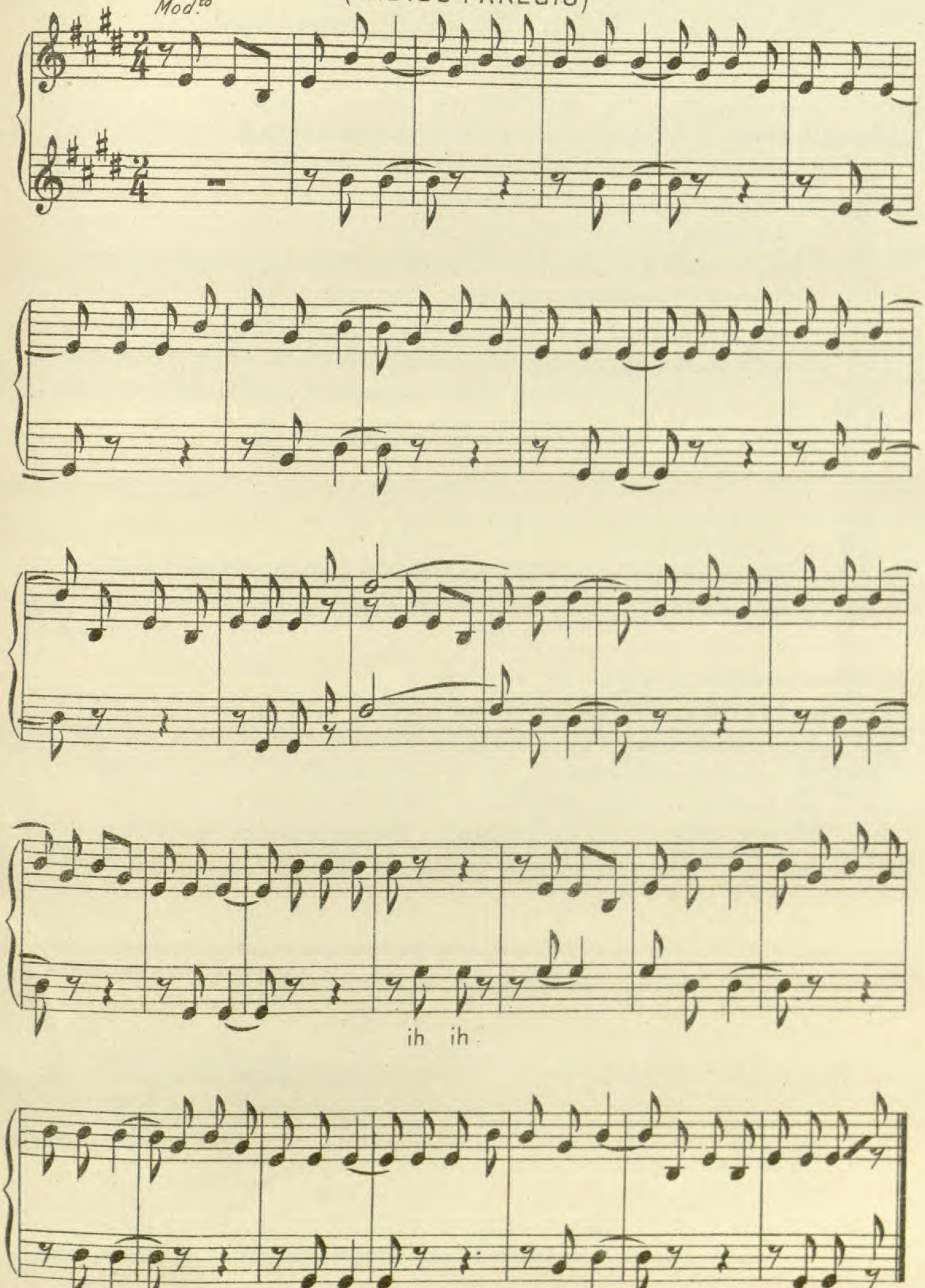
Nosso tropeiro Antonio Parecí, *Iamalurê* — para seus patricios, não pôde resistir á tentação e dormiu com sua gente. Fomos, alta noite, visitar a cabana; entramos suprebticiamente e ficamos á um canto.

A luz das fogueiras, subindo por entre as rêdes, trançadas de linhas vermelhas ou amarellas, illuminava os corpos nús, estendidos transversalmente. Numa rêde, uma familia inteira resonava: pai, mãi e dois filhos, todos muito abraçados. Mais além, uma criança choramigava, ao lado de uma india moça que a balouçava nos braços, cantando:

Ená-môkôcê cê-maká
Ená-môkôcê cê-maká...
(Menino dorme na rêde...)

PHONOGRAMMA 14.596

(INDIOS PARECÍS)



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

E si a criança é de sexo feminino cantam :

Uirô-môkôcê cê-makâ...
(Menina dorme na rêde...)

* * *

O *Iôhôhô* é fetiche que os Parecís ainda conservam muito escondido. Nada mais que uma vara nodósa, que guardam religiosamente á titulo de amuleto protector, durante annos e annos. Quando muito velha, e carcomida pelos insectos, queimam-na e cortam outra; mas a procura de um novo *Iôhôhô* é acompanhada de certas cerimonias. Enquanto o buscam na mata e durante o trajecto até á aldeia, o utiaritî, e mais um companheiro, vão cantando sempre, em voz muito alta, monotonamente, duas notas em son *filado* (Phonogramma 14.598).

A esse *duo,* chamam *grito do Nokauixitá*; as mulheres não devem ouvil-o.

* * *

Para satisfazer meu pedido, Luiz Cintra promoveu, um grande *kaulonenâ,* onde se celebrou á morte de um veado, bebendo *oloniti.* (1)

A' noite recolheram as mulheres á choupana e vieram, diante do nosso rancho, armados de jararácas, cantar e dançar festejando a caçada, ao redor de uma grande cabaça onde jazia, em postas, um cervo moqueado.

E, assim, consegui apanhar no phonógrapho a musica das principaes cantigas parecís : Ualalôcê, Teirú, Ce-iritá, etc. (Phonogrammas ns. 14.594 e 14.595).

Fig. 38 — Bainha para proteger a ponta das flechas *arukirikatçú* dos Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional - 11487)

(1) *Oloniti* — é aguardente feita de milho.
A analyse desta bebida realizada no Laboratorio de Chimica Analytica do Museu, pelo Sr. professor Alfredo Andrade, deu o seguinte resultado:

Analyse n. 18

Densidade a 15°	1.007,5
Acidez por litro em Na Ho	118 cc.
Acidez por litro em acido acetico	7,080 gr.
Alcool °/o em volume	2°,2
Alcool °/o em peso	1,760 gr.
Extracto a 100°	3,064 em gram.
Substancias reductoras calculadas em glycose	0,325 em gram.
Saes fixos — (Cinzas)	0,120 em gram.

Caracteres geraes— Liquido opalino, com reflexos amarellados, muito espumoso, de cheiro especial. Este liquido sobrenada em abundante deposito de detrictos de milho e enorme profusão de fermentos diversos.

UALALOCÊ (Phonogramma 14.594)

Akutiá-han, nohin ôkôrê
Ukuman uizoná nêtêu
Ukuialauá Kamalalô
Niáhaká nohin-ê Kamalalô
Motiá saiá Arití okanatiô
Kozákitá kôlôhôn unitá neteu
Niahaká akaterê Kerarê

ESTRIBILHO

Ha! Ha! Noáianauê! Uh!

O *ualalocê* narra episodio da vida da india Kamalalô. Indo passear á floresta viu um homem trepado num pé de tarumã; suppondo que fosse um indio, disse-lhe:

— Arití, dá-me uma fructa de tarumã?

E o homem respondeu:

— Kamalalô pensa que eu sou Arití. Eu sou «pai do mato»...

* * *

TEIRU'

Uaiê autiá harenezê
Zalôkarê uêrôrêtô
Amôkutiá tanôhaná
Nii-itá tiáhazakô
Tahãrê-kalôrê maucê
Uaiuazarê-uaitekô

O *teirú* celebra a morte do cacique de Uaiuazarê-uaitekô, assassinado accidentalmente por Zalokarê. Tahãrê-Kalôrê, que presenciou o facto, compoz o *teirú* para commemoral-o.

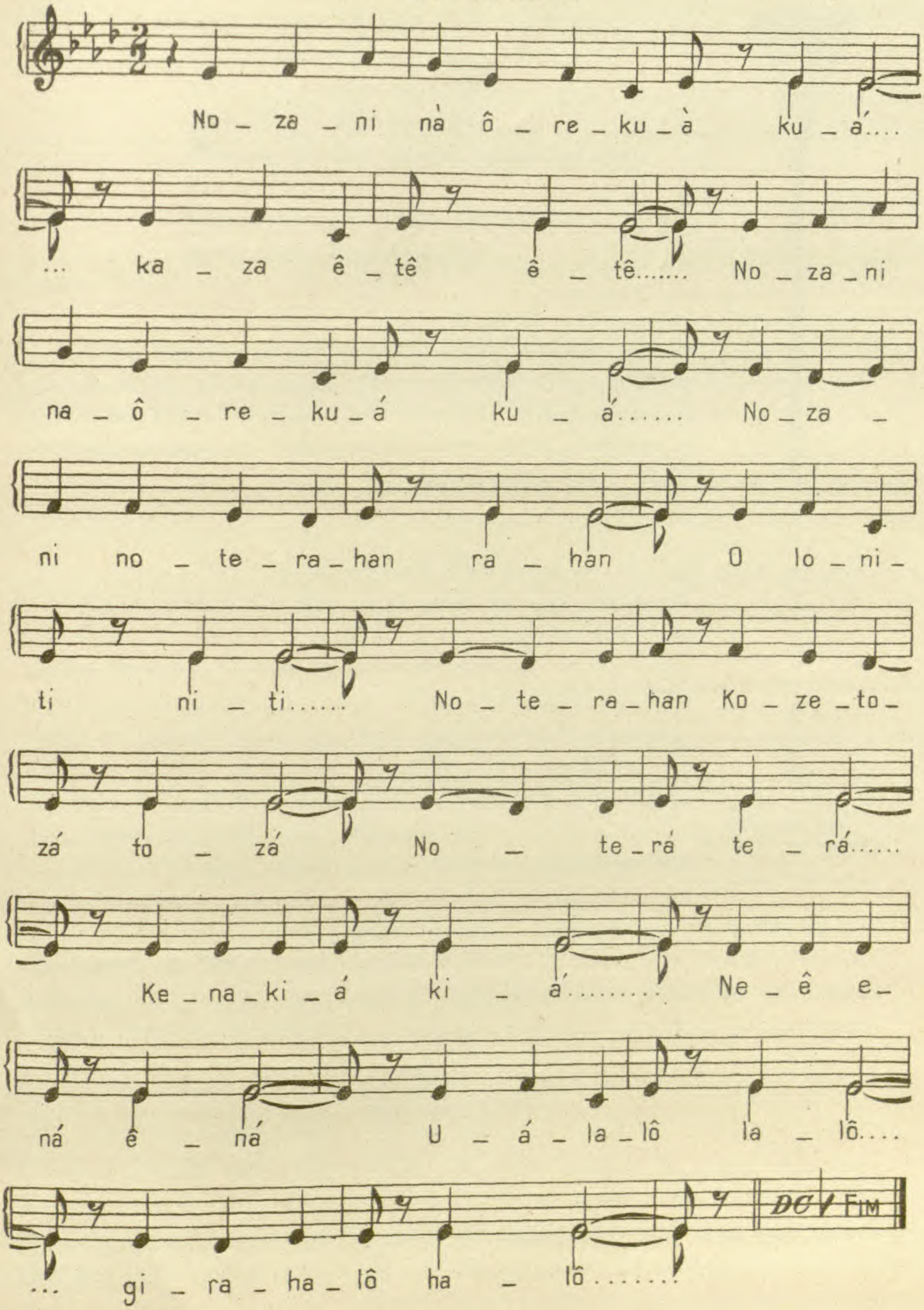
* * *

IATÔKÊ (Phonogramma 14.605)

Natiô atiô Kamáizokolá
Natiô atiô ualokoná atiô
Natiô Kamáizokolá
Nêê ená êma makoé etá
Nêê-êná Kamáizokolá
Oné nauê kotá zanezá
Nêê atiô Kamáizokolá

PHONOGRAMMA 14.597

(INDIOS PARECÍS)



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

O *iatokê* celebra o «salto» do rio Juruena, que os Parecís, numa antiga lucta, conquistaram aos Uaikoakorê. Kamáizokolá é o nome do referido salto:

Meu nôme é Kamáizokolá
Eu sou o mesmo ualokoná
Meu nome é Kamáizokolá.
Nenhum homem poderá banhar-se aqui.
Eu sou Kamáizokolá.
Este rio bom é o maior de todos.
Meu nome é Kamáizokolá.

* * *

Tres lendas, que o coronel Rondon colhêra alguns annos antes, foram igualmente registadas em cylindros phonographicos; infelizmente, esse material damnificou-se durante a viagem. Vale a pena transcrever, todavia, o argumento destas novelas, que apresentam alto valor ethnographico.

LENDA DA ORIGEM DOS HOMENS

Enôrê, o Ente Supremo, appareceu em A'tiu (Sakuriú-iná, Ponte de Pedra). Cortou um páo; esculpiu nelle uma figura humana e o fincou no solo. Depois cortou uma varinha e deu pancadas nelle; o páo virou homem. Procedeu do mesmo modo com outro fragmento de madeira; surgiu a mulher. Este casal primitivo teve um filho, que foi *Zalúiê* e uma filha, *Hôhôlaialô*. Mais tarde teve outros dois filhos: *Kamáikôrê* e *Uháiuarirú*.

Fig. 39 — *Aiêraçú*
Flecha para aves
Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 14010)

Enôrê chamou *Zalúiê* e *Kamáikôrê* e perguntou-lhes o que desejavam, na partilha que ia realizar dos bens da terra. *Zalúiê* não quiz espingarda, nem boi, nem cavallo; a primeira por ser pezada, os ultimos porque sujam o terreiro das casas; escolheu o arco, a flecha e as outras cousas parecís. *Kamáikôrê* ficou possuidor dos outros dons de *Enôrê*, e foi mais feliz; dominou a terra e seus filhos prosperaram.

LENDA DO MILHO

Um grande chefe parecí, dos primeiros tempos da tribu, *Ainotarê*, sentindo que a morte se approximava, chamou seu filho *Kaleitôê* e lhe ordenou que o enterrasse no meio da roça, assim que seus dias terminassem.

Avisou que, tres dias depois da inhumação, brotaria de sua cova uma planta que algum tempo depois rebentaria em sementes.

Disse que as não comessem; guardassem-nas para a replanta, e a tribu ganharia um recurso precioso.

Assim se fez; e o milho appareceu entre elles.

LENDA DA MANDIOCA

Zatiamáre e sua mulher, *Kôkôterô*, tiveram um casal de filhos: um menino, *Zôkôôiê*, e uma menina, *Atiôlô*. O pai amava o filho e despresava a filha. Si ella o chamava, elle lhe respondia por meio de assobios; nunca lhe dirigia a palavra.

Desgostosa, *Atiôlô* pediu á sua mãi que a enterrasse viva, visto como assim seria util aos seus. Depois de longa resistencia ao extranho desejo, *Kôkôtêrô* acabou cedendo aos rogos da filha, e a enterrou no meio do cerrado. Porém, ali ella não pôde resistir, por causa do calor; rogou que a levasse para o campo, onde tambem não se sentiu bem. Mais uma vez supplicou a *Kôkôtêrô* que a mudasse para outra cóva, esta ultima aberta na mata; e ahí sentiu-se á vontade. Então, pediu a sua mãi que se retirasse, recommendando-lhe não lhe volvesse os olhos quando ella gritasse.

Depois de muito tempo gritou; *Kôkôtêrô* voltou-se, rapidamente. Viu, no lugar em que enterrára a filha, um arbusto mui alto, que logo se tornou rasteiro assim que se approximou. Tratou da sepultura. Limpou o sólo. A plantinha foi-se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, *Kôkôtêrô* arrancou do solo a raiz da planta: era a mandioca. O casal chamou-a: *Ojakôrê*; os Parecís, depois, deram-lhe o nome de *Kêtê*.

* * *

A lingua destes indios acha-se hoje documentada em lexico abundante, que Rondon enriqueceu prodigiosamente nos ultimos oito annos, durante os quaes tem sido a pessoa mais influente do meio parecí.

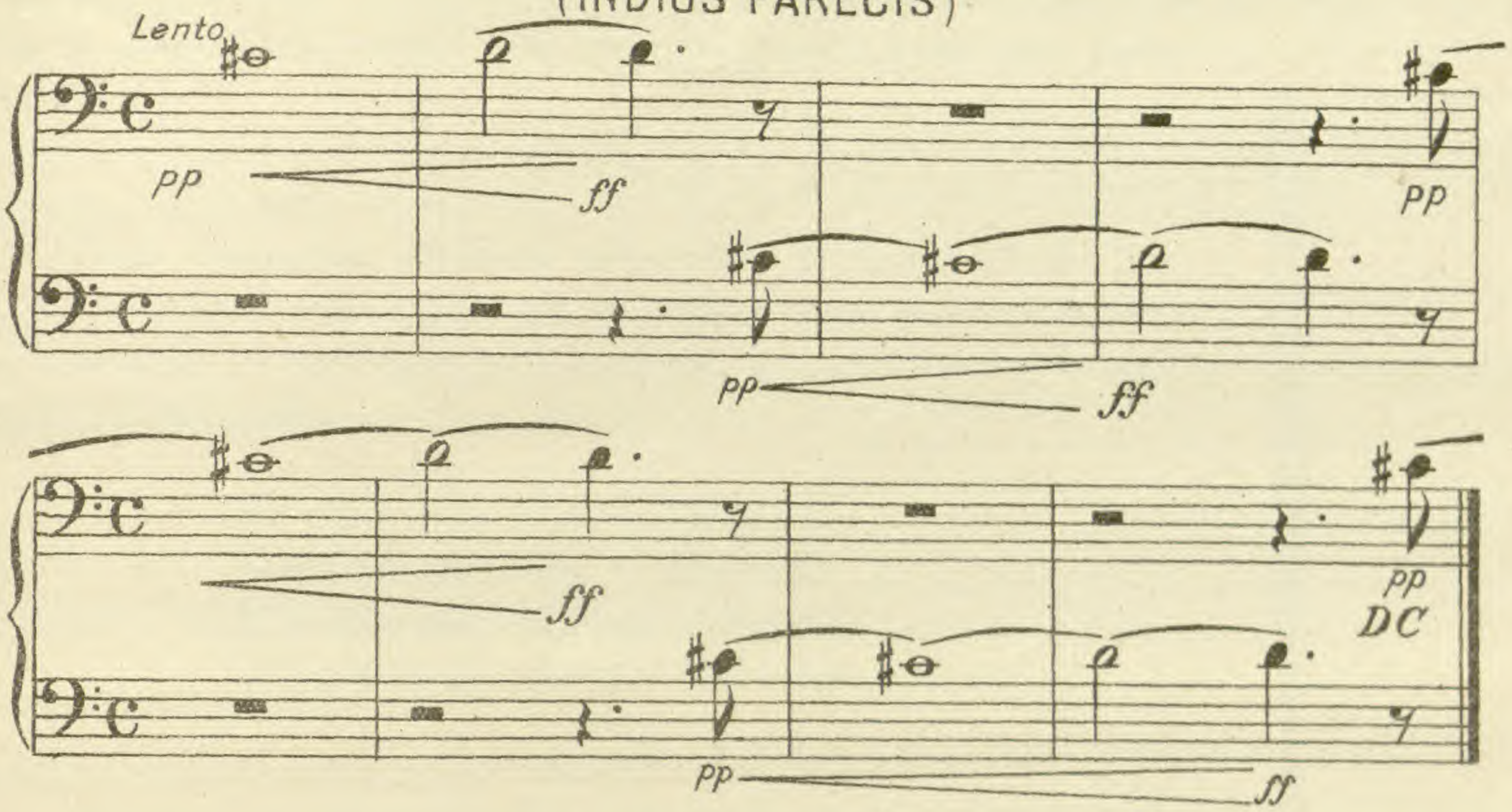
Somma consideravel de pequenos textos, conseguidos no convivio de muitos mezes com alguns indios intelligentes, permittiu-lhe reunir material linguistico de primeira ordem, publicado ha pouco, em annexo, no grande — Relatorio geral dos seus trabalhos realizados em Mato-Grosso de 1907 até agora.

* * *

Existe uma grande difficuldade para boa traducção dos textos. Os indios dão o significado dos vocabulos com bastante precisão; mas o valor

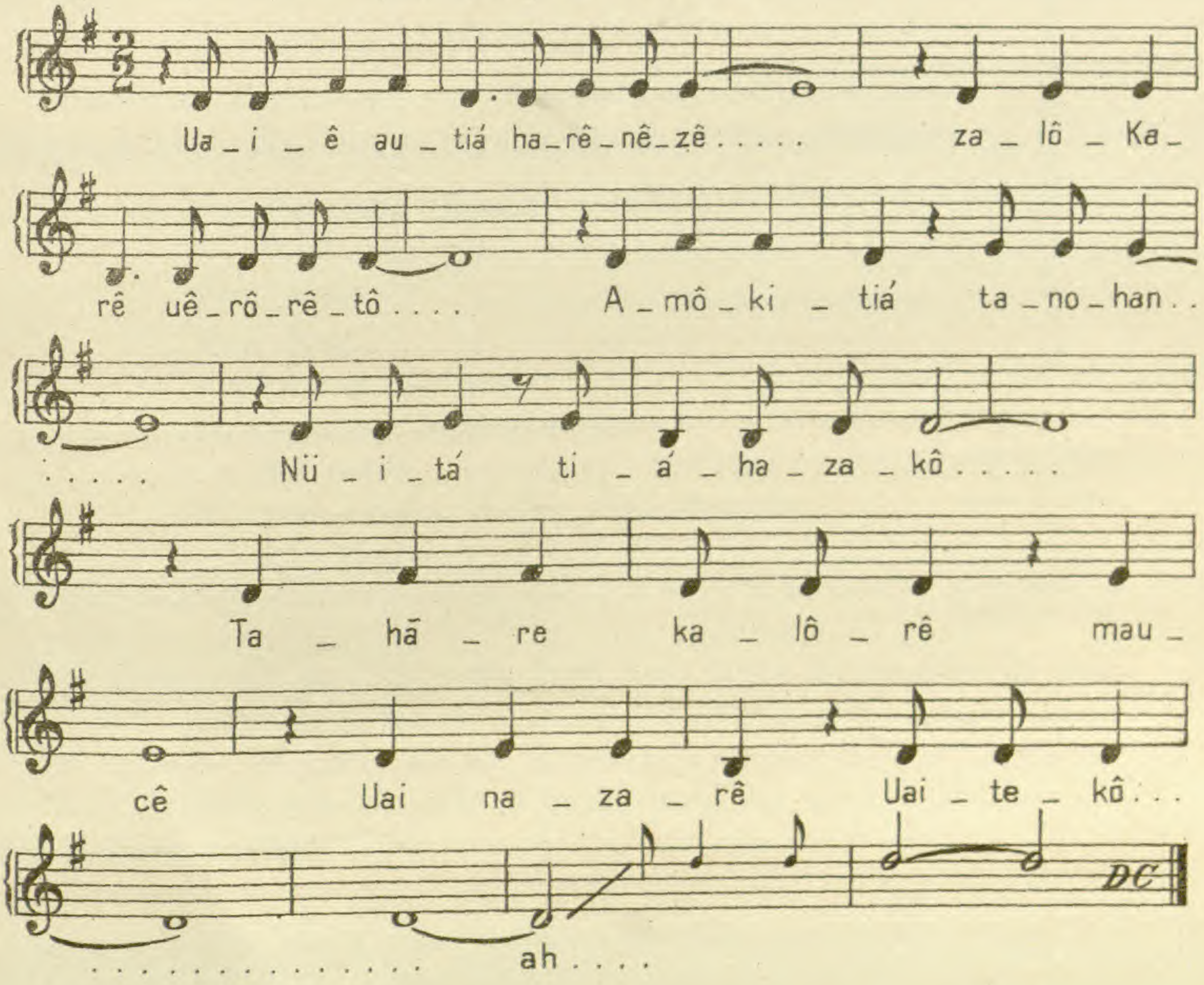
PHONOGRAMMA 14.598

(INDIOS PARECÍS)



TEIRÚ

(INDIOS PARECÍS)



das phrases soffre, consideravelmente na versão que effectuam, á pedido, do parecí para o portuguez. Apparecem, continuamente, termos, palavras, radicaes, que elles mesmos não sabem dizer donde vieram, todas as vezes que se manda um parecí traduzir uma phrase brasileira para seu idioma.

* * *

Para conseguir destacar *pronomes pessoaes*, escolhi pequenas locuções brasileiras que fiz traduzir por diversos indios, comparando. O resultado foi o seguinte, que transcrevo de meu caderno, tal qual :

Eu estou com fome — *Nônatitá.*
Você está com fome — *Hinatitá.*
Nós estamos com fome — *Uinatitá.*
Elles estão com fome — *Nátiá-hitá.*

* * *

Podemos, dest'arte, apanhar não só os pronomes pessoaes: Eu, *Nênatí*; Você (Tu, Vós), *Hinatí*; Nós, *Uinatí*; Elles, *Natiá*; como tambem isolar perfeitamente uma fórma verbal: *Hatitá*, ter fome.

* * *

Parece-me, todavia, que esses pronomes nem sempre se apresentam de modo tão claro na organização da phrase; acham-se:

Eu : *Nô, Natü, Nozáni.*
Tu, Você, Vós: *Içô.*
Elle: *Içoká*
Nós: *Uaiá.*
Você é bom: *Içô uaié*
Eu vou perto: *Nozáni naritá.*
(Eu perto).
Nós vamos tomar banho: *Uaiá akuahan.*
(Nós banho).

Fig. 40 — Flecha tridente para pesca. Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional—11677)

* * *

Os trechos musicaes incluidos neste livro foram transcriptos de phonogrammas existentes no Museu Nacional, colhidos durante a viagem sendo aquelle trabalho realizado pelo Sr. professor Astolpho Tavares ; á sua assistencia, dedicada e proba, devo a maior parte das notas referentes aos instrumentos parecís.

* * *

Deixando de lado a flauta nasal (*Tsin-hali*), instrumento pouco exacto, encontramos entre os Parecís algumas flautas e uma buzina, com embocadura de piston, que dá son cavernoso.

As flautas estão em *si*; meio ton abaixo do *diapason normal*. Formam tres grupos naturaes: *grave*, *médio* e *agudo*, constituindo o que os compositores chamam uma *familia*, como por exemplo, nos instrumentos de corda: contra-baixo, violoncello e violino.

A embocadura de todas é semelhante a do *flageolet*. Têm quatro orificios. O comprimento varia. Com os orificios livres, cada qual dá um accórde de *mi menor*, ton relativo de *sol maior*: *mi*^{2}, *sol*^{2}, *si*^{2}.

* * *

Com o primeiro orificio obturado, todas as flautas dão o accórde de *ré maior*:

ré^{2}, *fá*^{2}♯, *lá*^{2}

* * *

O tom de *sol maior* é muito favorecido pelas notas fornecidas pelos tres grupos:

Grupo grave: *si*^{1}, *ré*^{2}
Grupo médio: *si*^{1}, *ré*^{2}, *fá*^{2}♯, *sol*^{2}
Grupo agudo: *ré*^{2}, *sol*^{2}, *si*^{2}

* * *

O ton de *si menor* (relativo de ~~*sol*~~ ré *maior*) é muito praticavel no 1º e no 2º grupos, pois que esses dão facilmente as notas do accórde desse ton:

Grupo grave: *si*^{2}, *ré*^{2}, *fá*^{2}♯, *si*^{2}
Grupo médio: *si*^{2}, *ré*^{2}, *fá*^{2}♯

* * *

O grupo grave favorece o accórde de *lá maior*, cujas notas facilmente nelle se obtêm: *la*^{2}, *do*^{2}♯, *mi*^{2}

* * *

Os *tons* mais empregados na sua musica são: *sol maior*, *mi menor*, *ré maior*, *si menor*, *lá maior*. Os tons maiores, como se vê, seguem-se em ~~cinco~~ *quintas justas*.

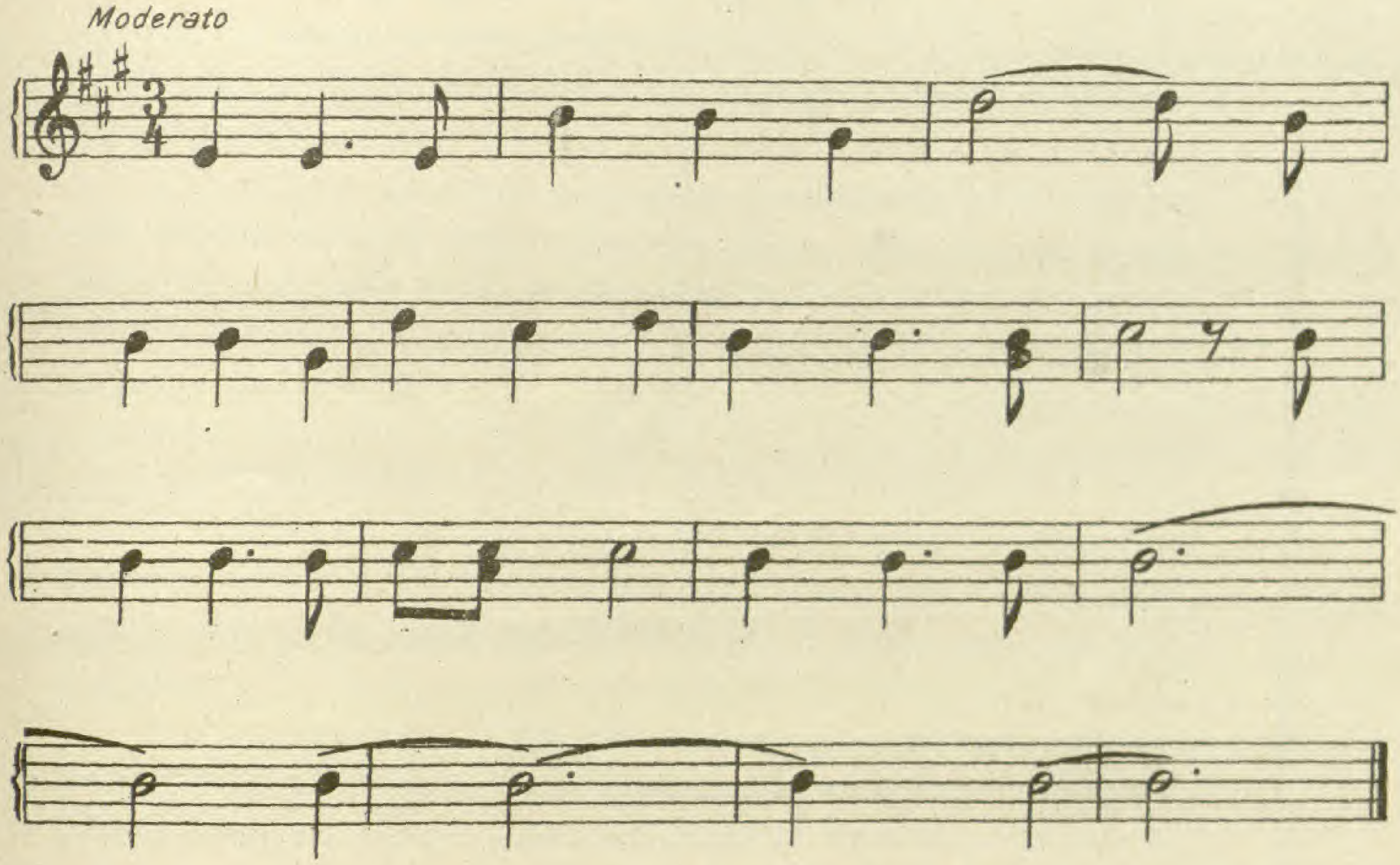
A escala completa fornecida pelas flautas parecís é, pois:

Lá^{1}, *Si*^{1}, *Dó*^{2}♯, *Ré*^{2}, *Mi*^{2}, *Fá*^{2}♯, *Sol*^{2}, *Lá*^{2}, *Si*^{2}.

Não foi encontrado o *do natural*, nem o *si*^{b}. Esta ultima nota póde ser obtida, em certo casos, com os instrumentos agudos.

PHONOGRAMMA 14.602

(INDIOS PARECÍS)



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

* * *

Cada grupo fornece um segmento da escala total:

Grupo grave: *lá*^{1}, *si*^{1}, *do*^{2}♯, *ré*^{2}, *mi*^{2}

Grupo médio: *si*^{1}, *ré*^{2}, *mi*^{2}, *fá*^{2}♯, *sol*^{2}

Grupo agudo: *ré*^{2}, *fá*^{2}, *sol*^{2}, *lá*^{2}, *si*^{2}

Em *ré*^{2} ficam os tres grupos *unisonos*; o 2º grupo salta do *si*^{1} para o *ré*^{2} (3ª menor) deixando de dar o *do*^{2}. O 3º grupo salta igualmente uma 3ª menor: entre *ré*^{2} e *fá*^{2}.

Além destes grandes intervallos, verdadeiros hiatos na escala, acham-se ainda intervallos anomalos; taes são, no grupo médio, o intervallo de 2ª maior entre *mi*^{2} e *fá*^{2}♯, que na escala natural é intervallo de 2ª menor (*mi*^{2} a *fá*^{2}). No 1º grupo da-se o mesmo entre *si*^{1} e *do*^{2}♯.

* * *

O rythmo da musica parecí, em regra, segue os compassos *binario* e *ternario*. Ha tambem, nos phonogrammas colhidos, *compassos alternados*, cuja regularidade não é conservada em todo o trecho.

O phonogramma 14.605 offerece um bom exemplo dessa alternancia; é um trecho em ~~*sol*~~ mi *maior*, que se inicia por tres compassos binarios e logo passa ao compasso ternario, cahindo de novo no primeiro, para repetir a mesma successão, até ao fim.

O phonogramma 14.602 é de um côro em *la maior*, muitissimo original, quanto á melodia, e surprehendente quanto ao rythmo. E' incerto. Approxima-se do $^5/_4$, que é mantido durante os tres primeiros compassos: ahi, quebra-se, cahindo o côro, ora no compasso binario, ora no ternario. A transcripção deste phonogramma foi feita em compasso de $^3/_4$, para facilitar a leitura.

Notam-se, em alguns phonogrammas, movimentos *syncopados* bem claros. Taes são os de numeros 14.594 e 14.595, onde se encontra, pronunciadamente, o tempo de *bolero*, em $^3/_8$.

Fig. 41 — *Arukirikatçú* Flecha de ponta embainhada Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon Museu Nacional — 11487)

* * *

Os instrumentos typos são:

Grupo grave: *Zoratealô* (11.218)

Grupo médio: *Teirú* (11.220)

Grupo agudo: *Zahôlôcê* (11.224)

* * *

Entre as peças ethnographicas da collecção parecí (collecção Rondon) do Museu, algumas merecem especial citação.

Zaiakúti, escudo de caçada (11.260 e 11.261); é formado por um arcabouço de varas flexiveis mantidas por meio de tiras de urubamba, ou mesmo de arame. Tem cerca de um metro de altura e 0,40 de largura. Si a vegetação não auxiliasse o disfarce, seria um fraco protector, dispondo de área tão escassa.

Uariá-matalô é vaso de barro mal cosido, estylo archaico no dizer dos proprios Parecís. A forma geral lembra certo vaso de Marajó. Em relevo, ha uma figura em cujo interior quatro estrellas parecem representar olhos, nariz, boca, de uma face humana estylisada pelo processo dos ceramistas primitivos. Circumferencia maxima do vaso — 0,71 (11.263).

Malokocê — (11.247) é cabaça com desenhos geometricos (triangulos) e figuras de aves (garças), entalhados em negro. Uma onça caçando uma ema, um lindo tamanduá bandeira, alguns pacús, são admiraveis motivos ornamentaes de outra (11.252).

Ixiçá — (11.245) cúia pintada de preto pela face interna. Sem desenho. O laço é fixado, no *rostrum* da cúia, por meio do breu da almécega.

Höözí — cesta ornamental usada, outr'óra, para carregar, a tiracollo, fumo, carne, etc., durante certas dansas (11.272).

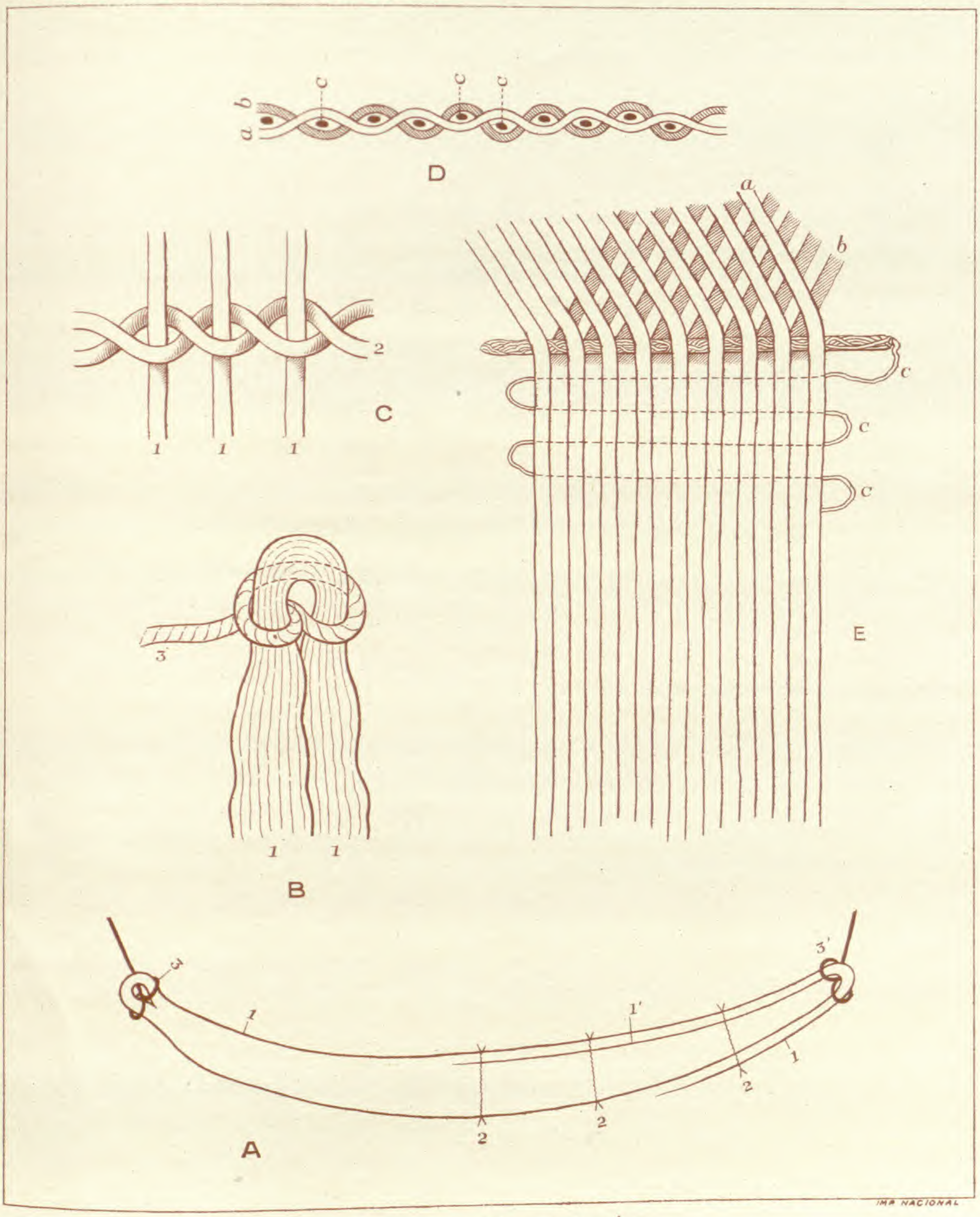
Kohôn-kixí — cesta de carga — (2.549) trançada de taquára. Altura, 0,34; circumferencia maxima 0,73. Esta peça pertence á *Collecção Guido*, offerecida ao Museu pela Sr. D. Maria do Carmo de Mello Rego.

Maká — rêde de dormir. Em geral, feita de algodão (11.296) — tinto em vermelho, amarello ou alaranjado. Tambem tecem-nas de fibras de tucum (2.225), empregando technica simples: um fio muito longo, passado da direita para a esquerda, cerca de 1700 vezes, fórma a urdidura da rêde. Espaçados, a distancias variaveis, alguns fios, perpendiculares aos primeiros, dão resistencia ao apparelho e fórmam a trama, conforme se vê na estampa.

Konokoá — Faixa para a cintura ou para a cabeça — (11.281) — E' tecido admiravelmente bem executado, com fios coloridos, em que desenhos geometricos predominam. Para obter, nesses desenhos, os traços de côr, o processo é tambem muito simples.

Passam, com agulha, um fio que ora leva para o segundo plano, ora para o primeiro, a linha escolhida. Tendo, por exemplo, a urdidura fios amarellos e vermelhos, si deseja o tecelão um ponto vermelho passa o fio, que faz a trama, por baixo de um fio vermelho, recalcando um fio amarello; si quer um ponto amarello, recalca para o segundo plano os fios vermelhos da trama e torna saliente um amarello.

Assim tambem são tecidos o *Imiti* — (11.275), cinta ou saiote curto usado por homens e mulheres, ainda hoje, nos dias de calor; a *Kalauati*, — (11.283) — liga humeral; a *Ta-hiti* — liga tibio-tarsica.



INDIOS PARECÍS

A. B. C. — *Trançado de uma rêde.* (Schema)
D. E. — *Trama de um tecido.* (Schema)

Para tecer estas peças empregam agulhas, *Kamin-hin* — finas e longas (0,41) de madeira vermelha ou de *airi* — (11.266). As rêdes são tecidas com agulhas maiores, largas e longas, *Umatitocê* — (11.270). *Tiirú* — fusos, ora são de madeira — (2.172), ora de taquara, com peso feito de barro — (13.567), ou de um fructo de palmeira — (11.274). *Matiri* — são saccos de palha, sorte de grandes bornaes — (2.649).

Kuái — abano — é trançado de maneira original. Tomam foliollos de bacaba, destacados do peciolo da folha. Fixam uma porção delles na metade de uma haste de madeira medindo cerca de 0,40 centimetros, fazendo uma alça que deixa livre a respectiva extremidade, que, depois de trançada aos outros, vai se fixar na outra metade da mesma haste por meio de um trançado de taquara.

A fórma geral do abano parecí é semelhante á de uma aza de lepidoptero (11.805).

Paneiros — (11.185) — *To-herí*, e peneiras — (11.191) — *Atoá*, são igualmente trançadas em palha e em taquara.

De fibras de tucum e de outras palmeiras fiam excellentes cordas (11.277) — *Makáno* — torcendo os fios sobre a coxa, debaixo da mão espalmada.

Hoje, não usam mais enfeites de pennas semelhantes aos que fabricaram especialmente, em Utiaritî, para o Museu Nacional. *Kiliá-kocití* — é a penna que outr'óra passavam atravez do septo nasal — (11.306). *Kamái-hin-hokô* — é diadema de pennas de tucano (11.310), antigamente usado em homenagem ao Sol; tem fórma semicircular saíndo as pennas da circumferencia como si fossem os raios do astro symbolisado.

Tambem não usam mais o *Zaôlo* — (11.309) — pennacho que se collocava verticalmente na região occipital. De fructos seccos do *piqui* fazem chocalhos — *Zuzá* — que atam aos tornozellos, como guizos, para dansar — (11.264).

Da borracha da mangabeira fabricam ligas tibiaes — *Tahití* (11.313), e bolas com que jogam o *Mataná-Arití*, *Haed-ball*, na justa expressão de Rondon (11.311). Nesse jogo, dividem-se os rapazes em dois campos e cada qual procura mandar a bolla ao contrario, impellindo-a por uma cabeçada...

Fig. 42 — Emplumação das flechas dos Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 14010)

Ualaçú — é cabaça-maracá, hoje esquecida (11.246).

Instrumentos de musica são o *Tsin-halí* — ocarina feita com dois discos de cabaça, que tocam com o ar expirado por uma das narinas, obturada a outra para augmentar a pressão — (11.234); *Hezô-hezô* — grande trombeta, com embocadura de piston, possuindo uma formidavel caixa de resonancia feita de uma cabaça — (11.215), ou mesmo desprovida de

pavilhão — (11.216); *Tiriaman*, instrumento jocoso, feito de um merithallo de taquarussú, adrede rachado, dentro do qual os indios gargalham durante algumas dansas.

Certos instrumentos que, musicalmente, pertencem a um dos typos já especificados, recebem nomes especiaes pela applicação que se lhes dá nas cerimonias do culto. São ornamentados de diversa maneira.

Ualalocê — (11.223) — entre o primeiro orificio e o segundo possue uma serie de sete losangos e, ao redor do quarto orificio, tem um circulo feito de pontos isolados. Este ultimo typo de ornamentação sagrada, a proposito da qual os Parecís não gostam de falar, é de regra no *Herá-herahün* — (11.228). Um dos instrumentos sagrados tem figura anthropomorpha gravada na superficie: é um *Zaholocê* — (11.227).

Para se pintarem quando estão contentes alguns parecís empregam a *Ahitê* — (11.315) — pasta de cêra e pó de sementes de urucú.

O arco — *Korê-okô* — (11.184); flechas — *Korê* — (11.178); flechas para apanhar aves — *Korêkakoá-nihakä* — (11.177), são armas só usadas pelos Parecís do extremo Oeste.

* * *

Os Aritís acham-se em adiantado grão de differenciação cultural; mórmente os do districto de Diamantino, por onde passa a linha telegraphica, exactamente aquelles que foram examinados em 1888, por von den Steinen.

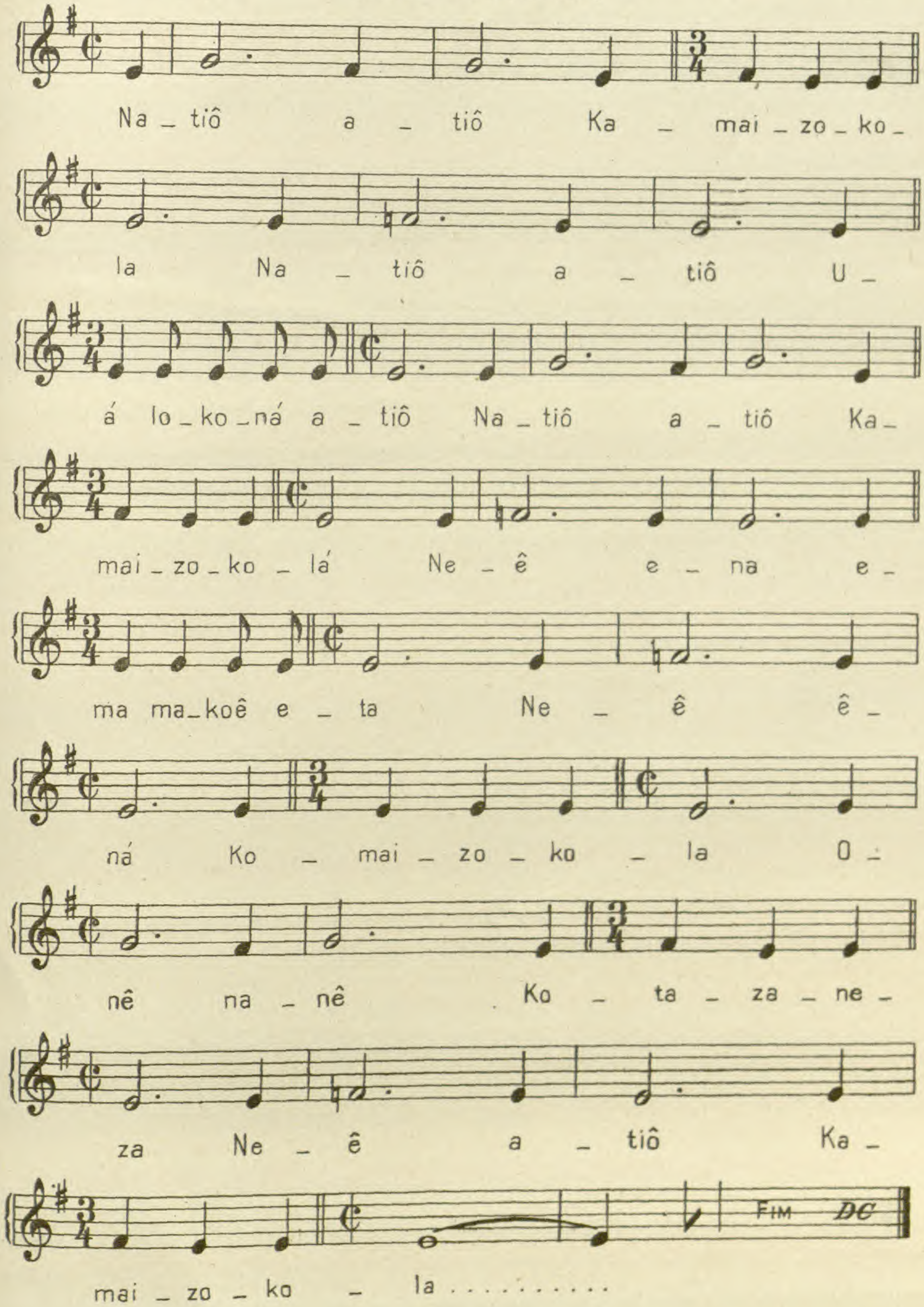
Naquelle tempo, segundo diz o notavel ethnologo, faziam commercio de fumo torcido e aromatisado com urubamba, peneiras, rêdes, pennas, mandioca, algodão, cará, batatas, ipéca, com as populações de S. Luiz de Caceres e Diamantino. A rêde dos Parecís era de algodão e as dos chamados Kabixis (Parecís-Kozárinis) eram de tucum. As ligas de borracha de mangabeira eram reservadas para as mulheres; usavam os homens ligas de algodão. Tatuavam-se nos braços e nas coxas, desenhando arcos, com tinta de genipapo, por meio de um espinho de gravatá. Usavam um protector genital: *daiha-sö*. Seus trançados eram semelhantes aos dos Aruaks, das Guianas. Hoje a influencia dos tecidos civilizadôs é manifesta nas obras parecís. Rêdes, tecidos e vasos, eram fabricados pelas mulheres; os homens trabalhavam em peneiras e trançados. As mulheres plantavam nas *derrubadas* á maneira do que se faz entre os nossos sertanejos, quando toda a familia toma parte no serviço.

Já naquelle anno eram monógamos.

Por occasião do nascimento de uma criança, ambos os progenitores jejuavam, até á queda do cordão umbillical. Aos tres annos era o pequeno baptisado, recebendo o nome de um dos avós.

Os mortos inhumavam-se dentro de casa, posta a cabeça para o lado de Leste. Durante os seis primeiros dias depois do fallecimento, os parentes

PHONOGRAMMA 14.605
(INDIOS PARECÍS)



proximos jejuavam tambem. Acreditavam, então que, si o morto não resuscitava, depois desse periodo, é que tinha conseguido entrar no ceu...

No setimo dia bebiam o summo do *kaiterú*, misturado com urucú, no meio de grandes e solemnes festas. Então, como agora, o *utiariti* era o padre-medico; soprava fumaça sobre os enfermos para affastar a doença, ensinava aos jovens que o deviam succeder naquelle mister.

Fig. 43 — Fio de algodão — *Kondzú* — envolto em folhas. Indios da Serra do Norte.

(Coll. — Museu Nacional — 12047)

Da sua theogonia pouco resta. Em 1888, acreditavam que o Sol era uma corôa de pennas vermelhas, pertencente a *Molihuturé*, especie de Apollo parecí... O astro só apparecia pelo consentimento do seu proprietario. A Lua era uma corôa de pennas de mutum-pinima, de que era dono *Kaimaré*.

Suas phases explicavam-se por um processo de que ha certas reminiscencias ainda hoje; animaes diversos occultam ora parte, ora toda a superficie do planeta...

* * *

Muitos parecís são, actualmente, trabalhadores da Commissão de Linhas Telegraphicas; procedem como verdadeiros sertanejos. Outros, se demoralisaram em contacto com os seringueiros, e levam existencia precaria.

VI

Sempre cruzando chapadões arenosos, onde a sariema grita e o echo não responde, onde as tucúras toldam o ar, difficultando o caminhar dos cargueiros, e as mamamgabas ferram, a torto e a direito, atravessamos as cabeceiras do rio Verde, do Iliocê, do Sacre ou Timalatiá, tributarios da margem direita do Juruena.

No cerrado, algumas jaboticabas do campo, fructos biloculares e adocicados, sorte de bagas drupaceas, e mangabas polpudas e tenras.

* * *

O *mosquito polvora*, peor, mil vezes, que o piúm-borrachudo, intemerato, voraz e aggressivo, que se não espanta facilmente, cuja picada fal-o merecedor de seu nome, é praga daquellas cabeceiras.

A face de uma pessoa, atacada por nuvem de *mosquitos polvora*, torna-se vultuosa e edemaciada, como a de um varioloso nos prodromos da erupção.

* * *

Timalatiá, em parecí, é *rio do sangue*; os indios dizem *Sacre*, em vez de Sangue.

Dos affluentes da margem direita do Juruena, cujas cabeceiras são cortadas pelo caminho de abastecimento da linha telegraphica, o mais caudaloso, nos passos da estrada, é o Sauêruiná ou Papagaio. Estreito, corre muito e tem aguas claras. Mata bonita o acompanha.

* * *

Todo o planalto dos Parecís tem a mesma constituição geologica; é formado de camadas de areião interrompidas, em alguns pontos, por

pequenos lençóes de terra argilosa. Nenhum afflоramento de rocha plutonica; mesmo a diabase, existente em Tapirapuan e na Serra do Norte, não apparece no « chapadão ».

Nas proximidades das nodoas argilosas abundam casas de termitas, algumas collossaes. Nos pontos em que o sólo se torna mais favoravel á vegetação, alteiam-se typos que parecem immigrados da floresta.

Chegando ao Sauêruiná encontram-se jazidas de *pedra canga*, assim mesmo, modestas.

Fauna relativamente pobre de fórmas superiores: um bando de seis emas correndo no chapadão, alguns casaes de araras, nas matas do Papagaio. Corujas recolhidas no ôco dos páos, onde fazem ninhos. Raras vezes um lobinho medroso. Alguns lagartos e muitos calandros.

Poucos ophidios.

* * *

O páo-santo parece milagroso.

O fogo das queimadas que o raio accende, ou o indio, ou o sertanejo, lambe o karêke e o sapê, requeima o muricí e a mangabeira; e elles custam a brotar.

Mas o páo-santo, mal cessa o fogo, ainda todo negro, com o tronco rachado pelo calôr, cobre-se de pontos alvos, abre em flôr, qual um retalho de noite que se matiza de estrellas.

* * *

Todos os rios apontados acima são fócos de anophelinas. Mais de uma vez, pudemos verificar que as femeas picam tambem durante o dia.

* * *

Para documentar a vida sertaneja, nada melhor que surprehender as palestras dos tropeiros, á noite, no pouso, ao redor do fogo, pitando socegadamente, para queimar o tedio.

Genesio é falador. Nasceu em Minas; andou por S. Paulo e Goiaz, vive em Mato-Grosso ha muitos annos. Tem retalhado a pé, todo o grande sertão destes estados, que elle conhece como « gente grande ».

E' o typo do sertanejo branco.

Viveu, mezes a fio, numa aldeia de Parecís; é o melhor vaqueano daquellas paragens:

— « *Cuiabano, quando dá festa, é só pinga e cigarro. . .* »; e Genesio fazia critica das noitadas sertanejas, como si elle não fosse o maior consumidor de *pinga* no sertão de Cuiabá.

Balsa atravessando o rio Juruena
(Estrada Rondon)

Pouso no "Kilometro 50". Estrada do Sipotuba ao Juruena

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

* * *

Da boca dos tropeiros apanhei algumas locuções da lingua popular de Mato-Grosso, na prosa dos serões.

Não as transcrevo aqui julgando publicar expressões ineditas, ou incognitas. Sei que, na sua maioria, são perfeitamente conhecidas por quantos têm andado pelo interior. No entanto, muitas nunca foram recolhidas. Poucas têm sido aproveitadas. Quasi todas porém, são apresentadas com deformações tendenciosas, propositalmente executadas para realçar-lhes o sabor.

Convem archivar essas locuções, no interesse de estudos futuros ; e tambem para verificar as variações regionaes de umas tantas.

* * *

Hum ! Hum ! é de assentimento, mui generalizado :

— Esse pequeno é seu filho?
— *Hum ! Hum!*

Representa acquisição indiana. E' o processo geral dos indios para exprimir a affirmação. Em outros estados, onde o elemento africano teve grande influencia, esta expressão é antes negativa.

Tchá! é interjeição de pura procedencia bôrôro:

— No seringal então não ha remedios?
— *Remedio? Tchá! lá não vai, nem nada!*

* * *

Djente por *gente* é caracteristico do sertão cuiabano.

* * *

Eu sou muito anciado ; gósto de tudo violento

* * *

No sertão, viajar é *viajear.*

* * *

— Quantos filhos tem V.?
— *Só tenho esse um.*

* * *

— Qual dessas facas corta mais?
— *Duvidar, esse faca corta mais...*

Fig. 44 — Arco dos Indios da Serra do Norte.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 14026)

Ha tendencia accentuada para reduzir os demonstrativos a um só genero.

* * *

— Sua espingarda é boa?
— *Demais! Disparate!*

* * *

Occupar, em vez de gastar ou utilisar:
— *V. occupou a agua que estava aqui?*

* * *

Pouso no Sauêruiná, á tardinha.

Os tropeiros tampavam o lóte para o preservar da chuva imminente; o acampamento tinha a animação commum ás horas de recolher.

Na linha do chapadão infinito, desenhou-se, ao longe, um vulto impreciso; seguindo o trilho do Juruena, em nossa direcção, vinha se arrastando um homem andrajoso. Sua camisa tinha uma só manga; cobria metade do tronco. Suas calças, reduzidas á tanga esfarrapada. As nadegas, expostas. Um chapéo de palha sem abas, um cinto de couro remendado a embira.

Um sacco amarrado cahia sobre o dorso daquelle homem miserando, de faces encovadas.

Parou a certa distancia. Interrompemos nossos aprestos e fizemos signal para que se chegasse.

Approximou-se e foi logo atirando, ao chão, o sacco e o corpo fatigado. Pedio comida; e depois contou sua historia, que transcrevi á medida que elle falava. Chamava-se Benedicto; era seringueiro. Vinha das matas do Juruena exploradas por um certo João Kolb, residente em Tapirapuan, conhecido por D. João.

Passára no seringal dois mezes sem viveres, que o patrão não mandára, faltando ao ajuste prévio. No seringal, 20 pessoas. O encarregado do barracão, um tal Soares, no fim de todo esse tempo, durante o qual viveram de palmito e de mel, morreu de fome e de febres. Ninguem tinha mais forças para arrancar da floresta o indispensavel á subsistencia. Dos 20, nem um só podia mais empunhar um machado; o terçado, nas mãos daquelles homens doentes, oscilava como a espada de um dragão entre os dedos de uma criança. E a tropa de Kolb não chegava.

Desanimado então, para não morrer tambem á mingua, resolvera abandonar a mata. Atraz delle deveriam vir os outros. Tinha uma arthrite traumatica no joelho direito; mesmo assim fizera, naquelle dia, pelo areião á fóra, sete leguas bem contadas.

* * *

Aquelle homem encarnava uma raça forte, que anda por ahi a soffrer supplicios na sua terra, onde os estranhos engordam.

Era preciso documentar sua vida e registar aqui essa observação, como um caso clinico de pathologia social. Foi o que eu fiz.

* * *

Havia 14 annos que principiára a trabalhar na borracha. Sabe lêr muito mal. Nasceu na povoação de « Barra dos Bugres », no alto Paraguai proximo a Diamantino. Tem cerca de 35 annos. E' caboclo de complexa mestiçagem.

Alto, de saliencias osseas accentuadas, membros longos; pelle cuprica olivacea; nariz convexo, estreito; olhos meio obliquos; malares projectados. Cabello negroide.

No fim da safra do anno passado ficara devendo 500$ a D. João; este anno não receberia nada.

No começo da estação, quando foi para o seringal, recebeu, além de um terno de roupa de riscado, o seguinte, que é o fornecimento habitualmente feito pelos patrões a cada trabalhador:

25 litros de arroz.
25 » » feijão.
50 » » farinha.
10 kilos » banha.
7 1/2 » » xarque.
3 » » assucar.
1/2 » » café.
1/2 libra de guaraná.
2 metros de fumo em corda.
2 barras de sabão.
4 litros de sal.

Fig. 45 — Secção transversal dos arcos dos Indios da Serra do Norte.

* * *

Eis ahi o preço de um homem. Ha uma differença tão grande entre o que são os brasileiros das cidades, e o que padecem as populações sertanejas, que até parecem habitantes de dois paizes diversos.

* * *

O preço daquelles generos, elle não o sabe; o patrão não diz.

Depois da safra entram em contas; e o seringueiro sae devendo. Sobre essa divida repousa todo o systema de exploração da borracha...

Quando o caboclo *tira* pouca seringa, o valor desta não attinge o preço da alimentação que recebeu ; fica devendo.

E si tira muita, o valor dos generos é tal, que o preço da seringa não basta para cobrir o debito; depois da primeira safra em que toma parte, o caboclo nunca mais acaba de dever...

Lá, naquelle paiz de sonho, em que a natureza recompõe um paraizo em cada canto da mata, o homem decái outra vez; perde a coragem de luctar com o homem.

Martius já havia notado, em 1818, (*Reise in Brasilien*) a grande influencia suggestiva que o branco exerce sobre certos sertanejos mestiços. Por esse prestigio, os ricos organizam e mantêm aquelle processo de trabalho rural; porque si algum infeliz, num assomo de brio, foge ao captiveiro, o patrão manda-o procurar por outros, submissos e fieis. Então regula o *artigo 44, paragrapho 32*...

* * *

Benedicto tirou 25 arrobas de borracha neste anno; a 40$ (em 1912), deviam dar-lhe 1:000$000. Não espera um vintem ; o supprimento que recebeu deve ter custado muito mais...

* * *

As tropas de abastecimento dos seringueiros transportam a borracha do Juruena para Tapirapuan; cada uma consta de 10 bois dirigidos por dois homens. Gastam na viagem 16 a 20 dias.

* * *

Cada vez que se chega ao pouso, mais que depressa, procuram os tropeiros um bom *encosto*; e, si encontram no caminho alguma tropa de torna viagem, vão logo perguntando:

— *Que tal está o encosto ahi adiante?*

E' o pedaço de campo conveniente á pastagem dos animaes durante um ou dois dias.

* * *

Setembro 13 — Sahimos do Sauêruiná ou Papagaio e chegamos ao Buritísinho. Attingimos uma grande boiada que vai para o acampamento. Pela *Estrada Rondon* dentro de pouco tempo, grandes manadas de gado poderão chegar a Santo Antonio do Madeira ; e a Amazonia será escoadouro da *criação* dos campos de Goiaz e Mato-Grosso.

Conforme já tive opportunidade de dizer, a linha telegraphica do coronel Rondon, praticamente, hoje, vale muito menos que a admiravel estrada

de penetração por onde passa. Apertaram-se, por meio della, os laços da nacionalidade; saibam os governantes tirar partido da sua valia.

* * *

Setembro 14 — Pouso da Agua Quente. Nesgas de campo verdejante. Perdizes, narcejas, inhambús.

* * *

Setembro 15 — Pouso do Mutum. Pantanal. Para chegar ao rio Periquito, affluente do Papagaio, é preciso atravessar um igapó.

Canta a cigarra; estridúla um som redondo e cheio, como si fosse nota aguda de um mezzo-soprano.

Deve ser a *cicada mannifera*, que tem fama de cantora.

* * *

Setembro 16 — Pouso do Uáikoákorê; zona de grandes seringaes. *Uáikoákorê* é nome com que os Parecís designam certo grupo de indios da Serra do Norte e Juruena. Quer dizer « irmão do chão », porque todos, os Nambikuáras, dormem sobre o solo limpo.

Ali já começam a apparecer os selvagens dessa tribu.

E' o ultimo pouso no chapadão dos Parecís.

Pouco além, cerca de um kilometro, o planalto detem-se, bruscamente, á beira de um paredão. Um immenso panorama, de matas sem fim, surgiu diante de nós. A estrada precipitava-se pelo valle abaixo, quasi a prumo; ao longe, subiam, da grande floresta, columnas tenues de fumaça do fogo dos Nambikuáras. Era o valle do famoso Juruena.

Fig. 46 — Pingente de pennas de tucano. Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12086)

* * *

José André chamava-se um seringueiro que achamos um pouco adiante.

Fôra ao pouso da Barrinha, a ver si havia tropa que lhe pudesse dar fumo.

Convidou-nos para um *guaraná* na sua feitoria. Entramos pelo mato a dentro, por estreita vereda, andando cerca de dois kilometros. Numa clareira, ao lado de um riacho de agua limpa e correntosa, erguia-se o rancho capenga, cuja cobertura era um couro.

Cuiabano, dos bons, offereceu-nos um guaraná mexido com colher de prata, num copinho de vidro grosso; depois, submetteu-se ao meu indispensavel interrogatorio, com doçura e modos de quem já estivera morando na *Cidade*.

A *Cidade*, para o sertanejo, é Cuiabá.

Tinha cerca de 50 annos, que carregava com desempeno. Apezar de haver perdido alguns dedos da mão direita, labutava na mata havia tres decennios; muito antes do desenvolvimento da industria da borracha em Mato-Grosso, já elle era seringueiro.

Seis mezes do anno passa naquelle rancho; o resto, em Diamantino. Não tem parentes. Vive na floresta com um gallo, velho tambem, que elle estima como filho e que o acompanha sempre. Preferirá morrer de fome a comer o companheiro. Aliás sabe tirar partido das riquezas da mata. Nunca teve sezões. Quando lhe falta o que comer, procura fructas de lobo, que são doces e perfumadas.

A borracha não é defumada como na Amazonia, mas coagulada pelo alumen, dentro de moldes de madeira, em fórma de prisma recto de base parallelogramica. Esses moldes são os *cochos*; ali a comprimem com um pequeno toro de madeira pesada.

* * *

Na *Varzea Comprida* pousamos no dia 27. Amaro, cozinheiro da nossa tropa, deixou-se ferrar num pé, por uma tocanguíra.

Verdadeira intoxicação: dôres fortes, edema do membro, febre ligeira, vomitos, vertigens. Pulso a 102.

Injecção hipodermica de cl. de heroina e oleo camphorado. Em poucas horas tudo cedeu. Foi caso benigno. (1)

* * *

Ancioso por chegar ao Juruena, onde contava encontrar, com certeza, os primeiros Nambikuáras, submetti-me ás justas determinações do tenente Pyrineus sobre as marchas diarias. Eu desejava *bruler les etápes*; e elle, pensando no regresso da expedição, poupava a tropa.

As oito leguas que ainda nos separavam daquelle rio foram feitas em dois dias. A partir de 18 de setembro pousamos no meio da *Mata das Aldeias*, cortada pela estrada.

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — *Dinoponera grandis* — Rio, 1915.

Seringueiro comprimindo a borracha no *côcho*
(Mattas do Juruena)

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

Junto dessa floresta erguiam-se aldeias nambikuáras encontradas por occasião das primeiras explorações de Rondon.

Perto acham-se campos de cultura, cujo amanho tinha sido iniciado pelos selvagens, quando se fez a entrada da Commissão.

Ainda lá existem alguns troncos, cortados a machado de pedra.

Dominam, nessa mata das aldeias, junto ao pouso, arvores collossaes do jatobá, cujo fructo, de polpa mucilaginosa, é, no entanto, insipido.

* * *

Chega-se a um pouso, ainda dia claro; apparece logo depois a primeira praga: *abelhas*, entrando pelos ouvidos, pelas narinas, pela boca, pelos olhos, emaranhando-se nos cabellos.

Mal o Sol se vae deitando, com as primeiras sombras, fogem as abelhinhas; chegam *polvoras* e *borrachudos*. Trabalham, como bombas microscopicas de sugar sangue, até a entrada da noite.

Noite fechada; nem abelhas, nem mosquitos polvora, nem borrachudos...

A gente acredita, um momento, que vae afinal descançar; mas, no escuro, tendo penetrado, á socapa, debaixo do mosquiteiro, *anophelinas* e *culicinas* começam a ensaiar a cantiga, como guitarristas que procuram afinar a *prima*.

Esta é a *ordem chronologica* do apparecimento das *pragas*.

* * *

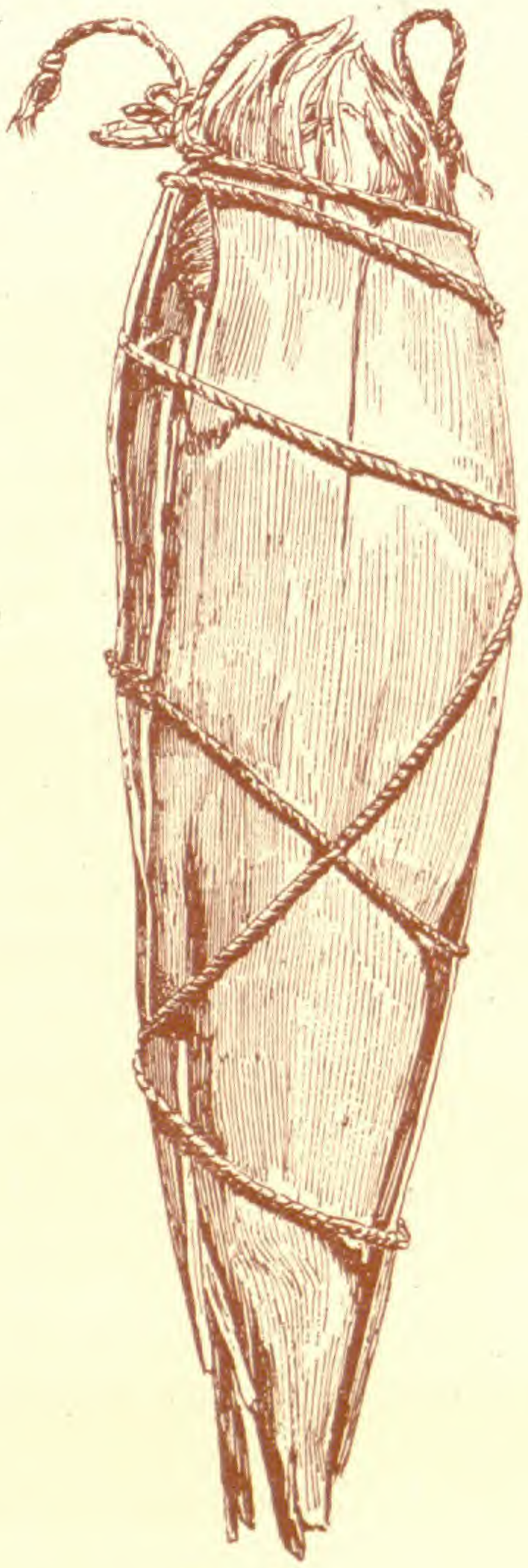


Fig. 47 — Bolsa para proteger enfeites de pennas. Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12942)

Setembro 19 — Finalmente. Passámos por outra grande roça de indios Nambikuáras encontrada, ainda florescente, na expedição Rondon de 1908. Alguns kilometros além, numa collina, uma larga praça de cerca de 25 metros de diametro, bem limpa, dominando o horizonte, era o resto de uma aldeia que os indios abandonaram, medrosos, pela chegada dos nossos naquella data.

No chão, côcos partidos; ossos, restos de alimentação.

Depois, um grande mangabal. E, muito além, como tira de aço polido, chispando, espelho do ceu e do Sol, o Juruena corria, deixando á sua

esquerda uma casita de barro, plantada no meio de uma larga avenida roçada na vegetação do serrado; na picada, a mão do homem havia fincado, de distancia em distancia, velhos troncos da floresta, assassinados pela sua industria para sustentar um fio delgado, que vinha de longe e seguia para muito longe, tocando, apenas, muito de leve, naquelles esteios. Era a linha telegraphica, correndo em triumpho pelo sertão remoto, tomando posse effectiva daquelle territorio.

* * *

Ao contrario do que imaginava, os indios não appareciam no Juruena havia muitos dias. O posto achava-se desprovido de material para presentes. Mesmo o indispensavel, para a alimentação, escasseava; a difficuldade de transporte fazia rarear tudo. E elles, os que mais arredios até hoje ainda se mostram, dentre todos os indios da Serra do Norte, deixaram durante muito tempo de visitar a estação.

No Juruena tomei conta, para o Museu Nacional, de uma das primeiras collecções realizadas pelo pessoal da linha telegraphica.

Remetti tudo para Tapirapuan, onde deveria mais tarde recolher o que trouxesse da excursão.

Tendo escolhido para estação de estudos e trabalhos a invernada de Campos Novos, não só pelas facilidades de alojamento ali existentes, como tambem porque nesse posto apparecem representantes de todos os grupos nambikuáras, resolvemos continuar a marcha.

Confesso a minha surpreza de então, não tendo encontrado um só Nambikuára, depois de tanto tempo de viagem.

* * *

De Tapirapuan ao Juruena contam-se as seguintes distancias, de accôrdo com a nossa marcha:

Tapirapuan — Barreiro.	2	leguas
Barreiro — Salto.	2	»
Salto — Kilometro 50	4	»
Kilometro 50 — Aldeia Queimada. . . .	4	»
Aldeia Queimada — Rio Verde	4	»
Rio Verde — Iliocê	4	»
Iliocê — Timalatiá	1	»
Timalatiá — Sauêruiná.	4	»
Sauêruiná — Burití	4	»
Burití — Buritísinho.	1/2	»
Buritísinho — Agua Quente	4	»
Agua Quente — Mutum.	4	»

Mutum — Barracãosinho	3	leguas
Barracãosinho — Uáikoákorê	2	»
Uáikoákorê — Barrinha	2	»
Barrinha — Varzea Comprida.	2	»
Varzea Comprida — Gralhão	2	»
Gralhão — Mata das Aldeias	3	»
Mata das Aldeias — Juruena	4	»

Todos esses nomes acham-se, já agora, consagrados pelo uso dos tropeiros. Quantos serão mais tarde povoações, villas... cidades?

* * *

Agora, o nosso caminho era a picada da linha telegraphica, subindo e descendo, galgando as montanhas que se estendem para o Norte, colleando pelos valles, como enormissima serpente.

A marcha até o rio *Formiga* foi realizada á noite. O Formiga é affluente da margem direita do Juina que, por sua vez, desagua na margem esquerda do Juruena.

Todo escondido pelas florestas este rio ao nivel da linha, no ponto em que existe o posto telegraphico do seu nome, tem cerca de 80 metros de largura. Pedregoso, tem aguas clarissimas, profundas, onde, da barranca, vêm-se nadar as piabas, as matrinchãs e os pacús que ninguem consegue pescar, á bomba; o simples gesto de atirar a machina infernal afugenta os peixes a tempo. Dir-se-ia um aquario, tão claro é o Juruena.

Pouco antes da estação, o rio escorre por uma cachoeira de rochas quartziferas.

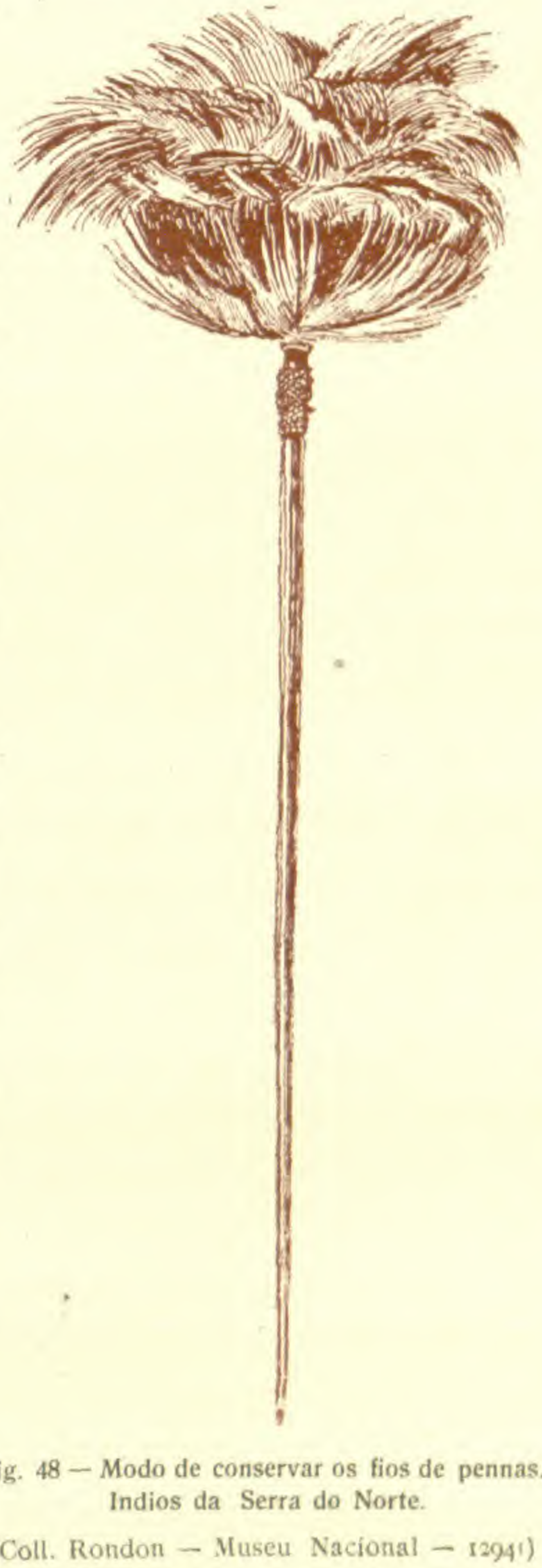


Fig. 48 — Modo de conservar os fios de pennas. Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12941)

* * *

Corre o Formiga no meio de um campo alagado, mas junta-se ao Juina em bella corredeira, situada alguns kilometros além do passo.

Na mata, o picadão da linha tem 40 metros de largura; e cada poste dista 90 metros dos visinhos, em média. Pelo calculo dos praticos, um poste de boa madeira póde servir cerca de 12 annos.

14

* * *

O Juina é o mais bello curso d'agua daquelle grande systema. Na sua margem esquerda existe um destacamento, incumbido da *balsa* ali construida.

Nada se parece com a verdadeira *balsa*, que é embarcação dos indios do Perú. E' um estrado de taboas, preso a duas canôas, rodeado por um para-peito; transporta homens, animaes e cargas.

Costumavam os indios com frequencia apparecer tambem nesse posto; porém, a mesma causa, que os afastou temporariamente do Juruena, exerceu ali os seus effeitos.

Além de não contarem com as dadivas do pessoal da linha, completamente desprovido de recursos, tinham os indios ainda que luctar com a fome, causada pela secca prolongada daquelle anno, que havia destruido suas roças de mandioca. Obrigados a caçar e a *melar*, não vinham ao Juina, havia muito tempo; a caça não é lá tão abundante que alguem possa viver della sem trabalho. Nos postos da Commissão Rondon, nessa occasião da secca, com a crise de transportes, em vez de receberem generos, os indios forneciam, ao pessoal, massa de mandioca e milho. Não vi um só trabalhador, ou soldado, que se não referisse, com elogios, a essas dadivas providenciaes.

* * *

Havia já um mez que viajava pelo sertão, atraz dos indios. Nos pontos em que contava encontral-os, Uáikoákorê, Juruena, Juina, nenhum me apparecia. Mas, ao saír do posto do Juina, começaram a surgir, pelo serrado, e mesmo pela picada, signaes evidentes de Nambikuára proximo.

Eram pequenos toldos de pouso, malocas de caça, ábrigos ligeiros que haviam deixado por ali. Encontrámos estes indicios á tardinha, logo depois de partir do Juina para realizar, suavemente, durante a noite, a marcha até ao Primavera.

Sempre de ouvido alerta, parando cada vez que se nos deparava um dos taes toldos de folhagem, arregalando para o serrado, que os raios da lua pareciam cobrir de espumas, iamos andando na frente, anciosos por encontrar os primeiros indios.

Alta noite, numa colina, á beira da linha, proximo do Ribeirão 20 de Setembro, avistámos, longe, uma fogueira. Eram elles.

Apressámos o passo dos nossos animaes, e, á grande distancia, começámos a gritar, para os prevenir de nossa presença :

— *O! O! Nen-nen! Nen-nen!* (Amigo! Amigo!)

Vieram logo, correndo e gritando; uns gesticulando de mãos livres, outros de cacete em punho, mas não aggressivos, outros ainda de arco e

Pouso do rio Primavera
(Estrada Rondon)

Distribuição de brindes
(Aldeia do rio Juina)

Toldos de caça
(Indios do rio Juina)

Acampamento dos Tauitês
(em Tres Buritis)

SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

flechas enfeixados na mão esquerda, enquanto com a direita coçavam a cabeça, sorrindo, desconfiados.

Ao luar, muito leitoso, era phantastico o aspecto daquelles homens, altos, lepidos, irrequietos, animados, falando sempre, desengonçados, inteiramente nús.

Rodeados por grande grupo loquaz, que parecia discutir questão importante, fomos chegando mais perto da fogueira ; crianças puzeram-se a chorar enquanto as mães, sem saber que barulho era aquelle, trepavam, ageis, pelas jaboticabeiras do campo existentes no lugar.

Logo distribuimos, largamente, cigarros e caixas de phosphoros, que traziamos sempre num bornal, ao lado dos arreios, por seguro...

E, animados por esse gesto, começaram a pedir tudo quanto levavamos, e a perguntar o nome de tudo:

— *Dêra*? e seguravam no objecto até que lhes dissessemos o nome. Repetiam-no então convencidamente, desatando uma grande gargalhada, como si achassem os nossos termos muito comicos.

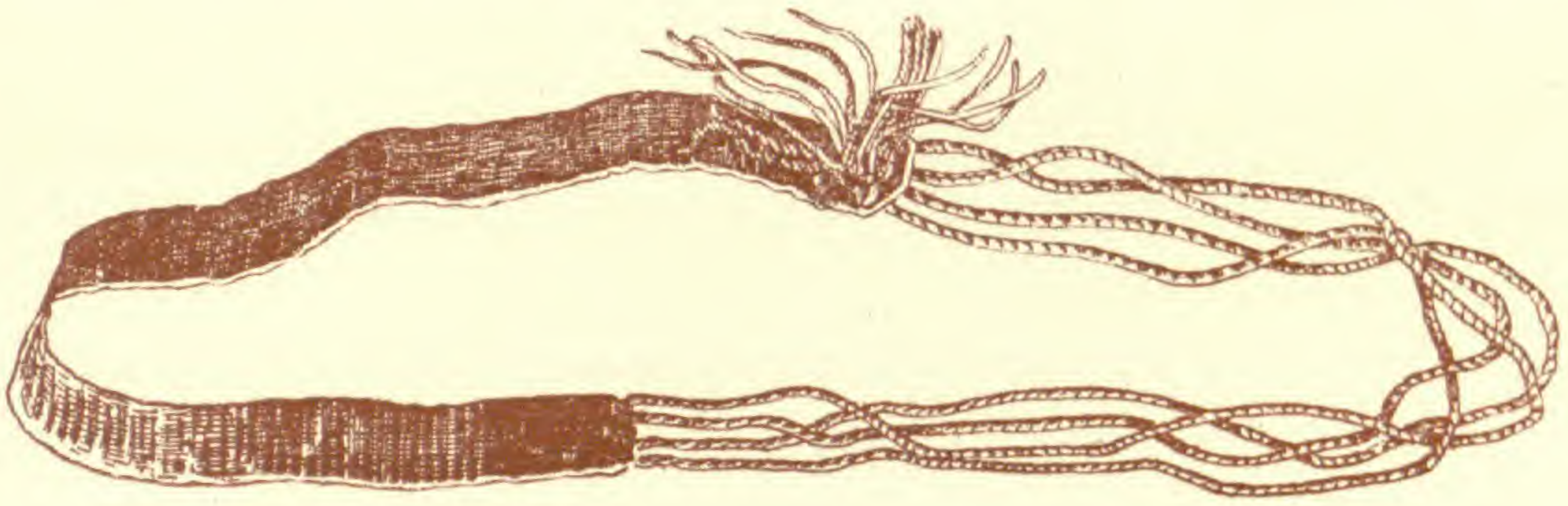


Fig. 49 — Bracelete de algodão — Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12124)

Um delles batia no peito, de vez em quando, e dizia orgulhoso :

— *Damasceno !*

Era o nome de antigo trabalhador da linha, ao qual muito se affeiçoára aquelle indio, conforme apurámos depois.

Foi *Damasceno*, pela sua intelligencia e boa vontade, desenvolvidas pelos agrados que lhe ministrei, interesseiramente, um dos bons elementos de informação de que pude dispor.

Certo dia, elle, que me via sempre curar dos nossos enfermos, veiu ter commigo, mostrando os braços ulcerados pela pulseira de embira que trazia muito apertada. Não consentiu que lh'a cortasse; mas insistiu para que lhe puzesse algum remedio ali, apontando os meus frascos e depois o lugar ferido, juntando ao gesto expressivo uma careta de dôr. Para impressional-o fortemente, appliquei uma compressa de algodão com solução de cocaina que fez cessar, como por encanto, o que elle soffria. *Damasceno* ficou surprezo ; tornou-se ainda mais util.

* * *

Fizemos comprehender aos indios que atraz de nós vinham tropas carregadas de presentes. Uma explosão de alegria. Cerca de duas horas depois chegavam, effectivamente, nossos cargueiros, cuja passagem foi realizada entre falatorio e gritaria.

Na sua maior parte, não queriam os selvagens esperar; pediam, ali mesmo, áquella hora, o que viam. Alguns, mais atrevidos, iam tirando os chapéos dos tropeiros.

Um grande terçado, pendente dos meus arreios soffreu a mesma operação.

Com certo geito, sempre promettendo brindes para o dia seguinte, dia que elles exprimem pondo a palma da mão sobre a face direita e fazendo como quem resona uma vez, conseguimos a passagem das tropas sem mais incommodo.

Ficaram lá, no meio da noite, ao redor da sua fogueira, fazendo acenos, aos berros de prazer...

* * *

De madrugada chegámos ao pouso do rio Primavera, que é dos mais lindos sitios de toda a *Estrada*.

Rodeado de grandes arvores erguidas no chão muito limpo, um rancho, á beira do rio, parecia casa de colono em terra civilizada; quem chega ali, depois de tantas matas e serrados e tristezas, descança o corpo e a alma.

Deixámos o abrigo para armazem das nossas cargas, que precisavam ser protegidas contra a soffreguidão dos indios. Armámos, ao relento, nossas rêdes... para não dormir.

Dormir, excitado por aquelle quadro de magica, desenrolado á meia-noite?

Dormir, naquella noite inesquecivel em que a sorte me tinha feito surprehender, vivo e activo, o « homem da idade da pedra » recluso no coração do Brasil, a mim, que acabava de chegar da Europa, e estava ainda com o cerebro cheio do que a terra possue de requintado, na differenciação evolutiva da humanidade!

Que gente é essa, que fala idioma tão differente das linguas conhecidas, tão differente da lingua dos seus mais proximos visinhos; que tem costumes tão extranhos aos que vivem perto; que não conhece os mais essenciaes objectos da vida dos seus companheiros de sertão? De onde veiu? Por onde passou, que não deixou rastros? Quando chegou áquellas matas, onde vive ha tanto tempo? Que ligações tem com os outros filhos do Brasil?

* * *

Ás 8 horas da manhã foram vindo os indios ao Primavera; de longe, iam gritando: *O! Nen-nen. Nen-nen?*

O primeiro grupo era composto de seis homens, cinco mulheres e quatro crianças. Vieram aos poucos; juntos, chegaram um homem, uma mulher e dois filhos. Elle veiu andando atraz, de cabeça erguida, orgulhoso, sem uma tira de palha sobre si, inteiramente nú. Chegou-se á mim, na occasião em que armava um apparelho, apoiou-se numa varinha fina que trazia, olhou-me com soberano desprezo durante alguns minutos, e fez um

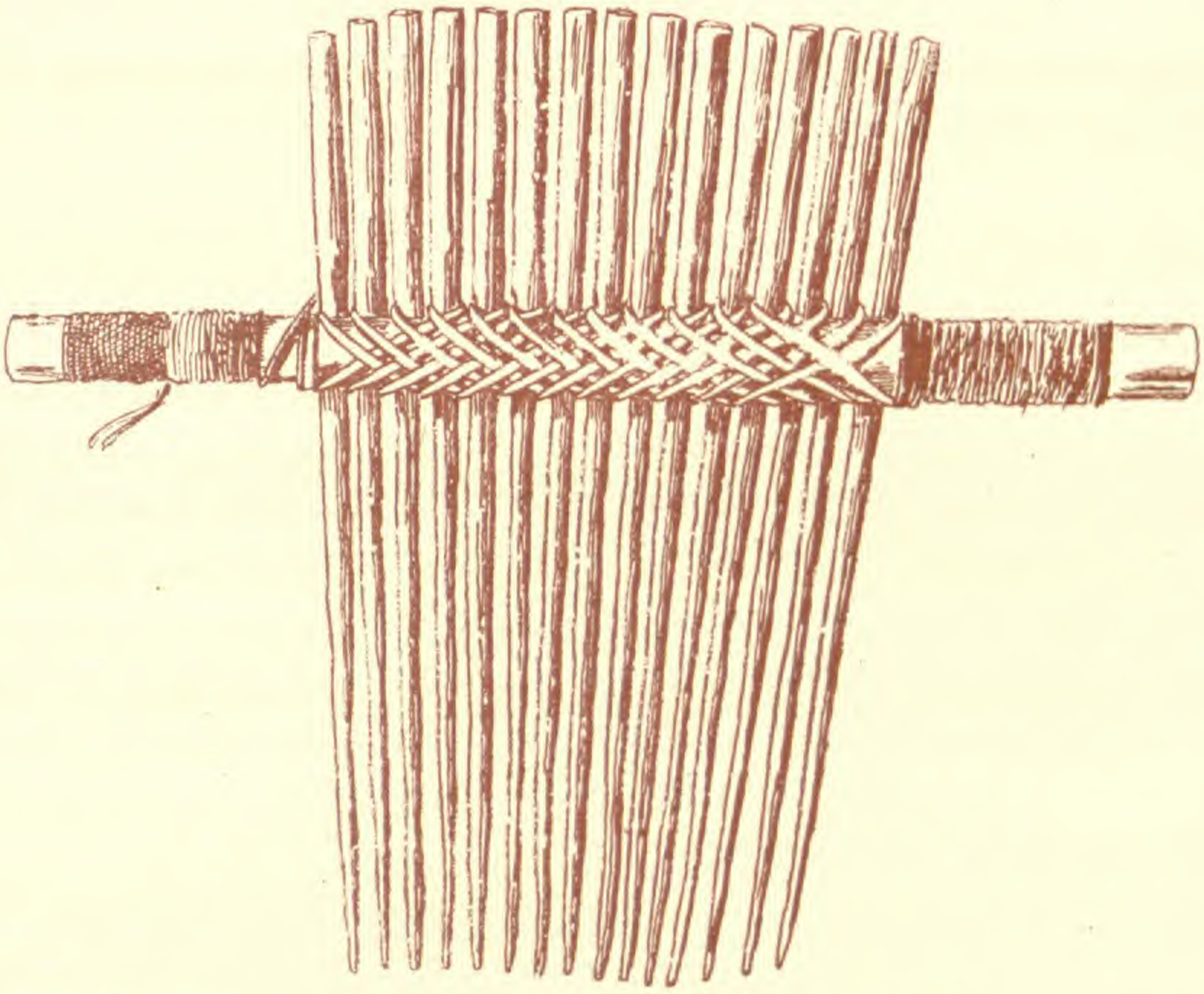


Fig. 50 — *Halatzú* — Pente dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12046)

gesto para pedir cigarro e fogo. Entrada theatral. « Guarany » *nature*. Durante o dia foram chegando outros. A tarde, havia cerca de 50; foi um dia de trabalho inteiramente cheio.

Films, chapas, notas, vocabulario; iniciava-se a realização da parte essencial do meu programma.

* * *

A estrada continúa, subindo morros e descendo para cortar os valles onde a « Mata da Canga » se alteia, typo collossal de floresta virgem da Amazonia. Antes della, corre o Camararé, que tambem é unidade do grande systema do Juruena.

Pela picada a fóra, atravez da Mata da Canga, os postes da linha acham-se, em grande numero, feridos pelos machados de ferro que os

indios receberam de presente; não acharam madeira melhor para ensaiar o gume da nova ferramenta. . .

Logo depois de passar o Camararé soffremos um aguaceiro, que foi o segundo a partir de Tapirapuan; o primeiro desabou em Aldeia Queimada e foi acompanhado de forte granizo, proporcionando-me opportunidade de obter dos Parecís notas interessantes sobre o phenomeno, cujo apparecimento saudaram com alegria.

* * *

Antes de chegar a Campos Novos pousámos, ainda uma vez, na Varzea do Mutum, onde corre um ribeirão que vae ter ao Camararé, deslisando sobre leito de rochas silicosas.

* * *

Si o inhambú já não fosse baptisado, duas vezes como é, pelos sabios e pelo povo, eu diria agora : *gallo da tarde*, porque é o arauto fiel da noite.

Apenas o Sol modera suas torrentes de luz, e a cinza da tarde começa a se espalhar no ceu, o inhambú principia, na orla dos bosques, a trilar o seu canto chromatico. A principio é uma voz modesta, quasi medrosa, incerta, sosinha; é uma ave que accordou mais cêdo para o hymno.

Essa desperta, aos poucos, a voz dos companheiros e, ao cabo de alguns instantes, sobe da ramaria um côro, em trilos fortes, ousados, dos inhambús que annunciam a noite, como de madrugada os gallos avisam a creação que o dia vae começar. . .

* * *

A estação telegraphica de « Nambiquáras », onde mal cabe o apparelho, o telegraphista e sua rêde, é um pequenino rancho, collocado ao lado do rio a que Rondon deu o mesmo nome. O rio passa sobre um leito de rocha eruptiva (Diabase).

Seixos rolados, em grande quantidade, compoem a physionomia da corrente que, pouco além, atravessa curtos sumidouros.

Na « estação » vivia o encarregado e mais um homem. D'ahi a uma legua acha-se a invernada de Campos Novos, posto fundamental da linha telegraphica, na Serra do Norte, base inestimavel para o proseguimento dos trabalhos no extremo Nor'Oeste de Mato-Grosso.

Campos Novos é perfeita « fazenda ». Tem boa casa de telhas, fabricadas lá mesmo, tem curraes, pastos cercados de optimas forragens, boas aguadas, gado para refazer as tropas que transitam do Juruena para lá, até ao acampamento. E' tambem a « cruz vermelha » daquella guerra

contra as selvas; ali se restabelecem os doentes que vêm do Norte, pelos beneficios do clima saudavel da serra.

E' tambem nosso quartel general, na Serra do Norte. Os indios assim realmente o entenderam; Campos Novos tornou-se, o maior centro de attracção para os Nambikuáras. Representantes de todos os grupos, em que se subdivide a grande tribu, procuram lá todos os brindes e presentes á que já se habituaram. Grupos inimigos entre si fraternisam ali, levados pelo interesse de possuir as innumeras utilidades que por nosso commercio conheceram.

Apreciam immensamente os phosphoros; talvez ainda mais que as contas e outros adornos. Mas são absolutamente *vorazes* para machados de ferro; até as mulheres porfiam por ganhar taes instrumentos.

Por um machado trocam tudo. Nem ha, para qualquer delles, nada, no mundo, de maior valia. O ferro, o ferro é o ouro da Serra do Norte. Com elle, o viajante obtem a boa vontade do indio mais retrahido e secco; com elle, alcança a massa de mandioca e o milho molle para não morrer de fome; o machado de ferro é a libra esterlina da terra nambikuára. E ha de ser dos grandes; porque as modestas machadinhas que levei foram recusadas, mais de uma vez, pelos homens. Mandavam que se as entregassem ás mulheres...

* * *

Quem não provou o mel das abelhas do Brasil, e só conhece o da apis melifica, ignora uma riqueza dessa terra abençoada. O mel da mandurí, da mandaguarí, da urussú, da tatá, da bojuí, que sei eu! tem, requintados, todos os perfumes das matas brasileiras, resume um poema de cheiro e de sabôr. Aquelle que sabe derrubar um palmito e abrir *um mel* não padece, na floresta, senão o resaibo de um ágape divino, em vez da maldita fome.

Fig. 51 — *Odaretatú* — Fuso dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12471)

* * *

O vinho saboroso do burití é recolhido de um modo bem simples.

Derruba-se a palmeira e abre-se nella um cocho longitudinal; a seiva vai-se juntando na ferida: é o vinho saboroso.

Depois de bem fervida, a seiva engrossa e dá o *mel do burití*.

* * *

O palmito do *inajá* pareceu-me mais nutritivo que outro qualquer, pela sua riqueza em substancia amilacea.

* * *

O « leite da soveira » é outro recurso. Tem aspecto de leite verdadeiro, embora um pouco mais denso; é ligeiramente adocicado e adstringente. Misturado com agua e assucar póde ser bebido sem repugnancia.

A soveira é urticacea do porte de uma hevea, pouco folhuda, esgalhando alto do solo.

* * *

Em Campos Novos, correspondendo á nossa espectativa, durante alguns dias estivemos sempre acompanhados por grupos successivos de Nambikuáras, vindos das diversas aldeias.

Apezar de se encontrarem ainda bastante ariscos, prestaram-se, contudo, muitos delles, ás mensurações e exames que procurei realizar.

Para approveitar as condições favoraveis á viagem, antes que principiassem as grandes chuvas do verão, seguimos, na primeira quinzena de outubro, a visitar os grupos septentrionaes da grande tribu, ultimamente descobertos pela avançada da linha.

A Serra do Norte, de Campos Novos aos campos de Commemoração de Floriano, onde se levanta a estação de Vilhena, é ainda mais accidentada: grandes quebradas, valles profundos separando montanhas, em grande parte transformadas em taboleiros.

Entre o « Morrinho do Lyra » e Vilhena a linha trepa, ousadamente, pelas escarpas da serra, atravessando as maiores florestas de todo o percurso. A « palmeira castiçal », que parece viver no ar artificialmente supportada por uma serie de estacas, vive ali, nas matas. Enormes caules voluveis, ondeantes, despencam-se dos altos ramos das essencias, como ophidios monstruosos; e ficam balouçando, languidamente, ao sopro da aragem que consegue penetrar pela floresta a dentro.

As vezes, no meio da mata, ouve-se um grande estrondo que o echo revigora.

E' « páu cahido », algum gigante que rue.

* * *

E' ameno o clima dos campos de Commemoração de Floriano, a mais de 800 metros acima do nivel do mar.

D'ahi ao Retiro dos Tres Buritís, a Serra continúa do mesmo modo accidentada.

A bacaba e o assahí, que são palmas nobillissimas, espalham-se por toda a redondeza. Nos « Tres Buritís » estava a ponta do fio telegraphico.

* * *

Entre Campos Novos e os Campos de Maria de Molina passa a « Estrada Rondon » sobre o formoso Rio 12 de Outubro, deixa á Nord'Este o rio Ikê, atravessa alguns ribeirões: Amarante, Nicolau Bueno, Julio Caetano, Maronis, Aldeias, etc., antes de cruzar o rio Festa da Bandeira ou Karumí.

* * *

Tres Buritís, como os outros postos, havia muito tempo, não recebia visita de indios pelas mesmas razões. No entanto, enquanto seguiamos á sua procura pela estrada ácima, visitando de passagem uma interessante

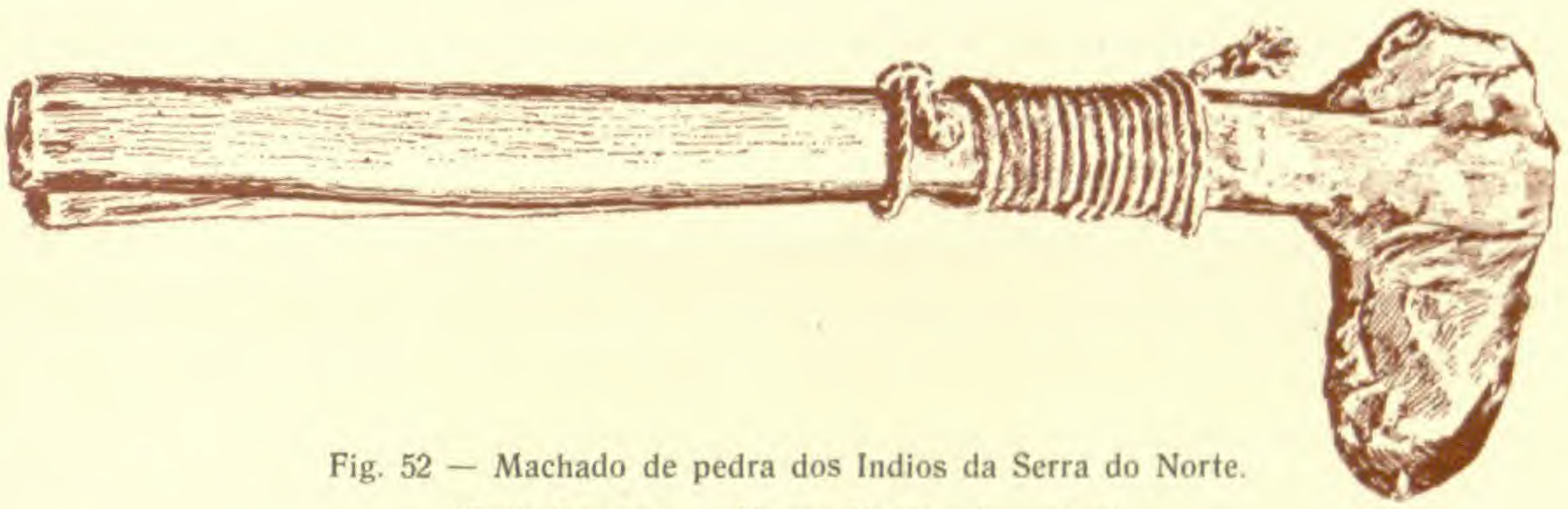


Fig. 52 — Machado de pedra dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 2208)

malóca proxima do rio Karumí, o telegraphista da estação terminal, Sr. Gastão Soares e o vaqueiro João Lucas, de quem os selvagens eram já muito amigos, offereceram-se para os procurar do outro lado, na direcção de campos visinhos, que Rondon denominou *14 de Abril*. Dentro das matas do rio Festa da Bandeira tem os selvagens algumas roças.

Nos campos de Maria de Molina, cobertos de ananazes e mangabeiras, os indios não appareciam havia quasi um mez. Depois da partida de Rondon, foram procural-o. O posto não tinha material para presentes; a crise de transportes recrudescera com a secca das pastagens. Não voltaram mais.

Taes informações eram desanimadoras. Para não perder tempo, e principalmente para poupar os animaes que tinham de transportar até Tapirapuan a bagagem, accrescida com as collecções existentes em Campos Novos, e as que iamos realizando, resolvi regressar a Tres Buritís, e proceder á pesquizas onde havia probabilidades de deparar com os Nambikuáras, uma vez que existia ali perto uma de suas grandes aldeias.

Fomos felizes desta vez; Gastão Soares e João Lucas tinham, effectivamente, encontrado, nos — Campos 14 de Abril —, um grande grupo.

Mais de 200, com suas mulheres e filhos, foram chegando.

Acamparam ao redor do nosso rancho e ali permaneceram durante alguns dias. Tempo precioso.

* * *

Do Juruena aos campos de Maria de Molina as marchas usuaes das tropas são as seguintes :

Juruena ao rio Formiga	3	legoas
Formiga ao rio Juina	1	»
Juina ao rio Primavera.	4	»
Primavera ao rio Camararé	2	»
Camararé ao rio Mutum Cavallo . . .	3	»
Mutum Cavallo ao rio Nambikuáras . . .	3	»
Nambikuáras á Campos Novos	1	»
Campos Novos ao Morro do Lyra (Espirro)	4	»
Morro do Lyra a Vilhena	3	»
Vilhena ao rio Amarante	6	»
Amarante aos Tres Buritís.	4	»
Tres Buritís á José Bonifacio (Maria de Molina)	3	»

* * *

Em Tres Buritís, e em Campos Novos, durante noites, dormiram os indios acampados com suas mulheres e filhos. Sacrificamos bois para alimental-os em cada um desses lugares, onde trabalhámos a valer.

Era preciso aproveitar todos os momentos, não perder uma só opportunidade de realizar qualquer observação, de dia ou de noite.

Muitos se mostraram bastante doceis para que pudesse effectuar mensurações, e mesmo exames medicos.

A maior parte dos documentos, archivados neste livro, data daquelles dias inesqueciveis.

VII

Em 1912, infelizmente, os Nambikuáras ainda não se achavam bastante acostumados com a presença de extranhos naquellas serranias. Apezar de sua condescendencia, conseguida a custa de brindes, minhas pesquizas foram recebidas com justificavel desconfiança. Dest'arte se explicam falhas e omissões aqui existentes.

Os indios examinados pertenciam aos grupos: *Kokozú*, *Anunzê*, *Tagnani* e *Tauitê*. Dos *Uaintaçú*, grupo ainda hostil, só consegui uma ficha de observação, essa mesma incompleta. O estado de excitação em que o indio se encontrou, durante o tempo em que o examinei, não permittiu melhor resultado.

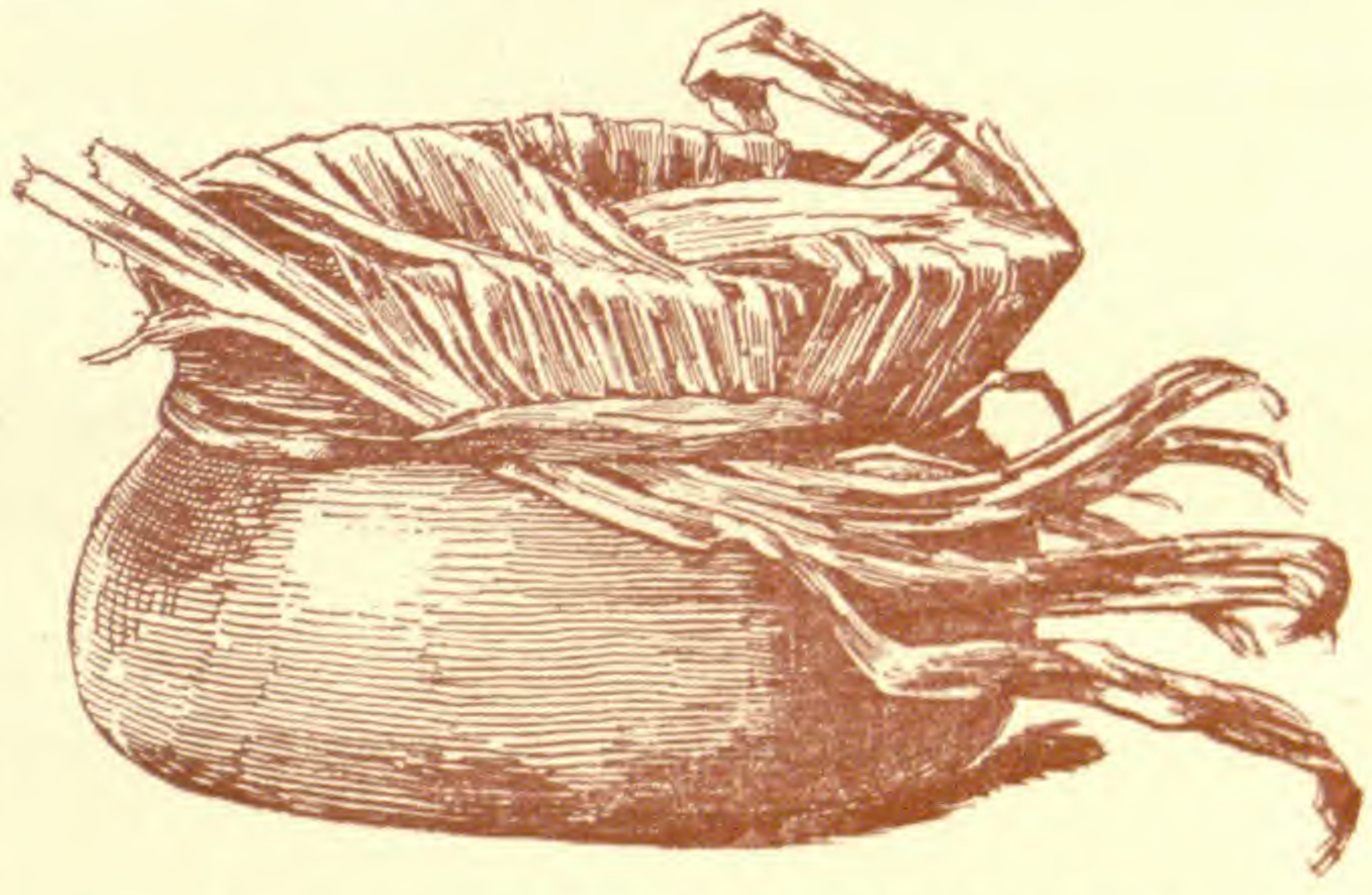


Fig. 53 — Panella com breu Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 2259)

* * *

A pelle é de côr amarella-sienna queimada, escura nos *Kokozú*, amarella clara nos outros. Nos *Tagnanis* o colorido, em certos individuos, chega ao roseo. Muitos typos quasi pretos são encontrados entre os do Juruena e do Juina; são os indios mais escuros do Brasil. Na tabella dermochromica (Roquette e Childe), usada

no Museu Nacional do Rio de Janeiro, (Coll. 4. n. 3.557) o colorido destes indios varia entre os ns. 6-10.

Epiderme grossa, enrugada.

* * *

Os pellos são rectilineos, duros (lissothricos). Em certos individuos ha cabellos largamente ondulados, *Waved* dos anthropologos inglezes, semelhantes aos dos Polynesios. Os indios, em geral, arrancam os pellos do corpo e da face e cortam os cabellos, na fronte, com uma concha de lamellibranchio.

Raros individuos deixam fios de bigode; alguns consentem no crescimento da barba do mento.

* * *

Quasi todos deixam crescer livremente as unhas, que são utensilios valiosos para dilacerar as carnes, á hora da comida.

As plantas dos pés nunca se espessam em callosidades extensas, como nos individuos de raça negra, que andam descalços.

Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdomen saliente. Mãos pequenas; membros thoracicos encordoados, pouco volumosos.

As mensurações que pudemos obter nos typos masculinos, adultos, normaes, constam dos quadros annexos:

O quadro — C — contém os dados fornecidos pela pelvimetria praticada em algumas mulheres.

Os diametros da bacia, como se vê, são pequenos; trata-se daquelle typo pelviano que os obstetras denominam *bacia gracil*, senão fôr modalidade normal da chamada *equabiliter justa minor*, que, a titulo aberrante, apparece em nossos serviços clinicos.

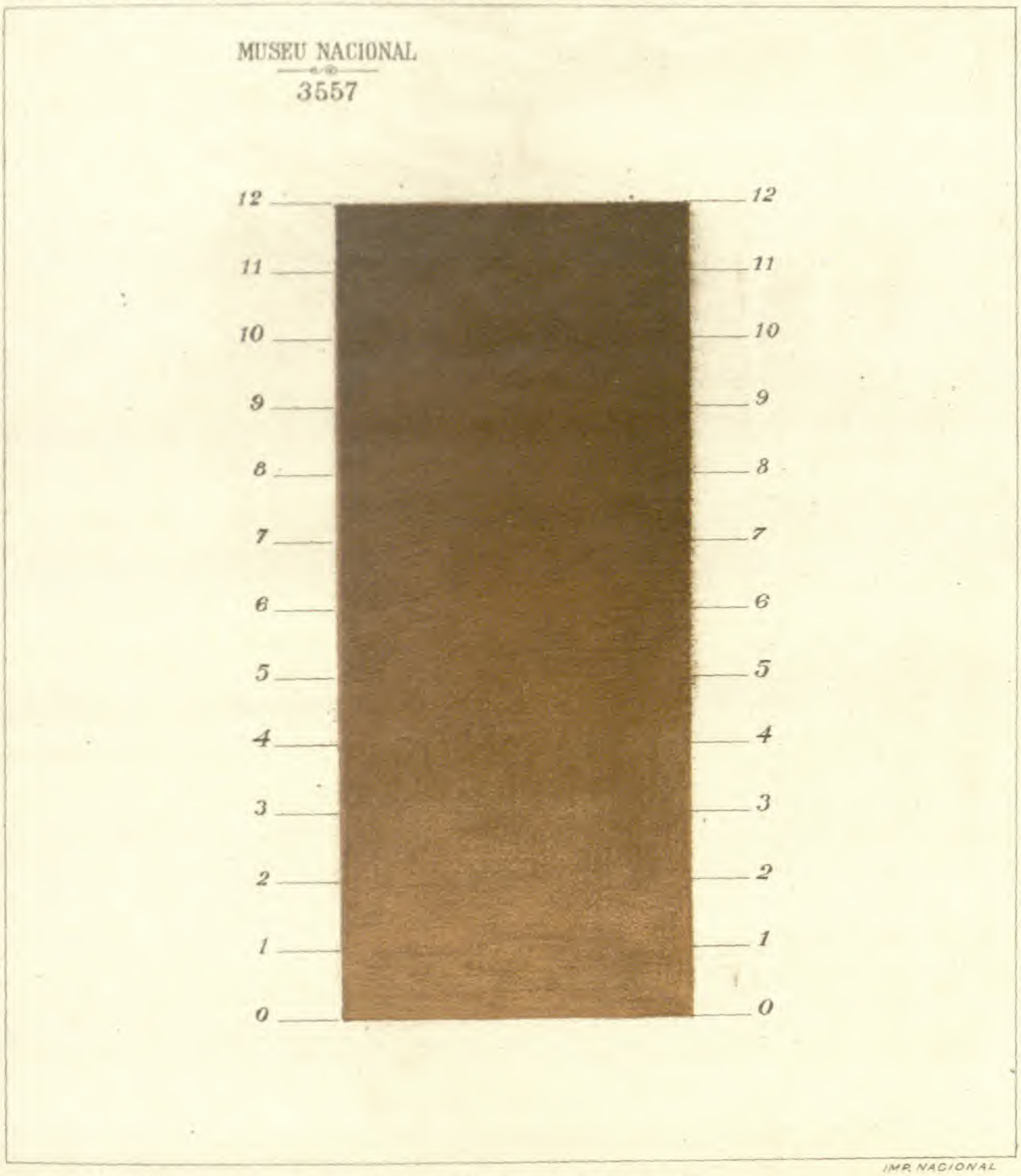
A estatura das mulheres, portadoras de pelvis assim reduzido, é bem pequena: as nambikuáras médem 1,47 de altura, contra 1,62 que tem os homens.

Sendo admittido em geral, que a estatura feminina é sempre menor que a masculina, cerca de 7 °/₀, a altura das nambikuáras deveria andar por 1,51.

Grosso modo, póde dizer-se que a estatura feminina tem menos 12 centimetros que a do outro sexo. No quadro C encontramos alguns typos que excedem essa relação.

* * *

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns typos que representavam o conjuncto dos caracteres somaticos mais nitidos da mulher nambikuára, revelou factos interessantes, cujo conhecimento é indispensavel para o trabalho de comparação anthropologica.



IMP. NACIONAL

Escala Dermochromica para os Indios do Brasil.

(E. Roquette-Pinto)

(Alberto Childe pinx. 1912)

A *altura da cabeça* contém-se pouco mais de seis vezes na altura total do corpo (6 ½).

O *segmento cerebral* do rosto, e o *segmento respiratorio*, são iguaes; o *digestivo* é maior que os precedentes.

A distancia entre os olhos (diametro bi-palpebral interno) é maior que a fenda palpebral; assim os olhos acham-se muito afastados um do outro, pela espessura da raiz nasal.

O *tronco* é quadrangular, sem depressão lombar, nem vislumbre de steatopygia. Os seios, nas moças puberes, são pequenos, em fórma de taça, pela classificação Ploss-Bartels. Nas mulheres mães, são grandes, de aureola dirigida para fóra, mamillo levantado, nem sempre muito affastados um do outro.

O *espaço intermamario*, em algumas das mulheres mães, tem o valor da metade do diametro de uma das mamas.

O *meio do corpo* acha-se acima da symphize pubiana.

Mede a *distancia jugo-xyphoidiana*— (da furcula external ao appendice xyphoide) — metade da distancia xypho-pubiana; sendo, assim, a altura do abdomen igual ao dobro da altura do thorax. Por sua vez a distancia xypho-umbilical é igual ao dobro da linha umbilico-pubiana. Do que se conclue que a mulher nambikuára tem o umbigo mais proximo do pubis.

Fig. 54 — Bolsa de palha onde os Indios da Serra do Norte guardam sementes de cucurbitaceas (Lagenaria ?)
(Coll. — Museu Nacional — n. 2260)

Pinard já tinha notado a importancia pratica do conhecimento dessas relações, no diagnostico da prenhez. Mostrou quanto andaria errado quem fosse applicar, a todas as raças, elementos de pesquizas que só para umas tantas podem servir.

Vi algumas nambikuáras gravidas. A prenhez evoluia já adiantada, mas não consentiram num exame sério; nada posso, assim, dizer a respeito.

Vem todavia a proposito referir que nenhuma era lanhada pelos sulcos intra-dermicos, devidos á distenção forçada do abdomen, que são frequentes na mulher branca (vergões da gravidez).

Aliás, a pelle não tem sempre o mesmo coefficiente de extensibilidade. A dos indios é favorecida por condições especiaes, mal conhecidas. Martius figurou no seu «Atlas» um indio Miranha cujas narinas, perfuradas, attingiam insolita extensão; o individuo conseguia passal-as ao redor do pavilhão da orelha do lado respectivo.

O labio dos botocudos é outro exemplo disso.

* * *

No typo masculino os tres segmentos principaes da cabeça, seguem a mesma norma.

O segmento digestivo é maior que os outros dois. Tambem a altura do thorax é igual a metade da altura abdominal.

As mesmas relações encontradas entre thorax e abdomen, e entre as partes deste ultimo, no typo feminino, acham-se nos homens.

* * *

Por essas relações thoraco-abdominaes, e pela altura do umbigo sobre o pubis, póde-se dizer que o homem nambikuára tem tronco de mulher; e, levando mais longe a consideração dessas interessantes disposições reciprocas, ainda não seria errado affirmar que, no adulto, nessa gente, permanecem caracteres morphologicos proprios á infancia: altura do umbigo, por exemplo.

* * *

Um caracter differencial dos sexos é a situação do meio do corpo: nos homens elle se encontra na borda inferior da symphise pubiana.

E' que as mulheres têm membros inferiores mais longos; e os homens, o tronco mais comprido; ellas são, antes, *macroskéles*, e elles *brachiskéles*. Notemos que observações de Alex Hrdlicka, na America do Norte, encontraram phenomeno inverso nas populações brancas, entre adolescentes.

* * *

No typo masculino a cabeça cabe sete e meia vezes na altura; obedece ao canon dos gregos, o que é realmente interessante. A distancia inter-ocular é maior que o comprimento da fenda ocular; a altura total da face é pouco maior que o comprimento da mão. A mão tem cerca de 1/10 da altura total do corpo; o pé corresponde a 1/8 daquella altura. Braço e antebraço têm comprimentos equivalentes; são sensivelmente iguaes. O *olho mongol*, de Metchnikoff, é raro.

* * *

Nos indios da Serra do Norte não se vê a queda precoce dos incisivos, tal qual é encontrada nos Parecís.

A norma da erupção dos dentes, pelo que andei observando em alguns rapazes e meninos, não é a mesma que se costuma deparar na raça branca; porque as idades em que a segunda dentadura se completa, me pareceram outras.

Nambikuára — Tauitê

Nambikuára — Kôkôzú

INDIOS DA SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.

1912

* * *

Nos typos brancos, pela norma commum, as arcadas se guarnecem conforme o schema:

— — Λ o o O O O
8 9 12 10 11 7 13 18

Aos sete annos rompe o primeiro molar; aos oito os incisivos medianos e aos nove os lateraes. Aos 10 o primeiro premolar; aos 11 o segundo. Os caninos, aos 12. O segundo molar aos 13. O *dente do sizo*, que é o terceiro molar, apparece aos 18, mofino e sem prestimo, quando não se deixa ficar mettido no alveolo durante toda a vida.

Os factos mais interessantes relativos á dentição daquelles indios são precisamente os que se relacionam com os *dentes do sizo*; porque, mais de uma vez, verifiquei a presença delles em rapazes que não tinham, seguramente attingido os 18 annos.

A dentição completa-se naquella gente, ao que me pareceu, muito mais cedo.

Os molares, que o povo chama *dentes do sizo*, e tendem a desapparecer na raça branca, nos indios, não são dentes de enfeite. Têm funcção e tamanho de considerar.

Acredito que o excesso de trabalho, imposto ao apparelho da digestão, tenha seu rebate nestas caracteristicas dentarias.

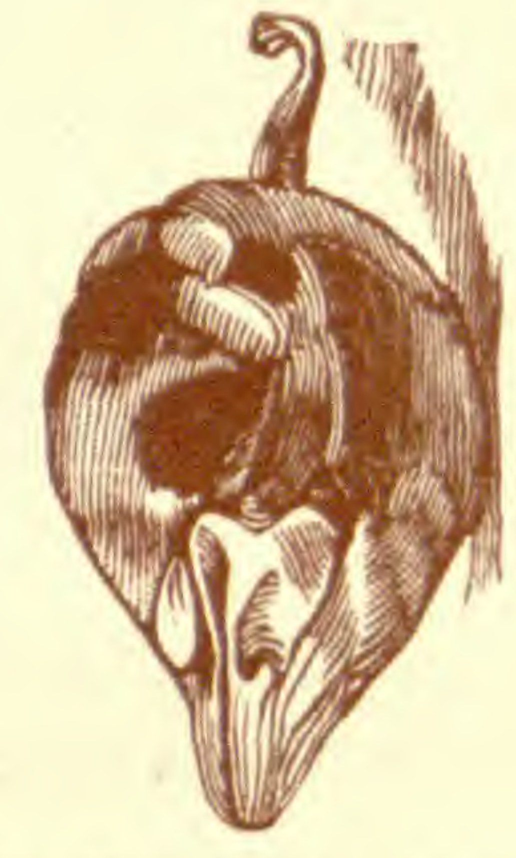


Fig. 55 — Fructo de um *Solanum* usado pelos Indios da Serra do Norte. (Coll. — Museu Nacional — n. 1923)

Os grandes molares apparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte.

* * *

Comem sempre, de tudo, sem regra nem medida. Não sei de animal que não devorem. Regeitam, apenas, o tubo intestinal da caça abatida.

Os do Juruena comem mais carne que os outros; os de *José Bonifacio* alimentam-se mais de mandiocas e milho. Sua pneumatóse intestinal fal-os companheiros desagradaveis. Todos têm lingua saburrosa; muitos têm as gengivas arregaçadas pela pyorrhéa alveolar. Os dentes, ao contrario do que se verifica frequentemente nos craneos dos sambaquís, não soffrem o processo de usura que Lund, em 1842, descreveu no homem de Lagôa Santa; mas padecem da carie que lhes não poupa as corôas.

* * *

Uma dermatose especial grassa entre os indios da Serra do Norte (1).

(1) Cf. E. Roquette-Pinto — Conferencias na Bibliotheca Nacional — 15 de março de 1913 e na Sociedade Brasileira de Dermatologia (Polyclinica Geral do Rio de Janeiro — 11 de junho de 1915.

Em verdade, alguns officiaes da Commissão Rondon, haviam notado as placas caracteristicas da doença. Mas, talvez porque não tivessem sido encontrados casos typicos, como esses que me cahiram sob as vistas, as manchas passavam por simples descamações epidermicas traumaticas, oriundas do attricto do corpo na terra, pois que os indios da Serra do Norte dormem sobre o sólo.

Examinando os individuos cujas photographias aqui se encontram verifiquei, porém, a existencia de verdadeira dermatose, imitando diversas das que se acham indicadas entre os nossos aborigenes.

* * *

A doença apparece em toda idade; foi encontrada em crianças de peito e em velhos. Ataca igualmente ambos os sexos.

Parece ser mais frequente nos indios dos rios Juruena e Juina. Os Parecís, proximos visinhos delles, não conhecem o mal; e não me consta que já se tenha verificado qualquer caso no pessoal da linha telegraphica.

Nenhuma região do corpo é poupada, a não ser o couro cabelludo. As unhas são respeitadas, e a face não é séde predilecta das lesões.

A doença não é rara ; em muitos indios é facil reconhecer traços de sua existencia. No entanto, creio que evolue com intensidade mui variavel, porque só em oito individuos, dentre cerca de 400, pude verificar suas manifestações bem definidas.

A dermatose manifesta-se sob tres aspectos clinicos successivos, e um mesmo individuo póde apresentar lesões cutaneas em differentes estádios. Em algumas placas notam-se formas de transição.

No seu primeiro periodo esta doença forma vesiculas mui pequenas, cheias de liquido seroso, dispostas linearmente, em figuras circulares, concentricas. A pelle, nos intervallos, é apparentemente sã; as vesiculas não se rodeiam de zona inflammatoria visivel. Não ha calor, nem rubor.

Depois, as vesiculas crescem ligeiramente e seccam, dando lugar á formação de crostas escamosas que seguem os contornos dos desenhos primitivos. Todavia, a fórma das figuras circulares já se não mantem regular; as primeiras lesões foram confluindo em muitos pontos atravez os espaços de pelle sã. Formam-se então verdadeiras *placas de descamação*, manifestações caracteristicas da segunda phase da doença.

Pelo mesmo processo surge o terceiro aspecto. As placas se desenvolvem lado a lado; ao pé de uma, outra cresce. Acabam juntando-se; a descamação epidermica é, então, continua. Porém, as escamas crescem bastante, quando a phase final da doença attinge seu apogeu.

O doente torna-se repulsivo.

Uma india tinha infinidade de escamas arrepiadas pelo corpo inteiro, como si fossem tiras de papel de seda escuro, colladas ao tegumento por uma das extremidades.

Estas escamas papiraceas não se deixavam arrancar com facilidade; o attricto da mão não as destacava, conforme verifiquei quando a mulher se coçava. O prurido, nesse periodo, creio, é muito menor; pareceu-me mais accentuado nos primeiros.

Não posso precisar o tempo em que a doença completa sua evolução. A dermatose passa em alguns dias do primeiro ao segundo periodo; este porém, me pareceu demorado.

Em algumas placas nota-se a formação incipiente das *escamas* papiraceas. No entanto, como apenas tive opportunidade de ver uma mulher e uma rapariga, sua filha, com todo o corpo tomado pelas lesões da ultima phase, acredito que a doença nem sempre chega a esse termo; fica estacionaria no segundo periodo, ou evolue.

Distingo, assim, provisoriamente, tres aspectos nessa dermatose:

a) fórma vesiculosa;
b) fórma placoide;
c) fórma escamosa.

Acredito que ellas correspondam a periodos evolutivos da mesma doença, e não a doenças differentes, porque achei, em alguns enfermos, fórmas intermediarias.

Aliás, os doentes indicavam, por signaes, mas de maneira mui clara, que a derradeira manifestação principiava pela fórma vesiculosa, unica encontrada em crianças de peito.

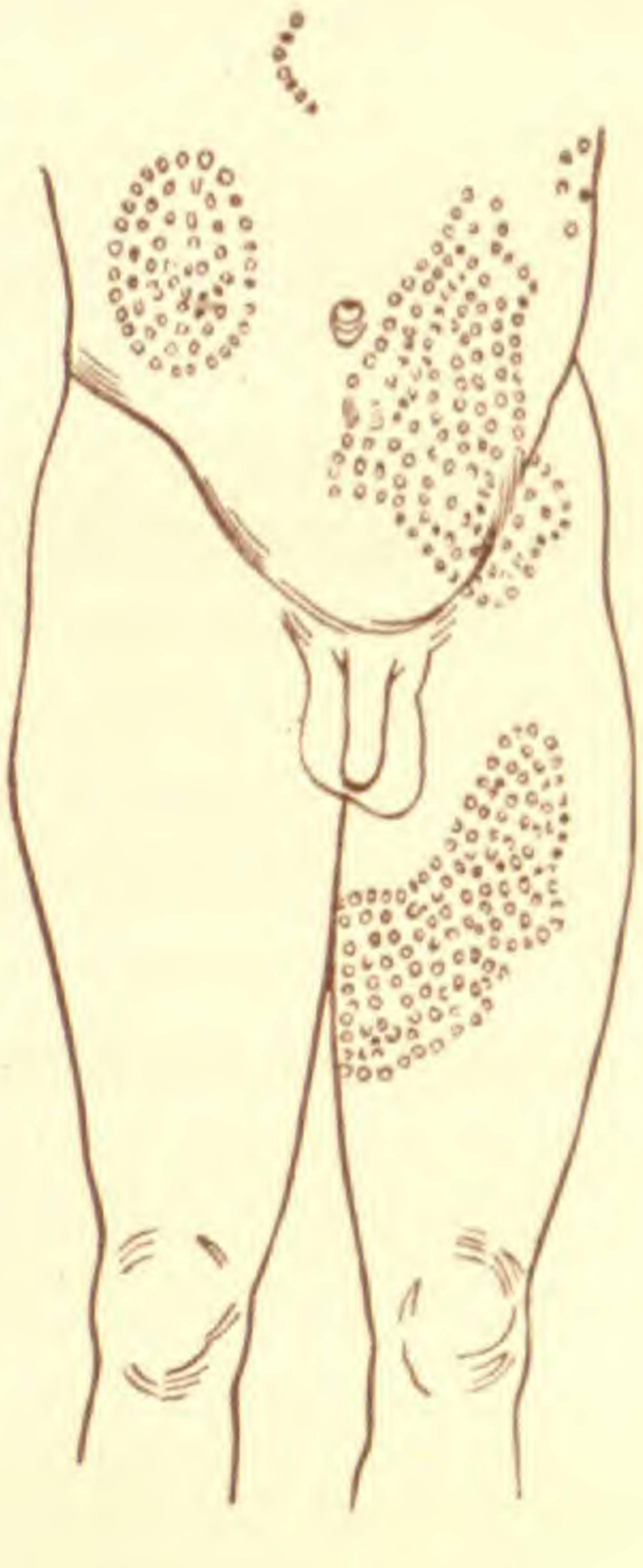


Fig. 56 — *Baanêcêdutú* — primeira phase da dermatose dos indios da Serra do Norte. (Schema)

* * *

Os indios passam saliva sobre as placas; não sabemos ainda si empregam contra a molestia alguma herva, E' provavel que o façam, visto que em suas aldeias tem-se encontrado verdadeiros hervarios.

Quanto á influencia que, porventura, possa ter sobre a doença o costume, peculiar aos selvagens, de se pintarem com certa pasta gordurosa feita com o succo das sementes do urucú, é tambem questão a resolver.

O aspecto e a evolução da doença nos induzem a acreditar que se trata de uma dermatomycose; é provavel que o cogumello pathogenico tenha

o seu *habitat* no sólo. E assim se explica porque os funccionarios da linha que ha annos convivem com os Nambikuáras, ainda não contrahiram o mal; o que tambem se observa com os Parecís, actualmente relacionados com aquelles doentes. Uns e outros, ao contrario dos Nambikuáras, fazem uso da rêde; nunca dormem no chão.

O exame microscopico das escamas, até agora, não foi feito; é falta de que não tenho responsabilidade. Em 1912 os indios não permittiram que se colhesse material. Viviam ainda desconfiados.

O nome indigena que os enfermos da Serra do Norte dão á sua doença é : *Báanêcêdútú*.

Acredito que o vocabulo exprima, precisamente, a fórma curvilinea das lesões, visto como *Báanêcêdútú* é a designação generica das conchas dos gastropódes, que são enrolladas em espiral.

* * *

Tudo isso basta para demonstrar que se trata de manifestação morbida ainda não descripta nos selvagens do Brasil.

Das dermatoses peculiares aos nossos indios, algumas, não se parecem absolutamente com o *báanêcêdútú* da Serra do Norte.

Podem ser, desde já, afastados: o *pian*, a *curub*, a *pinhã*, a *munga*, as *pereb*, as *xerodermias* (ichtyoses), as *leishmanioses*, etc.

Pereb é nome tupí das ulceras cutaneas banaes, staphyllococcicas, etc.

A *pinhã* foi encontrada entre alguns indios do Amazonas por von Martius. Deve ser uma fórma de furunculose; Martius a considerava uma especie de « anthraz ».

O *pian* é hoje bem conhecido; já em 1558 fôra admiravelmente caracterizado por Thevet e, em 1578, por Jean de Lery. Em 1613 o sabio padre Yves d'Evreux apontara, magistralmente, suas semelhanças com o « mal de Napoles ». Os indios da Serra do Norte nada apresentam de parecido.

Devo tambem dizer que aquella gente não conhece a lepra. E as ulceras leishmaniosicas, que não poupam o pessoal da linha telegraphica, são desconhecidas. Não vi um só atacado das « feridas bravas », enquanto que a enfermaria de S. Luiz de Caceres regorgitava de enfermos, vindos do acampamento.

* * *

Tambem com a dermatose dos indios *antisianos* (Mocetenes, Tacanas, Yurucarés), habitantes das vertentes orientaes dos Andes (Perú e Bolivia), a doença dos Nambikuáras não tem semelhança.

Dermatose dos Indios da Serra do Norte
(Cliché não retocado)

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

Os *hombres overos*, designação que os hespanhóes deram áquelles indios, têm largas manchas irregulares, esbranquiçadas, de contornos pouco nitidos, localizadas principalmente nas saliencias articulares.

D'Orbigny affirma que taes manchas nunca se apresentam com aspecto farinaceo; que poupam as crianças, e que a epiderme dos doentes se mantem inteiramente lisa.

A molestia dos « overos » nada mais é, afinal, que a *vaurána* dos nossos indios do grupo tupí, que vem a ser a mesma cousa que o *mal dos Caratés*, da Colombia, *mal das pintas* (ou dos pintos), *Lota*, da America Central, ou *Purú-purú*, da Amazonia.

* * *

Spix e Martius, no começo do seculo passado, e, depois delles, outros naturalistas, encontraram o mal espalhado pelo grande valle. Muitos chronistas delle se occuparam, e entre elles, Baena foi minucioso.

« Purú-purús, escreveram aquelles, é o nome dado pelos brasileiros aos indios que se chamam propriamente *Pamaouirís*, habitantes do rio Purús. »

Descreveram a molestia dos *Pamaouirís*, ou, como hoje se diz, *Paúmarís*, dando-lhe para caracteristica essencial a presença de manchas cutaneas irregulares, isoladas ou confluentes, ennegrecidas, um tanto asperas ao tacto.

Martius acreditava que algumas manchas brancas, ás vezes encontradas entre as escuras, representavam o primeiro estádio da doença.

Parecia-lhe hereditario o *purú-purú*, embora suas manifestações cutaneas só principiassem a partir da puberdade. Os indios com que Martius tratou attribuiam esse flagello ao « mau estado do seu sangue »; e o naturalista acreditava que a « vida amphibia » daquella gente, sua alimentação, e alguns dos seus costumes, influiam muito para o apparecimento do *purú-purú*.

Fig. 57 — Tubo de taquara com pó escuro — Paricá ? (Coll. Rondon — Museu Nacional — 2263)

* * *

Depois, naturalmente pela disseminação da doença, seu nome ficou servindo para designar todas as tribus da região Purús-Juruá: *Paumarí*, *Juberí*, *Arauá*, etc.

Ehrenreich, ha cerca de 20 annos, pôde verificar certos detalhes curiosos na evolução do *purú-purú*. Confirmou que só a partir da puberdade a doença toma incremento; encontrou alguns indios com pés e mãos inteiramente brancos, como si se tratasse de um *albinismo parcial*, ou de uma especie de *vitiligo*.

Segundo Ehrenreich, no primeiro periodo da molestia, as manchas têm côr azul-acinzentada. A' medida que se vão descorando nas bordas, escurecem no centro.

Pessoalmente elle nunca observou a descamação da epiderme na zona doente. Todavia, transcreve informação vulgar segundo a qual os Paúmarís misturam, subrepticiamente, as escamas de sua pelle aos alimentos e á agua de seus visinhos, afim de que a doença tambem os attinja.

Nas manchas brancas, accrescenta o mesmo ethnologo, não existem pellos. O prurido é sempre intenso.

* * *

Em 1909, Koch-Grünberg tratou do *purú-purú* encontrado na bacia do Rio Negro. Apontou, de accôrdo com a opinião dos indios, tres variedades da doença: *purú-purú branco, p. negro, p. vermelho*, segundo a côr predominante nas manchas. Koch-Grünberg diz que as manchas negras são duras e asperas; as brancas, lisas, apresentam o aspecto de queimaduras.

* * *

No entanto, Oswaldo Cruz, em 1913, mostrou que nada justifica a separação das tres variedades. As manchas brancas, para elle, figuram um estádio mais adiantado da doença; apparecem pela eliminação do pigmento cutaneo, promovida por agente infeccioso.

Oswaldo Cruz verificou tambem a descamação da epiderme ao nivel das manchas negras.

Hirsch, já em 1886, affirmava que o *purú-purú* não poderia ser sinão uma dermatomycose; os estudos de Montoya e Flores e Oswaldo Cruz, embora ainda não concludentes, parecem justificar essa hypothese.

Os indios da Serra do Norte vivem em aguas amazonicas; habitam, portanto, na visinhança da zona enorme onde se tem achado o *purú-purú*. Todavia, não soffrem, indiscutivelmente, desse mal. O seu isolamento os preservou.

* * *

Já com o *ringworm* ou *herpes circinado*, e tambem com o *tokeláu*, ou *tinea imbricata*, o *báanêcêdútú* tem alguma semelhança.

Ehrenreich, em 1897, confundiu aquellas duas dermatoses, e affirmou que são frequentes entre os indios da zona tropical.

O *ringworm*, porém, não é o tokeláu; nem essas dermatoses são muito disseminadas entre os indios. O seu tegumento cutaneo, sujeito a multiplas causas desorganizadoras, proporcionadas pelo meio, acha-se muitas vezes tomado pelas «*erupções artificiaes de causa interna e externa*», passiveis de se confundirem, em certos casos, com molestias parasitarias.

No entanto, é fóra de duvida que as primeiras formações da dermatose da Serra do Norte seriam parecidas com as do *herpes circinatus* — circulos concentricos formados por pequenas vesiculas — si lhes não faltasse a reacção inflammatoria que acompanha o *herpes*.

Talvez esta reacção passe despercebida, seja pela espessura da pelle, seja pelas suas condições de vascularização discreta, ausencia de pellos, glandulas sebaceas pouco abundantes, etc.

A evolução da dermatose da Serra do Norte não permitte que se a confunda com o *ringworm*.

No seu estado final, a doença dos Nambikuáras assemelha-se muito mais á *tinea imbricata*.

O aspecto do individuo coberto de escamas longas, como tiras de papel de seda, que verifiquei perfeitamente nos meus indios, é tambem attribuido ao *tokeláu*. No *tokeláu*, além disso, não existe inflammação ao redor das lesões, nem o systema piloso é atacado, tal qual acontece com o *báanêcêdútú*.

A tinea imbricata tambem começa por formações vesiculares; mas a transformação das vesiculas em «systemas», na dermatose dos Nambikuáras é muito mais irregular. Não existem mesmo verdadeiros *systemas*

Fig. 58 — *Hikanti* — Faca de madeira, dos Indios Trauitês da Serra do Norte.
(Coll. Rondon - Museu Nacional — 13219)

de descamação, como no tokeláu; são antes placas, limitadas por escamas ainda tão pequenas que tomam aspecto furfuraceo.

De sorte que a verdadeira semelhança das duas dermatoses só é bem visivel no ultimo periodo, quando as *escamas papiraceas*, crescidas, cobrem todo o corpo.

Por outro lado, a evolução da doença dos indios da Serra do Norte nada se parece com a do tokeláu que o Dr. C. Paes Leme descreveu, em 1903, entre os indios do Araguaia, e Friz Krause não menciona. Faltam absolutamente os symptomas geraes apontados naquelles indios; a dermatose dos selvagens da Serra do Norte tem todas as caracteristicas de uma doença local.

Pelas razões expostas, acredito que o *báanêcêdútú* é uma dermatomycose exfoliativa, talvez mesmo uma *tinea* visinha do tokeláu.

Era impossivel obter naquella data material para exame microscopico. Actualmente, as condições são mais favoraveis; a confiança dos «doentes» é cada vez maior. Permitte investigações muito mais complexas.

Tenho realizado pesquizas sobre ligas e outros objectos de uso dos indios, material que passou muito tempo em contacto directo com as lesões

cutaneas. Estas observações são extremamente precarias, é claro. Nem conto com o seu exito. Si fôr possivel isolar um fungo, dessas peças, cultival-o, inoculal-o, voltarei a tratar do interessante assumpto.

Aos especialistas cabe completar e corrigir estas notas, que não pretendem sinão documentar o aspecto clinico de uma manifestação morbida de indios primitivos. Amanhã ou depois, contaminados pelas infecções extranhas, a que infelizmente não se poderão furtar, hão de apresentar os mesmos phenomenos sob outra fórma, modificados pelos beneficios e pelos males da civilização.

* * *

Com os dados antropologicos, aqui transcriptos já se póde tentar um esboço de comparação somatica.

A anthropologia não é mais inutil pesquisadora de soluções impossiveis, para problemas ociosos, embora não tenha ainda attingido o gráo supremo que lhe foi marcado na hierarchia positiva.

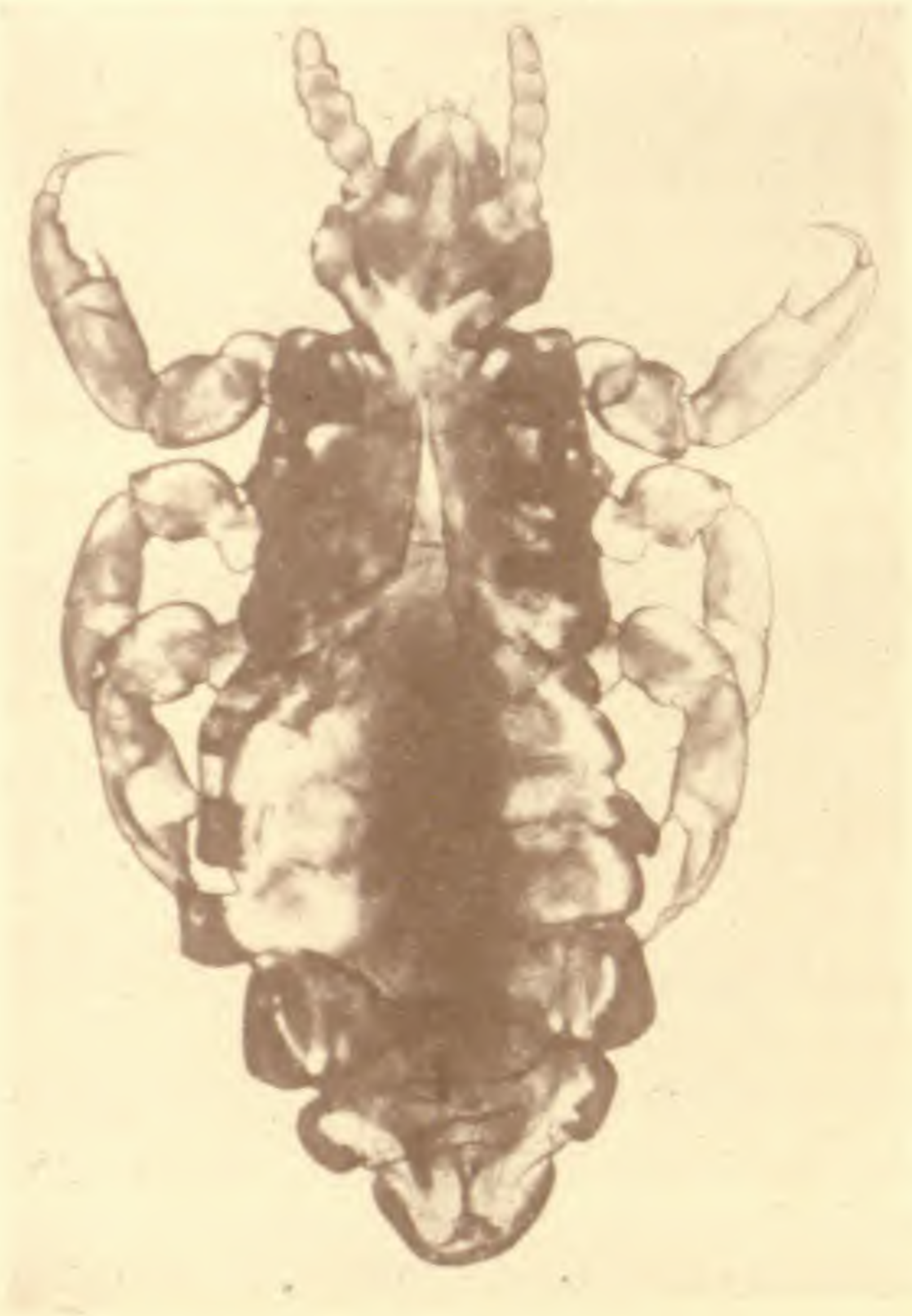
A raça não é uma expressão verbal, sem valia nem funcção ; marca sempre relações, entre um grupo de organismos e o meio em que elles vivem. E', por isso, indispensavel ir levando em conta os *phenomenos*, do mesmo modo como se apreciam os *seres*.

Perante a moderna orientação da anthropologia a observação dynamica das *raças*, dos *typos*, e dos proprios *individuos*, vai-se, aos poucos, caracterisando como a unica saída para os que estudam com desejo de encontrar o caminho do progresso. A descripção estatistica das caracterizações não satisfaz ao espirito scientifico da época ; recentes verificações e descobertas que a physiologia conseguiu, mórmente no ambito das funcções das glandulas de secreção interna, mostram que a morphologia, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ella é condicionada de modo iterativo pela maneira de funccionar propria á cada qual. Numa palavra: *a anthropologia anatomica*, cada vez mais, perde em favor da *anthropologia physiologica*.

A *anatomia das raças*; sinão feita de todo, foi bastante esboçada, para que o debuxo indicasse que sáfaro terreno é o seu, incapaz de permittir a colheita das leis que governam a especial biologia das *variedades*.

Mas, a *psychophysiologia das raças*, é uma promissora região, cujos meandros praticamente exploraveis apenas começam a apparecer.

Infelizmente, o material e os meios de indagação são escassos e pouco rendosos. E' uma falha de methodo que se ha de completar aos poucos. As difficuldades são muitas, e serias. Por isso mesmo convém consideral-as, desde já, como a parte essencial das pesquizas. Fiel áquelle criterio o autor tentou ajuntar aqui elementos que permittam esboçar,



Piolho dos Indios da Serra do Norte (×50)

Microphotographia de E. Roquette-Pinto

sinão resolver os problemas fundamentaes da anthropologia, referidos aos typos humanos que observou em sua excursão pelas terras da RONDONIA.

* * *

a) Quaes os typos anthropologicos fundamentaes de indio brasileiro ?

b) Quaes os traços caracteristicos dos indios da Serra do Norte ?

c) Como se processou sua differenciação anthropologica ?

* * *

Pondo á margem as noticias encontradas nos escriptos leigos, acha-se principalmente nos trabalhos de Piso e de Marcgrave as melhores informações, colhidas no seculo XVII, sobre a nossa anthropologia indigena.

Das questões propriamente anthropologicas — (anatomia, physiologia, etc.) — cuidou melhor Marcgrave; Piso dedicou mais attenção á pathologia indigena.

Da *Naturallis Historiæ Brasiliæ*, é o 8° livro consagrado aos indios. O capitulo IV, desse livro, traz a epigraphe: *De Incolis Brasiliæ*; e outro capitulo: *De Statura e habitu corporis Brasiliensium, e de eorum ætate e moribus.*

* * *

« Os indios que vivem entre nós outros, diz Macgrave no seu ameno latim, têm mediocre estatura, são robustos, de largas espaduas, bem feitos; nem é facil achar entre elles aleijados, zarolhos ou coxos. E' admiravel como preservam seus filhos das molestias, nunca os envolvendo em ligas ou faixas. Para robustecel-os, ligam-lhes as pernas com certas tiras que chamam: *Tapacura*.

Os brasilienses têm olhos negros, nariz estreito, boca ampla, cabellos negros, rectos. Barba rara ou nulla. Muitos têm barba negra. As mulheres são de estatura pequena, bem dispostas e de fórmas não inelegantes, como as negras, bastante robustas e parem facilmente. Ordinariamente vivem muito, e entre elles vêm-se muitos velhos, alguns de 100 e até 120 annos. Difficilmente encanecem, mesmo quando já decrepitos. »

Fig. 59 — Clava encontrada entre os Indios da Serra do Norte.

(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11929)

* * *

Os « brasilienses » de Marcgrave estavam longe de representar um typo definido de indio brasileiro; tinham os

traços fundamentaes da *raça,* mas viviam em meio muito occidentalizado. Basta notar a *idade avançada* de muitos; o indio raramente vive tanto, entregue ás condições primitivas.

* * *

A analyse resultou ainda mais perfunctoria quando feita pelos outros antigos observadores. Mesmo Alexandre Rodrigues Ferreira, no fim do seculo XVIII, deixando paginas admiraveis sobre a sociedade indigena, dispondo como nenhum outro de elementos scientificos para bem apreciar os typos anthropologicos que encontrou, omittiu qualquer observação a respeito.

A. de Saint-Hilaire, no começo do seculo XIX, achou os *Botocudos* mui semelhantes aos Chins, embora os mongóes, segundo lhe pareciam, tivessem a face mais achatada e mais larga.

Saint-Hilaire presumia realizar comparação bem apurada examinando, em Cabo-Frio, lado a lado, tres chinezes e alguns indios...

* * *

Si no assumpto, a contribuição, do Principe Maximilliano de Wied-Neuwied é igualmente mediocre, já a de Alcides D'Orbigny avulta.

D'Orbigny teria sido o fundador da anthropologia indigena sul-americana si houvesse podido estudar mais typos naturaes. Quasi um seculo depois da publicação do seu *homem americano,* os scientistas no mundo inteiro, voltam, seu interesse para aquellas questões de *physiologia anthropologica,* tão claramente expostas por elle em 1839.

Longe de querer isolar os typos, como fizeram alguns modernos, pela exclusiva consideração das fórmas craneanas, D'Orbigny comprehendeu que as reacções do meio não se limitam assim; e passou revista em todos os detalhes da organização, verificando até que ponto elles poderiam ser ligados ás condições ambientes.

Sejam quaes forem as falhas de systematica ethnologica que se lhe possam increpar, o criterio a que se amparou e o modo porque realizou o estudo anthropologico dos indios sul-americanos, dão-lhe direito a ser considerado daquella honrosa maneira. Infelizmente o material brasileiro, colhido por D'Orbigny, foi pequeno.

Sua *raça brasileo-guarani* soffreu dessa escassez. Nesta divisão elle não reconheceu as differentes nuanças, nem conseguiu marcar o caminho de sua anthropogenia, conforme fez para outras; não distinguiu sub-typos.

* * *

Unicamente para fornecer elementos de comparação com as outras classificações, puramente anthropologicas, menos conhecidas e citadas, valle a pena transcrever a chave integral da raça brasileira de D'Orbigny.

RAÇA BRASILEO-GUARANI (A. D'ORBIGNY)

Caracteres geraes: Côr amarellada — Estatura mediana — Fronte pouco saliente — Olhos obliquos, levantados no angulo externo.

Ramo unico: Côr amarellada, misturada com um pouco de vermelho-pallido.

Estatura — 1.620. Fórmas massiças. Fronte não fugitiva — Face cheia, circular — Nariz curto, estreito — Boca de tamanho mediano — Labios finos, pouco salientes — *olhos muitas vezes obliquos, sempre levantados no angulo externo.* Malares pouco salientes. Traços afeminados — Physionomia mansa.

* * *

Basta tomar um Bôrôro e tentar enquadral-o na raça brasileira de D'Orbigny para verificar quanto imperfeita, por deficiente, é a sua chave. Os indios do Brasil estão longe da uniforme estatura mediana; há typos muito altos e outros muito baixos.

A côr da pelle varia tambem, dentro de lindes afastadas. A obliqui-

Fig. 60 — Clava encontrada entre os Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 11930)

dade da fenda occular e o levantamento do canto externo do olho não têm a constancia que o grande naturalista suppunha.

Em resumo, póde dizer-se que D'Orbigny caracterizou bem um dos typos brasileiros; nada mais. Do ponto de vista morphologico, no que nos diz respeito, foi essa a sua contribuição.

* * *

Martius, nas «Beiträge», de valor tão desigual, mas sempre interessantes, deixou-nos observações mais felizes. Na sua raça americana distinguiu dois typos, que se podem pôr em chave do modo seguinte:

RAÇA AMERICANA — (VON MARTIUS)

1° typo:

Fórmas grosseiras, talhe pequeno, face larga, fronte deprimida e fugitiva, olhos obliquos, malares salientes, nariz deprimido, maxillar inferior fortemente desenvolvido.

Lembra o typo mongol.

2º typo:

Talhe alto, esbelto, fronte alta, arqueada, olhos horizontaes e rasgados, nariz saliente, muitas vezes aquilino; « fórmas nobres » das regiões inferiores da face.

Lembra o typo caucaseo.

* * *

A côr da pelle e a qualidade dos cabellos, Martius não as discriminou em cada typo. E andou bem..

Lembra o naturalista que o colorido claro, e o escuro, acham-se tanto nos representantes do primeiro typo quanto nos do segundo.

* * *

Martius publicou ainda sob o titulo suggestivo: « Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens », algumas notas valiosas que formam um livrinho raro, existente na excellente bibliotheca do Instituto Historico.

Acham-se nesse trabalho, mais uma vez, provas evidentes de que Martius não conseguiu ver sinão alguns typos dos offerecidos pela gente primitiva do Brasil. Em discrepancia com os caracteres differenciaes, resumidos acima, diz que os indios suppostos mais altos, não o são de facto; parecem mais altos do que são porque andam nús. E entre algumas observações physiologicas a proposito, nota que as *pulsações cardiacas*, no homem, variavam de 55 a 68 por minuto; na mulher, 76 a 80.

Os homens morrem cêdo, segundo as mesmas notas; as mulheres attingem frequentemente 70 ou 90 annos.

Falando da syphilis, diz que « em geral attribuem os indios aos europeus a introducção da doença ».

* * *

A differenciação que Martius accentuava em 1867, Couto de Magalhães, quasi um decennio mais tarde, retomou, quando trouxe á anthropologia do Brasil o seu apreciavel contingente.

Apezar de pouco preciso em relação ás minucias, todavia, o autor do « Selvagem » ápanhou com felicidade certas modalidades morphologicas dos indios do Brasil. Ao contrario do que me parecera até 1909, tenho podido observar notaveis especializações nos typos brasileiros; essas variantes, devo dizel-o, ajustam-se bem ás que foram separadas pelas observações de Magalhães, máo grado o empyrismo com que os realizou.

E' certo, porém, que elle só deixou bem caracterizado o primeiro dos typos. Os dois outros foram apenas indicados no seu livro.

* * *

Datam de 1882 muitos documentos definidos sobre o assumpto. Não os devemos esquecer. Os que foram publicados nesse anno, especialmente por Barbosa Rodrigues e J. B. de Lacerda representam, segundo creio, os primeiros elementos anthropometricos dados á luz a respeito.

Barbosa Rodrigues descreveu e mediu alguns typos; como elementos de comparação suas notas merecem destaque particular.

Tratou dos seguintes sub-typos: — *Puri, Ticuna, Miranha, Cauixána, Tembé, Mundurucú, Pariquí* e *Aruaquí, Arára, Mura, Mauhé*. Obteve mensurações, de 1872 á 1874, de indios dessas tribus e outras, segundo o quadro publicado em 1882:

ANTHROPOMETRIA DOS INDIOS DO BRASIL

BARBOSA RODRIGUES

Tribu	Localidade	Bi-zygomatico	Bi-acromial	Estatura
Conibo.	Rio Ucaiale	0,12	0,38	1,47
Ticuna	Rio Tunantins	0,13	0,38	1,49
Miranha	Rio Yapurá -	0,12	0,38	1,60
Cauixána	Rio Solimões	0,11	0,39	1,60
Arára	Rio Madeira.	0,11	0,39	1,61
Mundurucú	Rio Tapajós.	0,10	0,38	1,60
Mauhé.	Rio Mauhé-assú. . . .	0,12	0,39	1,58
Pariquí	Iatapú.	0,13	0,38	1,55
Aruaquí	Rio Uatumã.	0,12	0,38	1,45
Mura	Rio Urubú	0,13	0,39	1,54
Tembé.	Rio Capim	0,12	0,39	1,55
Omagua	Olivença.	0,11	0,37	1,60
Purí	Rio Mucurí	0,13	0,44	1,54

Os indios de estatura mais elevada, segundo as pesquizas de Barbosa Rodrigues, seriam o *Arára*, do rio Madeira, e o *Mundurucú*, do rio Tapajós; os mais baixos seriam os *Conibos* do rio Ucaiale. As médias levadas em conta são as que se referem aos individuos do sexo masculino.

A contribuição do naturalista patricio foi, assim, incompleta.

Todavia, as annotações descriptivas, que lhe ficámos devendo, têm maior valor. Barbosa Rodrigues começa pondo em destaque, como criterio differencial importante, as proporções entre o tronco e os membros, nos individuos das raças negra e americana:

« Em geral o nosso indio, diz elle, é de estatura baixa, tronco grosso e largo, pescoço e membros curtos.» As differenças sexuaes lhe pareceram mediocres, quanto á morphologia externa do corpo.

« As mulheres, em geral todas têm um aspecto varonil, isto é, na structura do tronco e dos membros, são muito approximadas ao sexo

masculino, a ponto de, pelas costas, confundirem-se os sexos; comtudo, em algumas tribus variam na estatura.»

A descripção dos typos que observou póde ser resumida em poucas palavras.

Puri — Tem musculatura saliente, a distancia bi-acromial tres vezes maior que a bi-zygomatica; nas mulheres, a distancia intermamaria não é maior que a metade do diametro do seio.

Ticuna — Baixo, musculoso; bi-acromial tres vezes maior que bi-zygomatico; nas mulheres, a largura do quadril é menor que o bi-acromial.

Miranha — Nas mulheres, o monte de Venus tem extraordinario desenvolvimento, não observado em outras tribus; os seios acham-se distantes cerca de dois terços do seu diametro.

Cauixána — Tem o bi-acromial igual a $2\,^1/_2$ vezes o bi-zygomatico. Na mulher, a aureola e o mamilo acham-se dirigidos para a frente, e não para fóra.

Membros finos em ambos os sexos.

Tembés — Estatura masculina, em geral, menor que a feminina. Mulheres altas e magras; homens baixos e gordos.

Mundurucús — São musculosos; homens mais baixos que as mulheres, relativamente. Mulheres de bi-acromial relativamente mais largo.

Pariquis e *Aruaquis* — Estatura feminina e masculina mais ou menos iguaes. Grande semelhança nos traços physionomicos das mulheres.

Aráras — As dimensões do typo masculino são menores, em relação ás das mulheres.

Mulheres de quadril estreito e bi-acromial largo.

Mura — Baixo, corpulento, hombros largos. Mulheres gordas.

Mauhé — Grande dimorphismo sexual. As mulheres são as mais bellas indias vistas por Barbosa Rodrigues: rosto oval, faces não proeminentes, traços europeos. Espaduas relativamente muito largas.

* * *

Na synthese que venho fazendo do que se tem produzido em relação á anthropologia do Brasil, abre-se aqui um largo espaço para summariar as acquisições mais seguras e mais detalhadas que possuimos, obtidas pelos naturalistas allemães que modernamente estudaram os nossos indios.

Essa mésse de fartos elementos começou, sem duvida, pelas explorações dirigidas por K. von den Steinen, em 1884 e 1888.

Até então haviam merecido cuidado, conforme acabamos de verificar, os aborigenes amazonicos; a gente indigena do interior era, desse ponto de vista, absolutamente indocumentada.

Um trabalho de synthese, condensando as acquisições existentes sobre a anthropologia do Brasil, foi tentado, em 1897, pelo Dr. Paul Ehrenreich.

Indios da Serra do Norte
(no Posto de Campos Novos)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.
1912

O interessante volume, ao contrario do que succedera aos seus trabalhos ethnographicos, até hoje permaneceu quasi desconhecido dos nossos estudiosos.

Ha, no entanto, ali, somma respeitavel de observações, anatomicas, physiologicas, pathologicas, numa palavra, anthropologicas, sobre os indios do Brasil. Muitas vistas originaes, e mesmo alguma compilação necessaria, torna os « Estudos Anthropologicos sobre os Primitivos Habitantes do Brasil » verdadeiro tratado classico, que julgo util resumir em algumas destas paginas, como elemento de comparação.

* * *

Principiando pelos caracteres descriptivos, exteriores, Ehrenreich nota que foi discutida, durante algum tempo, a falta de um typo de pelle negra no continente sul-americano, terra sujeita a condições semelhantes ás que vigoram na Africa. E observa que os pretensos *indios-negros* (Charruas) nunca o foram exactamente. Sem esquecer que os primeiros portuguezes chamavam *negros* os indigenas, por se pintarem com succo do genipapo:

Fig. 61 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 5775)

« O fructo do genipapo, quando verde, escreveu frei Vicente do Salvador em 1611, dá o sumo claro como agua, porém, quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias ».

Porém, aquelles que tomam os indios da America, com a sua pelle clara, e os collocam ao lado dos africanos, australianos e sul-asiaticos, para mostrar que não se póde conferir ao clima o papel preponderante da differenciação dermo-chromica, não se lembram, diz Ehrenreich, de que o homem americano, tal qual o conhecemos, não é filho da sua zona intertropical, como devemos admittir, razoavelmente, sejam os papuas e os africanos.

Sua patria de origem deve ser procurada na « zona temperada » ; e com isso concorda tambem a natureza de sua pelle, que em todas as latitudes conserva seu caracter fundamental, apresentando leves modificações condicionadas pelo meio.

O americano offerece um exemplo typico de como a côr da pelle é influenciada em alto gráo pelo clima e pelas condições de vida. O indio Karajá, continúa o nosso autor, tem bellissima côr de cobre — é um verdadeiro « pelle vermelha ». Mas, cortadas as mangas de algodão que habitualmente traz ao redor dos punhos, verifica-se que a pelle protegida, ali, é frequentemente amarello-bruno (Pardo).

A differença é, pois, frisante.

OBSERVAÇÕES ANTHROPOLOGICAS

(EHRENREICH)

Individuos vivos

		H.	M.	SOMMA	NUMERO DE OBSERVAÇÕES COMPLETAS H.	NUMERO DE OBSERVAÇÕES COMPLETAS M
TRIBUS DO XINGÚ						
Bakairi . . .	Karaibas.	10	6	16	10	6
Nahuquá. . .	Karaibas.	15	12	27	5	1
Auetö. . . .	Tupís.	14	2	16	4	2
Kamaiurá . .	Tupís.	14	4	18	4	—
Mehinaku . .	Aruaks	6	6	12	6	—
Vaurá . .	Aruaks	1	1	2	1	1
Trumai . . .	Allophyla (1)	8	—	8	1	—
TRIBUS DE MATO-GROSSO						
Parecí . . .	Aruak	9	3	12	9	3
Bòròro . . .	Allophyla	20	6	26	20	6
TRIBUS DO ARAGUAIA						
Karajá . . .	Allophyla	12	9	21	12	8
Kaiapó . . .	Gê	5	2	7	5	2
Cherente (Akuá)	Gê	1	—	1	1	—
TRIBUS DO CHACO						
Toba		1	—	1	1	—
Mataco.		1	—	1	1	—
TRIBUS DO PURÚS						
Paumari . .	Aruak	3	—	3	—	—
Iamamadi . .	Aruak	4	—	4	4	—
Ipuriná . . .	Aruak	8	1	9	2	—
Somma		132	52	184	—	—

(1) E. Roquette-Pinto — *Etnografia Indijena do Brasil.*— 4º Congresso Medico Latino Americano — Rio, 1909.

O tom do resto da pelle é puramente condicionado pela residencia nas praias do rio Araguaia, ardentes e desprotegidas.

« Não ha motivo para falar em *raça vermelha*. Vermelhos são, apenas, os indios pintados de urucú. A côr fundamental dos indios brasileiros seria então *amarello-cinzento-claro* (23 da escala de Broca). Ehrenreich confessa havel-a encontrado nos indios Iamamadí e nos Ipurinãs do Purús, sem falar dos Botocudos. Todos, indios que vivem dentro de espessas florestas.

Essa tonalidade epidermica, ás vezes, ultrapassa em clareza o chamado branco europeu, como verificou entre os *Anambés*, indios do grupo Tupí, habitantes do baixo Tocantins.

Entre os outros essa é, todavia, a côr da pelle durante a infancia. Os adultos, já influenciados pelos raios solares e outras causas, ficam entre os tons avermelhados e brunos (pardos). (Escala de Broca 26, 31, 45).

Nas tribus do rio Xingú encontram-se, em geral, os matizes numerados : 33 m-n, 33-0, da escala de Radde ; 33, 34, 45 da escala de Broca. São as nuanças que von den Steinen chama « amarello cinzento, tom de lama ».

« Consideravelmente mais escura, ainda mais tirante ao vermelho, é a côr dos Parecís e dos Bôrôros, comparavel á ceramica cozida (escala de Broca : 30, 32, 44). Os mais escuros são os Karajás, nas regiões descobertas. » (1)

Quanto aos outros caracteres da pelle do indio, Ehrenreich os resume assim : « A' pelle dos americanos dos tropicos falta absolutamente a elasticidade e aspecto vellutineo, a riqueza glandular que se encontra na do negro ».

* * *

As observações contidas nos *Estudos* de Ehrenreich, sobre os cabellos dos nossos indios, são igualmente importantes. Vale a pena traduzil-as e resumil-as para comparação eventual com as minhas proprias notas.

« Por occasião do VII Congresso de Americanistas — (Berlin, 1888) — Fritsch mostrou que a qualidade do cabello dos americanos não é inteiramente uniforme como em geral se acredita ; o cabello dos americanos e o da raça mongolica, apresentam não poucas differenças entre si.

Nossa experiencia confirma inteiramente essa observação : o cabello grosso, recto, negro, não é absolutamente geral. Só os Bôrôros e os Karajás o possuem. Nos outros preponderam os individuos de cabello espesso, ondulado, antes fino. O mais surprehendente foi o encontro, relativamente frequente, de individuos, com cabellos frisados ou annelados.

(1) — Para a escala de Radde-Cf. Zeitschrift für Ethnologie-1898.

Esse foi especialmente o typo achado entre os Bakairis, do Kuliseu e do Paranatinga; por esse cabello se distinguiam os individuos mais claros. Nas outras tribus é typo de cabello esporadico, que raros individuos apresentam. E' muito raro entre os Karajás.

A côr dos cabellos, apezar de sua apparencia negra á luz incidente, tem reflexo francamente pardo. Nas crianças esse ton pardacento se accentúa. Só na extrema velhice apparecem cabellos grisalhos; nunca observei individuos encanecidos.»

* * *

Nas amostras levadas do Brasil, por Ehrenreich, Fritsch verificou o seguinte:

«I — *Cabello de indio Ipurinã* — E' o typo do cabello negro americano. E' liso, recto, de grossura consideravel (0, 11 a 0, 05 m. m.) e aspecto secco. O corte é circular; a pigmentação, extraordinariamente forte, torna o cabello, examinado a secco, muito pouco translucido.

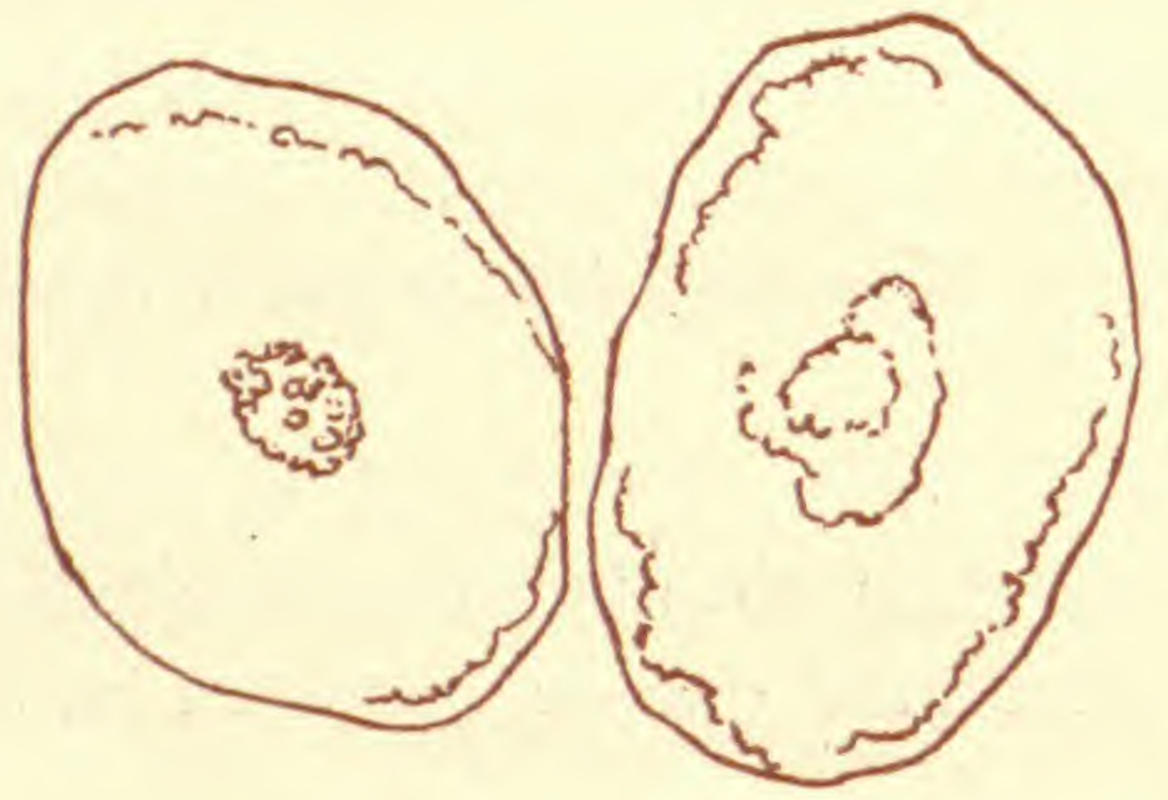


Fig. 62 — Cortes histologicos de cabellos dos Indios da Serra do Norte. Inclusão em parafina. Oc. II Obj. D-Zeiss.

A medulla só é visivel nos cabellos mais grossos; é estreita, e muitas vezes interrompida no seu percurso.

II — *Cabello de indio Iamamadí* — E' igualmente liso, embora não tanto inflexivel quanto o primeiro. Espessura um tanto menor (0, 10 a 0,5 m. m.), assim como a pigmentação. O exame microscopico, a secco, mostra o cabello de côr parda carregada, translucido. Nos fios grossos a medulla é tambem estreita e intermittente. Secção circular.

III — *Cabello de india Pareci* — Cabello de aspecto feminino (*weiblichen habitus*). (0, 07 m. m.). Côr escura pardo-castanha, em feixe, a luz directa. Aspecto liso. Ao microscopio apparecem os fios brunos avermelhados, por causa do pigmento diffuso. Mostram-se grandemente quebradiços, o que denuncia estado pathologico (Trichorrhexis?). Secção francamente circular.

IV — *Cabello de mulher Cafuza* — Filha de um indio Bakairí e de uma negra creoula. Neta de africana. Esta amostra, diz Fritsch, afasta-se das outras e não poderia ser attribuida á Sul America, sem a informação especial que a acompanha. Parece cabello de mumia. Cabello fortemente ondulado, um tanto mate á luz incidente. Córte microscopico opaco, pela forte pigmentação. A espessura varía de 11;7,10;6,9;5,7;4 m. m. Talvez por causa da decomposição já iniciada, ou por causa das immundicies com as quaes foi

misturado, a superficie do cabello se exfolia. Surprehende o regular e accentuado achatamento do fio que ultrapassa o da maioria dos africanos da mais escura pigmentação; lembra o cabello papua, pela relação existente entre os diametros extremos desse typo.»

* * *

Conforme a observação de Peschel, são as Ilhas do Mar do Sul (Oceania) e a Sul America as duas regiões da Terra em que o homem attinge estatura maior. Ehrenreich accentúa que, tanto numa como na outra, ha grande variedade de estaturas.

As tribus do Xingú são uniformes, ultrapassam ás da região humida do Purús, embora fiquem pouco acima da altura mediana. As mulheres, em geral têm estatura menor; entre as maiores acham-se as Nahuquá.

Os indios Bakairís, Kamaiurás, Mehinakús, equivalem-se; Auetös e Trumais, intrusos em uma população completamente differente, mui provavelmente pertencentes ao grupo das tribus do Chaco, apresentam as menores estaturas.

Os Parecís, os mais meridionaes, que vivem em condições semi-civilizadas, collocam-se inteiramente ao lado dos seus parentes do Xingú (indios

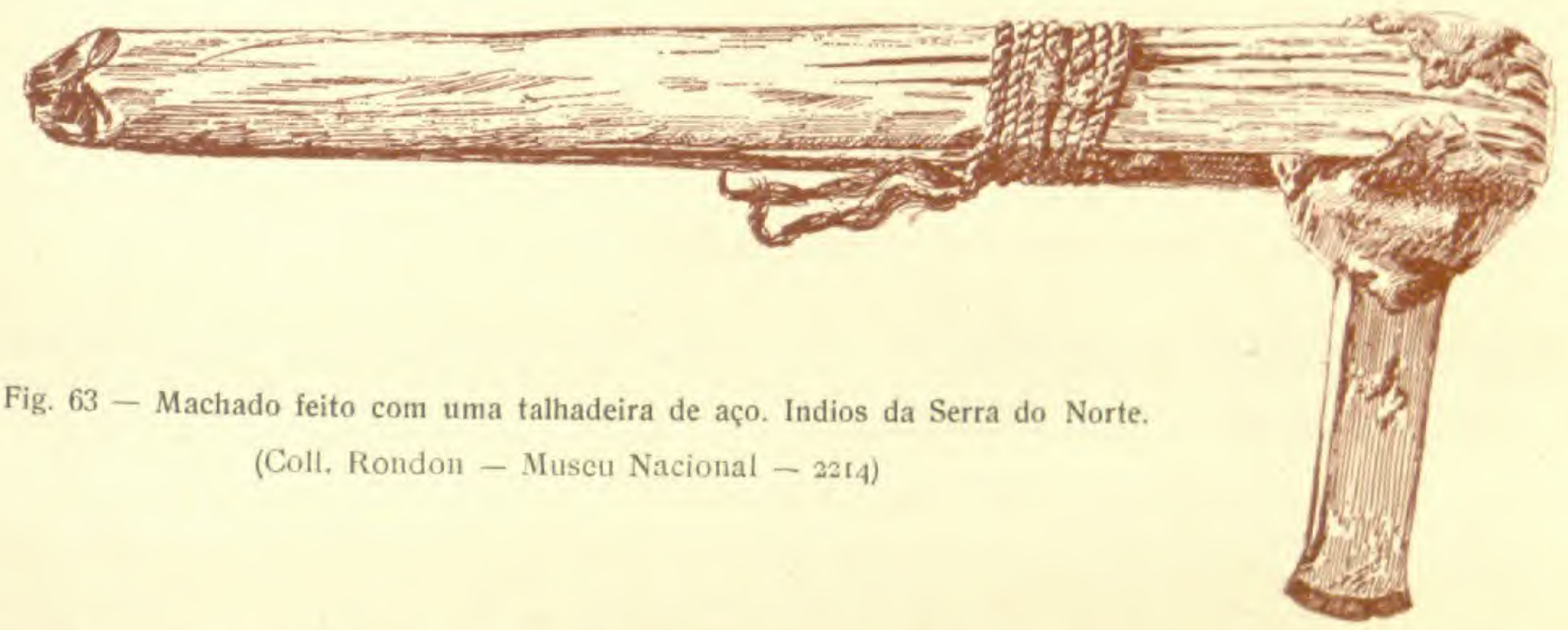


Fig. 63 — Machado feito com uma talhadeira de aço. Indios da Serra do Norte. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 2214)

Mehinakú, Iaulapiti, Vaurá, Kustenaú). Nas tribus do Araguaia, Kaiapó e Karajá, os homens têm alta estatura, enquanto que as mulheres apresentam pequeno crescimento.

Ao lado desses indios pequenos encontram-se os Bôrôros, o menor dos quaes seria um indio alto no Xingú. A mulher Bôrôro tem o tamanho do homem Bakairí. Os Bôrôros são os maiores indios até agora conhecidos na zona intertropical.

A causa directa, que condiciona tão singular estatura, não póde ser mencionada com segurança. Appellar para a raça, diz Ehrenreich, seria vão. E, todavia, essa explicação ganharia extraordinario valor si

pudessemos demonstrar algum parentesco desses indios com os *pelle-vermelhas* da Norte America, ou mesmo com os Patagões. Disso por enquanto não se fala.

Os Bôrôros vivem, no entanto, em meio de condições mui parecidas com as que rodeiam aquelles povos; são caçadores nomades, espalhados numa região que tem, em alto gráo, o caracter geral dos planaltos, (*Hochebene*) durante alguns mezes do anno influenciada por clima secco e frio.

A observação dessa tribu brasileira confirma a nota de Dally: «O *decubitus* horizontal concorre para augmentar a estatura».

* * *

Acceitando a classificação de Topinard para a estatura humana, Ehrenreich encontra as seguintes porcentagens para os indios que estudou:

	Até 1m,70	1m,69-1m,65	1m,65-1m,60	1m,60 para baixo
Bakairí	—	—	70,0	30,0
Nahuquá	6,6	6,6	60,0	26,6
Auetö	7,0	14,3	21,4	57,0
Kamaiurá	7,0	50,0	2 ,5	21,5
Mehinakú	-	33,3	50,0	16,6
Trumai	—	—	50,0	50,0
Parecí	—	11,1	55,5	33,3
Bôrôro	75,0	25,0	—	—
Karaiá	33,3	50,0	8,3	8,3
Kaiapó	20,0	60,0	20,0	—
Iamamadi	—	—	75,0	25,0

* * *

Os indios do planalto (Bôrôros) e os do Araguaia (Karajás e Kaiapós) são, pois, os mais altos individuos da nossa gentilidade; os do Xingú (Auetö, Trumai, etc.) são de menor estatura.

Um grupo interessante, homogeneo, que comprehende a gente de menor estatura, é formado pelas tribus do rio Purús.

Ehrenreich insistiu em mostrar que as duas tribus, extremas em estatura,— Bôrôros e Trumais —, que se distinguem de todas as outras por essa caracteristica corporal, são tambem, do ponto de vista ethnographico, completamente isoladas de qualquer dos grupos admittidos actualmente.

Por outro lado, é interessante notar que Tupís e Caraíbas, cujas affinidades ethnicas são muito apreciaveis do ponto de vista anthropologico, nesse particular da estatura, formam tambem um mesmo grupo natural.

As tribus Nu-Aruaks, por sua vez, concorrem para o estabelecimento de uma série harmonica.

Nambikuára — Anunzê
(Pae de Nuléke)

SERRA DO NORTE — MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

Entre os homens a differença das alturas, maxima e minima, pelas médias de Ehrenreich, orça por 39 centimetros; entre as mulheres, 28. A estatura menor anda perto da que se encontra nos pygmêos africanos (Akkas, etc.).

* * *

As maiores oscillações individuaes da envergadura — (grande abertura) — mostram-se entre os Bôrôros. Differenciação sexual mais accusada apparece entre elles e entre os Parecís.

Feita excepção dos Nahuquás, as mulheres, em geral, têm envergadura menor que os homens. Entre os Nahuquás os sexos se equivalem, no que diz respeito a envergadura; entre os Mehinakús as mulheres têm envergadura maior que os homens.

Em geral as tribus do Xingú mantem-se nesses termos; só os Trumais se approximam das tribus do Chaco por suas médias baixas.

Média maior que seus parentes do Xingú têm os Parecís, que se achegam aos indios do Purús. Nos homens, a maior envergadura é encontrada nas estaturas médias, de 1m,69 a 1m,76, enquanto que as alturas mais elevadas correspondem a envergaduras relativamente menores.

Só entre os Mehinakús, Parecís, Trumais, diz Ehrenreich, encontra-se um augmento de envergadura directamente proporcional á altura.

* * *

No typo masculino, o braço é mais longo entre os Parecís, Auetös, Bôrôros, Mehinakús e Cherentes. No typo feminino, o braço é curto, feita excepção dos Kaiapós, em que o minimo obtido, na mulher, corresponde ao maximo verificado no homem. Entre os Auetös acham-se as maiores variações individuaes desse segmento do membro superior.

Os individuos de estatura mediana entre os Bakairís, Kamaiurás e Mehinakús, são os que têm braço mais longo, tal qual acontece nos chinezes, segundo as observações de Weisbach.

Apresentam bem marcado augmento do comprimento do braço, e diminuição da estatura, Kaiapós e Auetös.

* * *

Nas tribus do Xingú o comprimento do ante-braço não varía de homem para mulher. Porém, nas outras tribus, em geral no typo feminino, este segmento é maior.

Fig. 64 — Utensilio fabricado pelos Indios da Serra do Norte com um fragmento de ferro. (Coll. Rondon — Museu Nacional — 2233)

* * *

O comprimento da mão é pequeno, como em geral entre todos os americanos.

As médias mais elevadas são encontradas entre os homens tobas e mulheres bakairís; as mais baixas, entre os homens bakairís, nahuquás, e mulheres parecís.

Nas tribus do Xingú o comprimento e a largura da mão são quasi iguaes; nas outras tribus, a mão é mais estreita e elegante. São notavelmente estreitas as mãos dos indios do grupo Gê, dos Kaiapós e dos Cherentes. Os Trumais se approximam dos Matacos, pelo tamanho da mão.

Em todo caso a « pequenez da mão é um importante caracter differencial da raça americana, comparada com a mongolica. » (Weisbach, Bälz, Mugnier, Deniker.)

* * *

De um modo geral, o membro superior tem médias muito proximas em todas as tribus ; e o valor do comprimento total do membro thoracico approxima os americanos dos mongóes.

Membros pelvianos relativamente curtos têm os Auetös, os Mehinakús e os Ipurinãs. Relativamente á sua estatura os Bôrôros têm pernas curtas. Entre estes, porém, as mulheres têm membros inferiores relativamente longos. O contrario acontece entre as tribus do Araguaia, cujas mulheres são notaveis pela extraordinaria curteza de seus membros pelvianos.

* * *

Os pés são mais longos nas tribus Aruaks; em geral, as indias têm pés mais curtos do que os indios. E' interessante notar, como faz Ehrenreich, que, mesmo entre populações civilizadas, isso nem sempre é regra. Assim, as observações de Weisbach, referentes ás Allemãs, e Bälz, ás Japonezas, mostraram que umas e outras, em média, possuem pé mais longo que os homens.

Entre os Bôrôros os individuos mais altos são, justamente, os de pé relativamente menor. O mais largo pé foi encontrado entre os Tupís do centro do Brasil (Auetö e Kamaiurá do Xingú); o mais estreito foi achado entre os Gês, (Kaiapó e Akuen). As menores médias de Ehrenreich combinam com as medidas do pé japonez.

* * *

Pela circumferencia thoracica Auetös e Mehinakús approximam-se dos Fueginos. Os indios do Brasil têm circumferencia thoracica ampla, mórmente os ribeirinhos dos grandes rios Xingú, Araguaia, etc., pelo habito do remo.

As mulheres Karajás têm circumferencia maior que os homens. Entre os Auetös, Mehinakús, Bôrôros, Iamamadís, os indivíduos mais baixos são os que têm maior circumferencia thoracica, relativamente; entre os Bakairís e Karajás a maior circumferencia é encontrada nos individuos de altura mediana.

Entre os Parecís ella varía em funcção directa da estatura.

A cicatriz umbilical, nos homens, é situada mais acima do nivel em que se encontra nas mulheres.

* * *

A descriminação das tribus, pela cephalometria, só poderia ser feita para os Karajás e Kaiapós; os Kaiapós, caracterisados por forte brachycephalia e os Karajás por dolichocephalia não menos accusada.

O resto da população indigena offerece tantas variações individuaes que não é possivel applicar o mesmo processo para isolar qualquer typo.

CEPHALOMETRIA

(EHRENREICH)

	Ant. Post. Max.		Transverso Max.		Indice Cephalico	
	H.	M.	H.	M..	H.	M.
Bakairí.	116	113	91	91	79,0	80,1
Nahuquá	115	117	93	95	80,6	81,3
Auetö	117	126	93	99	79,6	78,9
Kamaiurá	113	117	89	91	79,3	78,7
Mehinakú	113	117	87	91	77,8	77,7
Trumai.	112	—	91	—	81,6	—
Parecí	117	121	91	91	77,5	76,0
Bôròro	109	114	89	88	81,2	77,4
Karaiá	113	117	84	93	73,0	79,8
Kaiapó	103	113	87	94	84,7	82,9
Paumarí	110	—	92	—	83,8	—
Iamamadi	111	—	91	—	81,8	—
Ipurinã.	113	—	95	—	84,2	—

* * *

As notas nosologicas de Ehrenreich trazem algumas informações que tambem resolvi traduzir e transcrever aqui.

Nenhum individuo de má conformação foi por elle encontrado. Cita um caso de cretinismo entre os Bôròros e um caso de doença mental entre os Karajás. Attribue este caso á lues; mas devemos observar que esses indios, desde muitos annos, têm contacto com sertanejos. Viu muitas lesões traumaticas, e fez uma especial referencia ás produzidas pelos ataques dos jacarés e das piranhas. Acredita que o uso do beijú (*gerosteten Maniokmehles in form der bekannten Beijú-Fladen*), concorre para a frequencia da carie dentaria na população do Xingú.

Aqui me parece que a observação não é segura, visto como, longe de promover a carie, as partes fibrosas das raizes vão desgastando o esmalte e a dentina *sem carie*, conforme se verifica nos craneos dos Sambaquís da costa do Atlantico. Creio, antes, que a falta de sáes calcareos das aguadas que descem do planalto, seja causa responsavel da ruina dentaria daquelles indios. « Rheumatismo e doenças catharraes parecem frequentes, continúa Ehrenreich, a arthrite do joelho (*tumor albus des Knies*) foi encontrada no Xingú repetidas vezes. A tuberculose grassa especialmente entre os Karajás do médio Araguaia, e nas tribus do Purús.

— « Catharro não tem? é a primeira pergunta que os indios costumam fazer aos que chegam ás suas terras. »

* * *

Ha no trabalho de Ehrenreich alguns minuciosos quadros descriptivos, mas foram organizados fóra das normas do *retrato falado.*

Esses quadros abrangem individuos das tribus: Bakairí, Nahuquá, Auetö, Kamaiurá, Mehinakú, Vaurá, Trumai, Parecí, Bôrôro, Karajá, Kaiapó, Cherente (Akuen), Iamamadí, Ipurinã.

A transcripção desse material, aqui, seria descabida. O cotejo dos elementos referentes ás grandes massas indigenas do hinterland, com as notas que obtive na Serra do Norte, póde ser esboçado com os dados já insertos acima. Depois de comparar os documentos que obtive com esses já archivados, será possivel, talvez, decidir ao lado de que typo anthropologico devemos collocar a população central da Rondonia.

Comparando os Indios da Serra do Norte com os typos conhecidos no Brasil, póde-se concluir apontando semelhanças e differenças que são dignas de nota.

* * *

Pelle — Pelo colorido da pelle acham-se ao lado dos Bôrôros e dos Karajás. O grupo meridional é composto pelos mais escuros indios do Brasil.

* * *

Cabello — O indice médio, encontrado nos córtes histologicos, andou na visinhança de 59, muito proximo dos Semang (Negritos) da Peninsula Malaia.

Pigmentação, muito forte, medulla espessa.

Córte, circular.

* * *

Estatura — Até 1,60 acham-se 25 °/₀ de individuos. De 1,60 á 1,65, 56 °/₀. De 1,65 á 1,70 encontram-se 19 °/₀. Mais de metade tem 1,60-1,65.

Pelo quadro de Ehrenreich, os indios da Serra do Norte tomam posição, quanto á estatura, entre os *Parecís* e os *Nahuquás*. Proximos delles estão os *Bakairís, Mehinakús, Trumais, Iamamadís.*

* * *

A *porcentagem de estaturas elevadas* (19 %) colloca os Nambikuáras perto dos Kaiapós (20 %) e os afasta dos Bakairís (0, %), dos Nahuquás (6,6 %), dos Trumais (0 %) e dos Parecís (11 %).

* * *

A *differença sexual da estatura* — (0,12), — afasta-os dos indios Tupís, em que muitas vezes o homem é mais baixo, e dos Aruaks, em que a estatura feminina equivale á masculina (Barbosa Rodrigues).

* * *

Pela *circumferencia thoracica*, igual a 1/2 da altura, approximam-se dos typos normaes na raça branca (De Giovanni). Relação centesimal entre a *altura total* e a *circumferencia thoracica* — 50,0.

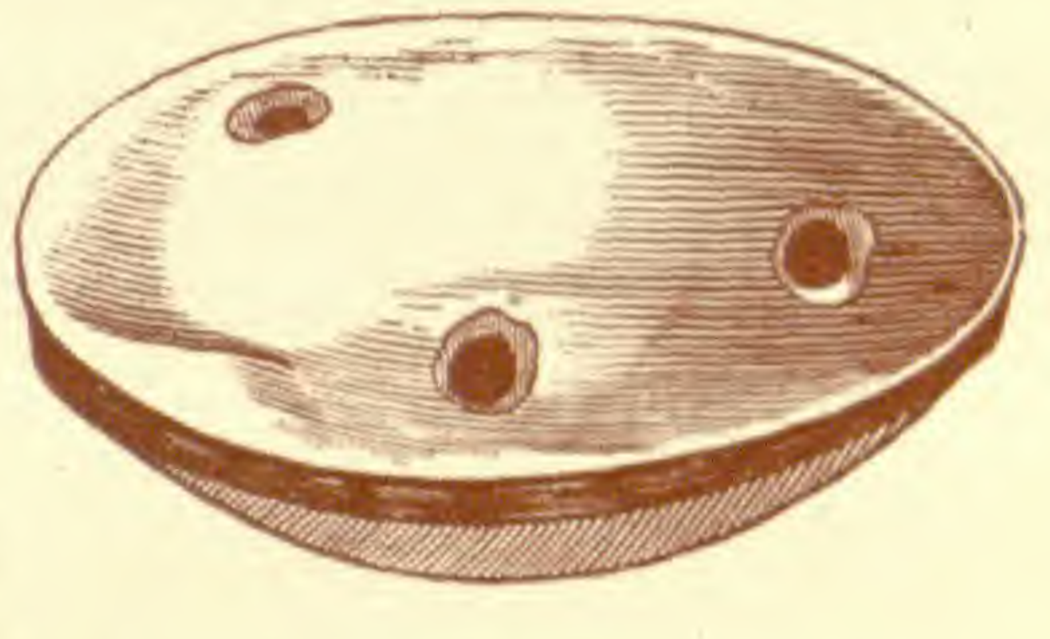


Fig. 65 — «Hait-teataçú» — Flauta nasal dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. — Museu Nacional — n. 11235)

* * *

Nos indios do Brasil essa não é a regra; em geral, a circumferencia thoracica é maior que 1/2 da altura. Nas tabellas de Ehrenreich o typo mais proximo dos Nambikuáras é o dos Karajás, do Araguaia, com o indice 53,3.

O *indice de Manouvrier* indica a relação existente entre o comprimento do *busto* e o do *membro inferior*, segmentos que formam a *estatura*. Morphologica e physiologicamente o busto (cabeça e tronco) é muito mais importante que o membro inferior. De sorte que, avaliar a sua relação com *a altura total* ou *estatura*, é determinar, até certo ponto, o valor biologico do individuo (Montessori). Manouvrier denominou *macroskéle*, *mesatiskéle* e *brachyskéle* os typos fundamentaes estabelecidos sobre essa relação. No typo médio (mesatiskéle) o busto deve comprehender pouco mais da metade da estatura (indice 52), no typo macroskéle o indice baixa de 50 a 52; acima de 53, até 55, o indice corresponde á brachyskélia. Chamando *B* — o busto, ou *altura essencial*, de Collignon; *A* — altura, e procurando a relação *centesimal* entre ambos, para facilitar o calculo, chega-se á equação:

$$\frac{B}{A} = \frac{x}{100}$$

de onde

$$x \text{ (Indice de Manouvrier)} = \frac{100\,B}{A}$$

Os typos macroskéles têm, pois, *busto* relativamente curto e *pernas* longas; os brachyskéles, ao contrario, têm *busto* longo e *pernas* curtas.

Essas observações se referem aos adultos, porque durante o crescimento verificam-se modificações fundamentaes nas proporções do corpo.

Porém, a determinação do *canon anthropologico real*, segundo o indice de Manouvrier, póde ser obtida approximadamente, conforme elle mesmo o mostrou, pela simples inspecção.

Assim, as espaduas, no typo brachyskéle, ficam em nivel inferior ao da furcula esternal; acham-se acima, no macroskéle. Neste, a cicatriz umbilical não corresponde ao cotovello.

Quando o dedo médio do individuo, em extensão completa, chega á articulação do joelho, ou muito perto della, trata-se, regra geral, de um typo macroskéle.

Em todas as raças, e entre todos os povos, ha typos macroskéles, brachyskéles e mesatiskéles; porém, as observações que se têm realizado vão indicando que existe, sempre, certa predominancia de brachyskéles, entre os *amarellos*, macroskéles entre os *negros*, e mesatiskéles entre os *brancos*.

Os indios do Brasil encontram-se entre os brachyskéles.

Os Nambikuáras não se exceptuam.

* * *

Pelo *indice cephalico* os indios da Serra do Norte devem ser collocados ao lado dos *Parecis*, da tabella de Ehrenreich — (76,0).

* * *

O *indice nasal* — (85) — na visinhança da platyrrhinia, afasta-os dos *Kaiapós* e mesmo dos indios do grupo Gê, que, segundo Ehrenreich, são os que tem nariz mais estreito.

* * *

O *indice facial* — (74,6) — approxima os indios da Serra do Norte dos *Bôrôros* (75,9) e os afasta muito dos *Parecis*, que têm 81,5, e dos outros indios Aruaks.

* * *

O exame somatico desse povo interessante da Serra do Norte demonstra, até certo ponto, que o seu substractum anthropologico, bem caracterisadamente americano, filiado pois no typo mongol, soffreu multiplas influencias que deram em resultado a falta de homogeneidade que apresenta.

Cruzamentos diversos devem ter modificado o primitivo typo dos Nambikuáras. Do ponto de vista anthropologico, creio que se trata de um typo muito semelhante ao que se encontra nos povos que falam idiomas nu-aruaks, modificado por sangue allophylo e talvez por sangue ethiope.

Indias Nambikuaras - Tagnani

Indio Tagnani

Meninas Tagnanis

Mãe e filho Tagnanis

(Mato - Grosso - Serra do Norte)

E. Roquette Pinto, Phot

1912

NAMBIKUÁRAS

ANTHROPOMETRIA — HOMENS

19 (QUADRO A) K — Kôkôzú-Nenen A — Anunzê T — Tagnaní Ud — Uaindzê

NUMERO DA FICHA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	MÉDIAS
Grupo	K	K	K	K	K	K	K	K	A	A	A	A	A	T	T	T	T	Ud.	
Altura total	1,66	1,68	1,65	1,70	1,62	1,59	1,58	1,62	1,62	1,60	1,57	1,61	1,60	1,58	1,62	1,63	1,62	1,62	**1,62**
Circumferencia thoracica	0,80	0,83	0,84	0,90	0,82	0,79	0,79	0,81	0,80	0,78	0,79	0,81	0,82	0,78	0,83	0,87	0,89	0,63	**0,81**
Cabeça (em millimetros):																			
Occipito-frontal	0,189	0,184	0,184	0,185	0,175	0,173	0,180	0,174	0,183	0,174	0,176	0,184	0,182	0,175	0,172	0,175	0,174	0,178	**0,184**
Transverso	0,144	0,141	0,147	0,141	0,140	0,149	0,135	0,141	0,143	0,140	0,140	0,139	0,136	0,142	0,141	0,140	0,149	0,142	**0,140**
Frontal minimo	0,100	0,096	0,100	0,100	0,096	0,094	0,091	0,104	0,098	0,114	0,098	0,103	0,097	0,096	0,100	0,100	0,101	0,105	**0,099**
Bi-zygomatico	0,117	0,137	0,145	0,143	0,138	0,133	—	0,135	0,129	—	—	—	—	0,132	0,173	0,137	0,133	0,142	**0,134**
Nazo-mentoneiro	—	—	0,123	0,112	0,106	0,103	0,110	0,110	0,111	—	0,093	0,101	0,110	0,109	0,107	0,106	0,119	0,132	**0,110**
Nariz (em millimetros):																			
Altura	0,051	0,047	0,047	0,050	0,048	0,047	0,044	0,042	0,053	0,047	0,043	0,043	0,050	0,046	0,046	0,048	0,051	0,052	**0,047**
Largura	0,040	0,041	0,041	0,046	0,036	0,040	0,040	0,041	0,041	0,035	0,033	0,040	0,039	0,044	0,040	0,041	0,041	0,041	**0,040**
Saliencia	0,016	0,020	0,018	0,019	0,016	0,014	0,018	0,020	0,016	0,018	0,016	0,014	0,016	0,020	0,017	0,019	0,019	0,020	**0,017**
Olho (em millimetros):																			
Bi-palpebral externo	0,097	0,101	0,102	0,100	0,095	0,091	0,097	0,093	0,086	0,096	0,090	0,093	0,087	0,093	0,098	0,096	0,093	0,101	**0,095**
Bi-palpebral interno	0,037	0,040	0,035	0,030	0,032	0,031	0,034	0,035	0,036	0,033	0,029	0,033	0,036	0,030	0,034	0,031	0,031	0,037	**0,033**
Orelha direita (em millimetros):																			
Comprimento	0,057	0,060	0,053	0,063	0,062	0,054	0,060	0,060	0,053	0,051	0,056	0,056	0,055	0,060	0,051	0,058	0,062	0,048	**0,060**
Largura	0,033	0,032	0,030	0,037	0,035	0,033	0,035	0,035	0,031	0,030	0,035	0,034	0,032	0,038	0,030	0,038	0,032	0,032	**0,039**
Indice cephalico	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**76**
Indice nasal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**85**

(QUADRO B)

NAMBIKUÁRAS — Retrato falado

Homens

FICHA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Fronte:																		
Inclinação	(f)	v	v	f	v	v	v	v	(f)	v	v	v	v	v	(f)	v	v	f
Altura	p	m	m	p	m	p	p	p̲	p	p	p	p	p	g	g	p	g	g
Largura	p	m	p	p̲	p	p	p	p̲	p	p	p	p	p	p	g	p	g	g
Nariz:																		
Profundidade da raiz	g	g	p	g	g	g	g	g̲	g	g	g	p	p	m	m	p	p	p̲
Dorso	r	vex	r	vex	r	vex	r	r	vex	vex	vex	r	vex	vex	(vex)	r	vex	r
Base	(ab)	h	ab	ab	h	ab	h	b	h	ab	ab	b	ab	ab	h	h	h	l
Altura	g	g	p	g	p	m	g	p	g	g	p	p	g	g	m	p	g	p
Saliencia	p	g	p̲	g	p	g	p	p	g	p	p	p	p	p	p	p	p	p
Largura	g	g	g	g	g	g	g	g̲	g	g	m	g	g	g̲	g	g	g	g
Orelha:																		
Helix — Origem	p	g	g	g	g	p	p	g	p	p	g	p	p	g	p	g	p	p
Helix — Superior	p	p	g	g	g	p	p	g̲	g	p	g̲	p	p	p	g	g	p	p
Helix — Posterior	p̲	p	p̲	p	g	p	p̲	p̲	p̲	p	p	p̲	p	p	p	p	p̲	p
Lobulo — Contorno	q	d	d	q	—	q	d	q	d	q	q	q	q	q̲	q	d	q	—
Lobulo — Adherencia	f	f	f	f	—	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	—
Lobulo — Tamanho	p	p	p	p	—	p	p	p	p	p	g	g	p	g	g	p̲	g	—
Anti-Tragus — Inclinação	h	h	h	b	b	h	b	h	b	b	h	b	b	b	h	b	h	b
Anti-Tragus — Tamanho	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	g	p	p	p	p	p̲	p	p
Pavilhão	o	o	o	o	o	—	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o

NAMBIKUÁRAS

(QUADRO C)

Mulheres

NUMERO DA FICHA	1	2	3	4	5	6	7	MÉDIA
Altura total	1,43	1,44	1,47	1,45	1,52	1,45	1,55	1,47
Pelvimetria :								
Bi-espinha	0,22	0,22	0,23	0,21	0,21	0,21	0,21	0,21
Bi-crista	0,24	0,23	0,24	0,23	0,23	0,23	0,25	0,23
Bi-trochanter	0,26	0,26	0,26	0,25	0,26	0,26	0,28	0,26
Sacro-pubiano externo	0,17	0,18	0,17	0,17	0,16	0,17	0,19	0,17

RETRATO FALADO

FICHA	1	2	3	4	5	6	7
FRONTE :							
Inclinação	v	v	v	v	v	v	v
Altura	p	p	p	p	p	p	p
Largura	p	p	p	p	p	p	g
NARIZ :							
Profundidade da raiz	p	p	p	p	p	p	p
Dorso	r	r	vex	r	r	r	r
Base	ab	h	ab	h	h	h	ab
Altura	p	p	p	p	p	p	p
Saliencia	p	p	p	p	p	p	p
Largura	p	p	p	g	g	g	p
ORELHA :							
Helix . . . Origem	p	p	p	g	g	p	p
Helix . . . Superior	g	p	g	g	p	p	p
Helix . . . Posterior	p	p	p	p	p	p	p
Lobulo . . . Contorno	q	q	q	q	q	d	q
Lobulo . . . Adherencia	f	f	s	f	f	f	f
Lobulo . . . Tamanho	p	g	p	p	p	p	g
Anti-Tragus . Inclinação	h	h	h	b	h	b	b
Anti-Tragus . Tamanho	p	p	p	p	p	p	g
Pavilhão	o	o	o	o	o	o	o

TYPO ANTHROPOLOGICO DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE (NAMBIKUÁRAS)

DETERMINADO PELO METHODO DO RETRATO (FALADO)

Fronte :

Inclinação — Vertical 80 % — Fugidia 20 %.
Altura — Pequena 72 % — Média 12 % — Grande 16 %.
Largura — Pequena 80 % — Grande 16 % — Média 4 %.

Nariz :

Profundidade da raiz — Grande 56 % — Pequena 33 % — Média 11 %.
Dorso — Rectilineo 44 % — Convexo 56 %.
Base — Abaixada 45 % — Horizontal 50 % — Levantada 5 %.
Altura — Grande 50 % — Média 11 % — Pequena 39 %.
Saliencia — Grande 22 % — Pequena 78 %.
Largura — Grande 99 % — Média 1 %.

Orelha :

Helix (Origem) Grande 44 % — Pequena 56 %.
Helix superior — Grande 44 % — Pequena 56 %.
Helix posterior — Grande 5 % — Pequena 95 %.
Lobulo — Contorno — Quadrado 78 % — Descendente. 22 %.
Adherencia — Fundido 100 %.
Tamanho — Grande 33,5 % — Pequeno 66, 5 %.
Anti-tragus — Inclinação : Horizontal 44,5 % — Obliquo 55,5 %.
Pavilhão — Quadrangular 11 % — Oval 89 %.

FORMULAS DACTYLOSCOPICAS DOS INDIOS NAMBIKUÁRAS

HOMENS

Ficha n. 1	V.	4333	Ficha n. 2	V.	4333
	V.	4222		V.	3222
Ficha n. 3	V.	4343	Ficha n. 4	V.	4333
	V.	4222		V.	4222
Ficha n. 5	V.	4444	Ficha n. 6	V.	4344
	V.	4442		V.	4244
Ficha n. 7	V.	4444	Ficha n. 8	V.	4344
	V.	4444		V.	4244
Ficha n. 9	V.	4333	Ficha n. 10	I.	2242
	V.	4242		E.	4333
Ficha n. 11	V.	4444	Ficha n. 12	V.	4343
	V.	4444		V.	4242
Ficha n. 13	V.	4444	Ficha n. 14	V.	3333
	E.	4444		V.	2222
Ficha n. 15	V.	3333	Ficha n. 16	V.	3344
	V.	2242		V.	2244
Ficha n. 17	V.	3344	Ficha n. 18	V.	4444
	V.	4244		V.	4444

MULHERES

Ficha n. 1	V.	4443
	V.	4442
Ficha n. 2	V.	4333
	V.	4242
Ficha n. 3	V.	4443
	I.	4242
Ficha n. 4	V.	3343
	V.	4242
Ficha n. 5	E.	4343
	V.	4344
Ficha n. 6	V.	4444
	V.	4444
Ficha n. 7	V.	3343
	V.	2222

VIII

Os indios que se acham espalhados pelos valles do Juruena, e pela Serra do Norte, vivem em territorios banhados por aguas amazonicas.

São chamados Nambikuáras (Nhambiquaras, Nambiquaras, Nambicoaras, Mambyuaras, Mambryáras, Membyuares, etc.) pelos sertanejos e pelos indios civilizados, seus visinhos. Sommam alguns milheiros. Quantos? não sabemos. Qualquer estima seria invaliosa. Sendo cerca de uma duzia as aldeias de que tivemos noticia segura, por visita ou por informação, e dando, para cada qual, em média, 100 habitantes, attingimos ao total de 1.200.

E' muito importante a diffusão do nome Nambikuára; existe em Mato-Grosso, e no Pará, para os indios de que nos occupamos. Quer dizer que, do lado do Norte e do lado do Sul, os habitantes daquella Serra têm a mesma designação.

A concordancia faz pensar, á primeira vista, que o nome deve ser, effectivamente, muito caracteristico. No entanto, é appellativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente extranha ao dialecto de qualquer dos grupos. Convem conserval-a, todavia, para evitar confusões.

O limite meridional da região dos Nambikuáras é o rio Papagaio.

Ao Norte, parece que sua zona de distribuição attinge o Gi-Paraná; a Leste, o Tapajóz; a Oeste, o Guaporé.

O grupo que habita proximo ás margens do Juruena e do Juina, do rio Papagaio até ao Camararé, que chamarei *grupo de Sud'Este*, denomina-se *Kôkôzú* ou *Kôkôçú*.

O que habita no baixo rio 12 de Outubro, e se extende provavelmente até a confluencia do Arinos com o Juruena, onde tambem devem chegar alguns representantes do primeiro, denomina-se *Anunzê*; chamal-o-ei *grupo de Nord'Este*.

O que vive á Sud'Oeste da invernada de Campos Novos desce até ao Guaporé ; é denominado *Uaintaçú* e constitue o grupo *do Sud'Oeste.*

O grande *grupo Nor'Oeste* mora já na visinhança das aguas do Madeira, nas margens de tributarios do Gi-Paraná. Parece-me formado por differentes nucleos secundarios, cujas relações ainda não foram bem caracterizadas ; pertencem-lhe os indios que encontrei na invernada de Tres Burítís, nos Campos de 14 de Abril, em José Bonifacio, Campos de Maria de Molina. Seu nucleo principal habita entre os rios — 12 de Outubro e Roosevelt.

Do grupo septentrional só encontrei os *Tagnanís, Tauitês, Salumás, Tarutês, Taschuitês*; mesmo assim, apenas sobre *Tagnanís* e *Tauitês* consegui diversas notas.

Os *Anunzês*, de Campos Novos, falam nos *Taiópas* e nos *Xaodí-Kókas*, até agora não achados ; no extremo Norte da região, Rondon tem descoberto, recentemente, grupos (*Kip-kiriuat*, etc.) pertencentes a outras nações indigenas. (Cf. Mappa.)

Tagnanís e *Tauitês* referem-se a uma tribu inimiga, que denominam *Malutundú*, ou melhor : *Ualutndú* ou *Ualút-ndú*.

* * *

E' provavel que sejam *Mundurucús*, do Alto Tapajóz, os indios baptisados pelos Nambikuáras com essa denominação : *Ualút-ndú*, que é nome do tatú-gallinha (*Tatú novemcinctus*).

Convem notar que os *Anunzês* chamam aos *Kôkôzús*: *Kôkôzê*; estes denominam os primeiros: *Anunzú*.

Os *Kôkzôús* chamam aos do grupo *Sud'Oeste*: *Uáin-taçú* ; os *Anunzês* os denominam *Uaind-zê*.

São estes *Uaintaçú* ou *Uáindzê* os mesmos que, nas visinhanças de Mato-Grosso, no Guaporé, recebem o nome de ou *Kabixis*; denominação que, por outro lado, tem sido applicada pelos *Parecís*, como titulo pejorativo, a certo grupo de sua mesma tribu: o grupo dos *Kozárinis*.

* * *

Tambem os Parecís dão aos Nambikuáras o nome generico de *Uaikoákôrê* (*irmão do chão*), porque dormem sobre o sólo directamente.

* * *

Os antigos *Tapaniunas*, ou *Tapanhunas*, que os chronistas localizavam no Alto Tapajóz, devem ser Nambikuáras do grupo Kôkôzú ; de facto, os mais escuros de todo o valle do Juruena. Justificam aquelle appellativo tupí : *homem negro*.

Indios da Serra do Norte no posto de "Tres Buritis"

E. Roquette-Pinto, phot.

1912

* * *

A localização das aldeias conhecidas, espalhadas pela Serra do Norte e pelo valle do Juruena, acha-se expressa na carta ethnographica da região, que acompanha estas notas.

* * *

A exacta significação das denominações citadas ainda não póde ser ministrada com segurança. Estudando-as á luz dos elementos existentes chega-se ao seguinte resultado, que não deve estar longe da verdade.

Kôkôzú — « Tios » ; assim chamados, pelos outros, talvez, por serem os mais primitivos de toda a tribu.

Anunzú — E' franca deformação do termo *Anungzú* ou *Anungçú*, que quer dizer — « *leite de mulher* », appellativo deprimente, como tantos outros, achados por toda a America; serão, talvez, — Os Infantes — (*crianças de peito*).

Fig. 66 — «Kaiguêtazú» — Flauta dupla dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. — Rondon — Museu Nacional — n. 2256)

Uáintaçú — Parece corrupção de *Nuntaçú*, nome do jacaré na lingua dos Nambikuáras do Juina. O grupo dos *Uáintaçú* seria nada mais que a antiga tribu dos indios *Jacarés*, de que falámos no primeiro capitulo deste trabalho.

Tagnanís — são, claramente, os *Tamararís* das antigas cartas geographicas; devem ser identificados aos *Tamararés* ou *Camararés*, que deram o nome ao rio, e se acham mencionados em alguns documentos antigos.

Tauitê, por *Tauhitê*, significa *criança, filho,* tal qual se encontra em outras tribus.

Para evitar futuras confusões, julgo prudente conservar o nome nambikuára ligado aos appellativos peculiares a cada grupo.

* * *

As aldeias dos indios da Serra do Norte, em geral, são construidas no alto de pequenas collinas, longe dos cursos d'agua. Algumas distam mais de um kilometro do rio ou ribeirão mais proximo.

Visam dois objectivos ao que suppomos, levantando suas palhoças em tal situação: soffrem menos dos mosquitos e dominam o territorio visinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em luctas constantes.

A aldeia é construida numa grande praça, de cincoenta metros de diametro; o chão, limpo de mato, arrancado á mão, é entretido sempre assim pelo piso dos moradores.

Uma noite de dansa, interminavel caminhar nos mesmos pontos, basta para alisar o terreiro das villas.

A mancha circular, que faz o chão da aldeia no meio do serrado, toma a feição de uma estrella, mercê dos trilhos que partem de sua circumferencia.

O accesso á praça das villas é livre: não ha cerca, nem tapume, que impeça a chegada ao terreiro. Ao redor, não ha «fortificações», nem defesas.

Constam sempre de duas casas as aldeias nambikuáras; uma defronte da outra, nas extremidades de um dos diametros da praça.

Aquella região comprehende grandes matas, cerrados e charravascaes, poucos tapetes de campo. Os indios escolhem de preferencia o «cerrado», para localizar sua aldeia. A mata é perigosa, pelas serpentes, pelas féras e, até pelos madeiros que se despencam muitas vezes e esmigalham os caçadores; o campo tambem o é porque offerece a aldeia ao ataque do inimigo, não protege, de nenhum modo, a casa contra o invasor. Mas o «cerrado» cumpre muito bem esse mistér; poucos são os males que favorece, e muitos os beneficios que proporciona.

Bem o entenderam os Nambikuáras; suas palhoças se confundem com o matiz acinzentado da vegetação ambiente. São moitas do «cerrado»; quem olha, a distancia, quasi não as vê. Diluem-se as suas fórmas, aliás bem definidas, nas fórmas imprecisas do cerrado.

Naturalmente, alguem que tenha o habito de ver as cousas naquelle véo poeirento da flóra xerophita dos chapadões, dá depressa com as palhoças; a confusão não illude uma vista experiente. Mas o facto desse mimetismo é real.

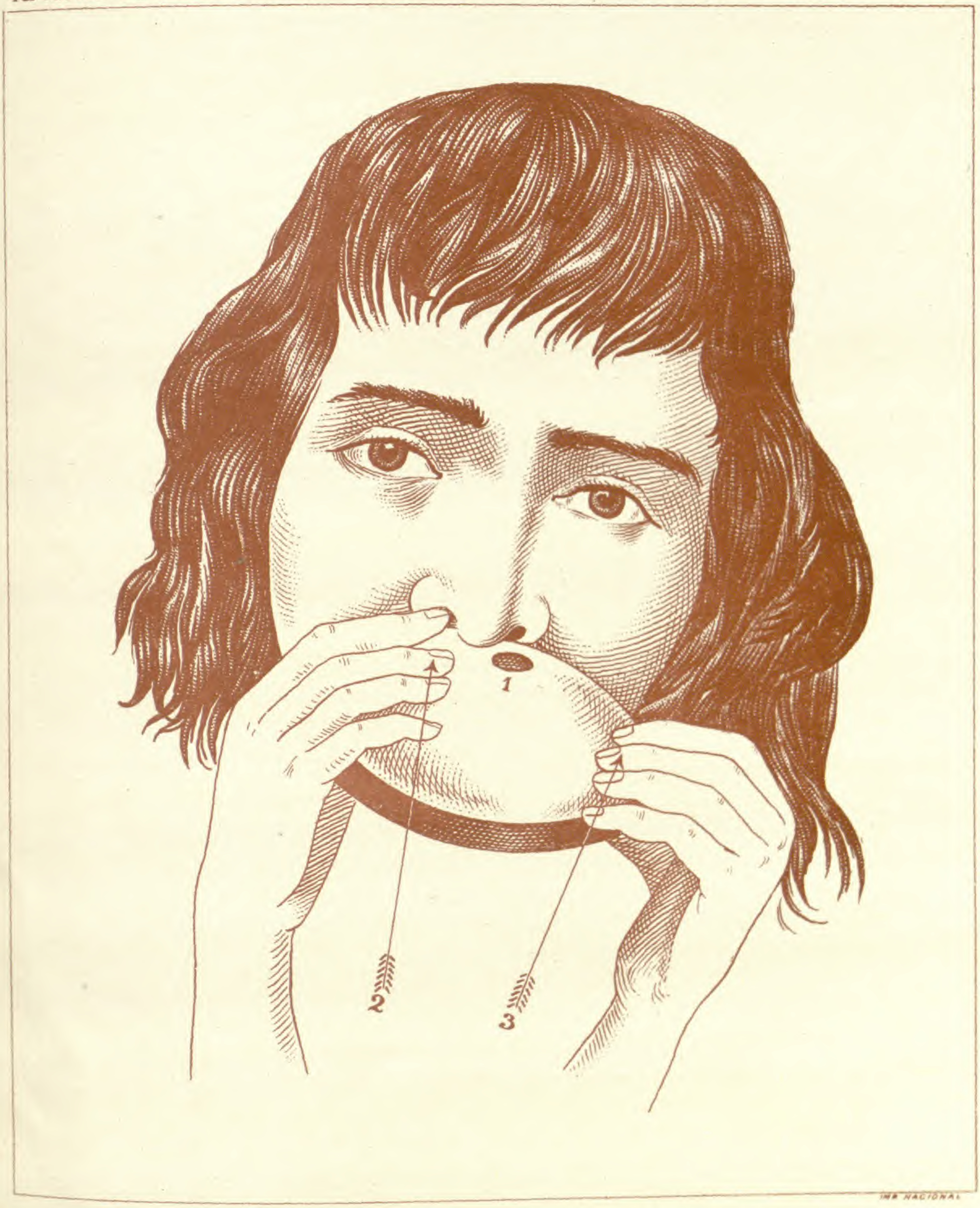
* * *

Nas aldeias encontra-se a morada fixa, definitiva; mas, além dessa *habitação-domicilio*, usam ainda os Nambikuáras um typo de *habitação-provisoria* que levantam, rapidamente, onde quer que se encontrem, á hora de anoitecer.

* * *

As casas definitivas, dos indios do valle do Juruena, são pouco differentes das habitações dos que vivem no extremo da Cordilheira do Norte.

A aldeia — (Kôkôzú) — do rio Juina, onde estivemos, constava de duas casas. A primeira era pequena, hemispherica, mal feita, provida de uma porta mais ou menos ampla; cabiam nella, á vontade, cerca de 20 individuos. A outra tinha fórma de prisma recto, triangular, de que o sólo formava uma das faces. Era mais bem acabada. Media 9 metros de comprimento, 3 $^1/_2$ de largura, por 2 $^1/_2$ de altura. Uma das suas extremidades



IMP. NACIONAL

Indio da Serra do Norte tocando ***hait-teataçú*** (flauta nasal)

1 — Orificio de entrada do ar.

2 - 3 — Orificios obturados com os dedos medios.

era fechada; ao lado, escondida pelas folhas que caíam do tecto, uma pequena porta. A outra extremidade era aberta livremente.

A cabana estava orientada no sentido Este-Oeste; a extremidade fechada, do lado do nascente. Dest'arte, á tarde, o sol entrava pela casa a dentro, durante algumas horas.

Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentavam a travessa longitudinal, á qual vinham ter alguns caibros fixados, do outro lado, no chão, e destinados a supportar as grandes palmas protectoras do « uauassú ».

As palmas que se achavam de um lado, em cima, eram dobradas sobre o outro lado do tecto, por cima da travessa longitudinal; para mantel-as assim corriam, ao longo da casa, duas varas, amarradas aos caibros interiores por meio de laços de embira.

* * *

Tambem se encontram duas palhoças nas aldeias dos *Tagnanís* e dos *Tauitês*. Ambas, com aberturas orientadas na direcção Este-Oeste, são regularmente circulares, no seu perimetro ao nivel do sólo e têm fórma conica. No vertice do cone sobe uma vara, alguns palmos acima do tecto, e termina sempre em forquilha, como se vê na photographia. As portas acham-se nas extremidades de um mesmo diametro, face a face.

Não sabemos ainda como traçam os Nambikuáras a circumferencia que limita o chão da cabana; deve ser a mão livre, porque é assim que desenham tal figura nas suas cabaças. No centro da casa erguem quatro forquilhas e um esteio central.

As quatro forquilhas formam, em cima, um rectangulo de madeira, de onde partem varas flexiveis que se vão enterrar no solo, ao longo da circumferencia que limita a habitação. Ligando-as, firmes, correm travessas que completam o arcabouço da choça. A cobertura é feita de palmas de bacába, dispostas em camadas. Pelo interior da choupana verifica-se que a primeira camada é constituida por uma trança de foliolos, amarrados ao madeiramento. As externas cobrem, como lençóes de palha, mui certos e bem aparados, toda a superficie da choupana. Não ha paredes lateraes differenciadas do tecto; são prolongamentos directos da superficie da cobertura.

A maior das duas casas que descrevemos, da aldeia proxima ao rio Karumí, ou Festa da Bandeira, tem 30 metros de perimetro; e a outra, 28.

Suas portas medem 0,37 de largura por 0,52 de altura. Para atravessal-as é preciso esgueirar o corpo. A praça, onde se levantam as duas casas, a que se referem estas notas, mede cerca de 20 metros de diametro.

Dentro das cabanas, tres jiráos feitos de taquara, proprios para seccar a raspa de mandioca e duas enormes panellas negras, que não

poderiam ter passado pelas portas; enfiados na palha do tecto, adornos, utensilios leves, um sortimento de utilidades. . . A palha das cabanas é o «almoxarifado» dos indios; guardam nella suas miudezas.

Debaixo de cada jiráo, uma pequena fogueira.

Quatro pés de taquara, enfiados no chão, supportando uma grade horizontal de taquarinha: eis o giráo.

Media cerca de dois metros de comprimento por 1,50 de largura.

Não ha, nas choupanas, abertura para sahida da fumaça das fogueiras interiores; nem é preciso. Pelos intersticios da palha solta-se ella muito bem.

* * *

Ao redor da habitação, esparsosam amontoados, ossos partidos, côcos quebrados, favas de jatobá, sabugos de milho, carvão, rebotalhos da alimentação dos moradores, de mistura com utensilios e artefactos inutilizados pelo uso.

Ao pé de uma das casas da aldeia do rio Festa da Bandeira havia uma grande pedra, que só deixei de trazer pela absoluta impossibilidade de a transportar. Era utensilio dos que se encontram, com frequencia, nos «sambaquís» da costa do Atlantico: uma pedra com algumas covinhas onde cabia a polpa de um dedo. Ao lado, havia quantidade prodigiosa de pequenas nózes de bacába, partidas e por partir. Muitos suspeitam que tal utensilio haja servido para fazer fogo; na Serra do Norte, usam-no, apenas, para partir coquinhos. A pedra era, todavia, muito maior do que as encontradas, geralmente, nos sambaquís.

* * *

Habitações provisorias, são toldos de ramos e folhagens. Passam ali alguns dias, si a caça é abundante no local; depois abandonam a construcção.

Para erguer um desses toldos, que os tropeiros costumam chamar *maloquinhas de caça*, espalhadas entre o Juruena e o rio 12 de Outubro, começam por limpar muito bem o sólo. Depois fincam dois grandes ramos nas extremidades de uma recta; curvam-nos, em cima, sobre uma travessa sustentada por duas forquilhas enterradas na frente.

Acabam de cobrir o rancho com palha, ou capim, arrancado na occasião, o qual leva para o tecto porções de terra, nas raizes.

Dentro, ou antes, debaixo, um foguinho.

Cada toldo cobre, mais ou menos, uma superficie de dois a quatro metros quadrados. Si são muitos os indios que viajam, cada grupo familiar levanta o seu abrigo. A construcção é, afinal, um typo acabado do *Windschirm* dos ethnologos allemães.

Aldeia dos Indios da Serra do Norte
Rio Festa da Bandeira (Karumí)

E. ROQUETTE-PINTO, phot.
1912

Porém, os indios dos grupos mais septentrionaes (*Tagnanís, Tauitês*) não constroem toldos provisorios do mesmo modo.

Em geral, sua habitação temporaria é mais simples: uma ou mais folhas de *uauassú*, ou de qualquer outra palma, fincadas no chão. Não é um toldo; é um anteparo contra o Sol ou rajadas de chuva.

Aliás taes indios vivem em região de grandes florestas e charravascaes, que em caso de aguaceiro protegem perfeitamente bem os seus filhos; enquanto que os outros habitam zona onde existem mais cerrados e campos do que matas. Ainda uma vez o meio geographico condicionou a acção humana.

* * *

Os Nambikuáras-Kôkôzús denominam *Siçú* ás suas aldeias; os Anunzês dão-lhes o nome de *Chicê*. Esses vocabulos têm a significação geral de habitação: casa ou aldeia.

Não sabemos, ao certo, como constroem suas habitações — domicilios.

Na edificação de um toldo de caça só tomam parte as mulheres; quebram os ramos que servirão para a cobertura, enquanto as crianças ajudam, arrancando o capim e o sapê, que tambem concorrem para tapar o tecto.

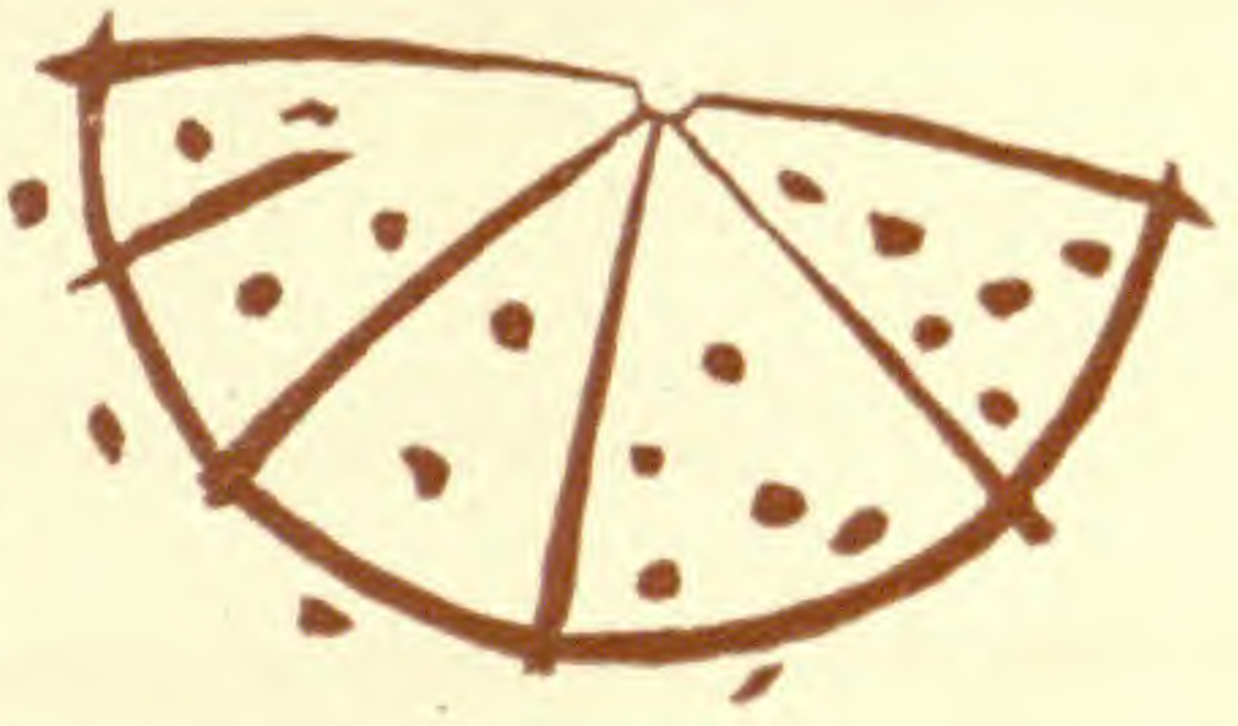


Fig. 67 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

* * *

Frequentemente mudam o local do domicilio. Seguindo o trilho que nos levou á maloca do Juina, onde pernoitámos, passamos por differentes áreas onde havia estado a aldeia.

Não é ainda conhecida a causa determinante dessas mudanças para locaes tão proximos; talvez a morte de um indio, ou a occurrencia de alguma desgraça commum. Não é possivel invocar motivos derivados de acção mesologica de importancia, dado que se afastam pouco do primitivo sitio.

* * *

Para prevenir a penetração da enxurrada por debaixo da palha, que vem do tecto ao chão, cercam os indios *Tagnanís* e *Tauitês* as suas casas conicas, pelo lado de dentro, ao longo da linha que as limita, com uma serie de talas imbricadas, feitas das cascas do jatobá.

A chuva não penetra.

Quem imaginasse que o interior das cabanas é abafadisso e quente faria grossa injustiça ao edificio; o ar entra de um modo admiravel, atravez dos intervallos das folhas.

Todavia, quando os indios accendem «foguinhos», a cousa muda de figura. E, felizmente para elles, a permeabilidade da cobertura de palha livra seus olhos de graves doenças, que se encontram em muitos povos incultos, cujas habitações retêm a fumaça.

* * *

A guarnição das casas é summaria; além dos jiráos de que se falou, e algumas grandes panellas, nada mais se póde apontar como mobiliario propriamente dito. Tudo mais são utensilios, artefactos, armas e adornos, que levam comsigo, á menor viagem que emprehendem. Alguns pilões e ralos mais pesados, que não podem ser commodamente carregados, ficam guarnecendo a morada. *Omnia mea mecum porto*, poderiam dizer os barbaros...

* * *

Esteiras de palha, couros preparados, rêdes, jiráos de dormir, catres e camas, são modalidades de leito que predominam neste ou naquelle estado de cultura social.

A presença das primeiras já indica certo adiantamento; os Nambikuáras não têm outro leito sinão a terra. Dormem sobre o chão limpo.

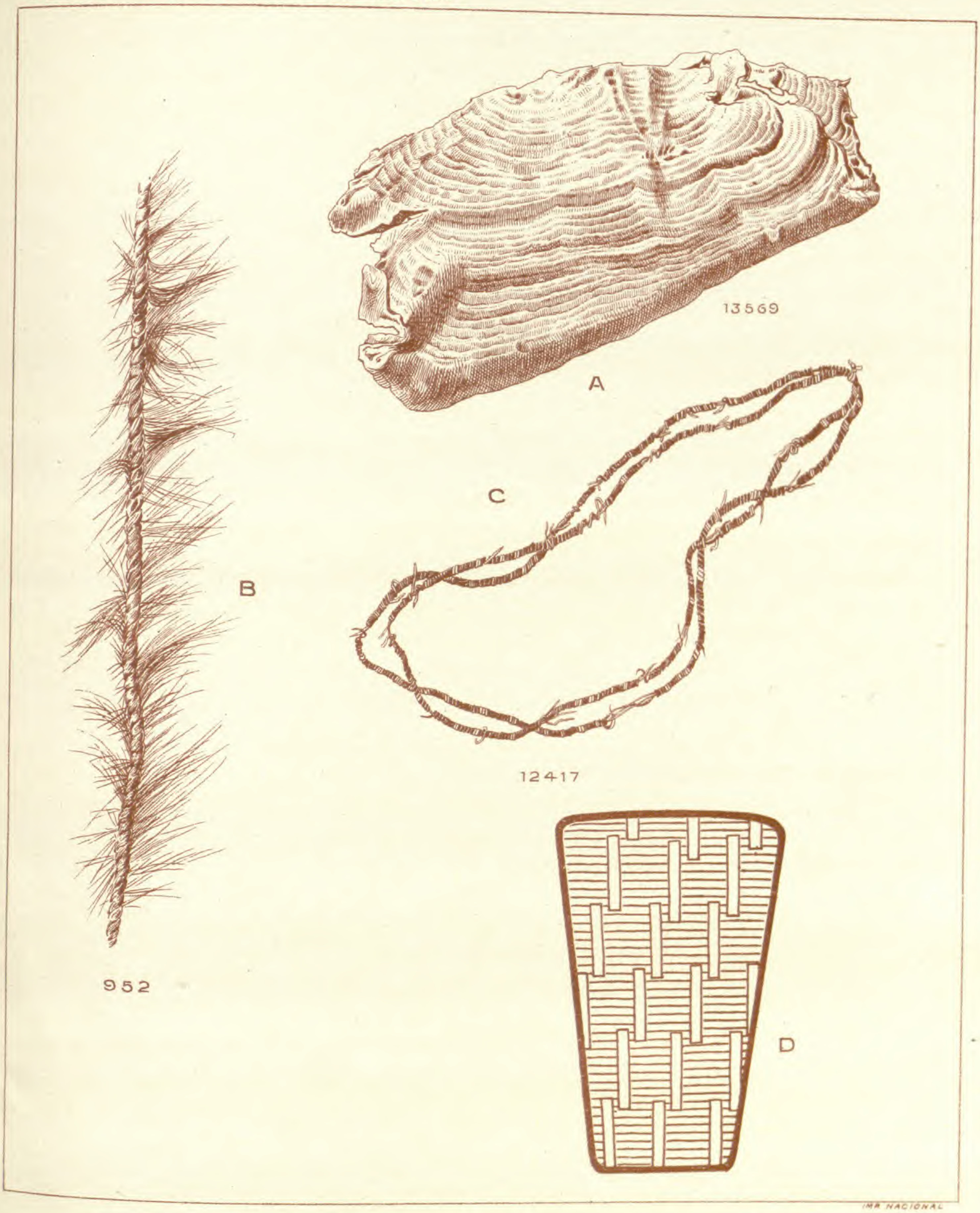
E não conheciam a rêde, inseparavel companheira dos Parecís, seus visinhos; hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente. No meio delles, para repousar um pouco, á noite, era uma difficuldade; mal armavamos a nossa, surgiam logo tres ou quatro canditatos... E, uma vez donos della, difficilmente nol-a deixavam. Mais de uma vez fomos, todos, despertados por alguns indios, que a fina força desejavam dormir nas mesmas rêdes em que repousavamos.

No pouso de Tres Buritís, onde estiveram acampados alguns dias comnosco, á noite disputavam tosca mesa de pau, onde os encarregados da estação faziam suas refeições; já se aprazíam em dormir alto do chão, imitando o nosso procedimento.

Porque, pois, não se utilisavam da rêde? Porque não a conheciam. Trançar fios de algodão e de tucum, trançam elles, de maneira mais que sufficiente para confeccionar uma rêde; apreciar esse leito dos seus visinhos, tambem haveriam de apreciar, como agora acontece.

Os indios da Serra do Norte attestam, por esse traço ethnographico, a situação de inferioridade em que se encontram.

Tal ignorancia é, aliás, caracteristica social de um grande grupo ethnico do Brasil, que comprehende os mais atrazados aborigenes da America, no consenso de todos os que o tem estudado: — o grupo *Gê-Botocudo*.



IMP. NACIONAL

A – *Arezi-Cogumello* (*Polyporus sp.*) *de que se alimentam os indios da Serra do Norte.* (Coll. Mus. Nac. 13569)
B – *Fio de péllos de macaco.* (Coll. Mus. Nac. 952)
C – *Collar feito de tubos de pennas.* (Coll. Mus. Nac. 12417)
D – *Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.*

* * *

Ora, todos os Indios da Serra do Norte dormem directamente sobre o sólo. Nada, nem folhas, nem palhas, nem esteiras, nem couros, collocam sobre o chão em que se deitam.

Deitam-se, quasi sempre, em decubito lateral, pondo o ante-braço debaixo da cabeça para servir de travesseiro.

Os homens raro se sentam directamente sobre o chão. Em geral, acocoram-se. As mulheres, fazem o contrario. Si estão de pé, no fim de alguns instantes, os homens, habitualmente, flexionam uma das pernas sobre a coxa apoiando o pé respectivo sobre o joelho do outro lado; as mulheres tomam attitude caracteristica, que nunca vi descripta e se acha bem clara nos instantaneos colhidos.

Cruzam as coxas, adiantando o membro pelviano direito em simples adducção, enquanto collocam o membro pelviano esquerdo mais atraz, em adducção forçada. O grande eixo do pé direito, prolongado, corta o do esquerdo quasi em angulo recto.

Frequentemente cruzam os braços.

Quando estão excitados, animados pela alegria, ou pelo temor, batem continuamente com a mão direita espalmada sobre a região occipital.

Si estão descontentes, fazem esse gesto caracteristico, exclamando:

— *Ikátnerá!*

* * *

Alimentam-se principalmente de productos agricolas; é um dos traços paradoxaes desta população, o desenvolvimento da agricultura no seu meio tão atrasado.

De um modo geral, póde dizer-se que os Nambikuáras comem tudo; não respeitam certas especies animaes, como fazem alguns indios.

Um mosquito que apanham sobre o corpo, um piolho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa.

Alguns costumam andar com uma vara, para matar as cobras que vão encontrando; assam os ophidios no borralho e comem com prazer a iguaria.

Só o estomago das victimas, depois de assadas, rejeitam.

No pouso do Primavera, quando algum tinha fome, corria ao cerrado e voltava trazendo um calángo vivo; batia com a cabeça do pequeno saurio num pau qualquer e o atirava ás cinzas quentes. Depois, com as unhas, rompia o abdomen do animal, retirava o estomago e saboreava o resto.

Um tatú que, noutra occasião, foi apanhado, mataram, torcendo-lhe o pescoço.

Para a caça, e para a pesca, usam flechas que serão descriptas noutro paragrapho.

Aproveitam os ovos de « pato do mato » fazendo cóvas razas no borralho quente e lá os collocando, depois de revolvidos com um graveto passado por pequeno orificio aberto na casca.

A carne de grandes caças: veado, paca, capivara, é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paus e só depois utilizada.

Com as unhas, com os dentes, e ás vezes com facas de madeira ou de taquara, cortam grandes bocados.

Mal engolem o que lhes vae na boca, logo chupam os dedos, estalando a lingua com grande ruido.

* * *

Os *Tagnanís* conhecem as propriedades conservadoras da fumaça; a carne que lhes distribuiamos não era toda devorada no mesmo dia. Suspendiam as sobras no moquem.

* * *

Os *Kôkôzús* não usam moquem; assam a caça no borralho. A quantidade de cinzas que deglutem, com tal assado, é consideravel.

* * *

Tagnanís e *Tauitês* constroem moquem caracteristico. Fincam quatro estacas e ligam-nas por quatro travessas; entre ellas, fazem correr dois paus que servem de supporte ás peças de carne.

* * *

Bebem o mel sempre misturado com agua: hydromel.

Comem com prazer os filhotes das abelhas, mergulhados no mel e no meio do propolis, que não rejeitam.

* * *

Não deixam amadurecer o milho; comem-no assado, ainda verde. A mandioca soffre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspa, com que fazem beijús.

Por meio de uma fita de embira espremem a raspa, e com o amilo fazem alvissimos bolos.

Para confeccionar os beijús abrem um buraco nas cinzas quentes de uma fogueira, e lá depositam massa de mandioca, alizando o bolo com um páo qualquer e com a mão. Cobrem tudo, depois, com cinzas e brazas; no fim de algum tempo, que não sabemos como estimam, descobrem um grande bôlo tostado e cheiroso, um tanto azedo, que não seria desagradavel si não tivesse tanta cinza, e não fosse preparado por tão desasseiado processo.

* * *

Mangaba verde que appareça é colhida, immediatamente, para ser posta no borralho. Assada, torna-se tenra e agradavel.

* * *

Os *Tauitês* confeccionam, com os coquinhos da bacába, certo mingáo violaceo (*Uid-niarê*) com gosto de folhas verdes, que tomam com muito prazer. Para preparar este *uid-niarê*, socam os fructos da palmeira e depois os collocam, dentro d'agua, sobre o fogo.

Uid-niarê é, afinal, um decocto de fructos de bacába.

* * *

Não tivemos occasião de assistir ao preparo de qualquer liquido fermentado. Todavia os indios fazem bebidas alcoolicas pelo processo usual: mastigação de mandioca ou milho, fermentação da massa, em grandes panellas. Um licor, assim tirado do ananaz silvestre, gozava de honroso conceito entre a gente da linha telegraphica.

Fig. 68 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12002)

* * *

Gostam, especialmente, da carne dos macacos, resquicio, quiçá, do antigo paladar anthropophago.

Não acredito que exista entre elles o canibalismo. Mas, segundo penso, não ha muito que perderam esse triste habito.

E' verdade, no entanto, que costumam increpar uns aos outros de tão feia pratica; exprimem tal accusação de um modo absolutamente claro, por meio de signaes inequivocos.

* * *

Obtêm fogo pelo attrito de dois bastões, em nada dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil a fóra.

A operação é muito mais longa do que se imagina.

O indio começa forrando o chão, com uma folha secca; sobre ella deita o *ignigeno fixo*, que mantem com o pé e com o joelho.

21

Com as mãos espalmadas, imprime ao *ignigeno movel* a rotação necessaria, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o indio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando pára, rapidamente, e passa a lingua sobre as palmas que o attrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a fronte do operador, surge a centelha, na moinha que se depositou na folha.

O processo só differe da operação classica pela presença da folha protectora.

Por trabalhoso, os indios o executam a contra-gosto. Desejando obter um film, que documentasse todos os seus tempos, difficilmente obtive que um indio fizesse fogo. Eis a razão porque, dos presentes que se lhes faz, um dos que mais prezam são os phosphoros; fazer fogo pelo seu systema, em dia de chuva, ou durante tempo humido, é penosa tarefa.

* * *

Comem tambem *Tagnanís* e *Tauitês* certo cogumello que os outros não aproveitam. (*Polyporus sp.*)

* * *

E' facto curioso a falta de utilização dos « palmitos », por parte dos indios da Serra do Norte. Gabriel Soares (1587) deixou bem expresso que o gentio do littoral não desprezava o gomo folhear das palmeiras: « Do olho destas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido e tão grossos como a perna de um homem ». Quanto ao vinho do ananaz, era bebida corrente; é ainda Soares quem diz: « A natureza deste fructo é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta: os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elles, cujo sumo come todo o cancere, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fructa, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduros, os indios fazem vinho, com que se embebedam; para o que colhem mal maduros, por ser mais azedo... ».

* * *

A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos indios da Serra do Norte. Mais de um rejeitou o prato que lhe destinavamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira.

IMP. NACIONAL

ORNATO DE PENNAS - INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Mus. Nac. nº 2249)

* * *

O leite (leite condensado) foi tambem, a principio, recusado; diziam, fazendo uma visagem, que era leite de mulher, e portanto repugnante :

— *Anungçú!*

E' preciso conhecer a gula dos indios, sua fome insaciavel, seu « animus devorandi » continuo, persistente, infallivel, sincero, para bem comprehender a repugnancia que os conduzia a tal renuncia.

* * *

A's crianças dão tudo para comer; do que levam á boca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços.

Mesmo os excitantes de que usam, fumo, por exemplo, são repartidos com os petizes.

Mais de uma vez, tive occasião de observar indios que davam o cigarro a pequenos menores de dois annos.

As crianças tomam logo parte na comida; as mulheres comem depois... o que sobra, quando sobra. Aliás, esta é a regra, mesmo entre os indios já civilizados... Mas, em geral, si ha abundancia, cada um come do que ha, quando quer, como quer; a comida é de todos.

* * *

Do figado dos animaes que devoram retiram, habilmente, a vesicula biliar; no entanto, não reservam para o orgão nome algum especial.

* * *

Aarú — é um bolo que os *Kôkôzús* preparam, socando num pilão um tatú moqueado, inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o á massa de mandioca feita beijú.

* * *

Um rato do chapadão, que os Parecís denominam *Cólori*, é iguaría que os Nambikuáras não desprezam. Chamam-no — *Arantaçú.* (*Scapteromys gnambiquarae*, Miranda Ribeiro.)

* * *

Dos productos de sua industria agricola vão-se utilizando diariamente, por colheita successiva; não colhem a tempo certo, nem têm reservas, ou celeiros, sinão para o fumo, que conservam entre duas varinhas, dependuradas na palha do tecto da cabana.

Em casa ha sempre massa de mandioca, que é o *pão nambikuára,* com o qual acompanham qualquer outro producto alimenticio. Guardam a massa dentro de grandes cestas, forradas de folhas de pacóvas.

O mel que sobra é deixado nas cabaças, onde não chega a fermentar porque, em breve, o desejo de algum indio renasce. . .

* * *

Nenhum rito observámos relativo a praticas alimenticias; mas o soldado Gouveia, que em 1911 esteve prisioneiro numa aldeia nambikuára, viu uma cerimonia de tal natureza, em seis mezes de captiveiro.

Mataram os indios daquella aldeia (do Urutáo) uma grande anta. Foi uma festa. Trouxeram arrastado o animal até a praça da maloca. Depois, foram os homens ao cerrado e voltaram trazendo muitos ramos com que se cobriram, dispondo-se em circulo, acocorados debaixo das folhagens, cantando sempre. Ergueram-se, no fim de muito tempo e, ainda com os ramos seguros nas costas, puzeram-se a dansar ao redor da caça, que foi depois retalhada.

Infelizmente Gouveia era de uma insufficiencia pasmosa. Viveu entre elles, preso, seis mezes; *casou-se* lá com uma india, que se esforçara por ensinar-lhe a lingua de seus paes. Afinal, fugiu sem trazer outra contribuição além de informações muito vagas, como esta que, no entanto, julgo acertado deixar aqui registada.

* * *

Dos excitantes, cujo consumo é de regra entre os povos selvagens, além dos liquidos alcoolicos já mencionados, o fumo é o principal.

Já se disse que seccam as folhas entre duas talas de madeira, que espetam na palha da casa; quando querem fumar, tomam de uma e a desfiam com os dedos, envolvendo o pó em outra folha de uma arvore que os Kôkôzús denominam *Enandzú*.

Tambem usam reduzir a pó o tabaco que então conservam dentro de cabaças especiaes.

Na Serra do Norte nenhum dos grupos conhecia o cachimbo antes da entrada da Commissão Rondon. Hoje mesmo não o apreciam; preferem os cigarros que são pequenos, nada semelhante aos collossaes rolos de fumo de algumas tribus amazonicas.

Seu fumo é fraco, de aroma agradavel; é a propria *Nicotiana tabacum*.

Quando viajam levam sempre cabaças com o pó, ou varas com folhas de fumo; a meio caminho, si desejam pitar, formam a roda. Preparam-se como si fossem realizar uma refeição, accendendo uma pequena fogueira. Terminados os cigarros, continuam a caminhar.

ORNATO NASAL DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Rondon - Museu Nacional - 2253)

Apreciam immenso o nosso «fumo de rolo», especialmente quando posto em cigarros feitos com papel de... jornal.

* * *

Os indios da Serra do Norte andam nús. Homens e mulheres trazem uma tira de palha ao redor do ventre. Os *Kôkôzús* usam pulseiras, braceletes deltoidianos, perneiras abaixo dos joelhos e ao nivel dos tornozellos, todas feitas de embira; *Tagnanís* e *Tauitês* usam as mesmas ligas nos membros superiores e inferiores, porém, confeccionadas com algodão. Este material apparece tambem, ás vezes, em artefactos semelhantes, fabricados pelos do primeiro grupo. Entre *Tagnanís* e *Tauitês* é commum achar-se algum indio com os orgãos sexuaes externos mais protegidos, pelas pontas da tira de palha passada ao nivel do hypogastro. Mas isso não é a regra. Os *Uaintaçús* raras vezes apparecem com algumas destas ligas. Alguns indios, em todos os grupos, andam systematicamente nús, de modo absoluto.

As mulheres, meninas puberes, moças ou velhas, solteiras ou casadas, não abandonam a tira abdominal.

Algumas gravidas, que encontrei, não a possuiam; e acredito haverem libertado o abdomem daquella forte pressão para respirar melhor, ou quiçá, por temor de que a liga influisse perniciosamente sobre o féto.

Trazem os cabellos sempre longos, sobre as espaduas: na fronte, aparam as mechas irregularmente, cortando os fios com uma concha de lamellibranchio, ou com lasca de taquara. Gostavam que lh'os cortassemos com tesouras.

Apreciam immensamente os chapéos que usamos; pareceu-me que o calor dos raios solares sobre o craneo lhes é muito molesto.

Por um chapéo, dão, quasi tanto, como por um machado de ferro.

Um dos capacetes de couro de onça, existentes no Museu, nós o obtivemos na aldeia do Urutáo, trocando por elle o chapéo de nosso uso, velho e surrado. No entanto, estes capacetes de couro são altamente presados.

Habitualmente não trazem, na cabeça, ornatos de couro ou de pennas. Cobrem-se com as corôas, que serão descriptas aqui, ou com os capacetes de couro de onça, quando estão alegres. Provavelmente usarão tambem taes ornatos em certas festas; todavia, nada apurámos a respeito.

* * *

Nos lobulos das orelhas trazem, pendentes, triangulos de madreperola que tiram de conchas fluviaes; e, quando o furo da orelha se dilacera, rompendo o lobulo em duas tiras, não hesitam em praticar novo orificio.

São os homens muito mais vaidosos que as mulheres; enquanto elles se adornam com diademas de pennas, brincos, pingentes e collares, ellas só com alguns destes se contentam.

Tambem só os varões usam o labio superior e o septo nasal perfurados. As mulheres, nunca.

As crianças de peito não tinham ainda perfurados labios e septo; as que já possuiam os primeiros pequenos molares haviam, porém, soffrido ambas as operações: perfuração do septo nasal e do lobulo das orelhas.

E, por isso, acredito que só as realizam quando chegam os meninos aos dois annos.

Mas, só depois dos cinco ou sete começam a fixar, no beiço e no nariz, mettidas por taes buracos, umas cavilhas finas e caracteristicas, feitas quasi sempre de colmo de capim.

O seu uso é geral na Serra do Norte. Raros indios vi sem taes cavilhas.

A do labio superior apoia-se entre os incisivos medianos do maxillar correspondente e sai, aggressivamente, para cima; a do septo é mais grossa e mais curta. Ambas são cortadas na justa medida por meio do fogo.

Mal caem, e logo seu portador as apanha e as colloca de novo nos orificios; e algumas vezes que as tiraram, para nos mostrar como se achavam ali seguras, mais que depressa as repuzeram de novo, como que envergonhados de estar assim desprovidos de taes adereços.

Em regra, usa cada indio as duas simultaneamente. Alguns á modesta cavilha do septo nasal, preferem outra, enfeitada com uma penna de arara ou de mutum.

Ao contrario do que se suppunha, taes adornos não parecem representar nenhuma distincção honorifica; não marcam hierarchia.

Vimos rapazolas de 18 annos paramentados com taes pennachos, aos quaes nenhum indio dava a minima importancia.

Quando usam estas pennas desprezam a cavilha labial.

* * *

E' facto notavel a predilecção que têm pelas contas de côr negra; fazem-nas de coquinhos para collares de muitas voltas, e quando deixámos á sua escolha um sortimento de vidrilho, começam preferindo as pretas.

Acabam, porém, escolhendo todas... Insaciaveis.

A côr negra, todavia, domina nos seus enfeites.

Pulseiras negras e anneis tambem de côcos negros, que usavam pendentes das orelhas, e agora já mettem pelos dedos, por imitar as nossas

allianças, collares, de alguns metros, de contas negras, pennas de aves negras, *rostros* de coleopteros, negros tambem, tudo attesta aquella preferencia.

Dos anneis da cauda do tatú canastra fazem as mulheres, ralando-os em pedras humidas, lindas pulseiras inteiriças.

* * *

Os indios *Nambikuáras Uaintaçús*, que apparecem em Campos Novos pelo rumo do Guaporé, muito mais grosseiros insolentes, ariscos, desconfiados, não se esforçam por trazer no labio superior a delicada cavilha usada pelos seus parentes.

Andam alguns, com um espinho de ouriço preso ao beiço; outros, com uma lasca de madeira, ou aculeo de uma arvore qualquer.

* * *

E' tambem caracteristico de toda a população da Serra do Norte e do valle do Juruena o uso de um manto de fibras de palmeira (Ialaçú), posto ao longo da columna vertebral, pendente do pescoço.

As mulheres não o carregam: ainda uma garridice masculina.

* * *

Faz parte do seu adorno, e tanto della se servem os homens quanto as mulheres, a pintura com o urucú.

Pintam-se nas occasiões festivas; não traçam linhas sobre a pelle, mas extendem a tinta sobre toda a superficie do rosto. As mulheres, depois do banho, avermelham assim o corpo todo.

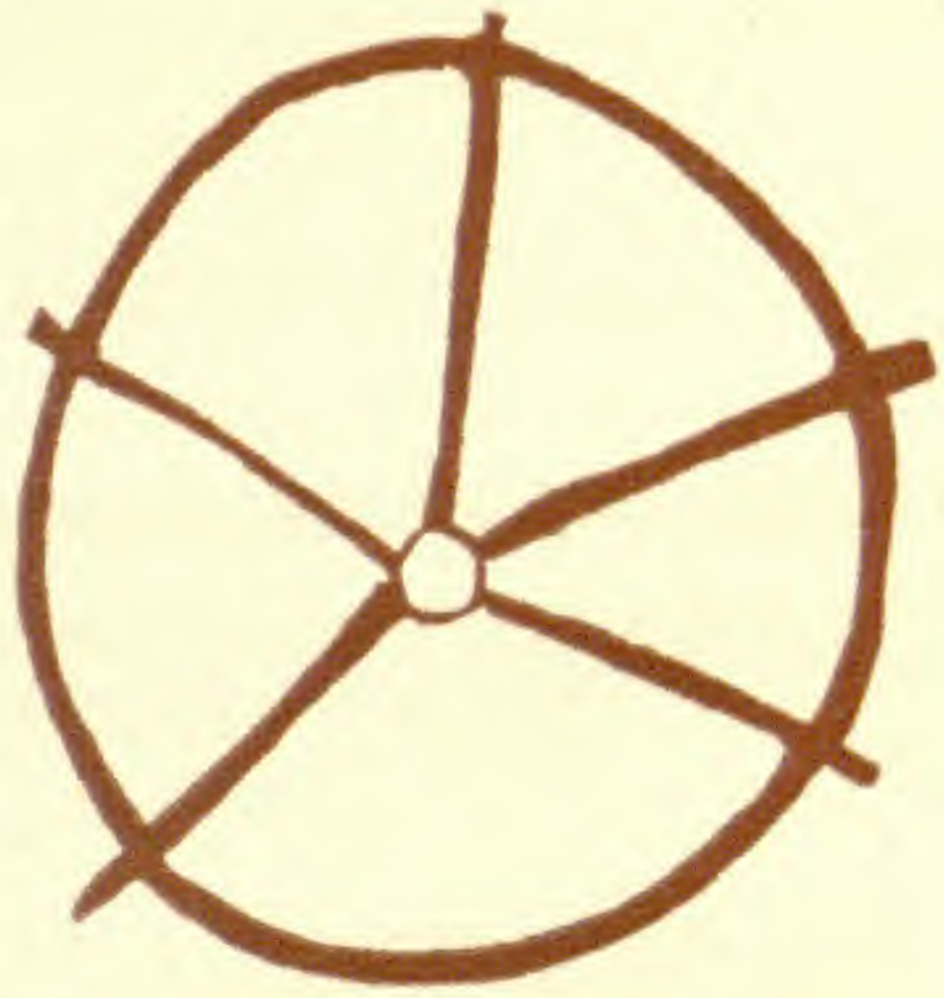


Fig. 69 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.

Os indios do Juruena dissolvem o pó do urucú n'agua pura; os Tagnanís preparam uma pasta, ou crême, com a mesma substancia incorporada á enxundia de alguns animaes, e perfumada, bem agradavelmente, por processo desconhecido.

Sempre que recebiam bons presentes, machados ou contas, iam ao corrego, e voltavam com o rosto inteiramente afogueado pelo ton sanguineo da pintura.

Para os *Tagnanís* esta pratica é signal de especial sympathia quando executada num estrangeiro.

Merecemos todos, em Tres Buritís, essa homenagem.

* * *

Os homens não arrancam os pellos pubianos, nem os axillares; algumas vezes, mesmo os bigodes ralos, e a barba, ainda mais rala, deixam crescer.

As mulheres, porém, depillam-se inteiramente.

* * *

Os caminhos por onde transitam, são estreitos, parecidos com trilhos do gado, em região pastoril. Em certos pontos o terreno acha-se entrecortado; nas matas, abrem tambem veredas, quebrando galhos.

Para atravessar modestos rios arranjam uma pinguella, derrubando uma arvore da margem e ageitando a quéda do madeiro de modo conveniente.

Si o rio é largo, fazem um molho de palmas de buritî, á maneira de fluctuante, e deixam-se levar pela corrente, cruzando o curso d'agua em diagonal.

Não conhecem canôa, nem praticam a navegação. Sabem nadar bem.

Caminham velozmente. Devoram, num dia, muitas leguas, sempre em passo energico, «marcha em extensão» dos physiologistas, musculos retezos, corpo desempenado.

* * *

A caçada de grandes animaes: anta, capivara, cavallo ou burro (da Commissão Rondon) é feita em grupos. Usam, para certas especies, flechas especiaes que serão descriptas adiante.

Para a pesca não empregavam anzóes sinão flechas proprias.

Os *Tagnanis* usam tambem uma especie de cóvo de apanhar peixe.

Um typo de flecha de ponta romba, raro aliás, é destinado á captura de aves com que bricam os pequenos nambikuáras.

Os animaes caem em commoção, pelo choque, e são apanhados com facilidade. Alguns se acostumam ao captiveiro feroz; vimos um picapáo que era, de vez em quando, tampado, dentro de uma cabaça emborcada, por um menino. Mal o pequeno revirava a cuia, a avesinha, em vez de fugir, saltava para cima delle. Verdade é que passam bem de boca os animaes domesticos dos indios; porque lhes estão, a toda hora, dando comida nos labios, «gavando-os» com meiguice.

* * *

Uma india *anunzê*, na occasião em que eram tomados seus diametros cephalicos, deixou caír da nuca, com immensa surpreza nossa, um filhote de *Myopotamus sp.* ratão, que ali parecia viver commodamente, occulto entre as mechas do cabello, como no capinzal onde nascera.

* * *

Pombas, filhotes de urubú, pequenas corujas, macacos, são igualmente domesticados na Serra do Norte.

Antes da Commissão Rondon não conheciam nem o boi, nem o gado muar, nem o cão. Do boi, ainda hoje têm mêdo, por causa dos chifres; dos burros gostam, porque acham sua carne parecida com a da anta.

Dos cães, que a principio temiam muito, são agora grandes amigos; assim que podem, vão logo furtando alguns; e os roubados affeiçoam-se-lhes depressa, porque são tratados á tripa fôrra. Na cuia em que o dono come, ha sempre lugar para o focinho do seu cão.

* * *

Transportam seus filhos á tiracollo, numa faixa, que os *Kôkôzús* fazem de palha e os outros confeccionam de algodão.

Ao menor passeio conduzem tudo quanto possuem; habito de nomades que sobrevive em gente quasi sedentaria.

A caça e a pesca, exclusivamente, não poderiam manter uma população tão grande qual a da Serra do Norte. Seriam os indios obrigados a realizar grandes incursões para outros pontos, em busca de alimento; já estariam, portanto, aniquilados ha muito tempo, ou teriam perdido suas caracteristicas, que só o isolamento pôde conservar.

Foi o germen da agricultura, que não sabemos donde houveram, si é que ali mesmo não surgiu espontaneamente, o factor que permittiu sua conservação na « idade da pedra » até hoje.

Cultivando terras uberrimas do valle do Juruena e da Serra do Norte, confiando seu sustento ao solo das matas virgens da Amazonia, puderam os Nambikuáras ir vivendo até agora naquelle meio relativamente restricto. Essa influencia paradoxal da agricultura talvez não tenha sido encontrada ainda alhures, de um modo tão caracteristico; e, por isso mesmo que eram obrigados a viver da cultura da terra, foram-se aperfeiçoando nessa industria, embora permanecendo num estadio de civilização muito elementar. Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animaes domesticos, o cão, por exemplo, os indios da Serra do Norte tornaram-se agricultores emeritos.

Suas roças são sempre regularmente circulares. Dentro das matas acham-se, frequentemente, grandes espaços abertos; são campos artificiaes, antigas roças nambikuáras.

Usam do fogo para limpal-as depois da derrubada que, até agora, effectuavam com machado de pedra.

Para derribar uma arvore de certo porte, com tal instrumento, ajuntam-se-lhe ao redor diversos machadeiros; o lenho, mastigado pela

pedra, cede mais depressa do que se pensa. Admiravel, porém, é a resistencia do encabamento do machado.

Um páo ponteagudo abre as cóvas para as sementes.

Milho e mandioca são os principaes productos da agricultura nambikuára. Tanto um, como o outro, não pertence a especie alguma diversa das que entre nós são cultivadas. O milho é da variedade conhecida por *milho branco*, ou *saboró*; a mandioca se distingue pelas suas qualidades nutritivas e alimenticias. A da Serra do Norte, cultivada pelos Tagnanís, é a melhor que hei visto. Pouco fibrosa e mui rica em amilo.

Naturalmente, não é á cultura imperfeita dos indios que a raiz deve taes excellencias, e sim aos terrenos fertilissimos em que é plantada.

* * *

A grande questão etnographica que a agricultura dos aborigenes suscita, e foi posta em fóco muito bem por von Martius, permanece ainda de pé.

Não se encontrou o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. Ou esses vegetaes vieram de fóra, com os indios; ou representam especies derivadas de outras que existem em estado nativo, com aspectos mui differentes, mascaradas por outros caracteres.

Entretanto encontramos uma tribu segregada, na «idade da pedra», vivendo da agricultura; e cultiva milho e mandioca iguaes aos nossos...

Ainda a mandioca tem sido encontrada em estado natural (*Manihot utilissima, Pohl*); sinão a especie mesma de que nos servimos, especie do mesmo genero. E o milho?

Onde, na superficie da Terra, existe *milho* em estado nativo, a não ser a *Zea mais tunicata*, de que alguns suppõem vir a fórma hodierna?

Que desvendar de misterios, não traria o elucidar da questão!

* * *

Vendo os *Tagnanís* que o vaqueiro João Lucas capinava uma rocinha, em Tres Buritís, começaram a rir-se delle, mostrando que melhor valia ir desenterrando a planta má; a enxada cortava os caules, mas deixava as raizes, e as hervas brotariam. A capina dos Nambikuáras é o arrancar do que não serve. Suas roças andam sempre limpas.

* * *

Seu fumo é a nicotiana que vive espontaneamente ali na Serra; urucú e algodão, não se póde dizer que sejam cultivados; são plantados e aproveitados. Algumas favas grandes, de diversas variedades, merecem citação. Ellas se encontram nas cestas dos indios, assim como muitas

Uaidnirída — Indio do rio Juina

MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

outras plantas; mas nunca vimos nenhum comendo, ou mesmo utilizando, esses vegetaes. Até ulteriores verificações, acredito sejam destinadas á medicina que só em segredo velhos e velhas praticam. Diga-se o mesmo da mamona (*Ricinus*), planta positivamente adventicia.

* * *

Em bolsas de palha, ou de folha de pacóva, resguardam do tempo, da poeira e da chuva as pelotas de algodão que servirão para fiar, e sementes, que terão destino ainda ignorado.

* * *

A medicina não nos pareceu fosse exercida por orgãos especiaes da sociedade india. Todos tomam parte no tratamento de certos enfermos; nos casos graves, entra em funcção algum velho experiente.

Sobre as feridas applicam fibras de palha com certas resinas (Jatobá). As queimaduras, tratam pela agua fria. Fracturas e luxações reduzem-se ao azar.

Sobre as placas do *baanêcêdütü* passam saliva com a palma da mão. Apertam entre dois dedos, longamente, o ponto ferrado pelos insectos.

Os que têm febre recolhem-se a um canto, quietos, quando não se atiram n'agua corrente. Durante o acesso nada comem.

Havia na aldeia do Juina um velho indio, de cerca de 60 annos. Estava triste, acabrunhado; pouco se animou com os nossos presentes. Punha as mãos na cabeça, para indicar que lhe doia. Um rapaz, que parecia seu filho, pelo extremo de ternura com que o tratava, á revelia dos outros indios, offerecia-lhe mel com agua, repetidas vezes. Elle virava a cara. A' tarde, como o seu estado não melhorasse, chamou o moço, e disse-lhe qualquer cousa.

O rapaz agarrou-lhe a cabeça entre as mãos e collou a bocca nas fossas nasaes do velho, aspirando com força. Parece que esta sucção, repetida mais tarde, alliviou o enfermo, que se tornou mais expansivo.

O parto deve ser facil, visto que os fétos são excessivamente mal nutridos. As indias, quando não ha leite bastante, tomam na boca um góle d'agua e applicam os labios aos dos filhos, passando-lhes o liquido num beijo nutridor.

Desejando saber como cortam o cordão umbilical, mostrei a diversos indios, mais accessiveis e mais intelligentes, *Damasceno*, *Nuléke*, *Krikriceknerá*, a figura de um livro onde havia um féto com seus annexos. E das respostas que *Damasceno* ministrou, pude entender que a mãe corta o cordão com os dentes e esconde a placenta debaixo de folhagens.

Esta informação, como se vê, deve ficar sujeita á revisão.

* * *

O desenho dos indios da Serra do Norte, embora elementar, já apresenta algúns motivos interessantes, tirados da imitação das fórmas animaes.

O circulo, o triangulo, o quadrado, apparecem desenhados em negro na superficie de algumas cuias.

Cobras e saurios acham-se, as vezes, representados nos seus traços essenciaes.

* * *

A plumaria reduz-se a poucas manifestações; é mesmo insignificante. Uma das planchas coloridas deste volume, figura um interessante, diadema de pennas, que é contrafacção de objecto semelhante, porém admiravelmente bem trabalhado, que os indios conquistaram á visinhos de Oeste, e tambem se acha no Museu.

* * *

Das suas dansas pudemos observar dois typos; uma *dansa guerreira*, que apanhámos num film cinematographico exhibido na Bibliotheca Nacional, em 15 de março de 1913, onde figuram indios dos grupos Kôkôzú, Anunzê, e Uaintaçú; e uma *dansa festiva*, em que tomámos parte, em Tres Buritís, executada pelos Tagnanís e Tauitês em nossa honra.

A dansa guerreira cinematographada em Campos Novos, foi, depois, repetida tambem pelos Tagnanís, em Tres Buritís.

Armados de arcos e flechas dispõem-se os guerreiros em linha, collocados a uns 15 metros de um pedaço de páo que figura o inimigo, cantando em compasso binario, marcando o tempo com o bater dos pés no chão.

Dois indios, com as flechas promptas, e arcos semi-tezos, partem da fila, como quem anda cautelosamente occulto entre as moitas do cerrado, fazem uma grande volta e, chegando perto do *inimigo*, desferem as armas contra elle.

E' o signal do ataque; cessa o canto e uma chuva de flechas cái sobre o «infeliz» tronco de arvore...

Logo depois avançam sobre elle, á pauladas, com os arcos, ou com outros cacetes; e o sovam á valer. Aliás, é sempre essa a funcção da flecha: immobilisar o inimigo ou a caça. Permittir que o aggressor se chegue e acabe sua obra á cacetadas. Caçada, ou combate, qualquer ataque é sempre feito de emboscada. Mesmo porque, á certa distancia, o erro de pontaria dos indios é muito maior do que geralmente se acredita. Os Nambikuáras não são dos melhores atiradores. Estão muito longe de atirar com os pés, como os Bôrôros. Por elevação, alguns atiram bem. Nenhum escudo, absolutamente, empregam, nem na caça, nem na guerra. Depois do ataque

Indio da Serra do Norte flechando por elevação

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

procuram rehaver os projectis; uma flecha dá trabalho para ser feita e não deve ser malbaratada...

Seguram na mão esquerda um mólho dellas; e atiram com incrivel rapidez, uma atraz da outra.

* * *

Na dansa festiva tomaram parte homens, mulheres e meninas.

Ao son de uma cantiga intermina formou-se grande roda. As mulheres á esquerda dos homens, constituiam-se pares successivos, fechando o circulo; cada homem collocava a mão no hombro da respectiva «dama». Dentro da roda, tres meninas da mesma idade, pouco mais ou menos, acompanhavam-nos em fila, muito juntas, com os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito. A do centro servia de eixo para todo aquelle systema choreographico...

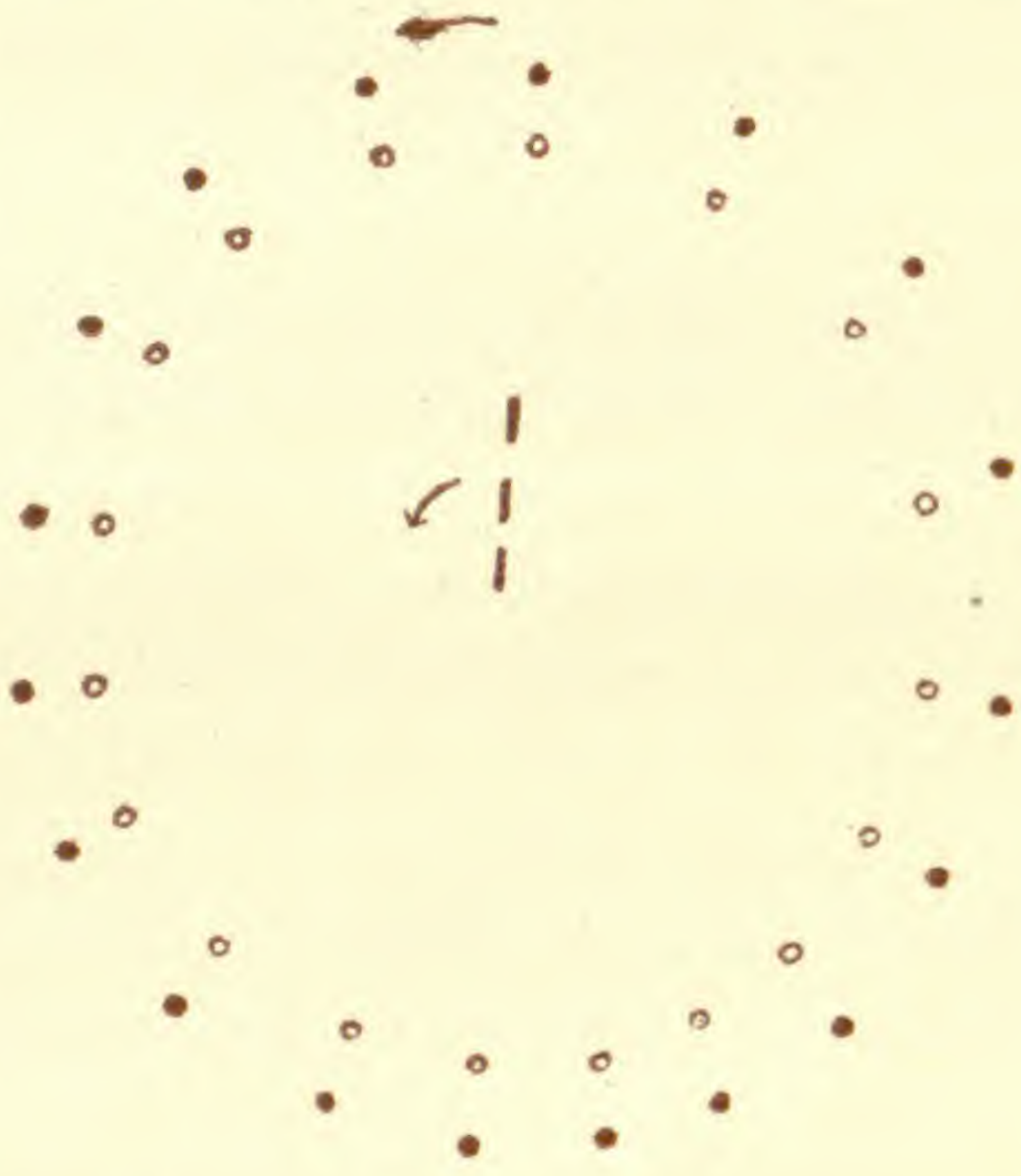


Fig. 70 — Dansa (astrolatra?) dos Tagnanís (schema).

Começou-se a rodar ás 7 horas da tarde, cantando sempre. As meninas, sem discrepar deixavam no chão pulverulento marcas regulares, que a luz da lua allumiava perfeitamente. Dir-se-ia que punham os pés nos mesmos rastros feitos na primeira volta. Meia noite. A' beira das fogueiras, que cada familia accende, dormia a gente velha; resmungavam alguns avivando morrões que pareciam pequenos rubís esparsos. E na roda, suando, cheios de poeira, mais mortos do que vivos, todos nós entravamos no côro:

— *Tagnaní-i Tagnaní-i!*

— *Tangrê!*

E assim foi, durante o resto da noite. Quando um de nós fugia, e procurava a rêde, vinham logo dois ou tres latagões reforçados, falando muito; e empurravam para o seu posto o desertor...

* * *

A lettra desses cantos, infelizmente, não foi apanhada. Apenas conhecemos as duas palavras que ali estão: *Tagnaní*, nome da tribu; *Tangrê*, estrella. Astrolatria? As tres figuras centraes daquella dansa, em que se falava de estrellas, trouxeram-me ao pensamento a formosa constellação do Orion, onde existem as Tres-Marias.

* * *

No phonographo apanhei dois themas kôkôzús, transcriptos aqui. Foram passados para a notação musical pelo professor Astolpho Tavares.

O diapason em que os Nambikuáras exprimem sua musica differe do nosso *diapason normal* cerca de meio ton, para baixo.

As notas usadas nos themas colhidos são : $\underset{\cdot}{do}^1$, $mi^{2\flat}$, $fá^2$, $fá^{2}\sharp$, sol^2, la^2. Não se encontram *ré* e *si*.

Os trechos registados estão em *la bemol maior* (Phonogramma n.... 14.599) passando para *mi* [redacted] *menor* ; e em *mi bemol menor* (Phonogramma n. 14.600).

Os motivos musicaes desenvolvem-se em tempos binarios.

* * *

Os indios da Serra do Norte apresentam duas modalidades de organização social bem caracterizadas. Ainda deste ponto de vista *Tagnanis* e *Tauitês* são mais adiantados que *Kôkôzús* e *Anunzês*.

Estes vivem em regimen patriarchal ; o pai governa a familia, que é, em muitos casos, monogamica. Os filhos, depois da puberdade, constituem familia a vontade, continuando a venerar seus progenitores.

Tratam com immenso carinho seus filhos, aos quaes nada recusam. Raras vezes os castigam. Mais de um indio, já de certa idade, caminhava leguas e leguas, com um pequeno ás costas, para chegar onde estavamos e dar-lhe presentes dos que distribuiamos.

Não têm chefes definidos. Alguns, que os tropeiros costumam chamar de chefes, são apenas individuos mais influentes, aos quaes os outros attendem muitas vezes.

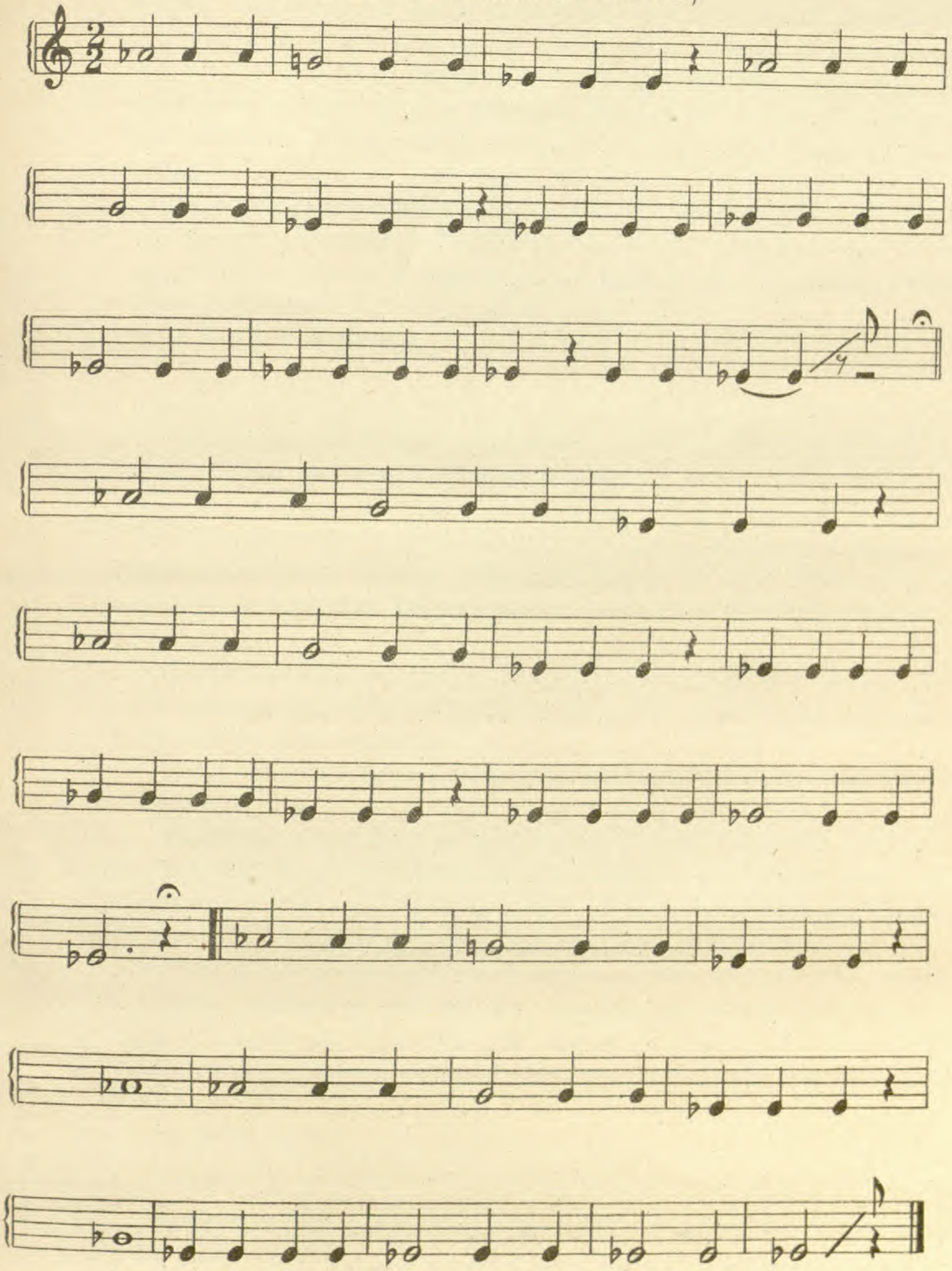
* * *

Em Campos Novos recebemos, certo dia, a visita dos *Kôkôzús* e dos *Anunzês*. Dormiram ali muitos rapazes destes dois grupos: *Nuléke*, *Krikriceknerá*, ou Manduca, *Paixão*, *Preguiça*, *Damasceno* e o celebre indio *Cavagnac*, supposto chefe da maloca do Urutáo, typo malvado, que costumava cercar os tropeiros na linha para tomar-lhes as cargas.

No dia immediato vieram muitos *Uaintaçús*, atrevidos e ariscos ; gente bastante desagradavel.

Os outros, quando viram que elles se approximavam, começaram a dar signaes de impaciencia. Finalmente chegaram, muito excitados pela presença dos nossos hospedes daquella noite. Começou uma interminavel discussão entre os tres grupos. Todos falavam, gesticulavam, irados, olhos brilhantes, a pique de se aggredirem. Temendo esse conflicto, que seria

PHONOGRAMMA 14.599
(INDIOS DA SERRA DO NORTE)



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

desastroso, por todos os titulos, começámos a intervir distribuindo cigarros, phosphoros, machados, etc., distrahindo-os. Acalmaram-se. Mas alguns rapazes kôkôzús e uaintaçús continuaram a discutir e, aos poucos, foram cercados pelos outros que ouviam tudo muito attentos. Falavam dois de um lado. Respondiam dois do outro. Os que falavam, eram dois indios mais expertos, intelligentes, ousados, *Damasceno* e o tal *Cavagnac*, que nada indicava fossem chefes verdadeiros, reconhecidos como tal em toda occasião.

Eram chefes transitorios.

Já entre *Tagnanís* e *Tauitês* existem chefes temporaes, perfeitamente bem definidos. Um se distinguia porque andava sem um enfeite. Effectivamente, elle mandava, e todos obedeciam.

Tinha tres mulheres.

* * *

A condição da mulher nambikuára não é tão desgraçada como a de outras, indias do Brasil. Trabalha muito, é certo. Colhe fructos, rala mandioca, soca ao pilão, arma os toldos, fia algodão, carrega a tralha da familia, cuida dos filhos, toma parte na cultura da roça; mas é tratada, em regra, com muita ternura. Elles são ciosos de suas esposas; e ellas timbram em ser fieis. Deixam longe, neste particular, suas vizinhas Parecís...

Continuamente, os casaes se amimam. E nenhuma caricia parece mais suave e mais doce, ao terno amante, que o passear dos dedos de sua amada pelos seus cabellos.

Comprehende-se; porque a cabeça de um nambikuára é um viveiro a enxamear.

O casamento, segundo as informações do soldado Gouveia, obedece a cerimonias simples. O noivo pede, ao pai da eleita, consentimento para a união. O progenitor, si accede, dá-lhe um arco e um molho de flechas, dizendo-lhe que deverá, com aquellas armas, manter a familia que vae fundar. Só.

Para mostrar que um certo menino é filho de um indio, usam de um gesto expressivo que, na sua innocencia, repetem: curvam o pollegar e o indicador esquerdos, em fórma de annel, ao redor do outro indicador em extensão. Batem, depois, no hombro do filho e no do pai, dizendo:

— *Uétü!* (filho).

* * *

Respeitam muito os velhos. Poupam-lhes as fadigas que pódem. Quando voltavamos da aldeia do Urutáo, para o posto do Juina, fizeram-nos conduzir, no arção da sella, as cestas de dois velhos do grupo que nos

acompanhava em busca de presentes. Os moços e as mulheres lá se foram, cada qual carregando o seu *atiçú*, sem appellar para auxilio extranho

* * *

De sua religião, apenas sabemos que é fetichista. Não conhecemos nada do seu culto, nem do seu regimen; muito menos do seu dogma.

Os grupos septentrionaes parecem evoluir para a astrolatria. Tendo ameaçado a lua e as estrellas, com uma flecha, preparada no arco, prestes a deferir a aggressão, levantaram-se bruscamente muitos Tagnanís e sustaram o meu gesto, falando muito exaltados, reprehendendo-me, tomando-me a arma, como si aquillo fosse um sacrilegio.

Os *Kôkôzús* e os *Anunzês* ameaçam a tempestade com suas armas, bracejando no espaço para um lado e para outro, invectivando a chuva em altos brados.

Outras vezes são as mulheres que sobem a uma casa de cupim e, soltando baforadas de fumo, atiram cinzas no ar, para amedrontar a tormenta.

* * *

Seus ritos funerarios ainda não nos são conhecidos. Ficou todavia apurado que não incineram seus defuntos, nem os devoram. Enterram-nos directamente no sólo. Os *Kôkôzús*, em cóvas redondas; os *Tagnanís*, em sepulturas alongadas.

* * *

Os phenomenos da numeração acham-se bem esboçados na população india da Serra do Norte. Na sua mimica, muito expressiva, contam pelos dedos dizendo, para cada unidade:

— *Dêra.*

E quando terminam a passagem dos dedos das mãos, si o numero vai alem, levantam um pé, repetindo a mesma palavra, e depois o outro.

Um chefe tagnaní, querendo dizer que sua gente vinha já perto de nós, trazendo-nos mandioca, milho, massa, etc., em *muitas cestas*, após haver contado pelos seus proprios dedos e artelhos, bateu nas mãos e nos pés de outros circumstantes, repetindo sempre:

— *Dêra, Dêra, Dêra* (Isto, isto I, isto).

Para contar os dias, passados ou futuros, que os separam de um certo lugar, levam a mão direita á face, inclinam sobre a palma a cabeça, fecham os olhos e resomnam fortemente, tantas vezes quantas são as noites cujo numero desejam indicar.

* * *

As noções de fórma e extensão, acham-se tambem definidas entre elles. Os *Kôkôzús* chamam — *Irengçú* — á circumferencia; *Nendzú*, ao triangulo.

Indio da Serra do Norte flechando
(modo mediterraneo)

India do Juina preparando mandioca

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

Talvez estas palavras nada mais sejam que appellidos de animaes ou objectos dados, por extensão, ás figuras, que traçam perfeitamente.

* * *

Distinguem o « nascente » e o « poente ». Marcam, approximadamente, os momentos do dia, indicando, com o gesto, o lugar em que o Sol deverá estar sobre o horizonte na hora que desejam determinar. Não parecem distinguir as constellações ; sempre deram os mesmos nomes para qualquer estrella que se lhes indicasse. *Tangrê* chamavam os *Tagnanís*, indifferentemente, á cintura do Orion, que schematisavam no sólo, e as estrellas maiores deste grupo excepcionalmente bello: Riegel ou Belatrix. O eclipse total do Sol, muito bem observavel na Serra do Norte, em 1912, á 10 de outubro, não impressionou absolutamente os Nambikuáras.

* * *

Das noções biologicas que por acaso já tenham apanhado, não é possivel falar ainda. O que obtivemos não nos satisfez.

* * *

Os indios da Serra do Norte falam dialectos differentes, apparentados entre sí. Cada um falando no seu idioma, entendem-se muito bem.

Quatro vocabularios conseguimos ; *Kôkôzú*, *Anunzê*, *Tagnaní* e *Tauitê*.

Os mais abundantes, *Anunzê* e *Kôkôzú*, foram obtidos com o gráo de approximação e segurança possivel, e me parece que sufficiente, graças aos indios *Nuléke*, e *Krikricêknerá*, amigos dedicados do tenente Pyrineus de Souza, desde o tempo em que esse official estivera dirigindo o posto de Campos Novos.

Nuléke é de tal maneira affeiçoado ao tenente Pyrineus que, quando voltamos, em 1912, elle, afflicto, não exitou em transpor os limites de suas terras, e sahindo de um territorio que nenhum delles, desde muitos seculos abandonára, veiu com uma tropa, á Tapirapuan em busca do seu amigo.

Foi o primeiro a se entregar, em confiança, á gente brasileira.

Estes dois indios viviam, em Campos Novos, como si fossem « crias » da casa.

A noite dormiam, ambos, debaixo da rêde de Pyrineus. Falavam já algumas palavras de nossa lingua.

Para o idioma dos Kôkôzús foi auxiliar precioso o indio Damasceno (*Urinenoá*), a quem já consagrei outra nota.

Este foi o mais intelligente que pudemos encontrar. Repartia com elle essa situação, um Tagnaní de quem nos separamos com pezar. Entendia

este o menor dos nossos gestos. Executava, com perfeição, qualquer pedido nosso. Foi elle quem se prestou á simular um ataque á flechadas, que, por signaes, lhe pedi, operação que hoje se acha archivada em um dos films pertencentes ao Museu, projectado na Bibliotheca Nacional, em 1913.

* * *

Cada palavra dos vocabularios colhidos foi verificada, mais de uma vez, em presença do objecto, ou do phenomeno que exprime.

Muito mais que a quantidade de vocabulos, interessou-nos a qualidade de cada um.

Isto não quer dizer que julguemos impossivel qualquer rectificação; basta confrontar dois lexicos, tomados por pessoas capazes, entre os mesmos indios, em occasiões differentes, para ver como certos termos alteram-se depressa.

* * *

O alphabeto da lingua nambikuára comprehende as seguintes vogaes:

a, ê, i, ô, o, u, , ü

com o mesmo valor que têm no alphabeto portuguez; ü — com o son intermediario a *ü* — allemão e *eu* francez.

Consoantes:

b, c, d. g, h, k, l, m, n, r, s, t, z

h — sempre fortemente aspirado, como *ch* allemão.

Faltam:

f, j, v, x

São grupos consoantes caracteristicos:

nd, kr, tch, dn, gn, tg, tn, kd, kz, kt, nt, nz, tz, td, nç, tç, tzü, gç, gd, ndz, nk.

* * *

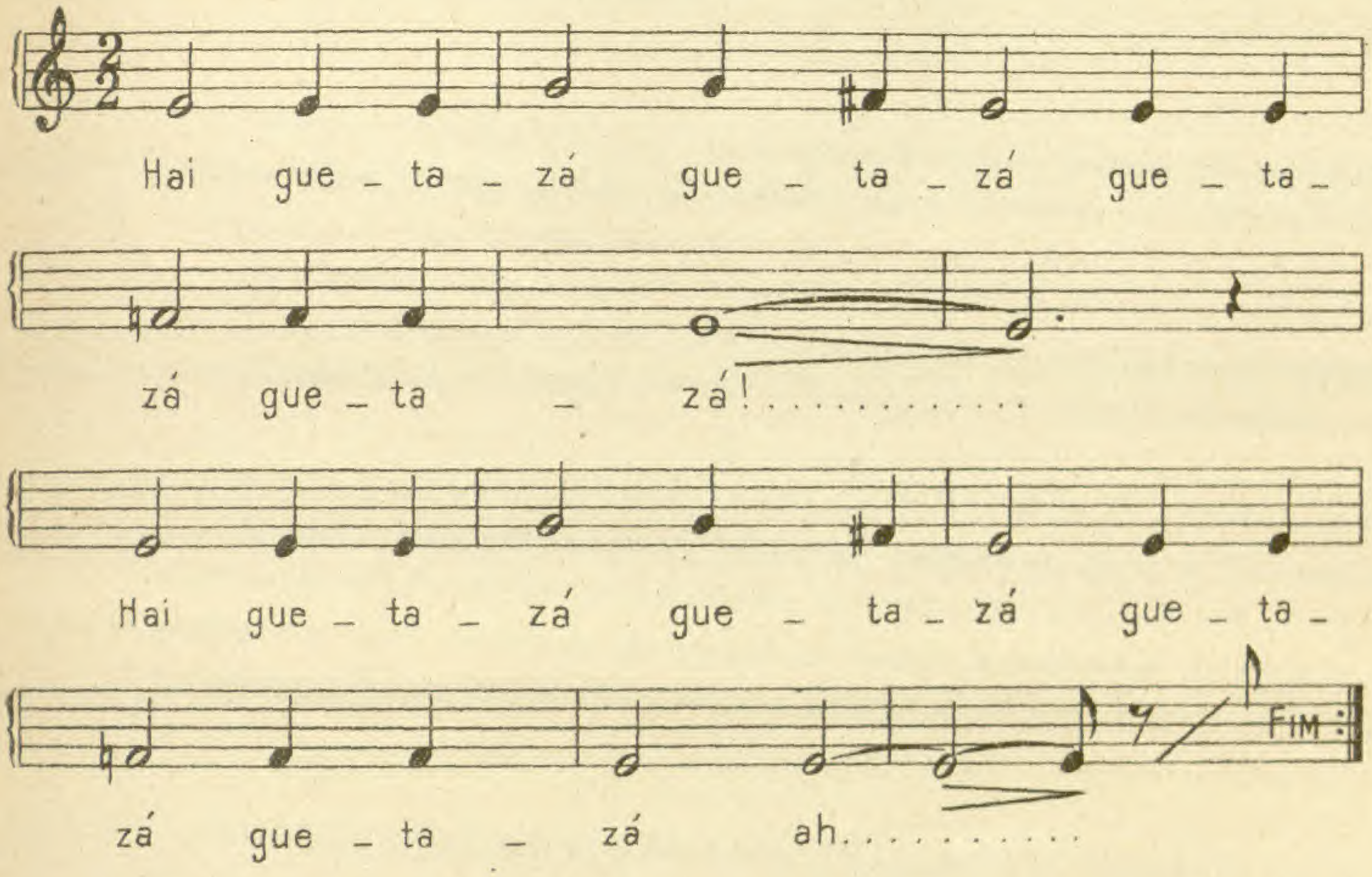
Em todos os dialectos nambikuáras, os vocabulos que designam as partes do corpo humano têm o mesmo radical, ligeiramente modificado, num ou noutro caso: *Uá* ou *Toá.*

	Kôkôzú	Tagnaní	Tau'tê	Anunzê
Braço	Oá-nukiçú	Uá-nokrí	Toá-rabatndê	Uá-nukizê
Boca	Toá-iuçú	Uá-iurí	Tá-iuirí	Uá-iuarê
Lingua	Toáio-herú	Uái-hêndê	Táiu-hendü	Uáile-herú

A particula *Toá* — (Uá, Oá) — tem aqui o mesmo valor possessivo do grupo *Nu*, nas linguas *Aruaks*; só se encontra nos vocabulos consagrados ás regiões do corpo humano.

PHONOGRAMMA 14.600

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)



Excursão Roquette-Pinto, 1912.

Quasi todos os vocabulos *kôkôzús* terminam em *zu* ou *çú*, empregados, indifferentemente. As palavras *anunzês* terminam muitas vezes em *zè*. Mas, este ultimo son deve ser approximado do—*gê*—para ser pronunciado convenientemente. No dialecto dos *Tauitês*, e no dos *Tagnanis*, é commum a terminação em *rè*, *ri*, *di*, *tè*.

* * *

Merece menção especial um grupo que nestas linguas se encontra com relativa frequencia, muito importante para apreciar as relações de taes idiomas com outros americanos.

É o grupo: *gui* ou *gue*:

Kai*gue*tazú — flauta (Kôkôzú) — Hau*gui*dê. — flecha lisa (Tagnaní).

Toái*gue*dokrê — mão (Tauitê) — Uáne*guè*tu — cabeça (Anunzê).

* * *

Embora existam diversos systemas phoneticos para a representação das linguas primitivas — (Alphabeto Kosmos, de Schmidt, etc.) — julguei preferivel usar as letras do alphabeto latino, accrescidas de alguns sons especiaes (ü) ao alcance de qualquer leitor.

* * *

Si ainda estivesse em favor a chave linguistica de Martius, a lingua dos Nambikuáras seria incluida entre os idiomas do grupo *Guck* ou *Koko*. Porém tal familia, por muito heterogenea, não se manteve e hoje, seus antigos membros acham-se filiados nas tribus *Gê-botocudo* e *Nu-aruak*.

Nesses dois grupos encontram-se os *Guck*, de Martius.

Ora, os idiomas ligados á familia Nu-aruak têm caracteristicas frisantes que não encontramos nos da Serra do Norte.

Assim a particula possessiva pessoal — *Nu*, um dos caracteres mais valiosos para differenciar taes idiomas, não se encontra absolutamente entre os Nambikuáras.

O vocabulo preposto á designação da agua, um dos melhores elementos de comparação linguistica, pela constancia com que se mantem atravez de todas as differenciações dialectaes, na familia Nu-aruak, (Oné, Uní), não é representado na Serra do Norte por nenhum equivalente.

Bastariam taes elementos para distanciar a lingua dos Nambikuáras dos idiomas Nu-aruaks.

Mas, além disso, é facil verificar a perfeita discordancia dos lexicos. Seja comparado o vocabulario parecí, excellente representante da familia Nu-aruak com o dos indios da Serra do Norte. São completamente differentes.

* * *

Porém, si procurarmos, na Sul-America, idioma que offereça semelhanças profundas com os dos Nambikuáras, em vão o faremos.

E' todavia certo que a lingua dos *Suiás*, do Xingú, tem certo ar de parentesco com os dialectos da Serra do Norte. Essa approximação tem o seu melhor argumento na particula possessiva *Woa*, dos Suiás, que é claramente encontrada entre os Nambikuáras, seja *Ua* ou *Toa*.

Por esse caracter, pois, e elle é valioso visto que tem servido de base ao moderno grupamento das nossas tribus, onde estiverem os Suiás deverão ser collocados os Nambikuáras.

Aqui o problema attinge, talvez, sua maior difficuldade; porque si os botocudos do Xingú são collocados ao lado dos *Gês*, pela autoridade de Ehrenreich, outros conhecedores da linguistica sul-americana julgam, quiçá com muita razão, que elles devem formar ao lado dos Karajás, constituindo o *grupo Karajano*, de Chamberlain.

* * *

Todavia, não é possivel deixar de reconhecer, na lingua dos Nambikuáras, certos caracteres especiaes encontrados em um idioma francamente filiado na familia Nu-aruak: a lingua *Kiriri*. Taes caracteres são exclusivamente phonicos e muito menos valiosos do que si fossem lexicos ou morphologicos.

Resumem-se na presença dos grupos *tç*, *tz*, *kr* admittidos como especiaes ao Kiríri — (Baptista Caetano).

* * *

Sem possuir textos bem traduzidos não é possivel aprofundar mais o exame daquelles idiomas novos. Mesmo as approximações acima esboçadas serão sujeitas a revisão, quando houver material linguistico maior.

Approximações Linguisticas

	NB. KÔKÔZU'	NB. ANUNZÊ	NB. TAGNANÍ	NB. TAUITÊ	(MARTIUS) — CHICRIABÁ	(MARTIUS) — CHERENTE	(MARTIUS) — CAMACANS	(EHRENREICH) — KARAIÁ	K. V. DEN STEINEN — SUIÁ
Genitalia	—	—	—	Taguiri	D'agri	—	—	—	—
Peito	Toanunkizú	—	—	Tanakaindê	—	Dajukudá	—	—	—
Cobra	Tiçú	—	—	—	—	—	Ti	—	—
Milho	—	—	Ketú	—	—	—	Kechu	—	—
Perna	Toaçuçú	Uaçuzê	Uaduri	Talahendê	—	—	Guang-getsú	—	—
Boca	Toaiuçú	Uaiuarê	Uaiuri	—	Daidana / Datohá	Dageau	—	Waru	Wanakoni
Dente	Toaiuiçú	—	Duuirú	Taiú-iri	—	—	Aenköh-tciokah	Wa-idzu	Woatoá
Arvore	Içú	—	—	—	—	—	—	Iô	—
Lingua	Toaio-herú	Uauizê	Uaihendê	Taiú-hendu	—	—	—	—	Wanuotó

* * *

A respeito da collecção do Museu cabem aqui as seguintes notas.

Os arcos dos indios da Serra do Norte (*Hukiçú*) são de ipé, muito longos, de 1,70 a 2 metros, de secção semi-circular. De todas as tribus do Brasil, só a dos Katukínas, do rio Purús, usa amarrar de modo semelhante a corda ao redor da arma. (3.686).

A fórma da secção transversal é, porém, diversa; o arco dos Katukínas é quadrangular.

Fizemos experiencia afim de avaliar, approximadamente, a força necessaria para dar a um arco a indispensavel efficiencia.

Para obter, em um delles, medindo 2,38 de comprimento, por 0,047 de maior largura, corda de tucum com 0,002, uma flecha de 50 centimetros, foram necessarios 66 kilogrammas de tracção dynamometrica.

Ao atirar, o indio emprega o *modo mediterraneo* (4º modo de Morse): arco vertical, flecha encostada ao seu bordo esquerdo, presa, pela base, entre o indicador e o médio da mão direita.

Na America este methodo é peculiar aos Eskimós; os «Pelles Vermelhas» empregavam outros. No Brasil, nenhuma tribu delle se utiliza, ao que pude verificar; nossos indios atiram a flecha, em geral, pelo terceiro dos methodos systematizados por Morse.

* * *

Hermann Meyer, a quem devemos um minucioso e interessante estudo de arcos e flechas do Brasil, classifica os arcos em cinco grupos:

1º. *Arco Peruano* — Secção quadrilateral ou elliptica. Quasi sempre feito de madeira negra da palmeira Chonta.

2º. *Arco Brasileiro-Septentrional* — Secção semi-circular. Madeira vermelha escura, alizada, de uma arvore leguminosa.

3º. *Arco da Guiana* — Secção parabolica. Gotteira na face anterior. Madeira parda escura. Pequeno.

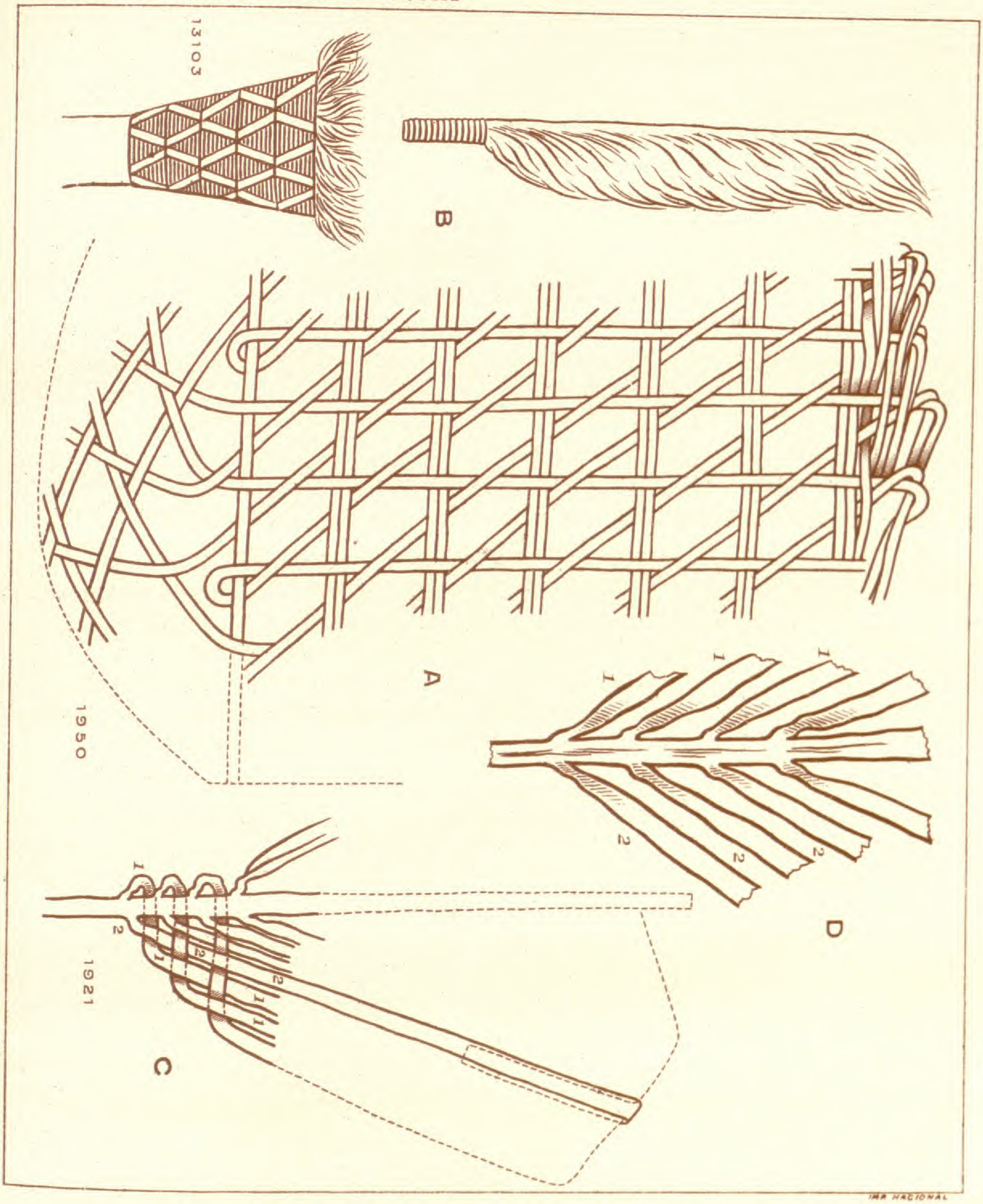
4º. *Arco do Chaco* — Secção circular. Madeira vermelha. Pequeno.

5º. *Arco Brasileiro Oriental* — Madeiras diversas. Divide-se este em dois sub-grupos, ligados aos arcos do Xingú, ao Norte, e aos dos Kamé, ao Sul. Para o Occidente, comprehende desde o arco liso, forte, cylindrico, até ao rodeado de cipó, dos Bôrôros. Para o Oriente, abrange os arcos dos Gês. Os Tupís, do Paraguai, acham-se no ramo oriental deste grupo.

Além dos cinco typos, Meyer distingue os que correspondem aos Matacos, Fueginos e Centramericanos.

* * *

A secção transversal colloca o arco dos Nambikuáras entre os do segundo grupo de Meyer. E' mesmo bem semelhante á dos arcos Mundurukús



IMP. NACIONAL

INDIOS DA SERRA DO NORTE

A.– *Trançado das cestas feitas com o caule voluvel de um* <u>*Desmoncus*</u>.

B.– *Detalhes do pennacho nasal.*

C e D.– *Trançado de um abano, feito com uma palma.*

(14.026). O enrollamento da corda obedece á pratica das tribus em que se encontra o *Perutypus*, do mesmo ethnologo.

* * *

Meyer classifica as flechas do Brasil em sete grupos, hoje insufficientes porque outros typos foram encontrados depois da sua publicação. Comtudo ali se encontram as principaes caracteristicas das nossas flechas. A base desta divisão é a emplumação das armas:

1°. Typo — *Emplumação Brasileira-Oriental* ou *Tupi-Gê* — Pennas inteiras, presas com fibras. Base revestida de fios enrolados. Pequena pennugem na base.

2°. Typo — *Emplumação da Guiana* — Uma penna, fendida ao meio, longitudinalmente, fornece duas porções que são presas á haste por anneis de fibras passados em differentes pontos. Na base da flecha, ha um fragmento de madeira onde existe um entalhe para receber a corda.

3°. Typo — *Emplumação do Xingú* — Duas meias pennas, como no typo anterior, presas por fios que atravessam a espessura da haste da flecha.

4°. Typo — *Emplumação dos Araras* — Duas meias pennas longas presas, de espaço a espaço, por anneis de fibras; na base, um segmento da haste revestido de fios.

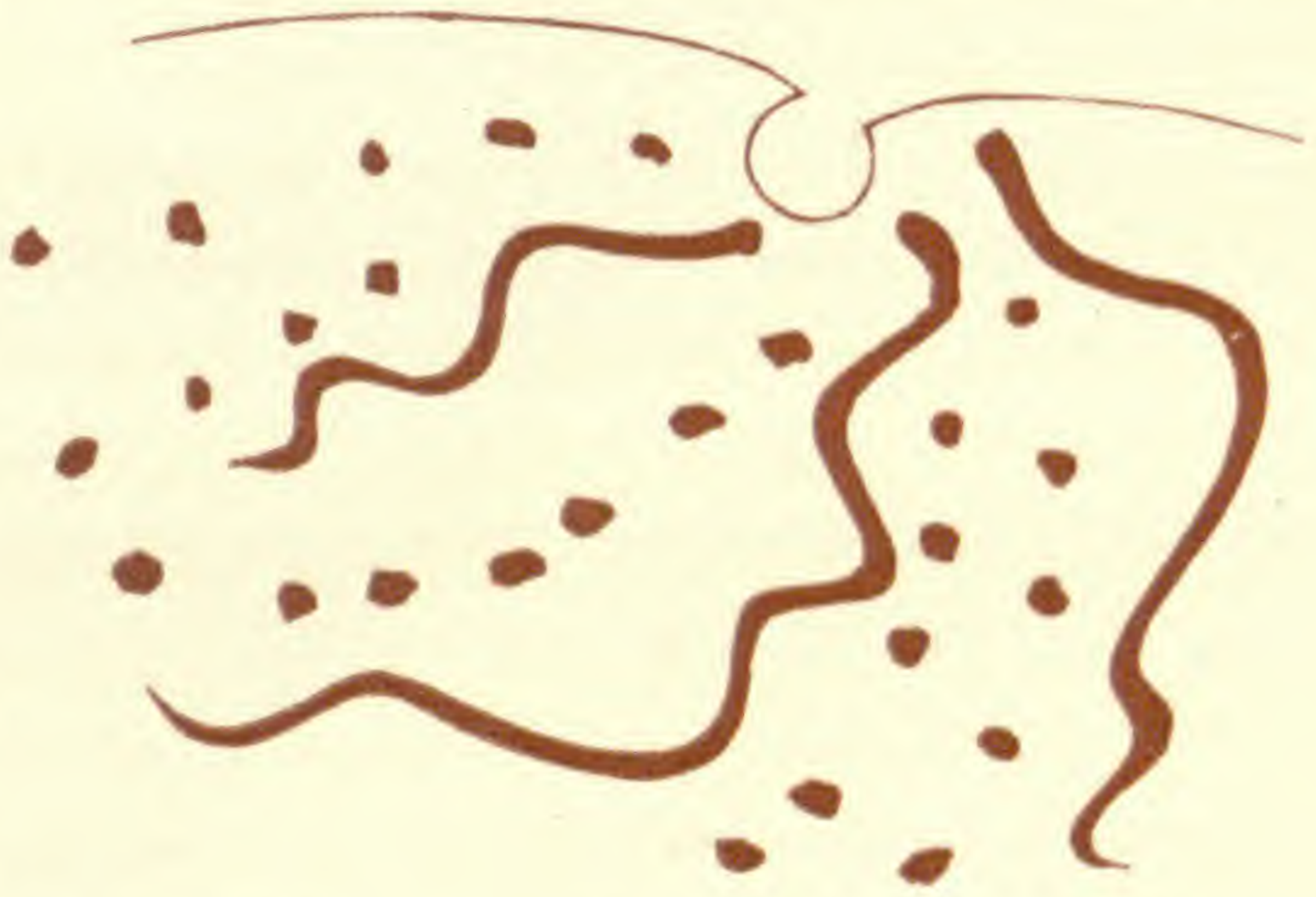


Fig 71 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte.
(Coll. Rondon — Museu Nacional — 12004)

5°. Typo — *Emplumação Mauhé* — Semelhante ao n. 1. Duas pennas inteiras, presas no apice e na base. Na base da flecha, um fragmento de madeira dura, com entalhe para a corda.

6°. Typo — *Emplumação Peruana* (*com fibras*) — E' muito semelhante ao 1° typo. Só se encontra no Ucaiale.

7°. Typo — *Emplumação Peruana* (*com resina*) — Este acha-se dividido em dois grupos: Septentrional, pertencente á Amazonia e Meridional, encontrado no Chaco. Caracteriza-se pelo preparo das pennas, fendidas longitudinalmente e depois raspadas até ficarem reduzidas ás camadas superficiaes. São então amarradas em espiral, sobre a haste, e mantidas por fios e rezina preta.

* * *

A emplumação das flechas dos indios da Serra do Norte pertence claramente ao 7° typo.

Nossa collecção possue *flechas de guerra*, *flechas de caça*, e *flechas de pesca*. E' certo, porém, que essa divisão não é sempre mantida; e, quando se faz preciso, os indios empregam, indifferentemente, qualquer typo.

Aniêçú é a flecha de ponta de madeira vermelha, cylindrica, lisa, com que caçam macacos (2.111).

Uaeliçú tem ponta aguçada, feita de taquarussú (*Merostachys sp*). Serve na guerra e na caçada aos grandes animaes: capivara, anta, onça. Sangra largamente a victima, e por isso é usada para abater as grandes peças. Entre a haste e a ponta ha uma porção intermediaria, de madeira vermelha, destinada a enrigecer a faca de taquara, tornando-a mais efficiente. Ainda assim, muitas vezes quebra-se (1324).

Aiêuinçú é flecha de ponta lisa, munida de uma farpa na extremidade.

Arukirikatçú é typo perfeitamente original. Tem uma serie de farpas presas com fios e breu. E' revestida de um enducto negro que os indios suppoem toxico; por isso protegem-lhe a ponta com bainha, feita de colmo de taquara (11.487). E' arma de guerra.

O veneno das flechas nambikuáras é inocuo...

Aieraçú, é flecha de ponta embollada, destinada a contundir as aves que desejam apanhar vivas, ou livres de sangue, que mancha as pennas (14.010). Muitas vezes empregam para o mesmo fim uma flecha de ponta lisa, que na occasião envolvem numa pelota de palha (11.625).

Especialmente destinadas á pesca, e perfeitamente originaes, são algumas flechas de ponta dupla, triplice ou quadrupla, munidas de uma farpa de osso (11.614 a 11.621). Algumas têm pennas na base, outras não. Lembram certas armas figuradas em «Voyage a Surinam», de Benoit, pertencentes aos Karaíbas. E, por outro lado, têm muitos pontos de semelhança com arpões eskimós, destinados á caça de aves marinhas, atirados com estólica.

A haste de todas as flechas da Serra do Norte é feita de taquara fina, (*Arthrostilidium sp.*). O cipó imbé (*Philodendron imbé. Mart.*) fornece tiras resistentes com que fixam as diversas partes da arma.

* * *

Um typo de flecha com a ponta achatada e provida de alguns pares de farpas, que o Museu Nacional recebeu com as primeiras collecções da Commissão Rondon, não é proprio dos Nambikuáras. Representa tropheo guerreiro (1955).

* * *

Armas de ataque e defesa, toscas em extremo, são os cacetes (11.925), simples fragmentos de ramos fortes, cortados na occasião.

IMP. NACIONAL

ORNATO NASAL DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Rondon - Museu Nacional - 2254)

Uma clava trabalhada e polida, revestida de tecido de palha do typo karajá (11.933), é manifestamente exotica; foi parar ás mãos dos Nambikuáras fortuitamente, tal como deve ter acontecido a um pente de madeira (12.046).

* * *

Os machados de pedra lascada têm typo uniforme.

Todos de *diabase*, cuneiformes, pesam dois kilos, em média.

São encabados num pedaço de caule voluvel, talvez de uma *Bauhinia*. O breu e os laços de fios, postos para fixar a pedra, dão ao instrumento solidez surprehendente (11.958).

Conseguimos trazer, da Serra do Norte, um fragmento de arvore abatida pelos indios com o seu machado de pedra; figura na collecção do Museu sob o n. 13.333.

* * *

O breu é feito de resina de almêcega — (*Protium sp.*), jatahy — (*Hymenea courbaril*) e cêra, levando ainda outras substancias desconhecidas. Soffre acção do fogo em panellas pequenas (2.259). E' conservado em bollas, presas a tiras de embira (13.235), ou em pães envoltos em folhas (13.213). Tanto o *veneno* das flechas, quanto o mesmo breu dos machados, são denominados *Duhutaarú*, que quer dizer : cêra.

* * *

Tephrosia toxicaria — é leguminea venenosa, especie de *Tingui*, com que os indios pescam. Foi reconhecida pelo Sr. F. C. Hoehne, que, com o Sr. G. Kuhlmann, determinou a maior parte do material botanico da nossa collecção.

* * *

Não conhecem anzol, mas empregam, na pesca, uma especie de cóvo, feito de taquara ou do caule do cipó Titára (*Desmoncus sp.*), (13.211).

* * *

Productos alimenticios, existem na collecção:

Guiatú — Milho branco — (2.272).

Urinodzú — Massa de mandioca — (*Manihot sp.*). (2.262) — O exame microscopico mostra ser muito rica em grãos de amilo. A raiz, depois de ralada, é expremida numa fita de palha — *Çaarú* (13.225). O ralo (13.215) pertence ao typo usado pelos indios do Xingú — (Suíás, etc.). E' formado por uma plancha em que se fixam cerca de 20 filas de palitos.

As lagartas de uma borboleta (*Brassulinae*) — (5.774) — que comem vivas;

Katunuzú — terra dos formigueiros, argila que tambem comem — (13.230).

Amostra de restos de sua alimentação figura no Museu, sob o n. 13.231.

* * *

Um cogumello *orelha de páo* (*Polyporus sp.*) utilisado na alimentação, e feijões de aspecto exotico (*Phaseolus sp.*) (2.264) foram igualmente achados numa aldeia.

Merece especial menção a cabeça moqueada de um tamanduá bandeira (*Myrmecophaga*) (1934), encontrada numa cesta, por Miranda Ribeiro, na expedição de 1909.

* * *

Por meio do fogo escavam pilões (*Nutêzê*) — (11.931) — em que socam a carne e outros alimentos.

Fazem fogo com bastões de almêcega (*Protium sp.*) — (2.232) e resguardam as pontas dos ignigenos envolvendo-as na palha, para que se não molhem com as chuvas.

* * *

A cultura da terra é realizada por meio de um bastão aguçado (11.923). Sementes de urucú (*Bixa orellana*), de cabaça (*Lagenaria sp.*), de algodão (*Gossipium arboreum*), são guardadas em bolsas de folhas (2.260, 1.927).

Conservados, tambem fructos medicinaes — (*Solanum mammosum*) — (1923), raizes, folhas (1943), etc.

* * *

Ha, na collecção, duas amostras de corantes; uma pasta de urucú e gordura, suavemente perfumada, com que as indias se pintam, depois do banho. *Huduhukaidi* (13.229), e uma variedade de ocre vermelho (13.241).

* * *

O tabaco (2261) acha-se em cigarros, ou em folhas, mettido entre duas varas (13.250) para seccar.

* * *

O algodão, no Museu, encontra-se bem representado: caroços de algodão, variedade *rim de boi*, conservados em bolsa de folhas (13.227); fio de algodão (*Kondzú*) obtido no fuzo (*Gdaretatú*) (13.216); meada de algodão fiado (13.058); novello de algodão (12.047); tecido de algodão (*Sareguêzê*, faixa para carregar crianças).

O fuzo é uma lasca de palmeira embutida num disco de ceramica, caco de panella velha...

* * *

Kaleçú — são os fructos da *Lagenaria sp.* de que fazem reservatorios e vasilhas (12.002). Algumas contem fumo picado grosseiramente (1.919) e são arrolhadas com sabugo de milho, processo que os sertanejos usam muito.

* * *

Atavios rudimentares, merecem analyse, pela originalidade do material de que são feitos alguns collares: formado por pequeninos fiapos de substancia cornea dos tubos das pennas o de nº. 12.417; cordas enfeitadas com pellos de *Pithecia satanaz* (952); collar de dentes de macacos (12.851); feitos com sementes de uma *cyperacea* (*Tanieikêrê*) (13.549), tambem usada pelos Suiás do Xingú (3.656 — Collecção Paula Castro-von den Steinen 1884); collar de contas negras, feitas de côco (4.218); collar de taquarinha (12.265); collar de nacar de conchas fluviaes (12.071); collar feito com as sementes de uma sapotacea (*Lucuma sp.*). (*Irunguinindê*).

* * *

Oradaikruzê — (13.083) é linda pulseira feita com os anneis da cauda do tatú canastra (*Dasypus gigas*). Parece objecto de marfim. Outras são feitas dos côcos do Uauassú ou Pindoba (*Attalea speciosa*).

Ligas humeraes são feitas de algodão e têm o fecho semelhante ao das parecís (12.165).

* * *

E' singelo manto de fibras, muito usado, preso ao pescoço e pendente sobre o dorso, o *Ialaçú* (12.460). De pennas negras é o manto registado sob nº. 13.109.

* * *

Brincos triangulares, são feitos de nacar (12.276).

Cavilhas para o septo nasal e para o labio superior, estas muito mais finas e longas do que as primeiras, acham-se em grande numero (12.202)-(12.205). São feitas de taquarinha ou do colmo de um capim resistente (*Andropogon ?*).

O mesmo material fórma a haste do *Unetizú*, pennacho que usam no septo nasal (13.103). Ha na collecção alguns pingentes de pennas de tucano (12.087), algo parecidos com os da Guiana. Capacetes feitos do couro da onça (12.050), (13.206) vermelha ou pintada — (*Felis concolor* e *F. onça*) representam material interessantissimo, inusitado, naquella região, a não ser pelos Nambikuáras e pelos Kaiabís do Paranatinga.

* * *

Os trançados dos indios do Brasil foram systematisados por Max Schmidt, que os dividiu em dois grupos principaes:

1. Palmblattflechterei — (Trançados de folhas de palmeiras).
2. Doppelfadengeflechte — (Trançados de duplo fio).

E admittiu um terceiro grupo, no qual dois elementos do trançado em differentes direcções, são atravessados por um terceiro. Este typo apresenta-se frequentemente no Xingú, e se acha representado nas collecções do Museu de Berlin (Berl. Mus. V. B. 4331, 4391, 2841). E' trançado caracteristico, elementar, que encontramos nas cestas dos nambikuáras (*Atiçú*) — (1950).

O material usado pelos nambikuáras é taquara, ou mais frequentemente, *cipó titára*.

* * *

Nos trançados de folhas de palmeira a unidade primordial resulta do grupamento de tiras, duas a duas, formando o que Max Schmidt denominou: *Geflechts-viereck*, que poderiamos chamar: *quadrilatero de Schmidt*. Estes se desenvolvem como cellulas de um tecido, conservando o mesmo typo, baseado naquella figura geometrica, que ora é um quadrado, ora um parallelogrammo. Nos abanos dos nambikuáras (1921) feitos com folha de bacába (*Oenocarpus sp.*) os foliolos passam para o lado direito do peciolo, segundo o schema junto. Tem forma pentagonal; e, por isso tambem se parecem com abanos que o Museu Nacional possue, na collecção Paula Castro, vindos do Xingú (13.615).

* * *

Um typo de flauta nasal (11.235) — (*Hait-tealaçú*) — formada por discos de cabaça, parece-me importado dos Parecís.

Importação das tribus do Tapajoz (Mundurucús, Mauhés, etc.) são as flautas duplas (2.266).

* * *

Algumas peças da nossa collecção têm especial valor, porque documentam o processo de aculturamento material daquelle povo segregado. São, de um lado, objectos em que se nota o aproveitamento do ferro, encontrado por acaso, nos trilhos de caçadores e seringueiros; por outro lado são artefactos de imitação, nos quaes se reconhece a mão inhabil do primitivo, desejando copiar productos de uma industria mais adiantada, e repetir fórmas de uma arte superior á sua.

A contrafacção é visivel nos diademas que procuram imitar, grosseiramente, os de numeros 13.110, 13.111 e 12.051, encontrados entre

IMP. NACIONAL

DIADEMA DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Coll. Mus. Nac. n.º 2251)

elles, mas que, manifestamente, são productos importados, ou antes conquistados á tribus septentrionaes, em que o trabalho das pennas attingiu outro desenvolvimento.

Tendo aprendido a gosar as vantagens do chapéo de que usamos, apreciam muito tal peça do nosso vestuario; e, por isso, um indio infeliz, a quem não se deu por brinde um dos taes, tratou de o compor para seu uso, trançando folliolos de bacába.

IX

COMEÇARAM as primeiras chuvas da estação.

Os muares, abatidos, soffriam grandemente; quando caía a carga d'agua procuravam abrigo debaixo de uma arvore, ou mesmo em qualquer moita; e lá ficavam somnolentos, olhando o pasto sem verdor, mal abanando a cauda gotejante, com o pello arrepiado.

Mau signal. Resolvemos despachar para Tapirapuan as collecções.

Quando imaginava que tudo aquillo, peças que nenhum museu ainda possuia, material absolutamente novo, podia ficar abandonado á beira da estrada, si a tropa esmorecesse... tinha impetos de abandonar os indios e seguir atráz das collecções, documentos do seu viver.

* * *

Na volta, pousamos no Urutáo, entre o Primavera e o Juina, onde passava um trilho que ia dar numa aldeia onde estivera prisioneiro durante seis mezes, o soldado Gouveia. Vivera sempre vigiado, trabalhando para os indios, escravisado. Um bello dia fugiu. Foram-lhe os selvagens no encalço e o feriram, com uma flechada na região lombar. Assim mesmo, conseguiu chegar a um pouso onde havia tropeiros descansando. Um outro soldado, tambem retido, procurou seguil-o e caiu varado. Gouveia fôra considerado *desertor*, em virtude do seu desapparecimento. Apezar da gravidade do ferimento, salvou-se. Em seis mezes de convivencia quasi nada tinha conseguido apanhar a respeito da vida dos indios; da sua lingua só conhecia meia duzia de vocabulos. Em compensação, ensinára alguns termos portuguezes a um nambikuára dessa aldeia do Urutáo, á margem do Juina, rapaz que se chamava a si mesmo «Paixão», do nome de um sargento do 5º Batalhão de Engenharia, que fôra encarregado do posto daquelle rio.

O tenente Pyrineus havia estado nessa mesma aldeia, quando passou de Campos Novos para o Rio de Janeiro, em 1911; os indios o conheciam do tempo em que estivera dirigindo a invernada.

A exemplo de seus amigos do grupo Anunzê, do rio 12 de Outubro, chamavam-no «Pirinô» e o attendiam... ás vezes. *Nuléke* e *Krikricêk-nerá* são dois amigos certos que o meu companheiro tem na Serra do Norte, entre gente nambikuára.

* * *

De todos, os grupos mais ariscos, e mais traiçoeiros, são exactamente os que moram para os lados do Guaporé, e os das margens do Juruena e do Juina. Foram destes ultimos os atacantes de Rondon, em 1907, os aggressores do tenente Nicolau Horta Barbosa, dos soldados Rozendo e Gouveia, os incendiarios e assassinos do posto do rio Buritî, ao Sul do Juruena, e do posto do rio Juina.

Na opinião unanime dos tropeiros, eram os *indios do Urutáo* os mais insolentes e os mais atrevidos e malvados. Mais de uma vez um influente dessa aldeia, a quem chamavam «Cavagnac», por ter alguns fios de barba sobre o queixo, havia tomado, á alguns tropeiros, toda a roupa e mantimentos, deixando-os, depois, irem-se embora, inteiramente nús. Naturalmente, verificando que os sertanejos, por cumprir ordens, não reagiam, os indios maus aproveitavam.

Tudo isso era de molde a moderar nosso enthusiasmo pela visita á aldeia do Urutáo; mas... a coragem, muitas vezes, é apenas curiosidade.

* * *

Pyrineus apontou o trilho por onde passára, no anno anterior. Fomos andando cerca de duas leguas. Era demais, pelas contas que fazia. Voltámos. Ou a maloca tinha sido transferida para outro sitio, ou nós nos tinhamos enganado. Carregámos nossas montarias com o maior numero de brindes que nos foi possivel arranjar, vasculhando as canastras.

Seguimos de novo.

Partindo do poste telegraphico numero 4930, rumo Sud'Este, á distancia de tres leguas, atravessámos o rio Urutáo e, depois uma grande mata, percorremos uma picada mal aberta pelo passo dos indios e cahimos num cerradão. Um pouco além começaram a apparecer, na areia, rastros de muita gente; e longe, mal distincta entre as moitas, surgiu a triste aldeia: duas cabanas erguidas numa praça redonda e limpa.

A' certa distancia difficilmente se descobria a maloca, no fundo impreciso, acinzentado, da vegetação. Assim como as casinhas de certos insectos

Na porta de casa...
(Aldeia do rio Juina)

Casal de Kôkôzús

Indios Uaintaçús
(no posto de Campos Novos)

Mulheres Anunzês

MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

adquirem a côr e o aspecto do meio, mercê do que se protegem, promove-se tambem a homochromia da habitação humana.

* * *

Pouca gente. Estavam quasi todos caçando e cuidando das roças. Um homem, robustissimo, um rapaz, o tal *Paixão*, e dois velhos. Algumas mulheres e poucas crianças. Muitos outros foram chegando mais tarde, no correr do dia. Ficaram alegres com a visita. Ajudaram-nos á desarreiar os animaes. Offereceram-nos os seus cigarros de folhas. Foram buscar uma grande cabaça com hydromel, onde boiavam pedaços de cêra e fragmentos de filhotes de abelhas. Beberam e... bebemos.

As mulheres, mais que depressa, puzeram-se a ralar mandioca e, dentro de pouco tempo, traziam-nos alvissimos bolos de polvilho sobre folhas de pacóva, que pareciam flores de alva corolla em calice verde claro.

Passámos nessa aldeia dois dias e uma noite. E quando voltámos, para continuar a descida, um grande grupo seguiu comnosco a fim de receber presentes, que deviam estar á nossa espera no posto do Juina.

* * *

Para atravessar o rio Formiga, na volta, já custámos um pouco mais; as primeiras chuvas do verão haviam incrementado seu volume, a planicie das suas margens, especialmente a da esquerda, fôra invadida.

Para as tropas, o Formiga, normalmente, não é dos *nados* peores.

No Juruena fomos hospedes, mais uma vez, do tenente Xavier Sampaio, que hoje dorme debaixo daquellas terras por cujo progredir sacrificou, como tantos outros, sua vida moça.

Felizmente no mesmo dia da nossa chegada vieram os indios da margem direita do rio e em vez de gritar, como os outros: — Nen-nen !, chegavam cantando, alto, em melopeia:

— *Náu-êê! Náu-êê! Náu-êê!*

No entanto muitas vezes escutei esta palavra dita pelos de Campos Novos. Creio que se trata do vocabulo parecí *amigo*, de que os nambikuáras se servem para demonstrar sentimentos de paz.

Para conhecer melhor o grupo da margem direita do Juruena, resolvi descer pela picada da linha até Utiarití e passar de lá a Tapirapuan.

Utiarití é a primeira estação aquem de Juruena.

Desta ultima fomos pousar no rio Sapesal, Saué-iná dos indios Parecís. Pouco antes de chegar ao rio, a picada, acompanhando a serra, baixa bruscamente para atravessar um valle colossal; o mesmo que, na ida, avistaramos, do outro lado, logo após o pouso do Uáikoákorê.

Pelo caminho que seguiamos agora iamos cortar, muito mais em baixo, todos os cursos d'agua cujas cabeceiras atravessaramos na ida, de Aldeia

Queimada ao Juruena. Riachos modestissimos, que viramos ondular quasi á medo nos seus primeiros kilometros atravez do chapadão, fomos encontrar, na Estrada Rondon, rios feitos, ousados, insolentes, vultuosos, despencando-se de alturas consideraveis em *saltos* phantasticos, cachoeiras maravilhosas.

Rios que conheceramos na indigencia do seu principio, eram, agora, senhores daquellas terras, cheios de brilho, de poder e de fausto.

No Sauêuiná, muito *capim membéca* e *cipó titára*.

A ponte da Estrada Rondon sobre esse rio aluira-se, ao embate da cheia; não resistiu ao peso dos nossos cargueiros. Cedeu. Quasi perdemos tres bois afogados. Algum material, infelizmente, foi pela agua abaixo. Os outros bois então, passaram a nado; e a carga, ás costas dos tropeiros, foi conduzida para a outra margem sobre uma longarina que ficou da ponte.

E' um espectaculo emocionante o «nado» de uma grande boiada, que cruza um rio de forte correnteza.

Nos «passos» em que ha «nado» forçado levanta-se, sobre a barranca, um curral communicando com o rio, onde se ajunta o gado. Os vaqueiros, atrás das rezes, erguem berreiro infernal para atarantar os bois e amedrontal-os, espantal-os, no que são bem ajudados pelo latir furioso dos cães. E a pobre boiada, aperreada, segue aos trancos, em massa, deixando apenas, na superficie, os focinhos luzidios e negros, e as pontas das guampas, que mais parecem ramos desfolhados de uma arvore que desce ao léo das aguas.

Entra em certo ponto de uma das margens e, levada pela correnteza, attinge a outra margem em lugar muito mais baixo; quando o rio é largo e caudaloso, a differença chega a algumas dezenas de metros.

A's vezes o barranco onde devem saír d'agua os animaes é talhado a pique, não apresenta praia, e os bois ficam luctando com o rio, até conseguir um ponto de apoio que lhes permitta salvação. Então os sertanejos temem pela vida das rezes, porque, segundo dizem: *O boi se afoga pelo rabo...* Durante o banho involuntario, vai-se-lhes o recto enchendo d'agua e augmentando o proprio peso, provocando a submersão do corpo todo...

Si é uma tropa de muares, ou de cavallos, quasi não é preciso o apparato, e a gritaria é dispensavel; um tropeiro cai n'agua, puxando a «madrinha» pela ponta do cabresto, que segura entre dentes, enquanto nada. Os outros animaes seguem-na, como sempre.

* * *

Nossas provisões já se tinham tornado escassas. O assucar começou a faltar e appellámos, mais uma vez, para o mel delicioso da bojuí preta, da borá regina, da jatí.

Os meladores derrubam a madeira, que, ás vezes, é velho tronco morto de ipé, de jatobá, sem folhas e sem verdor, onde as abelhinhas escondem seu thesouro. Abrem, depois, a cavidade onde se ajuntou o mel fragrante. E retirados *mel* e *mingáo*, que é o própolis, os meladores, para approveitar as ultimas gottas, passam pelas anfractuosidades da madeira um «chupão» que depois levam á boca.

«O chupão» dos meladores é uma especie de pincel, feito de um fragmento de caule herbaceo, que recortam e repicam numa das pontas, eriçando-o de barbulas.

* * *

Um dos nossos homens, no Sapesal, teve accessos de paludismo em condições que não posso deixar de referir.

Era antigo impaludado. Havia annos, porém, que não fôra atacado. Fazia, como os outros, a prophylaxia quinica e mecanica. Tomava, diariamente, 0,25 de chlorhydrato de qq.; dormia debaixo do mosquiteiro, proximo de outros velhos paludicos.

Ora, desde alguns dias não encontravamos anophelinas, enquanto que achavamos em abundancia *mosquitos-polvora* e *borrachudos*.

Não serão elles tambem transmissores do hematozoario, simples vehiculos, differentes, embora, das anophelinas, que são mais do que isso, visto como representam *meio* vital, em que se passam phenomenos de desenvolvimento physiologico do parasita? Não haverá simples transmissão de merozoitos vivos?

Fig. 72 — *Chupão* dos sertanejos meladores.

* * *

No passo do rio Burití existe um posto guardado por dois soldados incumbidos da canôa. Havia cerca de dois annos que ali estavam. Nunca tiveram febre alguma. Colhi, todavia, diversas *Cellias* ali mesmo. Dormem sempre, naquelle passo, tropeiros e funccionarios da linha, qual mais impaludado.

Certo não desejo com estas simples annotações do meu caderno, traçadas com a preoccupação absoluta da pura verdade, fornecer elementos para bater a theoria corrente que os trabalhos de Manson, Ronald Ross e Grassi estabeleceram de modo inconteste. . .

Mas prestaria um mau serviço calando, por amor das formulas, um facto que me assaltou em meio da minha convicção.

Não serão tambem os borrachudos transmissores do paludismo?

* * *

Para o archivo de expressões sertanejas:

— Elle vai d'aqui ao Juruena num dia?

— *A'dio! Não vai!*

— Elle póde com esta canastra?

— *A'dio! Não póde!*

* * *

A eliminação do artigo, no inicio da oração, é frequente:

— *Boi rodou p'lo rio abaixo.*

— *Boi pulou o dia inteiro.*

* * *

Os Nambikuáras, desde a primeira vez que viram boi, tiveram medo de tão extranho animal, possantemente armado de grandes cornos. Do burro, ao contrario. Acharam-no parecido com a anta; e devoram os muares da Commissão Rondon... De vez em quando, das invernadas, some-se uma besta gorda. Os campeiros vão achal-a alguns kilometros além da linha, no moquem dos indios, diante de um toldo de folhagem, em via de ser devorada. Essa predilecção é mais um elemento para difficultar a conducção do material na Serra do Norte; porque, com os bois de carga, frequentemente, por necessidade, faz a nossa gente outro tanto...

Algumas leguas depois do Pouso do Catingueiro, antes de chegarmos á estação de Utiarití, no meio da picada aberta no charravascal, avistámos, ao longe, um grupo de nambikuáras correndo ao redor de um cavallo. Comprehendemos logo que se tratava de um animal da estação, que haviam furtado para comer naquelle logar; caminhámos o mais depressa que pudemos, fazendo acenos e gritando:

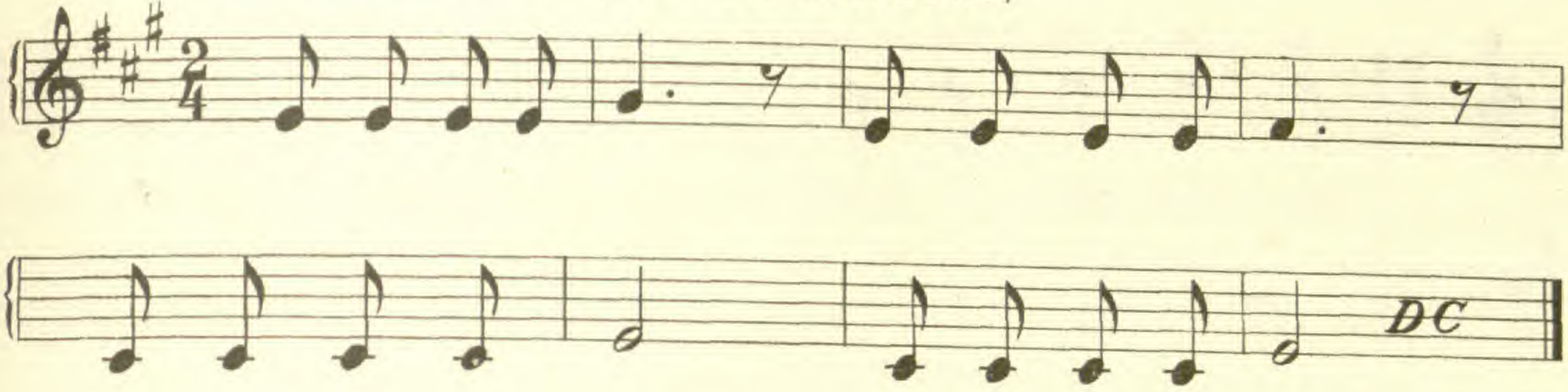
— *Náu-êê! Náu-êê!*

Como si fossem duendes, os indios fugiram, embrenhando-se no charravascal, sem deixar rastro. Procurámos, todos nós, com afinco, o trilho por onde haviam passado. Nem um signal. A barreira impenetravel de caules entrelaçados e espinhos parecia haver engulido aquelles seis homens. Em pé, pernas abertas para não cahir, arquejante, o pello riscado por alguns fios de sangue a jorrar do pescoço, da anca e da barriga, um triste pedrez, magro e pisado, tremia num arrepio immenso, como si fosse um grande cavallo de gelatina.

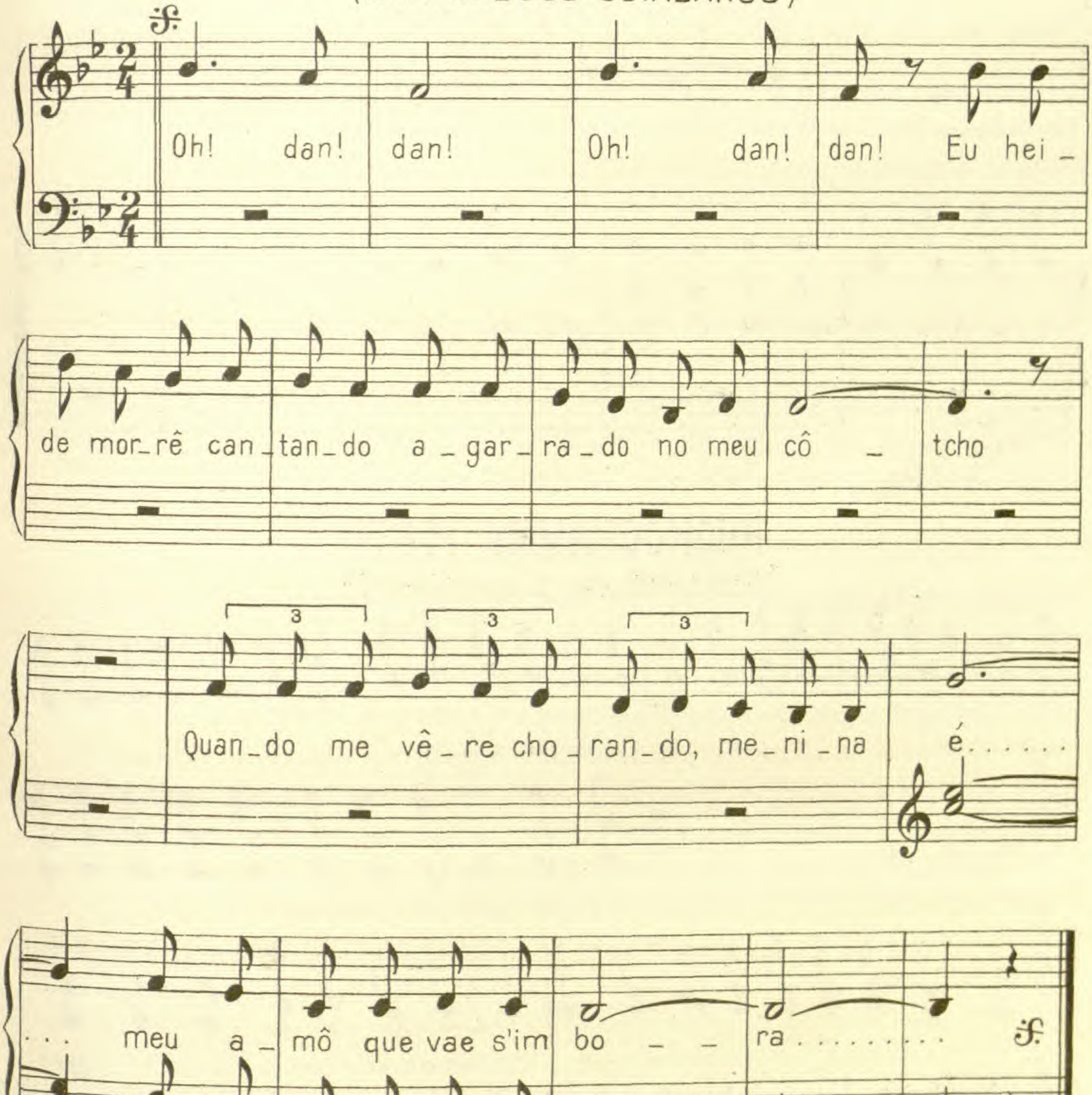
Das feridas surgiam, oscillantes, ensanguentadas tambem, longas flechas retidas no corpo do animal pelas farpas agudas.

Extrahimol-as do misero cavallo. E fomos andando lentamente, dando-lhe tempo para que nos acompanhasse no seu passo de moribundo. Sempre a tremer, ia arrastando o corpo. Parava um pouco. Depois seguia

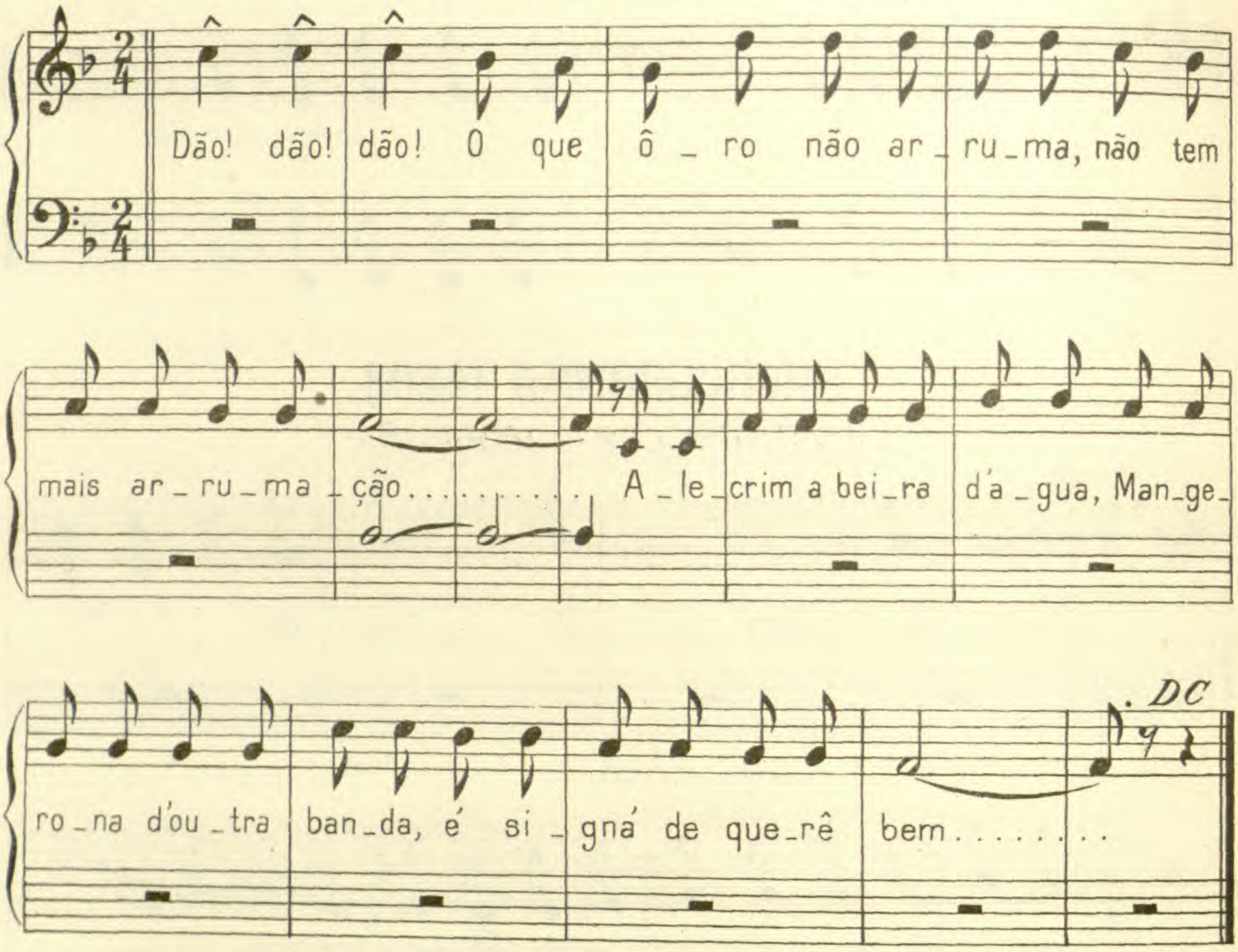
PHONOGRAMMA 14.607
(INDIOS PARECÍS)



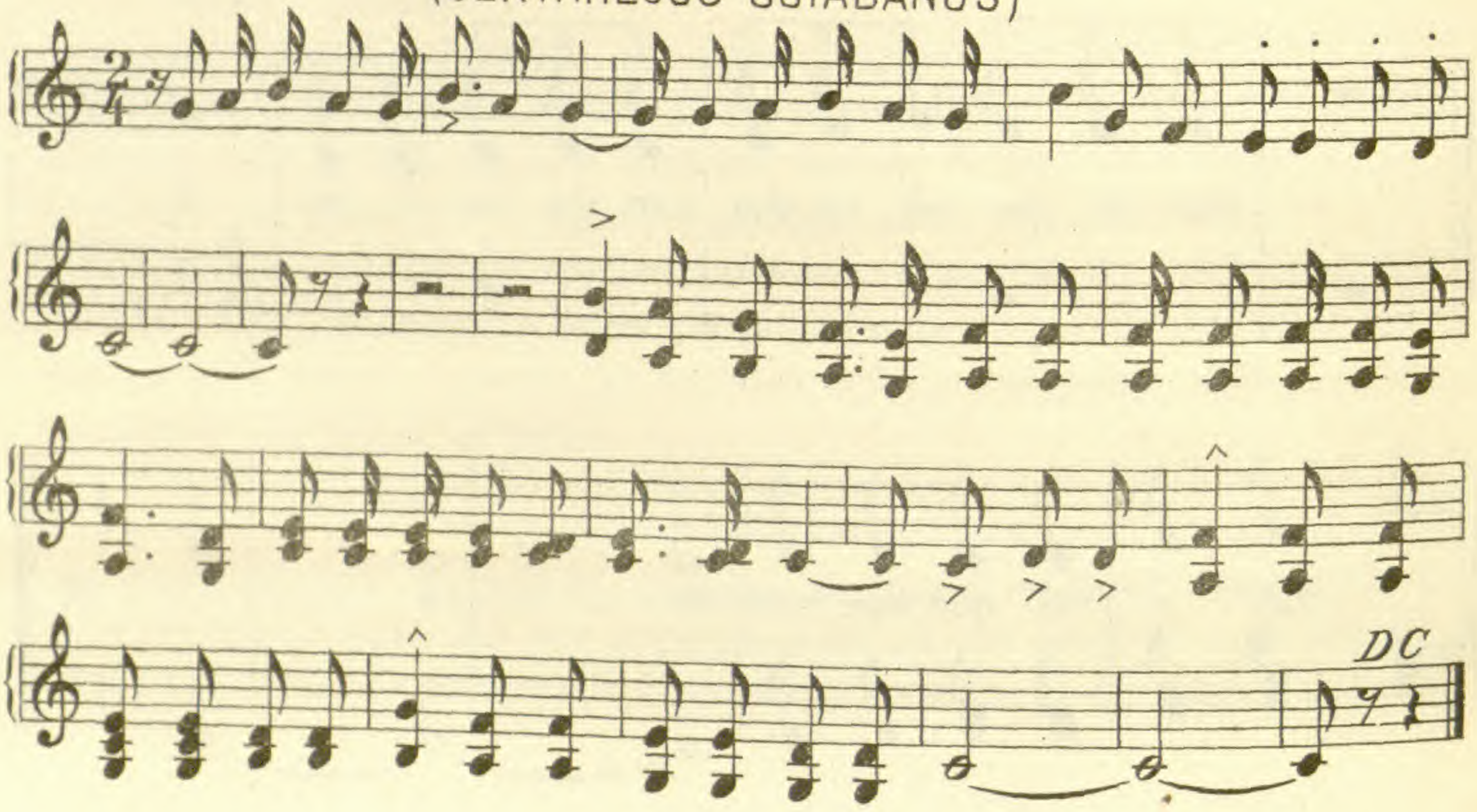
PHONOGRAMMA 14.608
(SERTANEJOS CUIABANOS)



PHONOGRAMMA 14.609
(SERTANEJOS CUIABANOS)



PHONOGRAMMA 14.610
(SERTANEJOS CUIABANOS)



com esforço, como desejando livrar-se, em ultimo arranco, daquelle meio funebre.

Um kilometro mais além, parou, dobrou os joelhos, deitou-se sobre o flanco, e poz-se a tremer ainda mais, e lá ficou morrendo. . .

* * *

Utiarití, onde se ergue uma estação, será, em breve, um povoado daquelle sertão bruto. Hoje é colonia de Parecís do grupo Uaimaré, chefiada pelo major Libanio Koluizôrôcê, meu antigo conhecido do Museu, onde estivera em 1910. Vivem ali, felizes, muitas familias, trabalhando em roças bem mantidas tomadas pela mandioca e pelo milho.

Come-se lá o que Utiarití produz. Já não é pouco. *Brasileiros* havia dois homens; tudo mais era *Pareci*. Milho, para nossas montarias, comprei tambem dos indios. Utiarití, é uma semente forte, sadía, de villa ou cidade, que se plantou naquelle sólo.

O rio Papagaio passa-lhe ao lado, cheio e claro, para despencar-se pouco adiante da estação, no mais lindo *salto* que se possa contemplar na Terra. E quem julgar que traço, nestas linhas, uma hyperbole, tão do gosto de latinos, procure, no meio destas paginas, a evocação daquella maravilha, em pallido esboço que o Sol gravou numa placa photographica, alegria e prazer dos meus olhos.

Escondida na magica belleza da quéda, que não quero amesquinhar em comparações com o quer que seja, porque não sei de outra lindeza igual, vive uma força enorme. A agua espirra, em ducha collossal, de 80 metros de altura por 90 de largura; sua energia attinge aos 80 mil cavallos. Uma estreita calha, escavada na rocha quartzifera que a sustenta, deixa passar o arranco do esguicho immenso.

A denominação que estes indios dão aos seus medicos-sacerdotes, por extensão, serve tambem para baptizar um pequeno gavião (*Falco sparverius*), que é *totem* da tribu.

Na expedição de 1909, chegando ao rio, viram os exploradores sobre uma arvore, ao lado do salto, um pequeno representante da especie. Para a collecção destinada ao Museu Nacional, foi alvejada a avesinha; mas antes que o tiro partisse o indio *Tôlôiri*, Mathias, influente chefe, e guia da columna pediu fosse poupado o utiarití, protestando que, si o matassem, não poderiam ser felizes, nunca mais, porque delle provinham os Parecís. A avesinha não morreu. Rondon, em homenagem a crença dos seus auxiliares, deu aquelle nome ao salto do rio Papagaio.

E foi feliz. . .

* * *

O major Libanio Koluizôrôcê e outros indios empregados na linha, haviam tratado de conseguir, com sua gente, artefactos da sua industria

para a «Casa grande do Governo» no Rio, onde elle vira tanta *coisa de indio*. Era recommendação de Rondon. Foi religiosamente cumprida, tanto mais quanto, pelo assumpto, interessou-se bastante o encarregado da estação, Sr. Lima.

Esse material denota influencia civilizada e certo apuro de fabricação que trahe sua proveniencia; no entanto, é valioso como elemento de comparação para o estudo do progresso cultural da tribu.

* * *

Inimigos seculares, Nambikuáras e Parecís, hoje fraternizam na estação de Utiarití, para onde os primeiros são attrahidos pelas roças dos segundos. Diariamente vem um grupo, das aldeias da margem direita do Juruena, visitar seus visinhos. E' visita interesseira; os Parecís não a apreciam. Primeiro, porque ainda não têm fé nos antigos e ferozes inimigos; depois, porque, perdem grandes quantidades de mandioca, ou milho, além de muitos objectos de ferro e metal, machados, facas, canecas, etc., que os hospedes furtam facilmente. . .

Alguns dos meus *clichés* documentam a confraternização das duas tribus.

* * *

As chuvas eram diarias e torrenciaes. Os bois da nossa tropa, na espinha, frouxos e com o lombo horrivelmente *pisado*, infundiam-nos pouca esperança de chegar á Tapirapuan com todo o material.

Grandes ulceras provocadas pelas cangalhas, logo invadidas pela «bicheira», que vae corroendo os tecidos como broca fatal, adoentavam os cargueiros e nos preoccupavam justificadamente.

Mas uma circumstancia, nimiamente feliz veiu livrar-me dessa oppressão. E terminei o meu «raid» pelo sertão do Nor'Oeste de Mato-Grosso da mais imprevista maneira.

Em Utiarití soubemos que estava no salto Bello do Timalatiá o tenente Amarante; com seus Parecís de Aldeia Queimada, tinha ido abrindo um caminho de automoveis pelos espigões do chapadão.

Nesse automovel, e por esse caminho novo, cortámos o divisor das aguas, com toda a nossa bagagem, pela boa vontade e inesgotavel amabilidade daquelle engenheiro militar.

* * *

O salto do rio do Sangue, Sacre ou Timalatiá, *Salto Bello*, de Rondon, é differente do seu irmão do rio Papagaio; não é mais uma quéda em ducha. E' um lençol d'agua larguissimo, que se dependura na rocha como uma colcha branca, immaculada, numa janella immensa. A agua desce languorosamente, sem violencia, procurando o abysmo.

Indias Parecís pintadas com urucú

Parecí e Nambikuára na estação telegraphica de Utiarití

MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.

1912

Rondon determinou as caracteristicas desta quéda. Tem 40 metros de altura, 117 de largura e força nominal de 35.000 cavallos.

* * *

A abelha que os sertanejos denominam «lambe olho» persegue o viajante pelo chapadão á fóra, procurando agua nas lagrimas que humedecem a conjunctiva, ou no suor.

* * *

«Oncinhas» são formigas quasi tão temiveis quanto a tocanguira. Andam aos casaes, nos lugares sombrios, destacando-se facilmente do «meio» pelas manchas de que seu abdomen é listado.

Chiam fortemente, de modo assás curioso, quando presas.

Em certos pontos, proximos das matas, outras formigas, numa noite, devoram peças e peças de couro, indispensaveis aos transportes.

* * *

Do Sacre á Aldeia Queimada vão cerca de 30 leguas. O automovel fel-as em 41 horas de marcha, carregado com mais de 1500 kilos, passando pela picada aberta em plena chapada, sem caminho regularmente transitavel, andando, ás vezes, pelo cerrado quasi integro. Nas rampas fortes desciamos todos, e auxiliavamos o motor; nos trechos arenosos, tenente Amarante applicava ás rodas do vehiculo um systema de *chaine sans fin* de sua invenção, formando especie de soalho movel sobre o qual marchava o carro.

Até ao alto onde começa o chapadão, no «50», viemos de automovel, com a preciosa bagagem.

Os 30 kilometros de areia fôfa, entre Aldeia Queimada e o kilometro 50, foram percorridos facilmente pelo apparelho.

Rampas formidaveis, como as da «Parição», nesse trecho de caminho arenoso eram vencidas em 1ª velocidade, carro carregado com mais de uma tonelada, de maneira surprehendente.

Para os que tentassem denegrir o seu systema, teria agora Amarante uma resposta cabal:

Um automovel com 1500 kilos de carga transitou perfeitamente em caminho de areia frouxa, de rampas fortissimas, fazendo 30 kilometros em quatro horas de marcha.

* * *

E assim, no fim da minha excursão á Serra do Norte, tomei parte na inauguração de uma estrada nova, fornecendo ensejo a um moço brasileiro, de demonstrar, que estava resolvido, pelo seu esforço e talento, um problema capital para o desenvolvimento de muitas regiões da Terra.

Pelas facilidades que Candido Rondon me proporcionou, pela dedicação do tenente Pyrineus, pela boa vontade de todos os funccionarios daquella empreza sem par, pude realizar, em cerca de cinco mezes, o que exigiria mais de um anno fóra de taes condições.

A rapidez no caminhar era, porém, a chave do successo; um dia perdido traria o comprommettimento do regresso, a perda de collecções e documentos.

* * *

Ao Museu Nacional, além da grande collecção, unica, absolutamente inedita, cujo valor estimo em mais de uma centena de contos, pelos preços correntes, foram entregues algumas dezenas de clichés ethnographicos, de que as provas deste livro dão amostra, films cinematographicos, já exhibidos na conferencia que realizei na Bibliotheca Nacional em 15 de março de 1913, fichas anthropologicas, e phonogrammas com musicas dos indios e canções sertanejas.

Os resultados anthropologicos e ethnographicos da excursão ficam archivados nas notas que aqui se encontram.

* * *

Mas não quero terminar a transcripção do meu caderno de viagem, sem mencionar algumas reflexões, ali existentes, sobre a situação social dos indios e dos sertanejos, sem devaneios, nem brutalidades utilitarias.

* * *

Ha indios perfeitamente assimilados pela nossa modesta cultura brasileira do interior; esses estão fóra de questão. São, de facto, sertanejos. Trabalham, produzem, querem aprender. Não são mais *indios*.

Outros porém, infiltrados de máos costumes pelos seringueiros viciosos, naturalmente vadios, não podem e não devem ser contados como productores; é protegel-os e deixal-os viver como quizerem.

* * *

Luiz Cintra, parecí da nossa confiança, roubava o que podia para vender á seringeiros; João Pinto, outro, recebia roupas e facas para o trabalho, e dava, a tudo, o mesmo destino. E quando se lhe perguntava pelo facão, logo respondia:

— *Quebrou, mêmo.*

* * *

Nosso papel social deve ser simplesmente *proteger*, sem procurar *dirigir*, nem *aproveitar* essa gente. Não ha dois caminhos a seguir. Não devemos ter a preoccupação de os fazer cidadãos do Brasil. Todos entendem que *indio* é indio; *brasileiro* é brasileiro.

A nação deve protegel-os, e mesmo sustental-os, assim como acceita, sem reluctancia, o onus da manutenção dos menores abandonados ou indigentes, dos enfermos, e dos loucos.

As crianças desvalidas, e mesmo os alienados, trabalham; mas a sociedade não os sustenta para se aproveitar do seu esforço.

Além disso, temos, para com os indios, a *grande divida*, contrahida desde os tempos dos nossos maiores, que foram invadindo seu territorio, devastando sua caça, furtando o mel das suas matas, como ainda agora nós mesmos o fazemos.

O direito é um só. Quem, a pretexto de civilizar, esmaga tribus e nações, que sempre viveram independentes, pratica politica perigosa para si mesmo; porque a moral dos conquistadores nunca teve outra razão. E o dominador de hoje poderá ser abatido amanhã por um terceiro que invoque os mesmos principios.

Ainda mais. Quem pretender governal-as cairá no erro funesto e secular. Na melhor das intenções, deturpará os indios. O programma será: *proteger sem dirigir*, para não perturbar sua evolução espontanea.

Na economia nacional, do ponto de vista republicano, a questão indigena deve ser escripturada, unicamente, nos livros da «Despeza»...

E, assim, dará lucro.

* * *

O sertanejo encontra, nos documentos de que procurei recheiar este trabalho, simples e sincero, a sua melhor defeza. A conquista da RONDONIA foi obra de sua abnegação, do seu talento, e de sua resistencia. Os milheiros de kilometros de estrada que lá se extendem, hão de figurar, nos mappas do Brasil, em traço largo, affirmando ao mundo o valor dos seus filhos.

X

É CEDO para tentar synthese definitiva da situação ethnographica dos habitantes da Serra do Norte.

Mas, o que se apurou, nas paginas precedentes, permitte, desde já, indicar pontos importantes de sua vida social, sufficientes para lhes marcar um posto definido entre os grupos humanos existentes, em estado natural, no territorio da Sul America.

Que se mantiveram longe da acção europea, não ha duvida. Martius, aliás, concluindo pela alta antiguidade dos aborigenes americanos, mostrava que a *idade da pedra* caracterisava as populações conservadas fóra daquella influencia.

E, si fosse possivel reconhecer, no Brasil, os dois periodos classicos (Paleolithico e Neolithico) caberiam no primeiro os Indios da Serra do Norte, cujos machados são toscamente lascados, e cuja cultura bem se approxima daquella que se admitte seja peculiar ao paleolithico.

Sua antiguidade, naquella região, tambem parece muito grande.

* * *

A' primeira vista parece que os Nambikuáras são antigo ramo parecí atrazado.

Porém, o que sabemos de ambas as nações, quanto á anthropologia, quanto á ethnographia e quanto á lingua, protesta contra a identificação.

Ha, todavia, signaes certos de influencia parecí na sua cultura. O primeiro é a casa *do feitio de um forno*, que os Parecís de outr'óra construiam. Trata-se de uma importação no meio nambikuára; a casa primitiva dos habitantes da Serra do Norte é o *toldo de folhagens*, semelhante ao *Kijême* dos Botocudos (Windschirm, dos ethnologos allemães), que bem recorda os *Wig-wam*, dos indios Norte-Americanos.

E si não foi dos Parecís que receberam a grande *casa redonda* foi então, de indios bolivianos.

* * *

Material que demonstra aquella mesma influencia é o *pennacho nasal*, que os Parecís de hoje não usam mais, e os de outr'óra não dispensavam, pelo testemunho de Antonio Pires; e tambem a *ocarina nasal*, que fazem vibrar de modo inhabil, como quem emprega instrumento mal conhecido, cujos segredos ainda não descobriu.

A *flauta dupla*, parece ter sido trazida do Norte. Deve ser importação de Mauhés e Mundurucús, com os quaes, conforme já se viu, os indios da Serra do Norte têm tido attrictos sérios.

O *trançado* que sua arte emprega tem fórmas positivamente caracteristicas do Xingú (*Trumais* e *Nahukuas*); documenta relações que sua cultura elementar fazia suppor existissem entre elles e as tribus atrazadas daquelle rio.

O *moquem quadrangular*, fóra dos moldes usuaes, é só empregado pelos grupos mais adiantados (*Tagnanís*, etc.); lembra o dos Javaés, tal qual o figurou Fr. Krause.

* * *

Bem parecidos com os dos Suiás, são os *enfeites de palha* dos Nambikuáras. Porém, muito mais que isso, prova relações entre elles a semelhança das *linguas*. Porque não existe outro povo que fale dialecto tão parecido com o dos Nambikuáras, quanto á morphologia dos vocabulos, apezar de serem, ainda assim, no resto, bem differentes os dois idiomas.

* * *

Interessante é a approximação expontanea que se estabelece entre duas tribus distantes e igualmente primitivas, como são os *Guaiakis* do Paraguai e os Nambikuáras da Serra do Norte, pelo uso do *capacete de couro de onça*.

Todavia, creio antes estes o hajam copiado de seus visinhos Kaiabís, do rio Paranatinga, os quaes se cobrem com elmos do mesmo material.

* * *

A *ignorancia do caximbo*, objecto muito encontradiço nos *mounds*, norte-americanos e nos sambaquís do Brasil, bem como a da *bananeira*, mostra quão velhos são, naquella Serra, os Nambikuáras.

* * *

Que o grupo Gê-Botocudo seja o mais antigo representante da gentilidade Sul Americana, hoje não se discute mais.

Salto de Utiariti — Rio Papagaio

MATO-GROSSO

E. Roquette-Pinto, phot.
1912

Porém, sobre ligações desse grupo com os outros que se têm isolado, desde a chave de von Martius até as modernas investigações de Rivet, Koch-Grünberg e outros, ha muito que indagar. Tenho para mim que o problema ethnologico mais interessante do Brasil indigena, deixando á margem questões insoluveis, é a ligação dos grupos entre si, a filiação das differentes culturas que apresentam.

E' fóra de duvida, para mim, que os grupos linguisticos correspondem a typos de civilização ascendente, embora quasi sempre mal caracterisados, pelas interferencias perturbadoras extranhas; e resultam da evolução gradual de uma cultura primitiva, dominante na *raça Paleamericana*, de De Quatrefages.

Na Serra do Norte foi surprehendido, pela nossa civilização, um povo de *cultura Gê*, evoluindo para a *cultura Nu-Aruak*, cujos prodromos apenas havia attingido.

* * *

Resumindo tudo quanto apurámos em relação áquella gente, podemos formular algumas proposições documentadas neste trabalho:

I. Os Indios da Serra do Norte foram descobertos pelas Expedições Rondon, a partir de 1907, no valle do Juruena, e depois em toda a Cordilheira.

Até então só se possuiam vagas noticias de sua vida, as primeiras das quaes datam de 1718.

II. Todos os nomes que lhes davam seus vizinhos, todas as denominações recolhidas por viajantes e sertanejos são absolutamente extranhas á sua lingua. Um certo grupo será provavelmente identificado aos chamados *Tapanhúnas*, ou *Tapaiúnas*, de que falam alguns autores como si fossem mocambos de negros africanos involuidos. Convem conservar-lhes o nome geral *Nambikuáras*, para evitar futuras confusões.

III. Todos os Indios da Serra do Norte viviam, até agora, em plena *idade lithica*, usando machados de pedra mal polida, facas de madeira, ignorando a navegação, dormindo directamente sobre o sólo, ignorando a fabricação da ceramica, e a rêde de dormir.

A ceramica, mui grosseira, de que usam, é obtida de tribus vizinhas, por conquista ou por troca. Até hoje, apezar de um contacto de mais de cinco annos, ninguem ainda os viu fabricar peças ceramicas.

IV. Viviam, quasi, em absoluta segregação; muitos ainda não tinham visto homens de raça branca ou negra.

V. Vivem em grupos isolados, falando dialectos da mesma lingua, em via de differenciação. Os vocabulos que designam as principaes regiões do corpo humano, de accôrdo com verificações realizadas de ha muito entre o

geral dos indios, são os que mais difficilmente obedecem ao processo de differenciação morphologica.

VI. Esses grupos não se acham no mesmo gráo de cultura. Os que habitam o valle do Juruena são os mais atrazados: são menos sociaveis, mais aggressivos; constroem casas rudimentares; não usam o moquem; não têm chefes permanentes. Os que vivem no extremo da Serra do Norte já attingiram civilização accentuadamente mais elevada, que se revela na sua arte e nos seus costumes sociaes.

VII. De todos os grupos linguisticos da America, aquelle em que mais facilmente se podem incluir os indios da Serra do Norte, é o *Gê-Botocudo*. As linguas, cujas caracteristicas maiores semelhanças offerecem com o seu idioma, são o dialecto dos Suiás, do Xingú, descobertos em 1884 pela expedição Karl von den Steinen e o dos Karajás do Araguaia.

Todavia, uma outra lingua em que se póde encontrar semelhança com os dialectos da Serra do Norte é o *Kiriri*.

VIII. Além de affinidades linguisticas, os indios da Serra do Norte apresentam caracteristicas ethnographicas peculiares ás tribus *Gê-Botocudas*, raramente encontradas entre indios de outros grupos: ignorancia da rêde, da navegação, ceramica rudimentar, toldos de folhagem, etc.

Sendo assim, os Indios da Serra do Norte — (Nambikuáras) — continuam para Oeste a cadeia dos povos *Gês*, cujos representantes mais occidentaes, até agora conhecidos, eram os Suiás.

IX. Visinhos dos Parecís durante seculos, os Nambikuáras quasi não soffreram a influencia destes indios. As duas culturas evoluiam até agora, lado á lado, em gráos diversos de adiantamento, com poucas reacções mutuas.

X. A agricultura surgiu temporã, na população da Serra do Norte; e o facto parece derivar das solicitações do meio geographico. E' quasi certo, todavia, que o surto dessa industria foi condicionado por influencias extranhas, ainda não conhecidas, por meio das quaes obtiveram os indios o material necessario, visto como não se encontram entre elles sinão as mesmas especies cultivadas pelos seus companheiros de *habitat*.

XI. Do ponto de vista anthropologico, os indios da Serra do Norte são absolutamente inconfundiveis com os seus vizinhos. Dos indios americanos os que mais se approximam delles, pelos caracteres anatomicos, são os *Nu-Aruaks*.

XII. Os indios da Serra do Norte são atacados por uma dermatose especial, differente do purú-purú, que seus vizinhos não conhecem. Essa molestia, *Baanêcêdutú*, cuja existencia ficou bem documentada no lugar competente deste trabalho, ainda não pôde ser etiologicamente classificada. E', provavelmente, uma variedade de *tinea imbricata*.

XIII. Seus parasitas principaes são siphonapteros, *Sarcopsylla penetrans* (bicho do pé), supposto originario da Africa, mas positivamente, especie da America intertropical, e hemipteros do genero *pedicullis*: *P. capitis*, encontrados em todas as populações da Terra. Talvez mereça, este insecto, pelo seu tamanho, ser considerado *variedade* da especie universal.

XIV. Os indios da Serra do Norte parecem ter chegado ao coração da America do Sul em época mui remota.

XV. Sua arte plumaria é pobre. Apenas se inicia; sua musica demonstra uma elaboração bem adiantada. Seus desenhos — (lineares, polygonaes circulares) — são regularmente executados ; fórmas vivas, só desenham alguns animaes: saurios, ophidios (estylisados).

XVI. Da anthropophagia parece existir, entre elles, vivas reminiscencias, si é que a não praticam mais.

XVII. Sua religião é um fetichismo pantheista, nos grupos mais atrasados; nos mais adiantados, ha signaes de nascente astrolatria.

XVIII. Qualquer que seja a situação em que estudos ulteriores possam collocar os indios da Serra do Norte, seu encontro naquella região, e naquelle estado de cultura, veiu alterar profundamente o que se admittia como certo na ethnographia indigena do Brasil.

XIX. Si forem definitivamente incluidos entre os *Gês*, tornar-se-á difficil admittir por mais tempo a origem oriental ou littoranea desse grupo.

XX. Si forem collocados no grupo *Aruak*, mais importantes ainda serão as consequencias de sua descoberta, visto como, pela theoria de von den Steinen a região de origem de um povo é aquella em que se encontram seus representantes em cultura mais atrazada.

XXI. A migração dos Nu-Aruaks, neste caso, deve ter sido realizada — de Sul a Norte, ao inverso do que pretende a ethnologia classica da Sul-America.

XXII. Possuindo caracteristicas anthropologicas proximas dos *Aruaks*, falando idioma isolado, tendo traços ethnographicos apresentados pelos *Gês* os indios da Serra do Norte documentam a realidade de um facto *anthropogeographico* importante, já suspeitado desde a exploração do Xingú.

Foi no grande planalto do Brasil que se processou o trabalho de differenciação ethnica sul-americana.

VOCABULARIOS

Vocabulario Ariti (Parecí)

A

Adeus — Ari-inánateu (eu francez).
Angelin do campo — Mahára.
Algodão do campo — Oluiri.
Algodão — Konôhê.
Agua — Oné.
Areia — Uaikohen.
Arco — Korê-ôkô.
Arroz — Alôsso.
Aldeia — Nauênakarí.
Arara vermelha — Kolô.
Arara amarella — Tihô-ê
Arara una — Kakirinarê.
Andar — Ikatümani.
Amanhã — Makáni.
Anzol — Mairátuati.
Arame de pescar — Alame-toerê.
Assim — Nikarê.
Ananaz bravo — Kon-haló.
Apagar — Heuaká.
Aurora — Zotiákití.
Arco-Iris — Zazorí.
Amarello — Uxikêrê.
Araticum de arvore — Alohen.
Almêcega — Zaritaçü.
Aracuan — Malátezôterê.
Amendoin — Uaiacê.
Araruta — Zalaui.
Azul — Tiorêrê.
Avô — Atiutú.
Avó — Abobê.
Arvore — Kôlôhõn.
Anta — Kotuí.
Alto — Uaházêzê.
Amigo — Nohinauê.
Alegre — Numázalotá.
Abelha — Uaidê-hokô.
Abano — Kuái.
Agulha de pau para tecer o imití — Umatitocê.
Agulha de pau para arrematar o imití — Kamin-hín.

B

Braço — Nôkanô.
Boca — Nôkánaçü.
Bom — Uaiê.
Bonito — Uaiê-harê.
Bonito (muito) — Uaiê-halôcê.
Borrachudo — Xiualô.
Bugio — Alomê.
Branco — Iomêrê.
Bracelete feito com a carapaça do tatú — Iuêtonikôn
Baixo — Tiuka-hazêzê.
Bebida fermentada de mandioca — Olonití.
Bebida de milho — Uikazá.
Bom-dia (Uaimaré) — Uerauaká.
Bom-dia (Kaxinití) — Uzalauáká.
Bom-dia (Kozárini) — Kamataú.
Bravo (zangado) — Alíxini.
Bracelete feito com a cauda do tatú — Uatiçá.
Beber — Notrá.
Borá (abelha) — Alatáguiri.
Bastante — Kahanzê.
Batida (caminho feito pelo andar) — Narináutirá.
Beijú (Kozárini) — Zômo.
Beijú grande assado no borralho — Suçukorê.
Banhar-se — Nakuãn.
Bater — Namôkutiá.
Bastante — Nikaretá (Uakatú).
Bexiga — Nozotenideakún.

C

Cabeça — Nôçueri.
Cabello — Nôçui.
Ceu — Enokôá.
Chuva — Oné.
Campo — Maceu — (eu francez).
Curicáca — Kotála.
Chefe temporal — Arití-amúri.
Chefe espiritual — Uti-arití.
Criança — Zuimã.
Criança de peito — Ená-môkôcê. (♂)
Criança de peito — Uirô-môkôcê. (♀)
Correr —Natê-ená ou Hatê-êna.
Cometa — Zoraçü-Xahion.
Casa — Atí.
Conta (missanga) — Netatí.
Carrapato — Koêré.
Couro — Míri.
Coatá — Uakánorê.
Cupim — Mururí.
Calças — Okütitiní.
Camisa — Arititítiní.
Chumbo — Kuruçü.
Caçador do matto — Zaníkonikarê.
Caçador do campo — Aiká-akaitarê.
Chegar — Kaukê-ená.
Cocho para xíxa — Kutiúnaçü.
Cabaça — Matukú.
Comer — Naniçá.
Cotia — Hekêrê.
Caetetú — Auarüçü.
Chegar — Nôkauki.
Cajú — (Uaimarê)-Zuitiá.
Cajú — (Kozarini) — Zuvitiá.
Cinta de contas — (Kozárini) —Kavalavití.
Cinta de algodão — Kônôkoá.
Clava de guerra — Tiavô.
Chocalho feito de piquí, para o tornozello — Zôzá
Capella — Iamaká.
Caçar no matto (Koz) — Kakôniçá.
Caçar no campo (Koz) — Kuatiá.

Cipó imbê —Matekê.
Cobra — Oi.
Cortar pau — Irikutiá-átia.
Cosinheiro — Tiômitarê.
Caminho — Autí.
Cabocla — (arvore) — Alatén.
Coração de negro — (arvore) — Fakirí.
Capitão do campo—(arvore) — Takorê.
Carvão vermelho — (arvore) — Zahïn-olarê.
Cabello de negro (arvore) — Mitôcê.
Cambará amarello — Zotonoteu — (eu francez).
Cacete (Uimaré antigo) — Tihalô.
Cacete (Uimaré moderno) — Tiohun.
Charravascal — Uatiá-cezalô.
Cará — Haká.
Carretel — Konohí-inaçá.
Chapéo — Xapepá.
Conserva de mandioca — Kêtêhê.
Chover — Onêhená.
Cansado — Kakaiharê.
Chuva grande — Xevorezá.
Cunhado (Koz) — Nohãn.
Cunhada (Koz) — Nonãn.
Cunhado (Uimaré) — Notiáunerô.
Cesta de carga — Kôhôn.
Cantar — Kaiuiná.
Calor — Uáitiá.
Cheiroso — Airázôrô.
Collar de contas (Koz) — Ená-tatí.
Coração (meu) — Nômáihací.
Coração (delle) — Maihácití.
Cerebro — Nokaihi.
Corda — Makáno.
Cesta para dança — Hôôzi.
Cesta de carga — Kohõn-Kichí.
Cabaça pequena — Matokocê.
Cabaça grande — Matokô.
Cabaça (Chocalho) — brinquedo de criança — Ualaçü.
Cuia — Ichiçá.

D

Dente — Naikurí.
Dedo — Nôkahín-hin.
Dourado — (peixe) — Ualá-korê.
Dorso da mão — Nôcitari.
Doença — Aicitonê.
Doença — (trauma) — Kauêakití.
Dar — Içônê.
Deitar — Neukutuá.
Dormir — Içámaká.
Deixar — Içaunitá.
Doce — Aritíuiêrê.
Defluxo — Ximuzuatí.
Dôr de dentes — Aikulití-kahen.

E

Ema — Aô.
Eu — Natü (Nô)—
Espingarda — Korenaçü.
Esperar — Auxíra.
Entrar — Içuaná.
Eis ahi — Akó.
Elle — Italá.
Elles — Içôká.
Escudo de folhas para caçar — Zaiakúti.
Estomago — Axití.

F

Fronte — Notiaurí.
Fogo — Irikatí.
Foice — Katáikorê.
Faca — Küçú.
Flecha em geral — Korê.
Flecha para aves (Koz) — Kôrêka-koánihakiní.
Flecha para ave (Uaimaré) — Kore-kakoanihaká.
Flecha para anta (Uaimaré) — Ko-rekakoanihakákotuí.
Folha — Tianá.
Farinha (Kaxinití) — Tiolohen.
Farinha (Kozárini) — Toloivê.
Festa grande — Kaulônená.
Fome — Kairí.
Fumo — Adjíe.
Forte (valente) — Ikinátereu (eu francez).
Fumaça — Cimêrê.
Falar — Niaurí.
Feiticeiro — Itihánarê.
Flecha de ponta larga, de taquara — Uaihalá.
Flor (Kozárini) — Ivití.
Flor (Uaimaré) — Hihivê.
Fructa de veado (arvore) — Kumá.
Feijão pampa — Kumatá.
Feijão de vara — Kumatá-irú.
Feijão preto — Kumatá-kierê.
Feijão vermelho — Kumatá-zoterê.
Facão — Kúçú Kalorê.
Filho — Nitianí.
Fazer rumo — Irikutiahãn.
Frio — Tihalôhuihiê.
Flauta nazal — Tsín-halí.
Faixa de carregar criança — Zamáta.
Fronte — Notiáulí.
Fuso — Tiirú.
Fubá — Kozeto-hên.

G

Gallinha — Takuirá.
Gallo — Takuirá-enarê.
Grande — Kalorê.
Guerreiro — Uahaarü.
Gente — Tuitá.
Gostoso — Airazú.
Guarirova do campo — Uakurí.
Guapéva — Manakatá.
Gravatá — Zauiuê.
Gafanhoto — Eritiahan.
Gafanhoto grande — Kachiçalá.
Gelo (granizo) — Iezô.

H

Hoje — Uerauaká.
Homem — Ená.

I

Inhambú — Maui-iussú.
Irmão — Nudzimariní.
Ir — Iantá
Indaiá do campo — Karêke.

J

Jaó — Makukauá.
Jaguatirica — Xenícê.
Jandáia — Kuíri.
Jacutinga — Kozuí.
Jacucáca — Maláte.

Jatobá do mato — Ozarí.
Jatobá do serrado — Uatá.
Jaboticaba do serrado — Xuaxí.
Jacarandátan — Anolê.
Jogo da bola — Matanã-Aritî.

K

Kágado — Uazúliatiá.

Katipé — (arvore) — Uhiçá.

L

Lingua — Nôniniçô.
Longe — Cêcô.
Lua — Kaiê.
Lenha — Uiçatí.
Linha de pescar — Nômarihí.
Linha vermelha — Konohí-izôterê.
Linha branca — Konohí-iomerê.
Linha preta — Konohí-kierê.
Lobo — Aozá
Lobinho — Uazalô.
Levar — Akolatiá.
Liga humeral — Kaláuatí.
Liga tibial d'alg. (Koz) — Itaiti ou Tahití.

Liga tibial d'alg. (Koz) — Katiulatí.
Liga tibial d'alg. (Uaim)—Katiuolahin.
Liga tibio-tarsica d'alg.—Kinorekuatí.
Lagarto — Zohôn.
Lagartixa — Kozohín.
Laranjeira do chapadão — Oluimá.
Lixinha — (arvore) — Kaitáruçú.
Levantar — Ainakuá.
Labio —Nôkerêu.
Luz — Irikietá.
Lingua (idioma) — Niráuiní.
Liga tibic—tarsica com guizos de piquí — Zuzá.

M

Mato — Kôlôhôn.
Macuco — Mauíe.
Mutum — Auixí.
Mão — Nôkahin.
Mulher — (Kaxinití) — Uirô.
Mulher — (Uaimaré) — Zuzirô.
Moça — Zuimáhalutí.
Mãe — Mamá ou amá.
Machado — Tauá.
Machado de pedra — Ceháritauá.
Mandioca amarella — Tutiokauê.
Milho — (Kaxinití) — Kôzôtô.

Mandioca brava — Ketê.
Mingau de mandioca — Katazeurê (eu francez).
Mingau de milho — Kamulazá.
Muito — Kalôrê.
Mata-pasto — Alalá.
Marmellada do chapadão — Tahuliú.
Mangaba — Katiulá.
Mangabeira brava — Atiúalanô.
Mulata ou garapa — Kulumáinarê.
Milho branco — Kozêtoiomêrê.
Macaco — Hoateu (eu francez).

Milho — (Uaimaré) — Kozêto.
Meio-dia — Tatáikúa.
Mentira — Amancerá-itá.
Mosquito — Aniúti.
Morro — Zaúna.
Madeira — A'tio.
Mel — Mahan.
Medo — Tahirahã
Matar — Nihaká.
Muito — Akaé.

N

Nariz — Nôkuí.
Nós — Natütamákêrê.
Não — Maiçá.
Neto — Nuxuiêtê.
Noite — Makiá.
Nos — Uháinamá.
Nora — Nozái.
Nuvem — Kaiminití.
Nadar — Namazakuá-oné.

O

Orelha — Nôtinihê.
Olho — Nôzôçü.
Onça pintada — Xení.
Onça parda — Xenikazierêrê.
Onça preta — Xenikierê.
Ouriço — Kôrihon.
Olho de boi — Onoê.
Ornato de pennas de gavião, para a cabeça — Zaolô.
Ornato de pennas de tucano, para a cabeça — Kamáihin-hôkô.
Ornato de algodão — Konokoá.

P

Pouco — Inirá.
Pequeno — Iniê.
Peixe — Kuhaçú.
Pão doce (arvore) — Uialô.
Pão de morcego (arvore) — Mauêkorê.
Pau de breu — Koremá.
Píquí — Kani.
Pau terra — Kotinú.
Para tudo (arvore) — Tonokauê.
Paineira do chapadão — Arê.
Pimenta de macaco — Kolôlôtiamarê.
Porco do matto — Ozeu (eu francez).
Perdiz — Kodjía.
Papagaio — Aôlô.
Pacú pintado — Zútiaharê.
Piába — Ualakú.
Palma da mão — Nokahin.
Pium — Tiunúre.
Padre — Utiarití.
Pato — Oairô.
Pedra — Ceuhari (eu francez).
Preto — Kierê ou Kiakáka.
Pau secco — Inirá.
Polvora — Korenê.
Puxar — Noholôkônê.
Preguiçoso — Imazaratí.
Pedra canga — Süzári.
Perto — Naritá.
Poncho — Kiarirô.
Pingente de contas para as orelhas (Koz.) — Tinivê-akolatí.
Polvilho (Koz.) — Kenaikí.
Pomba — Uatiazá.
Pantano — Okozakuá.
Perna — Nohozü.

Pé — Nokixí.
Pescoço — Nohiuô.
Peito — Nôtikolá.
Pai — Babá ou abá.
Por do sol — Kamáikuá.
Peneira — Atoá.
Pinguella — Ihatianêzê.
Pau de bugre — Tonoetô.
Poeira — Kiï-itï.
Pente — Alatá.
Penna para o nariz — Kiliá-kôcití.
Paneiro — Tôhêrí.

Q

Queixo — Nôkôlô.
Que? — Suare?
Quina — Ahonlê.

R

Raio — Enoarê.
Rapaz — Zuiman-arití.
Rêde — Maká.
Remedio — Uairiatí.
Roça — Maceune (eu francez).
Receber — Otoká (?)
Ruim — Maiçá-uaiázü.
Retrato — Tihun-iukakalá.

S

Ser supremo — Enorê.
Sariema — Koláta.
Sol — Kamái.
Seringueira — Uariçá.
Sogro — Kôkô.
Sogra — Nakêrô.
Somno — Nemakí.
Sair — Aikuatá.
Suspensorios de algodão para os orgãos genitaes — Sáiue-saratí.
Saiote de algodão — Imití.
Saracura do chapadão — Maxálalagá.
Sabio — Uitámakêrê.
Subir (ás arvores) — Kakuáhan.
Sucupira preta — Azutü.
Sucupira branca, Faveira — Uazánakahin.
Seputá do cerrado — Zamôriná.
Sim (assentimento) — Hahan.

T

Terra — Uaikôen.
Trovão — Onotálôlôtá.
Tapera — Itiá-menocê.
Tanajura — Kotahôn-on.
Tatú cascudo (pelludo) — Makuriçá.
Tatú canastra — Malulá.
Tia — Ekokê.
Tamanduá-mirim — Norίth (th inglez)
Tamanduá-bandeira — Tigorê.
Tocanguira — Nânâ.
Tambem — Tarahãn.
Triste — Uáiiní.
Taquarinha — Korétá.
Tarumarana — Ariuá.
Tripa — Aití-hin.
Tio — Kôkô.
Tosse — Tonokoatí.

U

Urubú — Olohôn.

Urucú — Ahitê.

V

Veado do campo — Zotiáre.

Veado catingueiro — Uaiadeu (eu francez).

Veado mateiro — Zotiáre-kuakêrê.

Vamos — Uailá ou Uaiá.

Vou eu — Nozánita.

Vão elles — Uaiiená.

Você — Içô.

Veneno — Ihôzarê.

Vermelho — Zotêrê.

Verde — Tianá.

Vir — Teuoná (?)

Ver — Zamarí.

Vomitar — Xiriakariceu (eu francez).

Verdade — Alágini.

Velho — Oiê.

Vinhatico — Dahiolarê.

Vocabulario Nambikuára-Tauitê

Ante-braço — Tanokrê.
Barba — Taiuitê.
Braço — Toarabatndê.
Bracelete — Iái-ndê.
Boca — Taiúirî.
Cabello — Tanaguitê.
Ceu — Uútcindê.
Cotovello — Tanokurukrí.
Criança (filho) — Tauhitê.
Cuia — Ualotê ou Kautê.
Dedo — Tahitê.
Dorso — Taragutnarí.
Joelho — Tacinguedukrê.
Labio — Taiunindê.
Lingua — Taiú-hendü.
Mão — Toaiguedokrê.
Nariz — Taiúiran-hdí.
Olho — Taiendê.
Orelha — Tanakalatndê.
Pé — Taiutê.
Perna — Talahendê.
Peito — Tanokaindê.
Penis — Taguirí.
Panella — Uat-ndí.
Queixo (mento) — Taiu-kautê.
Seio — Tanohurê.
Ventre — Tataharí.

Vocabulario Nambikuára-Tagnani

SERRA DO NORTE — RIO FESTA DA BANDEIRA

(*Rio Karumi*)

Axilla — Uenakalauendí.
Ante-braço — Uánokrí.
Arco — Hutê.
Agua — Narutundú.
Algodão — Gündê.
Bastões ignigenos — Haitandü.
Boca — Uaiurí.
Braço — Uanokrí.
Bracelete — Taláte.
Carne — Lutú ou Lutê.
Cabeça — Danakitú.
Cabello — Uonekitê.
Cavilha para o labio — Tauirirí.
Cavilha para o septo nasal — Ko-ndü.
Cesta — Tchirê.
Cigarro — Etü.
Cinta de palha — Iahundürü.
Cotovello — Uonokurokri.
Coxa — Uacednorí.
Cuia — Eruendí.
Dedo — Uahitê.
Dente — Düüirú.
Dorso — Ueragodnê.
Estrella — Tangrê.
Faca de pau — Hikautí.
Flecha de taquara — Uaindê.
Flecha romba — Duhündê.
Flecha lisa — Hauguidê.
Fogo — Ekatê.
Fronte — Uignakrí.
Fumaça — Tchindê.
Gritar, grito (larynge)?—Uilakurokrí.
Gafanhoto — Kiguitê.
Joelho — Uaneguerú-kurandê.
Labio — Uikohuin-ndí.
Lingua — Uaihendê.
Machado de pedra — Hiaugnindí.
Macaco (*Cebus sp.*) — Hotê.
Mão — Uahitê.
Moquem — Hirirí.
Massa de urucú — Huduhúkaidí.
Mandioca — Hiritê ou Chiritê.
Milho — Guiatê ou Kuetê (ou ü).
Nariz — Oiranindê.
Olho — Uignindí.
Orelha — Unaçolandê.
Pau — Irikatê.
Peito — Uaenakaedê.
Pescoço — Uaelatgotê.
Pellos pubianos — Uoguirí,
Perna — Uanadurí.
Pé — Uaiutê.
Rêde de dormir (nossa) — Teendê.
Sol — Tchondí.
Seio — Uano-hurí.
Terra — Alôre.
Tatú — Ualutndü.
Urucú — Uduhúkaidí.
Unha — Uegatndê.
Para chamar — Heron! Heron!
Para perguntar — Irírí? Irírí? ou Endutrá?

Vocabulario Nambikuára-Kôkôzú

RIO JUÍNA

Abano — Kuêkiçú.
Acender — Hanêçú.
Ante-braço — Oanukizú (ou çú.)
Apagar — Unritirá.
Arco — Hukiçú.
Artelho — Toaiugualizú.
Andar — Aikedütü.
Aspas das flechas — Aiêuinçú.
Agua — Unrazú.
Abelha bojuí — Detoçú (P).
Abelha jatí — Oiaçú (P).
Abelha borá cavallo — Arukitaçú (P).
Anta — Iunzú (P).
Arara — Aranzú (P).
Borboleta — Uodedeçú.
Bolo de tapioca — Urikanzú.
Bocejar — Toaiá-endnuzú.
Braço — Oanukiçú ou (zú).
Bracelete de fibras — Kolá-antçú.
Brinco — Arokiçú.
Bacaba — Uêdndü.
Burití — Hêêrú.
Beija-flor — Duníriguizú.
Bigode — Toaiôetaçú.
Boca — Toaiuçú.
Bonito — Uarú.
Bosta — Iaiguenoçú.
Cesta — Atiçú.
Ceu — Ocendjú.
Cinta de fibras — Ialaçú.
Cinta de contas pretas — Kain-undzú.
Circumferencia — Irengçú.
Concha, dos brincos — Nenzú.
Corda — Alonuçú.
Comer — Iarúrindütü.
Correr — Ikedütü.
Cobra — Diçú (ou Tiçú).
Coelho — Iakeçú.
Colhereiro — Diglizú.
Coruja — Kalendzú.
Cuia — Kateçú.
Cabeça — Toanekiçú.
Cabello — Uaekikiçú.
Cajú — Erekiçú.
Campo — Uentzü.
Caminho — Dihinuçú.
Caracol — Baánendütü.
Caveira — Mamaklizú.
Chuva — Ueçú.
Chorar — Nandütü.
Criança — Uetú.
Calor — Uanindütü.
Casa — Siçü.
Cantar — Haiguedazü.
Cipó — Hukinuzú.
Como se chama? Qual o nome? — Iriritoá?
Cupim — Cahú.
Dente — Toaíuiçú.
Defecar — Tonsignuçú.
Doente — Itonendütü.
Doer — Itonendütü.
Dormir — Akguriguidütü.
Dorso — Toadaçuçú.
Estrella — Ikitaçú.
Espirrar — Uaikacê-inguikêçú.
Faixa de carregar criança — Çáarú.
Feio — Iukiú-kinikidutú.
Fio de algodão, das flechas — Kondzú.
Fio de fibras, das flechas — Kaceçú.

Figura, desenho — Korenauá.
Filho — Uetü.
Flecha de ponta de taq. —Uaeliçú.
Flecha de ponta chata — Aieraçú.
Flecha de ponta lisa cylindrica — Anieeçú.
Fogo — Aneiúherú.
Folha para cigarro — Enanzú.
Folha — Adenandzú.
Fronte — Toaiêkuzuzú.
Fumaça — Aiokeçú.
Fumo — Etú.
Fuso — Gdarêtatú.
Flauta — Kaiguetazú.
Flauta nasal — Hait-teataçú.
Flôr — Talatçú.
Gritar — Kaiguetauçú.
Gravatá — Koalonentçú.
Grillo — Baguedaçú (P).
Grão de gallo — Aluinikiçú.
Guariroba do campo — Konin-tê.
Herva — Ikazú.
Homem — Noçú.
Isso, esse — Dêra.
Jatobá — Oiarú.
Jacaré — Nuntaçú.
Joelho — Toakiritanzú.
Lagarto — Enarú.
Leite — Anungçú.
Levantar-se — Ihái-cenogodotü.
Lagartixa — Ianoçú.
Lingua — Toáioherú.
Longe — Uetçú.
Lua — Irikiçú
Mamma — Anunguetizú.
Massa de mandioca — Urinodzú.
Mastigar — Iaiguedutú.
Macaco — Hotú.
Mangaba — Katêkiçú.
Mata — Daikiniotçú.
Mão — Toái-ikiçú.
Mel — Duhiazú ? (P).
Morrer — Aunindutú.
Mulher — Doçú.
Nariz — Toiaionendzú.
Nó de taquara — Karitandçú.
Orelha — Toanenendzú.
Orificio no labio superior — Ionkon-nandetü.
Orificio do septo nasal — Ononkon-nandetü.
Onça — Ienarú.
Olho — Toaí-ikikiçú.
Páu — Arvore — Içú.
Palpebra — Toaiecindjú.
Palha de uauassú — Uenandzú.
Páu santo — Hinekiçú.
Pellos pubianos — Toaliketaçú.
Peixe — Aiutchú.
Pennas das flechas (sariema) — Ko-latoedçú.
Penis — Toakiçú.
Perna — Toaçuçú.
Pé — Toaiukizú.
Peito — Toanunkizú.
Pescoço — Toaietolozú.
Perdiz — Uiteá-guiçú.
Pilão — Notú.
Pingente de fibras para o dorso — Ialaçú.
Piquí — Aarú.
Piolho — Kaní-iniçú.
Ralo — Tomarú.
Raio — Uaduguezú.
Resina das flechas — Niaendçú.
Sangue — Toatiçú.
Sariema —Kolatzú.
Sepultura — Ilurindütü. (1)

(1) Esse vocabulo parece formado de um termo tagnaní: alóre — terra, e outro kôkôzú: nandetü — orificio buraco: *Alóre-nandetü* — buraco na terra.

Sentar-se (acocorar-se) — Acikáuekedotü.
Sim — Han-han!
Sol — Uterikiçú.
Suor — Uaienoçú.
Taquara das flechas — Arukirikatçú.
Taquara — Ikuirikazú.
Terra — Inoçú.
Terra de formigueiro — Katunuzú.
Testiculos — Toalikiçú.
Tocanguira — Tietátáglizú (ou çú).
Triangulo — Nendzú.
Trovão — Taridzú.
Tucura — Taketazú.
Umbigo — Takodadlizú.
Unha do pé — Toaiutçuakezú.
Urinar — Kereguetauçú.
Urucú — Dukiçú.
Ventre — Toaendzú.
Vulva — Akioçú.

As palavras marcadas (P) pertencem a um vocabulario colhido pelo tenente Pyrineus em 1911.

Vocabulario Nambikuára-Anunzé

SERRA DO NORTE — RIO 12 DE OUTUBRO

Ante-braço — Uanozuzê.
Arco — Ukizê.
Braço — Uanukizê.
Bracelete — Nokoniguiguizê.
Boca — Uaiuarê.
Brinco — Nan-ninzê.
Breu (resina) — Duhutaarú.
Bom — Idaknikdaçú.
Bastões ignigenos — Haitzü.
Cabeça — Uaneguetü.
Cavilha para o nariz — Uonedezê
Coxa — Uanikizê.
Cotovello — Uanokundunzê.
Ceu — Uacinzê.
Collar de contas — Kairizê.
Comer — Ikduzê.
Coração — Iakzê.
Cera — Duhutaarú.
Cajú — Eehrú.
Dedo — Uaikuenrezê.
Dente — Uauizê.
Dorso — Uatluzê.
Espadua — Uanotoarizê.
Escrotos — Uaiariguinizê.
Faca — Iurê.
Flauta — Kiazê.
Flecha em geral — Haukliçú.
Fogo — Anizê.
Figado — Aierê.
Fronte — Uaenakezê.
Homem — Idnizê.
Jacaré — Nuntaçú
Joelho — Uaguididanzê.
Lingua — Uaileherú.
Linha — Kuituiçú.
Mão —.Uaikizê.
Machado de pedra — Eun-etú.
Manto de palha — Ielaçú.
Mulher — Duçê.
Nariz — Uaonenzê.
Olho — Uaiekedakzú.
Orelha — Uonaninzê.
Pé — Uaiukizê.
Perna — Uaçuzê.
Penis —Uakizê.
Penna para o nariz — Unetizú.
Pente — Halatzú.
Pingente de pennas — Ieiakizê.
Pau — Içuzê.
Queixo (Mento) — Uaiukluenzê.
Raspador (de dente de capivara) — Iakizü.
Remedio — Inekiaçú.
Tatú — Nunzê.
Tatú gallinha — Hatdenandzú.
Terra — Inozê.
Tripa (Intestinos em geral) — Aiokzê.
Unha — Uaitnakezê.
Umbigo — Uaikedanzê.
Urucú — Duhiazê.
Ventre — Uatiçú
Veado — Iatarú.

CÔRES

Azul — Iadneaçú.
Amarello — Katetiçú.
Branco — Kuidiçú.
Preto — Haikiduçú.

Preto — Iadneazú (breu).
Verde — Cedecededenoçú.
Vermelho — Duhiaçú.

Que é isso? — Ianakerê? ou Uazanakerê?
Que nome tem? — Uaiziguidí?

Vocabulos colhidos pelo tenente A. Pyrineus de Souza

Abelha achopé — Arazi.
Abelha borá regina — Kaiudêzê.
Abelha mandurí — Kloarizê.
Abelha mandaguarí-vermelho — Iuzê.
Abelha tatá — Arizê.
Abelha tibúna — Tararê.
Arára — Aranzê.
Araticum — Ararê.
Abóbora (nossa) — Ariatecê.
Carne — Uanozê.
Garça — Mokarê.
Grillo — Dakizê.
Gordura — Ionezêzê.
Lambarí — Kaiarê.
Lagartixa — Ianuzê.
Lacrau — Aiam-dacê.
Maribondo — Urutecê.
Mel — Dezazê.
Mulateira — Kuruaiudezê.
Piáu — Akurizê.
Pacú — Mambíre.
Pintado — Uanuncê.
Pomba — Tuizê.
Porco — Iakizê.
Palmeira castiçal — Kaicê.
Periquito — Kakaitezê.
Quatá — Kadozê.
Quan-quan — Peantezê.
Rato — Dodecê.
Roça — Aitiê.
Rio 12 de Outubro — Ori-kandezê.
Rio Nambikuáras — Oareioá-kandezê.
Sol — Ikidazê.
Urubú — Uruciú.

NOTAS

PAGINAS

RONDONIA XIII

Inaugurando as conferencias do Museu, em 1915, o autor propoz esse nome para designar a zona comprehendida entre os rios Juruena e Madeira, cortada pela « Estrada Rondon ». Os elementos geologicos, geographicos, botanicos, zoologicos, anthropologicos e ethnographicos que tal região tem fornecido, originaes e numerosos, justificam a creação desta provincia anthropogeographica. (Cf. Mappa.)

COLMEIA DOS PARECÍS 5

Os Parecís collocam dentro de uma grande cabaça um enxame da Jatí. Obturam a abertura da colmeia, deixando, apenas, um pertuito onde os insectos fazem porta. Depois perfuram a cabaça num ponto escolhido e tapam com cêra a abertura. Logo que as abelhas têm fabricado mel bastante, rompem os indios este tapume de cêra e sem mais incommodo furtam, por ahi, o liquido delicioso, enquanto na colmeia o melificio continua.

Só conhecendo bem os habitos das nossas abelhas poderiam ter chegado a essa apicultura apurada. Em geral as abelhas do Brasil fazem favos irregulares, incertos, anarchicos...

PAGINAS

Só a Jatí, (*Ja-ti* = a branca) entre tantas, (*Trigona Jati*), reune os seus favos em disposição regular, em dados pontos, e assim permitte o bom exito do estratagema parecí.

SIPOTUBA 5

Sipó-túba = Cipoal — *Rio dos Sipós.*

ESCRAVOS AQUILOMBADOS 9

Era frequente a fuga de negros escravos para formar nucleos silvestres (quilombos). Martius sustentava mesmo que raras tribus de indios não haviam entrado em contacto com africanos.

CABORÉS 10

Mestiços : indio × negro.

AGRICULTURA NAMBIKUÁRA 14

« A Bandeira achou no Quilombo grandes plantações de milho, feijão, favas, mandiocas, manduim, batatas, caraz e outras raizes, aboboras, fumo, galinhas, algodão. . . ». Talvez tenham partido d'ahi os germens da agricultura nambikuára.

TAPANHUNAS 23

De Tapuiuna = *o barbaro negro* (Theodoro Sampaio) — A existencia de uma tribu de *negros* nunca passou de facto lendario, embora repetido por autores de nota. O nome deve ter sido applicado, a titulo de alcunha pejorativa, a indios escuros de algum tributario da bacia do Juruena.

PANELLA DE BARRO DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE 29

O Museu possue hoje grandes vasos desta natureza trazidos da Serra do Norte. A peça figurada nesta pagina merece destaque especial porque foi a primeira obtida, em 1909.

LADARIO, ETC 36

O autor está convencido de que a nacionalisação do Brasil é hoje o maximo problema desta patria. E como o patriotismo é antes *sentido* do que *pensado*, os symbolos, que despertam na alma popular mais sentimentos que pensamentos, devem ser cuidados com carinho.

PAGINAS

UBÁS. 38

São gramineas: *Arundo donax.*

QUEBRACHO 38

E' o quebracho vermelho (*Loxopterigium Lorentzii, Griseb*). Esta anacardiacea presta-se admiravelmente á construcção e fornece excellente material tannico para o preparo dos couros.

MOSQUITOS 38

Nesse trecho do Paraguai os vapores são invadidos por nuvens de *Culicinas.*

BIGUÁ, BIGUÁ-TINGA, CARÁCARÁ, CEGONHAS, GARÇAS 38

Biguá = *Carbo vigua.*
Biguá-tinga = *Plotus anhinga.*
Carácará = *Milvago sp.*
Cegonhas = *Herodias egretta.*
Garças = *Leucophoyx candissima.*

NHANDUTÍ 40

A *teia de aranha.* Do tupí: *Nhandú* = a corredora (aranha), *tí*=renda, teia (Theodoro Sampaio)

PARAGUAI 40

De Paraguá-í. Em tupí = *Rio dos Papagaios.* (Theodoro Sampaio.)

HERVA-MATTE 41

Caá, no tupí = a planta, a herva. (Theodoro Sampaio.)

BEM-TE-VI. 42

Megarhynchus pitagua.

VEADOS. 52

Os veados do pantanal que interrompe as grandes matas do alto Paraguai devem pertencer ao gen. *Mazama.*

PAGINAS

BUGIOS CINZENTOS 52

Trata-se ahi de *Cebideos* do gen. *Allouata*, mais conhecidos sob o de nome *Guaribas* ou *Macacos roncadores*. A differença do pellagio nos dois sexos é muito accentuada; dir-se-iam duas especies.

GUARÁS. 54

Phenicopterus chilensis.

COTCHO. 54

Voz cuiabana do vocabulo côcho. E' uma viola sertaneja feita á facão, com duas ou quatro cordas de tripa ou de fibras de palmeira, arranjadas com o material da região. Em certos *desafios*, o *cotcho* é acompanhado pelo *ganzá*, especie de matráca ou *réco-réco*. Na sua collecção de ethnographia sertaneja o Museu Nacional possue ambos.

PEDRA CANGA 56

Ou *Tapanhoacanga*. Do tupi: cabeça de negro. E' um conglomerato argilo-ferruginoso formado por fragmentos de *itabirito*.

FERIDA BRAVA. 57

Alguns acreditam que o parasita desta doença seja transmittido por *acaridios* dos gens. *Amblyomma* e *Ornithodorus*. (Carrapatos do chão.)

JACARÉ. 61

Caiman sclerops.

SUCURÍ. 61

Eunectes murinus. E' o maior dos ophidios. Vive a beira d'agua.

POÁIA 61

Uragoga ipecacuanha, Baill. E' a poáia verdadeira. O nome vulgar é attribuido a plantas diversas.

POAIEIRO 61

Lipaugus cinerascens

TAPIRAPUAN. 67

Do tupi: *Ita-pirapuan* = pedra da arraia (peixe redondo). Segundo Martius será: *boi redondo* = tapira-apuan.

PAGINAS

JEQUITIBÁ 68

Cariniana brasiliensis.

GUAHIRÔ 68

Côcos oleracea.

MAMÃO 68

Carica papaya. Marcgrave encontrou a especie nas matas brasileiras. Martius, ao contrario do que affirma A. de Candolle, menciona o seu nome e dá-lhe etymologia tupí (Beiträge II, 399).

SAPOPEMBAS 68

Do tupí: *Sepó-apeba*, raiz chata (Martius).

BANANEIRAS 70

Musa sp. Humboldt procurou sustentar a origem americana desta planta. Hoje, botanicos e ethnologos estão de accôrdo, admittindo que a patria da especie tenha sido o velho Mundo. E, dessa consideração, deriva a importancia que tem a bananeira para caracterisar o gráo de segregação das tribus do Brasil.

PACÓVAS 70

Scytamimeas dos generos *Calathea* ou *Heliconia*.

MULATEIRA 70

E' uma *Leguminosa*.

GOIABEIRA DO MATTO 70

Fam. *Myrtaceas.*

PÁU SANTO 70

Fam. *Bignoneaceas.*

MURICÍ 71

Birsonima sp. Fam. Malpiguiaceas.

KARÊKE 71

Attalea exigua.

PAGINAS

AIRÍ 91

Astrocaryum sp.

PIQUÍ 92

Caryocar brasiliensis.

SARIEMA 95

Microdactylus cristatus.

TUCÚRAS 95

Schizocerca sp.

MAMANGÁBAS 95

Vespidios do gen. *Bombus.*

JABOTICABA DO CAMPO 95

Fam. *Myrtaceas.*

MANGÁBA 95

Hancornia speciosa, de Gomez (1812) ou *Riberia sorbilis*, de Arruda Camara, em homenagem ao padre João Ribeiro, um dos martyres da revolução nacionalista de 1817.

MOSQUITO POLVORA 95

Dipteros do gen. *Culicoides* (*Ceratopogon*).

TERMITAS 96

Cupins = *Leucotermes sp.*

EMAS 96

Rhea americana.

ARÁRAS 96

Anodorhyncus sp. (Arara azul ou *arara-úna*). *Ara sp.* (Arara vermelha.)

CORUJAS 96

Speotyto sp.

LOBINHO 96

Cannis brasiliensis.

PAGINAS

LAGARTOS 96

Tupinambis teguixin (Teiú).

CALANDRO OU CALANGO 96

Tropidurus torquatus.

SERINGA 100

Hevea sp.

PERDIZES 101

Rhinchotus rufescens.

NARCEJAS 101

Gallinago sp.

INHAMBÚS 101

Crypturus sp.

JURUENA 101

Rio dos Papagaios. Vocabulo hybrido tupi-aruak. (Martius) = Ajurú (t) — papagaio. Oné (ar) = agua ou rio.

TUCANO 101

Rhamphastos sp.

GUARANÁ 102

Paulinia cupana, Kunth. Cf.: E. Roquette-Pinto — *O Guaraná, in "A Lavoura"* — Rio, 1912.

FRUCTAS DE LOBO 102

Solanum lycocarpum.

JATOBÁ 103

Hymenea courbaril.

MANDURÍ 111

Melipona marginata.

MANDAGUARÍ 111

Trigona sp. Fornece mel agoado.

PAGINAS

URUSSÚ 111

Melipona sp.

TATÁ 111

Trigona cagafôgo. Em tupí : *tatá-ira* = abelha de fôgo.

BOJUÍ 111

Trigona sp.

BURITÍ 111

Mauritia vinifera.

INAJÁ 112

Maximiliana regia.

SOVEIRA OU SORVEIRA 112

Brosimum galactodendrum.

PALMEIRA CASTIÇAL 112

Iriartea exhorhiza.

BACÁBA 113

Oenocarpus distichus.

ASSAHÍ 113

Euterpe sp.

UAUASSÚ 155

Attalea speciosa.

PÁCA 160

Chœlogenis paca.

CAPIVÁRA 160

Hydrochœrus sp.

PATO DO MATO 160

Cairina moschata.

URUCÚ 167

Bixa orellana.

Paginas

PESCA 168

Segundo observação de Ehrenreich o uso do anzol não é de regra entre os indios, por causa das piranhas — (*Pigocentrus sp.*) cuja voracidade não consente que o pescador se aproveite do pescado. Não obstante, anzoes, *pindá* dos tupís, feitos de espinhos, acham-se em muitas regiões.

PICAPÁO 168

Celeus flavescens.

POMBAS 169

Chamepelius talpacoti = rolinha.

URUBÚ 169

Sarcoramphus papa = urubú-rei. *Cathartes sp.* = urubú.

CAPIM MEMBÉCA 194

Andropogon leucostachyus.

CIPÓ TITÁRA. 194

Desmoncus sp., palmeira de caule escandente.

ANTA 196

E' caça relativamente abundante naquelles rios. Presa difficil, por ser muito arisca — (*Tapirus americanus*).

BICHEIRA 198

Os tropeiros tratam as *bicheiras*, ulceras onde enxameiam larvas de moscas do gen. *Compsomya*, lavando-as com infuso de tabaco e untando-as com a bosta dos proprios animaes. . .

As fezes do gado levam para as lesões novos germens infecciosos, e a doença raras vezes sára com esse processo de cura. Sabe-se que o *calomelanos* é remedio de escolha para matar as larvas.

ABELHA "LAMBE OLHO". 199

Trigona sp. ?

FORMIGA ONCINHA 199

Não é verdadeira formiga. Pertence á familia *Mutillidæ*.

INDICE ALPHABETICO DAS MATERIAS

PAGINAS

A

Aarú 163
Abanos. 188
Aboboras (cultura). 12
Acurí. 64
Agricultura (nambikuára). 169
Agua Quente (pouso da). 101
Ahitê. 92
Airi. 91
Aldeia Queimada . . . . 2, 6, 26, 80.
Aldeia Carlota. 10
— Kôkôzú 154
— Tagnaní 155
— Tauitê. 155
Aldeia Carlota (Nova) . . . . 16, 18.
Alphabeto (nambikuára) 177
“Algodãosinho”. 49
Algodão da mata 65
Algodão. 92, 170, 187
Alimentação (nambikuára). 159
Alimenticios (productos). . . . . 159, 185.
Almêcêga (*Protium sp.*) . . . . 185, 186.
Amúri. . . . . 80, 81.
Ananaz 161

PAGINAS

Anhupoca ; anhuma 42
Anophelinas 103
Anta . . . . 164, 168, 169.
Antropologia-physiologica e anatomica. . 126
— dos indios. 127
— dos indios (Ehrenreich). . . 133
Antropometria-Nambikuára (homens). . . 145
— — (mulheres) . . 147
Antropophagia. . . . . 7, 161, 207.
Apa (rio). 44
Apiakás. . . . . 21, 22, 23.
Arabes 47
Arantaçú 163
Arcos (classificação) 182
Areguá 42
Arinos (rio). . . . . 4, 21.
Arinos (matas do) 24
Ariti (Parecí) . . . . 80, 92, 93.
Arithmetica 176
Arrayal de S. Vicente. 16
— da Chapada 16
“Arrancadores”. 65
Aruaks . . . . 92, 205, 207.
Asuncion 39
Astrolatria . . . . 173, 176, 207.

PAGINAS

Astronomia 177
Aterrado 52
Atiçú . . . . 176, 188.

B

Báanêcêdútú. . . . . 121, 122, 171.
Báanendútú 122
Baba de boi. 68
Bacaba (*Oenocarpus sp.*) . . . . 113, 155, 156, 188.
Balsa. 106
Bandeira . . . . 4, 10, 11.
Bandeirante 6
Bandeira (Festa da) rio. 113
Barreiro (corrego). 18
Barreros 43
Bem-te-vi. 42
Beri-beri 67
— (polinevrite). 49
Beijú 160
Bicho do pé (*Sarcopsylla penetrans*) . . . 207
Bicheira. 198
Biguás 38
Biguás-tingas 38
Bois 169
Bojuí (abelha). . . . . 111, 194.
Borá-regina (abelha) 194
Borboleta (*Brassulinæ*). 189
Borracha 57
Borrachudo (*Simulidæ*). . . . . 70, 103, 195.
Borrachudo (piúm). 95
Botocudos. . . . . 128, 158, 203, 204, 206, 207.
Braceletes deltoideanos. 161
Brachyskéle 143
Brasilio-guarani (raça) 128
Breu 185
Brincos. . . . . 166, 187.
Brotas (Villa de). 25
Bugios 52
Buriti (rio) 29
Buritisinho 100
Buriti (vinho, mel). 111
Buritis (Tres) 113

PAGINAS

C

Caá. 41
Cabaça (*Lagenaria sp.*). 186
Cabeças (rua das) 56
Cabello dos Nambikuáras. . . . . 42, 136.
Cabixês . . . . 14, 18.
Caborés. 10
Caça . . . . 168, 172.
Caing-gangs. 31
Calángo. 159
Campanha dos Parecizes 5
Camararé (rio). . . . . 22, 109.
Campos de Commemoração de Floriano. 112
— Novos 110
Cannibalismo 161
Cão. 169
Capacete de couro de onça 204
Cará 92
Caráz (plantação de) 14
Carácarás. 38
Carandá (carnaúba). . . . . 37, 41.
Carne de vento. 59
Castiçal (palmeira). 112
Catingas 83
Cauixána (anthropometria dos) 132
Cavilha nasal . . . . 166, 187.
Cavihis (indios) 7
Caximbo 204
Cazalvasco 10
Cedros 65
Cellias 195
Cephalometria dos Nambikuáras. . . . . 141, 144.
Ceramica 205
Cerrados . . . . 61, 62.
Chanjá (*Chauna sp.*) 42
Chamacôcos 44
Chapadão (Indios do). . . . . 1, 7, 96.
Charqueada 44
Chicê. 157
Cigarra (*Cicada mannifera*). 101
Cipó-titára 194

Paginas

Circumferencia thoracica (Nambikuáras) . . . 140, 143.
Cotcho . . . 102
Cólori (*Scapteromys gnambikuáræ*) . . . 163
Collares dos Nambikuáras . . . 187
Companhia Cibilis . . . 53
Companhia de Jesus . . . 2, 44.
Condor . . . 33
Conquistadores Vicentistas . . . 4
Côr dos Nambikuáras . . . 116
Corpo (proporção do . . . entre os Nambikuáras) . . . 118
Cordilheira do Norte (Indios da) . . . XII, 22, 32.
Corumbá . . . 46
Coruja . . . 169
Costado . . . 67
Cotcho . . . 54
Coxipó . . . 4
Cuia . . . 169
Cuiabá . . . 4
Culicinas . . . 103
Cupim . . . 176

D

Dactyloscopia dos Nambikuáras . . . 148
— — Parecis . . . 79
Dansas dos Nambikuáras . . . 172, 173.
Dentição entre os Nambikuáras . . . 119
Dermochromica (tabella) . . . 73
Derrubadas . . . 92
Dermatose especial dos Nambikuáras . . . 119
Descalvado (porto) . . . 53
Diamantino . . . 1, 26.
Diadema de pennas . . . 166
Differenciação dos sexos dos Nambikuáras . . . 118, 143.
Domicilio . . . 157

E

Ema . . . 6
Embira . . . 160
— (matiri de) . . . 65
Encangalhar (costumes sertanejos) . . . 68
Encosto . . . 100
Enfeites de palha . . . 204
Envergadura (dos Nambikuáras) . . . 139
Escala de Radde . . . 78, 135.
Escala de Broca . . . 135
Escravos de Guiné . . . 3
Estatura dos Nambikuáras . . . 116, 137, 138, 142, 143.
Estirão . . . 45
— (do Pirará) . . . 11
Estudo dos indios Aritis . . . 92, 93.
Estudo dos indios Nambikuáras . . . 115

F

Faveiras . . . 65, 170.
Fazenda . . . 110
Fecho dos Morros . . . 45
Feitorias castelhanas . . . 2
Feijões (*Phaseolus sp.*) . . . 186
Felicidade (Salto da) . . . 68, 69.
Ferida brava . . . 57
Festa da Bandeira (rio) . . . 113
Fetichismo . . . 83, 176, 207.
Filhos dos Nambikuáras (transporte dos) 169
Flauta dupla . . . 204
— nasal . . . 88
Flechas . . . 183, 184.
Fogo . . . 161
Foguinhos . . . 158
Folhas largas de madeira (armas) . . . 6
Formiga (rio) . . . 105, 193.
Formoso (rio) . . . 70
Fructas de lobo . . . 102
Fumo . . . 14, 163, 170.
Funerarios (ritos) . . . 176
Fuzo . . . 186

G

Galera (rio) . . . 9, 10, 12.
Garapas . . . 65
Gavião (*Falco sparverius*) . . . 197
Gê-Botocudo . . . 128, 158, 203, 204, 206. 207.
Genipapo . . . 133

PAGINAS

Goiabeira do mato 70
Grito de Nokauixitá 83
Gruta do Inferno 48
Guarirobas . . . . 65, 68.
Guaraná 102
Guarani (raça Brasileo) 128
Guaiakis 204
Guahirô . . . . 65, 68.
Guatós (indios) 51
Guató (porto de) 52
Guaporé (rio) . . . . 10, 11, 12.
Guaniú-jaman 40
Guiatú 185

H

Habitat dos Nambikuáras 22
Habitação dos Parecis 8
— dos Nambikuáras . . . . 154, 156, 157.
Hait-teataçú 188
Herá-herahũm 92
Hespanhóes 2
Hisipotuba (Sipotuba) 5
Hôôzi 90
Huguenotes 35
Humaitá 38

I

Ialaçú . . . . 167, 187.
Iamaká 6
Iatokê 84
Idade da pedra . . . . 203, 205.
Idolos 6
Igapó 101
Ignacianos 3
Ignigeno (bastão) . . . . 161, 162.
Ikê (rio) 113
Ikatnerá 159
Iliocê (rio) 95
Imbé (*Philodendron imbé*-cipó) 184
Imiti 90
Inajá (palmito do) 112
Indios negros 133
Indios (situação social dos) 200

PAGINAS

Indice cephalico 144
Indice facial 144
Indice nasal 144
Inhambú 110
Iôhôhô . . . . 81, 83.
Ipé 50
Ipeca 92
Irengçú 176
Ixiçá 90

J

Juruena . . . . 2, 5, 6, 7, 8, 19, 20, 103.
Juruena (bacia do) . . . . 24, 29.
Juruena (rio) . . . . 10, 21, 22, 25.
Juruena (1ª expedição) 28
— (2ª —) 28
— (3ª —) 28
Jaurú . . . . 4, 55.
Jamari . . . . 8, 28.
Juina . . . . 19, 28, 29.
Juina (rio) . . . . 22, 106.
Jaguary 21
Jacarés (indios) 22
Jaci-paraná 28
Jacarezinho (flora de) 65
Jaboticabas 95
Jatobá 103
Jatahi 185

K

Kabixis . . . . 7, 21.
Kaiterú 93
Kaiabis 204
Kalauati 90
Kambayuva 22
Kamái-hin-hokô 91
Kamairê 93
Kamáizokolá 85
Kamin-hin 91
Karajás do Araguaia 23
Karêke 71

	Paginas
Kateçú	187
Katunuzú	186
Kaulonená	83
Kaxiniti (indios)	73, 80.
Kilia-kociti	91
Kiriris (lingua)	23
Kohôn-kixi	90
Kôkôzú (indios; estudo anthropologico e ethnographico dos)	115
Kôkôzú (indios; etymologia)	153, 165.
Kôkôzú (organização social dos Nambikuáras)	174
Konokoá	90
Kondzú	186
Korê	92
Korê-okô	92
Korêkakoá-nihaka	92
Kozárinis (indios)	73, 80.
Kuái	91
Kurupira	70

L

Lambe-olho (abelha)	199
Lavrinha	16
Linguas	204, 205, 206.

M

Macacos	169
Makáno	91
Mal das pintas	123
— dos *Carates*	123
Macroskele	143
Malaria	166
Malutundú	152
Maloquinhas de caça	156
Machado de pedra	XIV, 26, 169, 185, 203, 205.
Mandioca	XIV, 170.
Mandioca. (lenda)	86
Mamona	171
Mamão	70
Maká	90
Mangaba	95, 161.
Maria de Molina (Campos de)	113
— (Villa)	57

	Paginas
Mata da canga	109
Mato-Grosso (locuções populares)	97
Matirí	65, 91.
Mata da poáia	63
— *das aldeias*	102
Mamangabas	95
Matrinchã	105
Mataná-Ariti	91
Matokocê	90
Mauhés (indios)	132, 204.
Manduri (abelha)	111
Mandaguari	111
Membros superiores (proporções dos)	140
Mesatiskele	143
Meladores	195
Mel	14, 26, 195.
Methodo de Bertillon	74
— — Manouvrier	76
Melar	106
Milho (lenda do)	85
— branco	170
—	160
Miranhas (indios)	132
Molestia dos *overos*	123
— — Paumarís	123
Moquem	160, 204.
Mosquiteiro de rêde	50
Mosquito polvora	95, 103, 195.
Molihutuaré	92
Mundurucús	22, 132, 204.
Muras (indios)	132
Mururés	50
Muricí	71, 96.
Musica dos Parecis	88
— — Nambikuáras	174
Mulheres Parecis (usos e costumes)	81

N

Nambikuáras	XIV, 7, 8, 19, 26, 27, 28, 30, 101, 103, 104, 204, 205.
Nambikuáras (usos e costumes)	107
— (rio)	110
— (anthropologia)	115

PAGINAS

Nambikuáras (anthropometria) . . . . . 145, 147.
Nambikuáras (retrato falado) . . . . . . 146, 147.
Nambikuáras (typo) 148
— (população) 51
— (agricultura) . . . . 169, 170.
Nambikuáras (medicina) 171
— (arte) 172
— (industria) 172
— (dansa) 172
— (organização social) 173
— (religião) 176
— (lingua) 177
— (vocabularios) . . . . 219, 220, 221, 224.
Nu-aruaks . . . . 180, 205.

O

Orelhudos 21
Origem dos homens (lenda) 85
Orelha de pau (*Polyporos sp.*) 186
Onça vermelha (*Felis concolor*) 187
— pintada (*Felis onça*) 187
Oncinha (formiga) 199
Ocarina nasal 204
Onça 51
Oloniti 83

P

Pope XII
Parecis . . . . XIII, 8, 11, 26, 197, 206.
Parecis (usos e costumes) 7
Portuguezes 1
Paraguai . . . . 1, 5.
Paraguai (etymologia) 41
Parecizes 4
Pindantuba (rio) 9
Piolho (quilombo do) 10
Pindaituba . . . . 16, 17.
Perfuração do lobulo da orelha 20
Parecis (planalto dos) . . . . 21, 96.
Parecis (antropologia dos) 76
Puritanos (immigração) 35

PAGINAS

Pinguella . . . . 26, 168.
Pitagaá 42
Porto Murtinho 45
Polinevrite beriberica 49
Piuva-ipê 50
Porto de Guató 52
Porto Descalvado 53
" Peste de cadeiras " 54
" Passo Presidente " 54
" Pedra canga " : tapanhoacanga 56
Poáia 56
— (producção da) 65
" Plancha " 59
Porto dos Bugres 63
Perobas 65
" Poáieiro " (ave) 65
" Perneira " (doença) 67
Parecis (Cordilheira dos) 71
— (retrato fallado) 77
" Pau Santo " 71
Parecis (typo anthropologico) 77
— (polygamia entre os) 81
— (armas, casas, usos e costumes) . . 82
— (cantigas) 82
— (lendas) 85
— (lingua dos) 87
— (musica dos) 88
"Pai do Mato" 84
Peneiras 92
Pium (borrachudo) 95
Pedra canga 96
Pau santo 96
Perdizes 101
Periquito 101
Primavera (rio) 108
Palmeira castiçal 112
Pau cahido 112
Proporção do corpo entre os Nambikuáras 117, 118.
Prenhez das Nambikuáras 117
Pereb (pathologia) 122
Pinhã — 122
Piau — 122
Paumaris (molestia dos) 123
Purú-purú . . . . 123, 124.
Puri (anthropologia dos) 135
Pariquis (anthropologia dos) 132
Pilões 158
Pulseiras . . . . 165, 187.

	Paginas
Perneiras	165
Pingentes	166
Perfuração do labio	166
— do septo nasal	166
Pacova	171,
193.	
Plumaria	172,
207.	
Pesca	185
Productos alimenticios	185
Pindoba (*Attalea speciosa*)	187
Pennacho	187
— nasal	204
Paludismo	194
Papagaio (rio)	197
Pisado (boi)	198
Paleolithico	203
Paleamericana (raça)	205
Piolho (*Pedicullis capitis*)	207
Paranatinga	4
Pellos dos indios	116
Pelvimetria (indias)	116
Pelle (extensibilidade da)	117
Pés (dos indios)	140

Q

Quilombo	10,
— do Piolho (população)	11,
12, 15.	
Quilombo da Mutuca	17
"Quebracho"	38,
41.	
Quetelet (lei de)	75
Quartziferas (rochas)	105

R

Rondonia	XIII,
XIV, XV, 127, 207.	
Roçadas	XIII
Rondon	XIII,
XIV, 5, 7, 19, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 58, 67, 69, 80, 85, 86, 91, 110, 113.	
Reino dos parecís	5
Rêde	205
Raça Brasileo-Guaraní	128
Ritos funerarios	176
Rio Papagaio	95,
98, 197.	

	Paginas
Rio Verde	2,
22, 95.	
Rio Arinos	8
— Piolho	9
— Pindautuba	9
— S. João (antigo Piolho)	10
— Sararé	10
— Tapajóz	10
— Branco	11
— Juruena	10,
21, 22, 25.	
Rio Juina	22,
106.	
Rio Camararé	22,
109.	
Rio do Peixe	22
— da Prata	36
— Paraná	36
— Apa	44
— Sipotuba	61
— Primavera	108
— Formoso	70
— 12 de Outubro	113
— Festa da Bandeira (Karumí)	113

S

Serra do Norte (indios da)	XII,
7.	
Sipotuba	2,
61.	
Sertanejos	2
— (costumes)	64,
96.	
Sertanejos (situação social)	200
Sertanista	4
Sepetuva	4
Serra dos Parecís	9,
12.	
Sararé (rio)	10
S. Pedro (corrego)	14
Sant'Anna (corrego)	14
Sararé	14
16, 18.	
S. Vicente (Arrayal de)	15
Serra Tarumá	16
Sarumás	19
Salumás	20
Serra do Norte	20
Suiás	23,
180, 204.	
"Saladeros"	44

	Paginas
Sirios	46
Santa Cruz (Fazenda)	50
S. Luiz de Caceres	56
— — — — (população)	63
"Sapesal"	63, 65.
"Sucuri"	64
Salto da Felicidade	68, 69.
Sapopembas (*sapopemas*)	70
Sariema	95
Sacre (Timalatiá)	95
Sapê	96
Seringueiro (vida do)	98, 100.
Seringueiro cuiabano (vida do)	102
Soveira (leite da)	112
Situação e construcção de aldeias	153, 154.
Siçu (aldeia Kôkôzú)	157
Sal (uso do)	162
Sareguezê	186
Salto Bello (Timalatiá)	198
Sambaquis	204
Sarcopsylla penetrans (bicho do pé)	207

T

Tapaniunas	152
Turcos	46
Tatú-gallinha	152
Tahans	51
Taiópas	152
Taschuitês	152
Tijuco	56
Tarutês	152
Tapirapuan	66
Tembés (antropologia dos)	132
Tropeiros (costumes)	72
Ticunas (anthropometria dos)	132
Timalatiá	73
— (Salto-Bello)	198
Tapacura	127
Tabella dermochromica	73
Typos antropologicos dos indios	127
Tarumã	84
Tauitê (indios)	115, 152, 161, 165.
Teirú	84
Tagnanis (indios)	115, 152, 165.
Tsin-hali (flauta nasal)	88
Tres Buritis	113
Ta-hiti	90
Tátá (mel da)	111
Tiirú	91
Tocanguira (*Dinoponera grandis*)	102
To-heri	91
Tucuras	95
Taquarussú	92
Tatú	159
Taquarussú (*Merostachys sp.*)	184
Taquara (*Arthostilidium sp.*)	184
Tingui	185
Tamanduá	186
Tabaco	186
Tatú-canastra	187
Trançados (classificação)	188
Totem	197
Tapanhunas	205
Tintas	186

U

Usos e costumes dos Parecis	7
Uaindzü (Uaintaçú)	7
— (Uáintaçú) (etymologia)	22
Uaikoá-koré	8
Urucumacuan (jazidas de)	19
Uazákuriri-gaçû (chefe pareci)	26
Urutáo	92
— (indios do.)	192
Ubás	38
Urucureá (*Nocturna cunicularia*)	42
Utiariti	73, 80, 197.
Uaimarés	80
Ualalocê	84, 92.
Unetizú	187
Umatitocê	91
Urinodzú	185
Urubamba	92
Uaeliçú	184
Uaintaçús	165, 167, 174.
Unhas dos indios	116
Uid-niarê	161
Urucú	135, 167, 170, 186.
Urubú (filhotes de)	169

Paginas

V

Verde (rio) . . . . 2, 22, 95.
Villa Bella . . . . 9, 10, 11, 12.
Villa de Brotas 26
— Maria (S. Luiz de Caceres). . . . 57
Vaqueiros (costumes dos). 53
Verde. 95
Varzea Comprida. 102
Vinho de buriti 111
Vilhena (estação de) 112

Paginas

Vaurana (mal das pintas). 122
Veado 160

X

Xingú . . . . 23, 204.

Z

Zaiakúti. 90
Zaôlo. 91
Zuzá 71
Zaolocê. 92

NOTA — Este indice foi organizado pelo dr. Irineu Malagueta de Pontes, da Secção de Anthropologia do Museu Nacional.

INDICE DAS FIGURAS, ESTAMPAS E PHONOGRAMMAS

FIGURAS

Ns.		Paginas
1	— Plancha do rio Sipotuba (segundo *croquis* do autor).	1
2	— Indio Parecí assoando-se.	3
3	— Colmeia dos Parecís	5
4	— *Kuái* — Abano dos Parecís	7
5	— *Hezô-Hezô* — Instrumento sagrado dos Parecís.	9
6	— *Tiriaman* — Instrumento sagrado dos Parecís	11
7	— *Ualalocê* — Instrumento sagrado dos Parecís	13
8	— *Herá-hera hun* — Instrumento sagrado dos Parecís	15
9	— *Zoratealô* — Instrumento sagrado dos Parecís	17
10	— *Kamái* — Diadema de pennas — Indios Parecís	19
11	— *Kiliá-Kocili* — Ornato nasal dos Indios Parecís.	21
12	— Arcabouço de uma palhoça dos Indios da Serra do Norte	23
13	— Moquem dos Tagnanís e Tauitês.	27
14	— Panella de barro dos Indios da Serra do Norte.	29
15	— Bastões ignigenos protegidos contra a chuva—Indios da Serra do Norte	31
16	— *Haitzü* — Bastão ignigeno dos Indios da Serra do Norte.	33
17	— *Tomarü* — Ralo dos Indios da Serra do Norte.	35
18	— Cabaça pintada — Indios da Serra do Norte.	37
19	— Desenho dos Indios da Serra do Norte	39
20	— Desenhos dos Indios da Serra do Norte.	41
21	— Desenhos dos Indios da Serra do Norte	43
22	— Cabaça com tabaco — Indios da Serra do Norte	45
22 A	— *Etü* — cigarros dos Indios da Serra do Norte	47
23	— Indio da Serra do Norte com o *Enadjü*, capacete de couro de onça. .	49
24	— Imitação de um chapéo de palha, feito por um indio do Juruena. . .	51
25	— Collar feito com as sementes de uma sapotacea — Indios da Serra do Norte	53

Ns. PAGINAS

26 — Collar de conchas — Indios da Serra do Norte 55
27 — *Dodezê* — Collar com rostros de coleopteros 57
28 — Collares de discos de nacar e de dentes de macaco — Indios da Serra do Norte 59
29 — *Oradaikruzê* — Bracelete dos Indios da Serra do Norte. 61
30 — Schema de um *Ialaçü* — Indios da Serra do Norte 63
31 — Fluctuante de talos de buriti — Indios da Serra do Norte 65
32 — Pilão dos Indios da Serra do Norte. 67
33 — *Anieeçü* — Flecha dos Indios da Serra do Norte 69
34 — *Uaeliçü* — Flecha dos Indios da Serra do Norte 71
35 — Schema do perfil humano — (Bertillon). 75
36 — Nomenclatura do pavilhão da orelha. 76
37 — *Aiê-uinçü* — Flecha dos Indios da Serra do Norte 81
38 — Bainha para proteger a ponta das flechas — Indios da Serra do Norte 83
39 — *Aieraçü* — Flecha dos Indios da Serra do Norte 85
40 — Flecha tridente para pesca — Indios da Serra do Norte. 87
41 — *Arukirikalçü* — Flecha de ponta embainhada — Indios da Serra do Norte 89
42 — Emplumação das flechas dos Indios da Serra do Norte 91
43 — Fio de algodão — *Kondzü* — envolto em folhas — Indios da Serra do Norte 93
44 — Arco dos Indios da Serra do Norte. 97
45 — Secção transversal dos arcos dos Indios da Serra do Norte 99
46 — Pingente de pennas de tucano — Indios da Serra do Norte 101
47 — Bolsa para proteger enfeites de pennas — Indios da Serra do Norte. . 103
48 — Modo de conservar fios de pennas — Indios da Serra do Norte. . . 105
49 — Bracelete de algodão — Indios da Serra do Norte 107
50 — *Halatzü* — Pente dos Indios da Serra do Norte 109
51 — *Gdaretatü* — Fuso dos Indios da Serra do Norte. 111
52 — Machado de pedra dos Indios da Serra do Norte. 113
53 — Panella com breu — Indios da Serra do Norte 115
54 — Bolsa de palha com sementes — Indios da Serra do Norte 117
55 — Fructo de um *Solanum* usado pelos Indios da Serra do Norte. . . 119
56 — *Baânêcêdutü* — primeira phase da dermatose dos Indios da Serra do Norte (schema) 121
57 — Tubo de taquara com pó escuro — Indios da Serra do Norte . . . 123
58 — *Hikauti* — Faca de madeira dos Indios Tauitês da Serra do Norte . 125
59 — Clava encontrada entre os Indios da Serra do Norte. 127
60 — Clava encontrada entre os indios da Serra do Norte. 129
61 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte. 133
62 — Cortes histologicos de cabellos dos Indios da Serra do Norte . . . 136
63 — Machado feito com uma talhadeira de aço — Indios da Serra do Norte 137
64 — Utensilio fabricado pelos Indios da Serra do Norte com um fragmento de ferro 139

Ns. | Paginas

65 — *Hail-lealaçú* — Flauta nasal dos Indios da Serra do Norte 143
66 — *Kaiguelazú* — Flauta dupla dos Indios da Serra do Norte. . . . 153
67 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte 157
68 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte 161
69 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte 167
70 — Dansa dos Tagnanís (schema) 173
71 — Motivo ornamental dos Indios da Serra do Norte 183
72 — *Chupão* dos sertanejos meladores 195

ESTAMPAS

Ns. | Paginas

1 — Pouso á margem do rio Sipotuba (Porto do Campo).— Restos da da Mata da Poáia (entre Porto dos Bugres e Tapirapuan) . . . 14
2 — *Zaiakúti* — escudo venatorio dos indios Parecís 68
3 — Parecís de Aldeia Queimada. 74
4 — Typos Parecís de Aldeia Queimada 78
5 — Indios Parecís.— Trançado de uma rêde.— Trama de um tecido . . 90
6 — Balsa atravessando o rio Juruena (Estrada Rondon).— Pouso no "Kilometro 50".— Estrada do Sipotuba ao Juruena 96
7 — Seringueiro nas Matas do Juruena 102
8 — Pouso do rio Primavera (Estrada Rondon).— Distribuição de brindes (Aldeia do Juina).— Toldos de caça (Indios do rio Juina).— Acampamento dos Tauitês em Tres Buritís 106
9 — Escala Dermochromica (Roquette e Childe). 116
10 — Nambikuára-Tauitê.— Nambikuára-Kôkôzú. 118
11 — Dermatose dos Indios da Serra do Norte 122
12 — Piolho dos Indios da Serra do Norte 126
13 — Indio da Serra do Norte 132
14 — Nambikuára-Anunzê (Pai de *Nuléke*). 138
15 — Typos de Indios Nambikuáras-Tagnanís 144
16 — Indios da Serra do Norte no Posto de "Tres Buritís" 152
17 — Indio da Serra do Norte tocando *Hait-leataçú* 154
18 — Aldeia dos Indios da Serra do Norte 156
19 — Artefactos dos Indios da Serra do Norte. 158
20 — Ornato de pennas — Indios da Serra do Norte. 162
21 — Ornato nasal dos Indios da Serra do Norte 164
22 — *Uaidnirida*.— Indio do rio Juina. 170
23 — Indio da Serra do Norte flechando por elevação 172
24 — Indio da Serra do Norte flechando. — India do Juina preparando mandioca 176
25 — Trançados dos Indios da Serra do Norte 182
26 — Ornato nasal dos Indios da Serra do Norte. 184
27 — Diadema dos Indios da Serra do Norte. 188

Ns. PAGINAS

28 — Na porta de casa... — Casal de Kôkôzús. — Indios Uaintaçús. — Mulheres Anunzês 192

29 — Indias Parecís pintadas com urucú. — Parecí e Nambikuára na estação telegraphica de Utíaritì 198

30 — Salto de Utíaritì 204

PHONOGRAMMAS

Ns. PAGINAS

14.594 e 14.595 — Musica dos Parecís. 80

14.596 — Musica dos Parecís 82

14.597 — Musica dos Parecís 84

14.598 — Grito do Nokauixitá.— Teirú (Musica dos Parecís) 86

14.602 — Musica dos Parecís 88

14.605 — Musica dos Parecís 92

14.599 — Musica dos Indios da Serra do Norte (Nambikuáras) 174

14.600 — Musica dos Indios da Serra do Norte (Nambikuáras) 178

14.607 — Musica dos Parecís 196

14.608 — Canção dos Sertanejos Cuiabanos 196

14.609 — Canção dos Sertanejos Cuiabanos 197

14.610 — *Duetto* dos Sertanejos Cuiabanos 197

* * *

Carta Ethnographica da Rondonia 30

INDICE ALPHABETICO DOS AUTORES

Aleixo Garcia — pag. 3.
Antonio Pires de Campos - pag. 4.
Alfredo Andrade — pag. 83.
Appolinario de Oliveira — pag. 4.
Antonio Pires — pags. 5, 6, 7, 8.
Antonio Brandão — pag. 17.
Ayres (Padre) — pags. 19, 20.
Amadée Moure — pag. 21.
Acuña (Padre) — pag. 24.
Augusto Leverger (Barão de Melgaço) — pagina 28.
Antonio Pyrineus de Souza (Tenente) — paginas XIII, 32, 33, 63, 66, 68, 102, 177.
Arechavaleta — pag. 34.
A. Childe — pags. 73, 115.
Astolpho Tavares — pags. 87, 115, 174.
Alex Hrdlicka — pag. 118.
Alexandre Rodrigues Ferreira — pags. 48, 128.
Bastian — pag. XII.
Barbosa Rodrigues — pags. 21, 131, 132.
Benoit — pag. 184.
Bossi — pag. 22.
Badariotti (Padre) — pag. 22.
Basilio de Magalhães — pag. 40.
Bertillon — pags. 74, 75.
Broca — pag. 135.
Bälz — pag. 140.
Baptista Caetano — pag. 180.
Castelnau — pag. 22.
Candido Mendes — pag. 1.
Chaves (Nuno) — pag. 3.
Couto de Magalhães — pags. 20, 130.
Chandless — pag. 21.
Clements Markham — pag. 21.
Coudreau — pags. 21, 23.
Chamberlain — pag. 180.
Chervin — pag. 74.
Collignon — pags. 76, 143.
Caldas — pag. 20.
Deniker — pag. 140.
Dally — pag. 138.
Euclydes da Cunha — pag 47.
Ehrenreich (Paul) — pags. 76, 123, 124, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 180.
Felippe Nogueira Coelho — pag. 4.
Francisco Pedro de Mello — pags. 10, 16, 19.
Francisco José de Freitas — pag. 11.
Fritz Müller — pag. 70.
Forgeot — pag. 79.
Fritsch — pags. 135, 136.
Flores — pag. 124.
Fritz Krause — pag. 125.
G. Pimentel — pag. 20.
Grünberg (Koch) — pags. 21, 22, 23, 124.
Giovanni (De) — pag. 141.
Hoehne — pag. 185.
Hirsch — pag. 124.
Hercules Florence — pag. 21.
Isabel (Princeza) — pag. 44.
João III (D.) — pag. 3.
José Gonçalves da Fonseca — pag. 5.
João de Souza Azevedo — pag. 8.
João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres — pags. 9, 11.

João Leme do Prado — pag. 14.
José Maria de Macerata — pag. 22.
Jean de Lery — pag. 122.
Koch Grünberg — pags. 21, 22, 23.
Karl von den Steinen — pags. 21, 22, 78, 79, 132, 135, 187.
Kuhlmann — pag. 185.
Luiz Rodolpho Villar — pag. 5.
Luiz Pinto de Souza Coutinho — pag. 11.
Langsdorff — pag. 21.
Luiz d'Alincourt — pag. 71.
Leonardo da Vinci — pag. 74.
Lund — pag. 119.
Lacerda (J. B. de) — pag. 131.
Manoel de Campos — pag. 4.
Miguel Sutil — pag. 4.
Martinho de Mello — pag. 11.
Max Schmidt — pags. 21, 52, 179, 188.
Martius — pags. 21, 100, 117, 122, 123, 129, 130, 170, 179.
Martin - pag. 76.
Manouvrier — pags. 76, 143, 144.
Meyer (Hermann) — pags. 182, 183.
Mello Rego (Maria do Carmo) — pag. 90.
Metchnikoff — pag. 118.
Miranda Ribeiro — pag. 186.
Marcgrave — pag. 127.
Maximiliano de Wied Neuwied (Principe) — pag. 128.
Montoya — pag. 124.
Mugnier — pag. 140.
Montessori — pag. 143.
Natterer — pag. 21.
Oswaldo Cruz — pag. 124.
Orbigny (A. d') — pags. 123, 128, 129.
Paula Castro — pag. 187.
Pope — pag. XII.
Paschoal Moreira Cabral — pag. 4.
Pimenta Bueno — pags. 21, 22, 28.
Pedro Teixeira — pag. 24.
Perrot — pag. 24.
Paes Leme (C.) — pag. 125,
Pinard — pag. 117.
Piso — pag. 127.
Peschel — pag. 137.
Quetelet — pag. 75.
Rondon (Candido Mariano da Silva) — paginas XII, XIII, XIV, 5, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 58, 71, 80, 85, 91, 103, 106, 110, 113, 120.
Radde — pags. 78, 135.
Ricardo Franco — pags. 11, 45.
Roquette-Pinto — pags. 102, 115, 119.
Schuller (R.) — pag. 20.
Saint Adolphe (Milliet) — pag. 21.
Spix — pag. 123.
Saint-Hilaire — pag. 127.
Taunay — pag. 20.
Thevet — pag. 122.
Topinard — pag. 138.
Vicente do Salvador (Frei) — pag. 133.
Vucetich — pag. 79.
Weisbach — pag. 140.
Ynes d'Evreux (Padre) — pag. 122.

ERRATA

Pag.	Linha	Onde tem :	Leia-se :
24	17	oriental	*central*
26	21	divisou	*a expedição* divisou
37	30	sobe	*sobem*
44	23	mastro é o posto	mastro *:* é o posto
46		porto Coimbra	*forte* Coimbra
47	8	Fig. 22	Fig. *22 A*
55	20	entrava	*entravam*
61	18	serrados	*cerrados*
62	1	serradão	*cerradão*
74	35	d'um	*d'un*
95	8	intemerato	*intimorato*
121	16	evolue	*involue*
122	12	Báanêcêdútú	*Báanendútú*
125	58 (fig.)	Hikanti	*Hikautí*
125	58 (fig.)	Trauitê	*Tauitê*
130	33	os realizou	*as* realizou
152	27	o nome de	o nome de *Kabixês*
156	10	esparso sam	*esparsos ou*